

O IMPÉRIO DOS CANAVIAIS

ROMANCE

Joanny Bouchardet Júnior

O IMPÉRIO DOS CANAVIAIS

ROMANCE

Viçosa (MG) - 2009

Copyright © 2009

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta publicação sem a permissão expressa do autor.



Certificado de Registro ou Averbação

Nº Registro : 320.912 Livro : 587 Folha : 72

O Império dos Canaviais
Romances

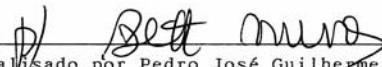
Protocolo do Requerimento : 2004RJ_5544.
291 página(s)
Obra não publicada.

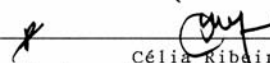
OBS.: Este Certificado protege à literalidade do trabalho apresentado, e não as idéias nele contidas.

Dados do requerente

JOANNY BOUCHARDET JÚNIOR (Autoria)
C.I.C. - 333.418.346-72
Rua Teófilo Otoni, 425
Jardim Alice
Visconde do Rio Branco / MG, CEP. 36520-000

Para constar lavra-se o presente termo nesta cidade do Rio de Janeiro, em 26 de Maio de 2004, que vai por mim assinado.


Analisado por Pedro José Guilherme de Aragão
O referido é verdade e dou fé.


Célia Ribeiro Zaher
Diretora do Centro de Processos Técnicos

Romance histórico que privilegia fatos acontecidos como fonte de inspiração para a narrativa ficcional; fatos estes oriundos de entrevistas realizadas com pessoas que estiveram envolvidas direta e indiretamente com o universo retratado — o ciclo tardio da cana de açúcar em Minas Gerais, traduzido na saga sucro-alcooleira de cem anos de uma família.

O autor lança mão de uma constelação de personagens, cada qual expressando seu regionalismo linguístico autêntico, representado num aspecto formal polifônico e quase que literalmente “cantando sua aldeia”.

O século XVI despontava no horizonte dos tempos, quando a coroa portuguesa empreendeu uma ousada e secreta expedição marítima: quatro embarcações com fartas provisões partiram rumo ao desconhecido. Lisboa ocupava o centro de uma explosão de luz no que se referia às artes e ciências náuticas; homens cujos destinos estavam ligados ao mar, como marinheiros, estudiosos, aventureiros, buscavam seus prósperos estaleiros; era uma das cidades da Europa que mais crescia e se desenvolvia. O frenesi das grandes descobertas se fazia presente entre muitos países, e a cultura, as artes e o comércio se expandiam. Velhos dogmas se dissolviam ante às novas fronteiras que se abriam numa velocidade vertiginosa. Pedro Álvares Cabral, em 22 de abril de 1500, avistou novas terras a oeste daquele que se chamava Mar Oceano. Vasco da Gama, impelido em forjar um novo caminho para as Índias, fê-lo, contornando o temível Cabo da Boa Esperança, limite sul do continente africano, onde grandes tormentas afastavam os navegadores. Cristóvão Colombo, sob bandeira espanhola, já havia se deslumbrado alcançando a América. Instalava-se a era das grandes navegações. Da Itália, espalhando-se por toda a Europa, o renascimento cultural, de cunho humanista, marcava seu advento. Para Leonardo da Vinci “a natureza era a maior escola, e o homem, o modelo do mundo”. Em meio às aceleradas transformações, Portugal, como um dos primeiros países a se beneficiar dos novos conhecimentos, colocou-se também a frente da reviravolta econômica que se sucedeu.

O prodígio da tecnologia das caravelas portuguesas, reforçadas e ampliadas sob a inspiração de projetos ousados e inovadores, ficou por demais suscetível ao espírito aventureiro do rei de Portugal, Dom Joaquim, que assim resolveu: quatro naus seriam construídas especialmente para

uma missão ultra-secreta. Partiriam das imediações de Lisboa tendo somente uma rota conhecida até determinado ponto da viagem, ou seja, até a costa atlântica da África. A partir deste ponto, deveriam adentrar em águas desconhecidas e rumarem para o sul indefinidamente até encontrarem terras novas. A tripulação da pequena esquadra fora criteriosamente selecionada com o intuito de se minimizar as possibilidades de possíveis arrependimentos, desistências ou motins ocasionados pelo cansaço, revolta, doença ou descrença. Os homens que se submeteram com sucesso à seleção e ao recrutamento, passaram por um treinamento árduo, orientados por profissionais tarimbados e confiáveis. Para que pudessem se estabelecer nalgum lugar virgem e desconhecido, receberam ensinamentos em diversas áreas do conhecimento. Cada qual diante de suas mais flagrantes vocações: carpintaria, construções naval e civil, artes plásticas e literárias, navegação, medicina, culinária... Tudo seria passível de acontecer diante de condições absolutamente estranhas e inescrutáveis. Deveriam buscar terras desconhecidas à civilização para aportarem; nem que jamais encontrassem, continuariam incessantemente a busca, por águas enigmáticas, misteriosas. O rei de Portugal, cortejado por um pequeno e seletivo grupo de estudiosos de história, línguas e filosofia, deslumbrado pela perícia e técnica apuradas dos antigos fenícios na arte e ciência da navegação, cresceu os olhos diante das possíveis riquezas que poderia vislumbrar ainda mais e deu imenso crédito aos indícios encontrados que apontavam para a descoberta de terras muito distantes por esse “povo do mar”, além dos novos limites impostos pelos recentes descobrimentos. As quatro caravelas lançadas à “grande água” voltadas a essa missão, zarparam à noite, submetidas ao mais escrupuloso sigilo, para que não despertassem a avidez e a cobiça dos piratas, sobretudo porque portavam valiosas provisões.

Depois de um longo percurso a observar somente o azul denso e vertiginoso do mar se misturar ao do céu, calmo e reconfortante, a pequena esquadra chega ileso à costa da África, ponto aproximado de onde começaria a grande aventura: deveriam então se afastar do continente. Os ventos, as tempestades, certas correntes marítimas e as vontades de ferro dos tripulantes, altamente motivados pelas promessas de riqueza e

prestígio, incumbiram-se de levar as quatro naves em direção ao ponto extremo do então futuro Continente Americano. Aí foram surpreendidos por um maremoto que os abateu contundentemente. A violência dos ventos e a fúria das ondas que se formavam sucessivamente, surrando as indefesas embarcações, deram fim a duas caravelas e às suas respectivas tripulações. Dois dias depois do fim da tempestuosidade, os dois navios remanescentes, que quase se perderam um do outro, encontraram destroços de um dos outros dois que naufragaram.

Surpresos e desapontados, seguiram viagem no entanto, reconfortados pela beleza e abundância da vida marinha que lhes fazia companhia na figura de golfinhos, leões marinhos, focas, baleias, etc. Com alimentos escassos e mal conservados, alguns padeciam do mal das gengivas, provenientes de seu inchaço, quando esta exala um odor insuportável e impossibilita o enfermo de comer, ocasionando seu desfalecimento. Os navios estavam infestados de ratos, baratas e carunchos. Seus tonéis de água, comprometidos com o acúmulo de algas e parasitas. Dois representantes da Igreja encontravam-se a bordo e consolavam-nos, propagando os ensinamentos cristãos; eram incumbidos da missão de catequisar os bárbaros e infiéis da nova terra que possivelmente encontrariam. A pesca se tornou farta à medida que se aproximavam de um pequeno arquipélago e, em dado momento, o vigia que se posicionava no mastro de um dos navios gritou a plenos pulmões: “Terra a vista!”. Ao lançarem suas âncoras, a tripulação, por fim, pôde pisar em terra firme. Secos e ávidos por água doce, não tiveram muito que procurar, pois havia uma fonte bem perto da praia, escorrendo mansamente até as águas do mar. Uma vez reabastecidos com o líquido vital e também com carnes de animais, aves e peixes, puderam prosseguir reanimados em busca de terras mais auspiciosas.

Os marujos foram tomando um rumo que os levaram àquele que seria chamado de Oceano Pacífico. Adentraram nas densas e inesgotáveis águas deste oceano, deixando para trás as brancas e fartas vias geladas por onde passavam, temerosos, à mercê dos icebergs. Porém não perdiam de vista o continente; depois de tudo o que ocorreu e tendo sobrevivido, estes heróis intrépidos, nessa aventura avassaladora, não queriam ficar mais entregues às infinitas águas, que a cada dia pesavam mais sob seus pés e balançavam suas cabeças já bastante debilitadas pelos transtornos da longa viagem. Enfim, depois de duas semanas, navegando na esperança de encontrar um lugar que fosse mais aprazível, ancoraram num porto seguro e desceram em terra firme. Esta praia fazia parte de uma grande ilha, que compunha um imenso e surpreendente arquipélago, fato este que os navegadores só descobririam tempos depois.

Maravilhados com a beleza virginal das praias, reconfortados por estarem seguros, num lugar supostamente inabitado, puderam se recompor. Fixaram-se num acampamento e estabeleceram um método de trabalho intenso, motivados sobretudo pela premente necessidade de sobrevivência. Foram localizados rapidamente por um pequeno grupo de silvícolas, que os observavam à distância, secretamente. Demorou aproximadamente três dias até que o local fosse cercado pelos índios. Um confronto armado insinuou-se mas, dado o tamanho do contingente autóctone que foi se fechando ao redor dos portugueses, estes não chegaram a se manifestar com hostilidade. O primeiro contato foi até certo ponto amigável, oportunidade na qual ocorreram trocas de presentes. Os índios eram dóceis e alegres no trato. Suas cútis pardo-avermelhadas, revestiam corpos saudáveis, rostos e narizes bem formados. Andavam semi-nus, em harmonia com a grande floresta virgem. Afáveis e festivos, gostavam

de música; cobriam parcialmente seus corpos com alegorias e adornos feitos de plumagens magníficas de aves e com peles de animais.

À medida que esses dois povos tão estranhos um ao outro foram se interagindo e se conhecendo mutuamente, um surto de gripe entre os portugueses fez com que uma verdadeira legião de índios sucumbisse inexoravelmente, devido à falta de resistência ante o vírus introduzido. Em meio ao clima funesto da grande mortandade de nativos, uma tempestade que se formou rapidamente, fez com que os navios, ancorados e em manutenção, fossem arrastados pelas ondas em fúria e avariados quando se chocaram contra arrecifes de corais, provocando seu afundamento. Passada a tormenta, muitos foram arregimentados para o resgate do que pudesse sobrar do terrível incidente. Canoas com hábeis e velozes remadores se aproximaram do local e puderam constatar que havia pouco do que sobrara das duas naus; os destroços encontrados foram arrastados para a praia. Houve então a necessidade imperiosa de se construir uma outra embarcação para regressar a Portugal com a notícia da nova terra recém descoberta.

Um esboço foi sendo construído, mas, como o mestre de projetos marítimos havia falecido juntamente com seus iniciados, vítimas da tormenta em águas profundas, antes de chegarem à essa auspiciosa terra, os anos foram se sucedendo. Passados dez anos, que lhes pareceu um século, os portugueses, com a inestimável ajuda dos índios, construíram uma pequena caravela à altura do desafio de regressar a Portugal. Algumas tentativas anteriores se frustraram por conta de erros nos projetos. Por fim, um barco aparentemente seguro saiu em busca do velho mundo, sob veemente aclamação de todos, que festejavam e desejavam boa sorte aos incautos e destemidos marinheiros. Em alto mar, a nau sem rumo fatalmente perdeu-se ante a imensidão do Oceano Pacífico, mas depois de uma longa e penosa travessia sob o látego impiedoso do sol causticante, pôde aportar numa ilha próxima ao Extremo Oriente.

A maioria da tripulação enferma desfalecia gradualmente de escorbuto e de complicações pulmonares. Seis meses foi o tempo necessário para que, o restante dos bravos marujos pudessem se restabelecer e suprir o navio de mantimentos e de diversos produtos. Tais suprimentos seriam

de muita valia durante o transcurso oceânico até a Europa. Alguns sucumbiram no percurso até chegarem a essa ilha e outros morreram pouco tempo depois. Havia também como que uma síndrome do pânico rondando a tripulação, porque os homens acreditavam piamente que nessas águas desconhecidas e longínquas habitavam monstros terríveis e dragões, prestes a surgirem das profundezas e devorá-los a qualquer momento. Os que zarparam novamente, foram os que sobreviveram ao flagelo da doença e do desespero, já em plenas condições de navegar. Mais fortalecidos e com uma nova visão do mundo diante das descobertas de novas terras, esses poucos sobreviventes, gozavam de um estado de alma bastante amplo, o que os levava a se sentirem mais seguros, mesmo diante de uma longa e imprevisível jornada que ainda haveriam de enfrentar pela frente. Porém não estavam mais à mercê do oceano infinito e enigmático: já haviam se localizado geograficamente e esboçado traços para a confecção de novos mapas; possuíam uma bagagem ímpar que os possibilitava fazer modificações no mapa-mundi. No transcorrer da viagem, passaram por momentos graves, como quando aportaram na costa da China, onde estava em curso uma insurreição popular contra o governo local; num outro momento foram abordados por piratas e, não fosse um golpe de pura sorte, poderiam ter sido abatidos impiedosamente pelos carniceiros-mercenários do mar. Após terem galgado a costa oeste da África, dobraram o Estreito das Tormentas e ganharam o Atlântico. Baixas de todos os tipos ocorriam. Finalmente foram resgatados por um navio português nas imediações da Ilha da Madeira. Somente três homens portugueses conseguiram completar a rota de retorno, dos sete que partiram da costa do Pacífico; havia ainda com eles mais oito homens orientais e dois índios, e dentre estes todos, apenas quatro sobreviveram.

A partir de então, esquadras portuguesas aportavam às praias paradisíacas do Pacífico Sul, até o momento desconhecidas para os povos europeus. Estabeleceu-se um fluxo de transporte de riquezas da terra nova para a terra velha e vice-versa.

Um caso de amor entre a filha de um poderoso cacique e o comandante da terceira esquadra portuguesa a aportar nessas terras, entrou para os anais da história como uma passagem trágica do período do

descobrimto. Eles haviam se apaixonado e impetrado juras de amor eterno; porém, quando a esquadra partiu repleta de madeiras nobres e outras riquezas como pedrarias e metais preciosos, deixou-a a ver os navios afastarem-se um a um, lentamente do litoral. Foi quando a bela mulher impulsivamente se atirou às águas volumosas na tentativa de alcançá-los, sem lograr êxito. Ao perceber que nadara em vão em busca de seu amado fugidio, recuou, mas não conseguiu forças para chegar à praia e sucumbiu afogada. O chefe da tribo, seu pai, furioso e extremamente indignado, ateou fogo às três igrejas que foram construídas pelo povo invasor, crucificando os seis padres jesuítas que haviam se estabelecido na nova terra com a missão de catequizá-los. Após o martírio lançou-os ao mar. Os outros portugueses que ficaram também foram sacrificados: degolados.

Passado algum tempo, uma nova esquadra chegou a esse local; um confronto sangrento se sucedeu; uma pequena vila foi fundada para abrigar os novos moradores do lugar e expedições exploradoras foram sendo enviadas ao interior. Incontáveis perigos e flagelos perseguiram os exploradores itinerantes, como diversos tipos de enfermidades advindas do contato estreito com o jângal, ataques de animais selvagens e peçonhentos, e de povos indígenas. Sofrendo pesadas baixas, sob condições adversas, entregues também às intempéries da natureza, muitos homens morreram, e, os poucos que íam restando dessas expedições acabaram por se fixar em locais mais apropriados, como na beira de rios ou perto de nascentes de água. Assim foram aos poucos surgindo os primeiros núcleos humanos por entre as matas e, num determinado lugar, nasceu um povoado de nome Jacaré; nome esse advindo da quantidade assustadora destes répteis, que habitavam os fartos pântanos existentes. Estes, imensos, sombrios e inescrutáveis, formavam o hábitat de incontáveis espécies dos reinos animal e vegetal na região.

Fincaram pé com uma cruz jesuítica de madeira e uma pequena igreja foi erguida e ao seu redor formou-se o arraial. A atividade laboral de subsistência, inicialmente, transcorreu em torno da plantação de mandioca, um alimento muito apreciado pelos índios e que passou a fazer parte do cotidiano gastronômico do novo povo; a cultura do milho e de certas ervas medicinais e aromáticas, provenientes do conhecimento do povo originário da região, também se fez presente, dentre outras plantas comestíveis nativas; a caça e a pesca eram fartas. Tratava-se de um lugar onde um vale montanhoso se espraiava por grandes extensões de terra. E pelos morros, abrigadas do terreno encharcado, árvores frondosas imperavam pela paisagem de mata virgem. Esse reino natural, exuberante e ameaçador, mostrava-se em todo o seu esplendor irradiando vida em cada porção de terra que formava densa floresta, do qual nenhum ser estranho se atreveria a adentrar sem os respectivos aparatos de exploração. Nele viviam os seres autóctones, nus, com seus sombreiros de penas de aves, seus arcos e flechas, seus beijos furados portando ossos brancos, seus cabelos lisos raspados até por cima das orelhas... Em condições rudimentares, formavam clãs, aparentados entre si, nos flancos dos morros, ao lado das abundantes nascentes de água. Moravam em cabanas coletivas, umas perto das outras, construídas de paus e folhas. Pequenas tribos se dividiam na ocupação da terra generosa, vivendo em perfeita integração com a natureza, que os agraciava com fartos recursos alimentícios e farmacológicos, nutrindo suas culturas. Viviam em grupos de aproximadamente quarenta, em média, interagindo com seu hábitat, harmoniosamente.

Com o advento da civilização, forjada por emissários destemidos dos reis de Portugal, o desaparecimento lento e inevitável dessa cultura

desencadeou paulatinamente na extinção da raça genuína. Isto se deu em consequência do processo de aculturação a que foram submetidos; às novas práticas de vida, estranhas e hostis ao velho e tradicional jeito de se viver em comunidade, em equilíbrio com a natureza. Enquanto etnia pura, este povo desapareceu da face da terra; porém, o sangue da raça se disseminou no novo povo mestiço que se formava. As novas linhagens que se sucederam foram carregadas inclusive de sangue negro de escravos africanos, os quais chegavam em grande quantidade à nova terra. Gerações de portugueses, índios e negros, fundaram as bases para o estabelecimento de uma nova civilização, desbravando a rica floresta tropical, que emergia do solo fértil há milhões de anos, em transformações evolutivas pelas eras geológicas: surgiram então os mulatos, cafusos, mamelucos.

Os anos se somaram até que veio à luz Gilberto S. Camarões, num lugarejo denominado arraial da Boa Esperança, anteriormente Jacaré, pelos tempos idos de 1757. Na sua juventude, Gilberto presenciou a invasão de parte do vasto território da colônia, pelos franceses que, a partir de então, seriam os senhores da maioria das ilhas do arquipélago. Houve guerra e portugueses desavisados foram emboscados em várias localidades. Muitos morreram e os sobreviventes foram expulsos para ilhas mais longínquas do arquipélago, ou escaparam pelo mar em direção ao continente. Gilberto, que se embrenhou na densa floresta juntamente com outros, entregou-se aos franceses por exaustão, advinda de uma enfermidade que contraíra durante a fuga: de um ferimento na perna, surgiu uma infecção, impossibilitando-lhe de continuar a fugir, e obrigando-o a retornar. Assim que conseguiu chegar ao arraial, caiu desmaiado e foi atendido por uma índia que o salvou da morte. Inicialmente preso, foi posto em liberdade por bom comportamento e também pelo fato de dominar relativamente o idioma francês; começou a trabalhar na construção e reconstrução de casas. Seu pai, morto durante a invasão, era descendente de franceses. Gilberto casou-se aos vinte e cinco anos e foi pai de seis filhos e de duas filhas. Os homens, como era de costume, assinavam somente o sobrenome do pai, e as mulheres, somente o sobrenome da mãe. Um dos filhos, Silvério, foi para a guerra contra uma colônia portuguesa vizinha que se estabelecera nalgumas ilhas desgarradas do arquipélago, mesmo tendo tentado custosamente se safar: foi amarrado e levado até embarcar. Nunca mais deu notícias à sua família, que ficou sem saber sobre seu paradeiro e se estaria vivo ou morto.

Outro filho, Jorge S. Camarões, estabeleceu-se como grande negociante, comprando e vendendo mercadorias de tipos bastante

variados; suas negociações se estendiam até os E.U.A e a Europa. Este, em 1850, aos cinquenta e nove anos, participou da Revolução no estado de Jardim, como importante membro do Movimento Revolucionário, que sonhava com a independência política e econômica de Canela, nome este dado à colônia pelos portugueses e mantido depois pelos franceses. Era conhecido pelo seu espírito complacente para com os escravos. Os fazendeiros das redondezas costumavam entregar-lhe os seus, indisciplinados, temperamentais e fujões, para que ele lhes aplicasse seu corretivo quase que infalível, sua psicologia intuitiva, que acabava por transformá-los em seres passivos e dóceis. A família de Jorge S. Camarões possuía escravos e escravas que continuaram lhe servindo depois da abolição da escravatura em 1880. A respeito das escravas, as chamadas negras mina, que desempenhavam funções dentro de casa, mesmo antes de serem libertadas já gozavam de certa autonomia, devido ao fato de não dormirem acorrentadas. Dóceis, subservientes e dedicadas. Duas dessas escravas, irmãs, tiveram filhas mulatas, uma cada, do mesmo homem, que frequentava a casa como amigo da família, e as possuía, ora a uma ora a outra, altas horas da noite, no quintal. As duas meninas foram criadas por uma irmã de Jorge S. Camarões, que, estando viúva e sem filhos, ao falecer lhes deixou como herança um bom terreno, onde posteriormente seria erguida uma igreja. Este, algum tempo depois foi vendido, e Ana, uma das irmãs, ao receber o dinheiro da venda o depositou no Banco Parisiense, em uma filial em Boa Esperança. Pouco tempo depois este banco sofreu um processo falimentar, deixando Ana destituída de seu patrimônio em espécie. Não fosse uma casa modesta que sua irmã Laura havia comprado, estaria em péssima situação. Ana não se casou e vivia com Laura, e esta, por ter perdido seu marido num acidente de trabalho, picado por uma terrível serpente quando extraía da mata plantas nativas para serem comercializadas, teve que forçosamente trabalhar duro nas mesmas condições ajudada por Ana, para sustentar a si mesma e aos três filhos, então menores.

Com o transcorrer do tempo, a pequena vila mostrou-se um forte reduto de catequizadores e traficantes de índios. Houve a formação de colônias portuguesas, francesas, italianas, libanesas, holandesas... Os negros eram comercializados como escravos e chegavam de várias partes da África. Estes serviam, em massa, aos senhores das vastas extensões de terras que sofreram a ação do plantio de café, que a partir de então seria a fonte primordial da economia de toda a colônia. O rei de Portugal havia dividido o território do arquipélago, que recebera o nome de Canela, em vastas propriedades denominadas Sesmarias. Estas glebas de porte de mil a mil e quinhentos alqueires, legadas fundamentalmente a portugueses que se estabeleciam na nova terra, formavam as fazendas de café, cultura que se expandia tenazmente. Depois da invasão do território e de sua conquista pelos franceses, mudou de mãos a maioria dessas grandes propriedades, mas a cultura do café continuou sendo implementada.

Em 1850 nasceu Marta, filha do mais rico fazendeiro de café da região. De olhos vivos, muito azuis e cabelo de um amarelo reluzente e liso, cútis branca e traços finos. Uma princesinha abençoada pela meiguice e pela rara beleza. Era no entanto retraída, grave e silenciosa. Sua infância transcorreu de modo tranquilo, até chegar o dia de seu aniversário de quinze anos. Vestida toda de branco, usando um colar de ouro cravejado de pedras preciosas que seu pai a havia presenteado, estava mais linda e radiante do que nunca. Este, extremamente orgulhoso e feliz, a viu em plena posse de suas faculdades mentais pela última vez, quando ela estava descendo a escada que dava para a senzala. Sentado na cabeceira da grande mesa de jantar, com o almoço já servido e os convidados ávidos para começar a degustar as finas iguarias, Sérgio, o pai, tendo sua esposa

impaciente como todos a seu lado, levantou-se com a intenção de buscar a aniversariante que havia se esquivado. Assim que ele deixou a cadeira ao encalço da filha, eis que ela surge: repentinamente transfigurada, com os cabelos eriçados e o semblante confuso e tenso. Inesperadamente subiu em cima da mesa e começou a chutar os pratos e as travessas de porcelana francesa, repletas com a comida mais fina e elaborada da região. Enquanto todos ainda estavam estupefatos e imóveis diante de tamanha surpresa, rasgou e tirou toda a roupa, permanecendo completamente nua, quando foi abordada pelo pai com uma toalha de mesa e levada para seu quarto, relutantemente e com a ajuda de alguns criados da casa. Ficou, a partir de então, sem pronunciar uma palavra sequer durante anos, voltando a falar somente... Sérgio, homem esnobe e pedante, hipocondríaco, não colocava suas mãos nas porteiras de sua grande fazenda, com receio de contrair alguma doença. Ele a levou para vários países da Europa e para os E.U.A. sem obter sucesso nos tratamentos a que foi submetida. Por fim, depois de dois longos, penosos e esperançosos anos, voltaram à casa da fazenda e Marta ganhou uma pequena jaula para a abrigar quando tivesse que se locomover, tal seu estado de agitação e violência. Suas crises inesperadas de furor quase sempre provocavam danos onde estivesse, daí a necessidade desse meio extremo de segurança que era o pequeno aposento de grades que lhe foi imposto mais forçosa e adequadamente. Transcorrido um longo tempo depois do surto inicial, Marta já com a idade de oitenta e cinco anos, num certo dia, quando haviam três de seus irmãos em seu quarto, num rasgo de consciência e lucidez, abriu surpreendentemente os olhos e exclamou: “– Por que é que eu estou velha? Quem são vocês?...” Daí então adormeceu rapidamente e nunca mais acordou.

Nessa mesma fazenda viviam Sebastião Daluc, que era neto de escravos africanos, e sua família. Trabalhavam nas lavouras de café. Seu avô morrera queimado com cachaça num dia em que ficou por demais embriagado e se furtou ao trabalho por incapacidade física. Havia também contraído uma séria enfermidade no fígado causada pela ingestão sucessiva da bebida. O pai de Marta, enraivecido diante de seus constantes acessos de embevecimento pelo álcool que conseguia clandestinamente, jogou-o

no limbo, encharcou-o com o mesmo líquido inflamável e ateou fogo em seu corpo diante de outros escravos, que presenciaram a cena ignóbil, sob altos prantos e lamentos. Depois da lei que aboliu a escravatura em Canela, a avó de Sebastião, como quase todos os outros ex-escravos, continuou a trabalhar na fazenda onde havia nascido, em troca de refeições insuficientes ao seu próprio sustento, até que veio a falecer bastante velha e saudosa de sua família, que se desintegrara diante de condições absolutamente degradantes. Via diuturnamente seus descendentes e colaterais se desgastarem até a morte, à mercê das ordens sádicas de seus senhores prepotentes, desdenhosos, covardes e desumanos. Não poucas vezes eram levados ao pelourinho por motivos torpes, e submetidos ao canto esfuziante do látigo, pelos capatazes embrutecidos; e seus dorsos escarnados, lívidos de sangue, algumas vezes os levavam à máxima transcendência: a morte libertadora. Era uma existência plenamente austera, flagelada pela condição de animais a que eram submetidos. Algumas vezes certos homens fomentavam revoltas e fugas que raramente coroavam-se de êxito. Quando não eram pegos e sacrificados à vista dos outros, a floresta impenetrável tratava de dar cabo às suas vidas que valiam menos que a dos bichos peçonhentos, mortos, quando encontrados, pelas solas dos sapatos dos homens ditos civilizados.

As histórias de lobisomem, mulas-sem-cabeça, sacis e almas penadas deixavam os meninos amedrontados, Esses seres inefáveis habitavam o imaginário de todos e havia muito respeito pelos mortos provenientes das condições de sacrifício a que eram compelidos os escravos castigados até a morte. Os meninos sentiam um misto de curiosidade e pânico em saber dessas histórias de terror. Muitas vezes não dormiam nas noites que sucediam ao desfalecimento de algum escravo sacrificado, impiedosamente, pela animosidade do senhor. Nas noites em que o chefe da família se ausentava da fazenda, sua esposa permitia que houvessem os rituais africanos, como forma de espantar o tédio e também de conhecer sua cultura tida como primitiva. Os meninos exaltavam-se no embalo das danças e dos cantos místicos acompanhados pelo ribombar dos tambores, nas noites escuras ou prateadas pela lua altiva e implacável, reverenciada

como deusa no mundo dos orixás. O tio de Sebastião, nascido em liberdade, era casado com uma índia oriunda dessa região; desse povo, herdou o gosto pelo conhecimento e manipulação de ervas medicinais, que extraía dos recônditos sombrios das matas nativas. De posse dessa práxis altamente necessária, tratava dos doentes da fazenda onde moravam; capinava pasto e cuidava dos bois. Sebastião, desde menino, trabalhava arduamente cuidando dos pastos onde as vacas leiteiras e os bois de corte garantiam uma alimentação substanciosa para todos, empregados e patrões, não obstante o fato de que aos empregados cabiam as partes menos privilegiadas dos bovinos, obviamente, como os restos de carnes que sobravam dos desossamentos dos animais no abate. Porém, grande parte da dieta dos subalternos consistia, no dizer de Sebastião: “– trabaiava a semana inteira sem comê um grão de arroz, só comia foia de batata, grelo de abóbra, flor de abóbra frita...”

Em 1889, chegou ao vilarejo o representante do imperador francês, seu sobrinho Dom Luiz Bertt, com sua corte, para a inauguração da primeira usina de açúcar da região, sendo recebido pela sociedade local com todas as honras e sob grande ovação popular. De iniciativa privada, a nova instituição pertencia a um consórcio de empresas francesas. Para o ato oficial de descerramento da fita inaugural, como também para o grande almoço que foi servido a todos logo após, os habitantes das localidades vizinhas foram convidados e compareceram em massa, lisonjeados pela presença de tão ilustre visitante. Em solenidade pública, Dom Luiz Bertt mudou o nome do vilarejo para Toulouse. Hospedou-se no dia seguinte num casarão à Rua N.S. Lurdes, onde foi-lhe oferecido um banquete de inigualável e requintada gastronomia. Este foi especialmente preparado pelo senhor Carlos Santos Mourão, casado com Sílvia Camarões, filha de Astolfo Danté e Vera S. Camarões, esta, neta de Jorge S. Camarões. Houve festejos na cidade. A senhora Márcia Camarões, também filha do casal Astolfo Danté e Vera Camarões, para muita honra e lisonja de seus familiares, assim como para inveja e despeito de muitos, foi convidada para ser dama de companhia da esposa de Dom Luiz. A sociedade de Toulouse estava convidada e devidamente preparada para que pudesse assistir ao almoço. As famílias ficaram de pé ao redor da mesa onde estava sendo servido o ágape, como era de costume da época. Houve sorteio de uma pessoa para fazer representar os presentes à mesa, ao lado de Dom Luiz. A contemplada, que contava quinze anos de idade, era Wilma Bett, sobrinha de Vera Camarões. Esta a teria acolhido, por ocasião do falecimento de sua mãe, Verônica, que deixou sua filha Wilma com apenas seis meses de idade, susceptível de ser criada por sua tia Vera S. Camarões e por seu marido Astolfo Danté. O pai de Wilma falecera na mesma ocasião, assim como também seu único irmão,

num acidente de trem. Nesse ínterim, o jovem infante Silvino Danté, filho do casal, dormia no canto da cama de seus pais, com aproximadamente três anos de idade. Vera colocou-o para dormir entre seus pés e pernas e em seu lugar posicionou a filha de Verônica, Wilma Bett. Esta foi sempre tratada como se fosse filha do casal e, com o passar dos tempos, ajudava em todos os serviços de casa, destacando-se como excelente cozinheira. O universo gastronômico, apesar de não ter sido rico e variado, dispunha de um sabor inigualável. O arroz com feijão, o angu, a carne de porco e de frango caipira continham interessantes peculiaridades que davam à comida um gosto que atendia e encantava aos mais exigentes paladares. O arroz em casca ficava disposto em pilões que geralmente eram posicionados nas imensas cozinhas das casas; socado primeiramente, ou pilado, para que as cascas dos grãos se desprendessem dos mesmos. Depois de limpo, refogavam-no na gordura de porco em uma panela de pedra, no fogão a lenha. As carnes, preparadas em grandes quantidades, permaneciam meses a fio conservadas imersas em gordura de porco, também em grandes panelas de pedra. O torresmo, muito apreciado! Os pratos mais usuais dessa culinária serviam legumes cozidos, verduras refogadas na gordura de porco, angu, farinha de milho e farinha de fubá torrado, também chamada farinha de moinho, dentre outros.

O casal Astolfo Danté e Vera S. Camarões acolheu também, alguns anos depois, uma sobrinha de Danté. Criaram-na como se fosse filha legítima, assim como a Wilma, sobrinha de Vera. Marlene era seu nome, dez anos mais nova que Wilma. Aquela, depois de casada e de ter tido quatro filhos, ficou viúva. Apaixonou-se por um viajante que frequentava a cidade e num belo e inesperado dia fugiu com ele para um paradeiro desconhecido, e nunca mais se ouviu falar dela. Silvino e Wilma, como os filhos de Marlene ainda estavam impúberes, os resguardaram em suas companhias, representando para estes os arrimos de família: eram Lauro, Ricardo, Hortência e Silvana.

Durante a juventude de Silvino, ocorreu que certa noite, ele e um amigo de voz privilegiada, que cantava frequentemente na igreja matriz de Toulouse, andavam conversando pelas ruas da cidade. De repente, viram-se frente a frente com um cachorro bravo a lhes encarar, a rosnar e a latir. Temerosos, imediatamente subiram numa árvore que se encontrava bem por perto, cujos galhos maiores se precipitavam para dentro da propriedade de um distinto comerciante de tecidos da cidade. Para livrar-se do cão agressivo, que estava a lhes avançar nos calcanhares, impetuosamente se lançaram para o outro lado do muro e caíram em cima do telhado de um quiosque, no quintal da casa. O telhado ruiu e eles se viram do lado do dono e de sua esposa, que estavam distraídos, passando os olhos nos jornais. Correram assustados e pularam de volta o muro para outra rua, atravessando correndo o quintal. O homem, calvo e barrigudo, saiu correndo atrás dos dois jovens lançando-lhes imprecações e ameaças. Os aventureiros inconsequentes saíram dessa para outra. Porém foi um escândalo na cidade e a sociedade toda foi envolvida. Durante aproximadamente dois meses discutia-se o ocorrido no jornal quinzenal de Toulouse.

O primeiro jornal na cidade, fundado em 1890, portava seu nome: Jornal de Toulouse, nascido das mãos de franceses que se estabeleceram por lá. E em 1912, intitulado A Cidade, surgiu o segundo jornal, fruto direto do casamento de um jovem idealista e inquieto com uma linda e rica senhorita, filha de um grande fazendeiro de café da região. Por esse momento, Silvino se firmava como aprendiz de representante comercial de importadoras de Besançon; viajava muito com seu tio, que estava vinculado a esse negócio.

A casa da família Danté/Camarões situava-se à Praça São Marcos, número 457. Tratava-se de um sobrado cor de rosa, de estilo barroco,

de pau a pique, rebocado e pintado, como todos os outros. Na vizinhança, somente a casa de D. Mariquita, da família Bráz de Lemos, continha forrada em suas paredes internas, papel francês, mas o assoalho era sempre de táboa corrida, muito usada. A tinta para a pintura externa e interna era à base de cal, pois não havia nem tintas, nem pincéis industrializados: estes eram feitos de feixes de sapé amarrados, deixando suas pontas livres para pincelar as paredes. O mobiliário era basicamente de madeira: as mesas de jantar, de táboa corrida; os guarda-louças, para quem possuía boas condições financeiras, exibiam porcelanas importadas. No primeiro andar da fachada cor de rosa, seis janelas de guilhotina, bem baixas, quase na altura do passeio, e a porta de entrada depois da terceira janela; no andar de cima, mais seis janelas idênticas e uma porta que abria para uma sacada, também depois da terceira janela; dava sua frente para o pasto que posteriormente se transformaria na praça principal da cidade. Quando se adentrava à casa, podia-se vislumbrar uma ampla sala, com um imenso lustre dourado dependurado no centro, e móveis pintados de preto, de madeira nobre, pesados, dispostos pelo ambiente amplo e confortável. Avistava-se no canto direito uma espaçosa e firme escada de madeira, com o corrimão torneado e pintado com temas bucólicos; esta dava acesso ao andar de cima, que continha, depois da sala da parte anterior, um corredor entre quatro quartos, um banheiro e uma outra sala com uma biblioteca. Os seis quartos do andar térreo estendiam-se ao longo de um outro corredor, três de cada lado, que conduzia à cozinha. Esta, tão espaçosa quanto à sala grande da entrada, continha um fogão a lenha, uma mesa larga, um armário de mantimentos, um pilão e pipotes de vinho de vários tamanhos, todos de madeira; serviam para armazenar a água que vinha do poço do quintal. Depois que a cidade passou a ter água encanada, uma pia. Os banheiros continham, antes do advento da água encanada, duas bacias imensas de cobre, cada um, e vários pipotes de vinho que armazenavam água para os banhos. Tempos depois, a água quente do chuveiro era proporcionada pelo sistema de serpentinas instalado no fogão a lenha. Da cozinha dava-se para o espaçoso quintal que se estendia até a linha do trem; continha em seu terreno plano várias árvores frutíferas e um tanque grande para lavar roupas. Havia lá também um poço com uma bomba d'água manual. A água era depositada em

recipientes, como latas e garrafas de vidro, e levada para os pipotes na cozinha e nos banheiros, para uso constante. Wilma era muito dedicada à família e não muito dada a festejos e namoros, preferindo se esmerar nos afazeres domésticos. Logo cedo, revelou incisiva vocação para o celibato e a vida religiosa. Organizava sempre novenas e eventos para a igreja. Em suma, uma autêntica beata.

Desde meados do século XIX, o café encontrou hábitat ideal nas terras do arraial da Boa Esperança e se instalou profícua em toda a região. Foi construída uma ferrovia para escoar a produção que aumentava, lenta e tenazmente, até o porto de Adelaide, de onde era exportado. As fazendas, absolutamente gigantescas, denominadas Sesmarias, agregavam números consideráveis de escravos em suas senzalas. Esses autênticos palácios campesinos de pau a pique eram erguidos sob a mão de obra negra aproveitando os recursos madeireiros fartos, como braúnas, jacarandás, ipês, sucupiras, canelas, e outras.

Manoel de Sá possuía terras que subiam e desciam morros, infindavelmente, repletas de café, que ele mesmo também transportava em comboios de carros de boi até a próspera cidade de Adelaide, onde era vendido para ser embarcado para a Europa. Em Adelaide, Manoel, que era um apaixonado pelos faustos embriagantes dos jogos de baralho, sempre acompanhados de bebidas e mulheres, levava até às últimas consequências suas farras homéricas: gastava todo o dinheiro que arrecadava na venda de suas safras e, quando este findava, vendia os escravos, os bois e os carros; voltava a cavalo para seu império monocultural, geralmente acompanhado de dois escravos que o assistiam. Era um farrista inveterado, e sua mente, extenuada pela combinação de bebida, jogo e mulheres, levava-o a patamares de prazer luxurioso, inconfessáveis.

Os índios aos poucos sucumbiram, submetidos ao processo de escravatura ao qual não se adaptaram: foram cruelmente subjugados, subestimados e submundanizados. Com o falecimento de Manoel de Sá, seus dez filhos herdaram a Sesmaria e a dividiram entre si; aliás, como acontecia com todas as outras ricas famílias. Devido a este processo

hereditário sucessivo, as fazendas de café passaram a pertencer a mais proprietários e conseqüentemente a diminuir de tamanho. A pecuária bovina também encontrou em Boa Esperança um reduto no qual pôde prosperar, à parte a grande onda do ciclo do café e, posteriormente, do ciclo da cana de açúcar. O cavalo, como meio de transporte individual, fez proliferar a arte do artesanato da selaria, que encontrou em mãos hábeis e talentosas, artífices memoráveis. Cavalos de montaria, marchadores, de raças distintas, foram criados por alguns apaixonados por estes animais, venerados como se fossem semideuses. Alguns coronéis, donos de grandes fazendas gabavam-se de deter os melhores exemplares das raças representadas no arraial. Indistintamente eram assistidos por meretrizes de alto escalão, muitas vezes exclusivas, mantidas por estes donos da lei. Os meninos eram iniciados nessa arte pelos catorze anos em média, quando não mais ostentavam o título, do senso comum, de donzelo impúbere. Eram levados ao Beco da Sinhá, pelos próprios pais ou parentes próximos, antro de prostituição, para serem desvirginados. Uma das mais famosas divas da cidade, mulher independente, que não se deixou encabrestar por nenhum coronel, fora um dia bem casada. Dona Mariquinha, que deixou o marido, chamada pela forte vocação à qual não pode resistir. Recebia, na sua maioria, jovens, para iniciá-los na vida de homem. Seu marido, envergonhado e indignado, mudou-se da cidade depois de inúmeras ameaças de morte a ela dirigidas e não consumadas.

Com o advento do século XX, a única praça central da cidade foi demarcada e a luz elétrica chegou para o regozijo de seus cidadãos, por influência do parlamentar, o português, sr. Ronaldo Souza e Silva, fundador da Casa Souza e Silva, homem de invejável capacidade de realização. Seu filho, depois de seu falecimento, seguiu os passos do pai, do qual herdara semelhante mentalidade. Homem forte e empreendedor, substituiu-o frente aos negócios. Foi levado ao suicídio por fortes pressões políticas contrárias; ameaçado de morte, assim como a sua família, quis poupá-la de maiores vicissitudes, devido ao seu caráter intransigente, austero e guerreiro. Sucumbiu ao lado negro da luta pelo poder político. Se se houvesse contentado somente com seu grande talento para o mundo dos negócios, talvez não tivesse encontrado tantas inconveniências pela vida.

Silvino era um bom filho e fazia tudo pela mãe, mas namorava uma certa moça contra a vontade dela, havendo ficado noivo. Logo depois, sua mãe ficou doente e acamada. Ele, em seus cuidados para com ela, encomendou de Besançon, capital do estado vizinho de Luíza, uma lata de goiabada. Esperou o momento em que o quarto estivesse repleto de visitas e ofereceu a todos a fina iguaria. E colocou especialmente para sua mãe um pouco da goiabada num prato, dizendo: “– Coma mamãe, eu encomendei para a senhora”. “– Não, não quero”. Ele então disse para ela pedir o que quisesse que ele atenderia, contanto que comesse da goiabada. Quando então ela murmurou em sua cama: “– ...oh ...Silvino!” “– Peça o que a senhora quiser que eu lhe dou”. Então, ela, com firmeza e autoridade respondeu: “– Quero o desmanche do seu noivado com a Maiza!”. Ele saiu do quarto e voltou com uma barra grande de goiabada e com um queijo fresco dizendo: “– comam em homenagem ao desmanche do meu noivado!”. No dia seguinte entregou a aliança à noiva e nunca se casou.

Em sua maturidade possuía compleição não muito robusta; de tez branca, era muito magro, de boa altura e boa aparência. Auto-didata de primeira qualidade e grandeza, detinha vastos conhecimentos e certa erudição. Escrevia para o “Jornal de Besanson”, que durante muitos anos publicou suas matérias culturais, políticas e sociais. Deixou como legado cultural alguns livros de poemas. Patriarca da família, papel assumido voluntariosa e firmemente, era obedecido com rigor e respeitado por todos; um capataz, no sentido de que tudo girava em torno de sua pessoa; controlava todas as atividades de sua família: era seu tutor. Andava-se nas pontas dos pés para não acordá-lo à noite e também durante o dia quando ele adentrava-se em seu quarto. Usava muitas vezes botas de cano longo, e o barulho de seus passos sobre o assoalho

de madeira, reverberava por toda a extensão da casa. Ficava horas sentado no alpendre, com seu pince nez, a apreciar a vista da praça em vias de formação. Pessoas mais simples geralmente conversavam com ele de cabeça e olhos baixos, sem cruzar os focos de seus olhares impassíveis e magnéticos. De caráter firme e autoritário; genioso, rigoroso e exigente, era difícil se marchar a seu lado. Orgulhoso de sua família, para a qual sua estima estendia-se ao primeiro plano. Católico fervoroso, dedicava, desde criança, sua devoção e seu culto a São Marcos; era assíduo frequentador das missas de domingo à tarde na matriz que levava o nome do santo. Vestia-se com elegância e sobriedade; de porte altivo e nobre, deixava por onde passava uma legião de admiradoras secretas e declaradas, com algumas das quais, aliás, mantinha estreito contato, mas nunca se comprometendo seriamente. Usava pince nez de vários estilos devido à problemas de vista, que foram se agravando em sua velhice. Alguns homens usavam lorrignon para lerem na privacidade de seus lares, porque eram vistos publicamente somente em mulheres. Silvino deixou uma prole bastarda considerável em Toulouse e circunvizinhança, apesar de ter falecido solteiro.

A cidade era bem pequena, com seu casario barroco e suas ruas estreitas sem calçamento. Não havia água encanada. Eram utilizadas bombas para tirar a água dos poços. Onde haveria de se formar a Praça São Marcos, havia um pasto, hábitat de bois e cavalos, que perambulavam pelo cenário todo o tempo, rodeados pelas casas baixas e pelos sobrados.

Francisco nasceu na primavera de 1916, na Fazenda Rio do Peixe, imediações de Toulouse. Seu avô morava nestas terras da Usina Jackes Ledoux e era um de seus vendedores de açúcar. A fazenda, contudo, exibia somente vastas plantações de café e possuía um engenho onde o café era moído; depois era vendido para as casas comerciais principalmente para a Casa Souza e Silva. Os cafezais se espraiavam por toda a região, pelos morros e pelas férteis planícies; marcavam a paisagem que amadurecia seus grãos, estes, quando lançados ao ar pelas peneiras de seus coletores, exibiam um bailado adorável ao som do barulho que proporcionavam ao caírem. E quando se aproximavam os meses de floração, um cheiro adocicado se expandia nos ares e deliciava a todos.

O vento fresco irradiava o perfume pelos quatro cantos. Era o período mais belo dessa cultura, mais contemplado e louvado, quando as enflorações brancas se mostravam em todo o seu esplendor em cada pé de café, fazendo com que o branco marcasse seu reinado perfumoso, surpreendente e extraordinário.

Em períodos de chuvas eram necessárias sete juntas de bois para atravessar a praça de Toulouse e ir em direção à rua Lebríe. A travessia da linha de trem era, acima de tudo, um grande desafio. Com os carros de bois geralmente carregados de sacas de café, a força que todos despendiam empurrando-os, colocava à prova a mais tenaz persistência. Nas ruas atolavam a tal ponto que seus eixos desapareciam na lama. Miguel era candeeiro de boi quando menino. Certo dia, na Travessa Toulouse Lautrec, a chuva caía intensamente quando passava, a passos de tartaruga, o carro de bois candeado por Miguel. Carregava trinta e cinco sacos de café em coco, o café in natura, ainda com sua casca protetora que envolve o grão. A rua totalmente alagada, mostrava seu casario barroco ao fundo; os olhos estavam encharcados, e o que viam, Miguel e seu companheiro, era quase que pura água, como se estivessem submersos. Seus chapéus não paravam em suas cabeças; a chuva e o vento surravam seus corpos e suas faces expostas sofriam o peso dos pingos que caíam furiosos do céu. Atordoados, todos, o candeeiro, o carreiro e os bois, descontrolados e num passo desconexo, caíram por fim num buraco; a roda direita afundou e fez com que o carro tombasse e sua carga escorresse para a lama. Os sacos esparramaram-se pelo chão cheio de água, alguns deles sofreram seu arrombamento devido a pressão exercida de uns sobre os outros; houve uma pequena avalanche de grãos que se misturaram ao barro: a luta que travaram depois para resgatá-los em parte, foi inglória.

Rafael nasceu em 1918. Cresceu livre pelos cafezais e plantações de fumo. Brincava com os outros filhos dos empregados da fazenda. Jogavam pião, piorra, um pião de carreteu de linha e birosca nos quintais das casas e no meio das estradas; faziam cavalo de cana de milho: com a haste do pé de milho. Algumas vezes desentendiam-se para valer e rolavam pelo chão até seus corpos ficarem completamente exaustos e cobertos de poeira. No fim da década de vinte, Rafael trabalhava nas plantações de fumo com seu pai; e fazia rapadura, arte esta que desenvolveu e chegou a produzir com sua própria e secreta receita de sucesso. Antes que sua notoriedade se consumasse, foi aprendiz por um longo período, do qual extraiu e desenvolveu sua receita infalível. Desde a infância, angelical e frágil, nutria forte interesse pelos animais, e durante o período de sua puberdade, construiu lentamente e com suas próprias mãos um sólido, arejado e espaçoso viveiro de pássaros. Povoou-o com representantes de várias espécies como curiós, pintassilgos, canários da terra, trinca-ferros, dentre outras. Foi um afeccionado por pássaros durante toda sua vida e menos dado à caça ao tatu, à cotia, ao coelho, ao preá do brejo, à rã, à paca, à anta... Nos invernos, apreciava as andorinhas que chegavam em grandes bandos e fechavam o céu com seus bailados fantasticamente inusitados. As tardes exibiam nas núvens intensos matizes de fortes colorações, levadas à transcendência pelo brilho do sol quando se punha no horizonte. O conhecimento e uso de uma planta, remanescente da cultura indígena, matava de uma vez a fome e a sede: a “batata de índio”, um capim que trazia em sua raiz um bulbo que era raspado com canivete e comido cru. Seu uso foi largamente difundido entre as pessoas de baixa renda. Rafael logo cedo conheceu o tal capim, adquirindo certa autonomia na adolescência quanto ao ato de ter que regressar à casa de seus pais para se alimentar. Nas épocas da safra participava da colheita de canas para abastecer a usina toulouseana.

Patric Bourdon, natural de Besançon, França, de numerosa irmandade, trabalhava para uma firma francesa em Lyon, como engenheiro. Esta o mandou para Canela em 1895, a fim de cumprir um contrato de prestação de serviços especializados, com a maior usina de açúcar do sul do país. Seu desafio, inicialmente, foi projetar uma linha de ferro que deveria percorrer considerável extensão de terra, no intuito de transportar as canas das plantações para o núcleo transformador. Concomitantemente à construção da ferrovia, deveria projetar um sistema de irrigação de outras terras agricultáveis e depois implementá-lo; retiraria a água do segundo maior rio que corta a vasta e agora já república soberana de Canela, em prol do abastecimento de uma área semi-árida, viabilizando-a para o cultivo de cereais e frutas. Mesmo sofrendo forte oposição de certos políticos, chegou a concluir tal feito honorável, que contribuiu decisivamente para o aumento da produção agrícola do país. Tendo concluído sua missão, a empresa francesa à qual prestava obediência contratual, o presenteou pela notável realização: ganhou algum reconhecimento extra em espécie e três meses de férias, já ciente de sua nova empreitada numa outra usina de açúcar no estado de Jardim, da Federação. Este era o tempo aproximado que se gastava para ir a cavalo de onde estava até Toulouse, em Jardim, para desempenhar seu novo serviço. Teria também que atravessar um trecho de mar. Se fosse de navio durante o maior trajeto, demoraria pouco, mas resolveu que iria acompanhar um circo que para lá se dirigia, parando e se apresentando em várias localidades. Para Patric, que estava com os bolsos cheios de dinheiro e mantinha sua independência como um bem precioso, a viagem foi muito divertida e curiosa. O convívio com aquela gente incomum, hábil nas artes e ofícios da diversão, o encantou até determinado ponto da viagem, até que foi obrigado a deixá-los para prosseguir seu rumo.

Desta vez, seria o dirigente da usina Jackes Ledoux em Toulouse, recém inaugurada. Enfim, Patric havia se apaixonado. Foi por uma das duas trapezistas do circo e a levava embora consigo. Eliza era seu nome; uma morena atraente, com um belo corpo e uns olhos esverdeados profundos. Ao chegar, tomou posse do cargo e sobrecarregado pela tamanha responsabilidade de administrar a empresa, demorou um ano para projetar a linha agrícola que deveria escoar a maior parte da produção de canas dos canaviais para a indústria. A construção demorou mais um ano de árduos e pesados serviços, com o sol lenhando as costas dos homens que posicionavam os pesados trilhos em seus devidos lugares. Depois da ferrovia inaugurada, um novo tempo se revelou. Os ventos do progresso e da expansão comercial sopravam com força, para Toulouse.

Aos trinta e dois anos, em 1902, Patric viu nascer seu primeiro filho, Gustavo. Depois vieram Alex, Renan e Jean Claude. Moravam numa casa construída para os abrigar, dentro do pátio da usina, que divisava com as plantações de cana. Os meninos cresceram sob o sol indelével dos canaviais, em cima dos montes de cana ou das pilhas de sacos de açúcar, correndo pelos quintais e pelas sessões de trabalho dentro da usina. À medida que iam crescendo, ingressavam-se como aprendizes em alguns ofícios, sob os olhares severos do pai. Mais tarde aos cinquenta anos de idade, Patric recebeu uma carta que transformou sua vida inexoravelmente. Seus pais, já em idade avançada almejavam vê-lo antes de falecer, assim como também seus irmãos que, com exceção de Voltaire, estavam todos na França. Ao ler a carta, Patric se transfigurou e em seu peito bateu fundo uma saudade de todos e de sua terra natal como nunca havia sentido antes. Ficou completamente transtornado até que ele e Eliza embarcaram para uma viagem sem volta à França. Seus filhos, todos crescidos, permaneceram em Canela. Dois netos que ficaram órfãos de pai e mãe os acompanharam.

Um trem a vapor transportava as canas das plantações até a fábrica. A estrada de ferro, de vinte quilômetros, ligava a usina a dez fazendas que se estendiam por um terreno cuja grande parte de sua topografia plana viabilizava esse tipo de processo de escoamento de matéria prima. Todas as fazendas possuíam um desvio de cem metros, aproximadamente, da linha de ferro. Eram os locais onde se posicionavam os trilhos paralelos à linha principal, para que a máquina a vapor fosse deixando os vagões estacionados para serem preenchidos. Os homens e mulheres cortavam as canas, uma por uma e as limpavam com seus facões, retirando delas toda a palha. Depois iam depositando-as em feixes horizontais alinhados na beira das estradas vicinais, percorridas pelos carros de bois. Os feixes do chão eram nestes colocados, que os levavam até os vagões do trem nos desvios.

Às vezes, acidental ou criminosamente, um dos canaviais explodia em chamas, e havia a necessidade premente de que as canas queimadas fossem retiradas em poucos dias. Imediatamente, todo o pessoal das outras fazendas parava o corte e ia socorrer o canavial avariado. Havia uma mobilização intensa para que fossem cortadas e transportadas o máximo de canas queimadas possível, para se evitar perdas acentuadas. A Usina Jackes Ledoux já se beneficiava lautamente dos fartos recursos disponíveis de suas terras, mas contava também com fornecedores particulares de canas que as transportavam para a indústria nos carros de boi.

Os vagões repletos de matéria-prima entravam para a usina por um desvio na linha. O trem seguia viagem e quando retornava carregado, resgatava os vagões deixados no desvio, já vazios, e os levava de volta para serem reabastecidos nos canaviais. A usina possuía quatro máquinas

de ferro, a vapor, alimentadas principalmente com lenha de angicos plantados especialmente para esse fim. Um trem puxava em média quinze vagões de canas, contendo cada um seis toneladas. Vias férreas vicinais foram erguidas para servir a linha principal.

A estrada de ferro mostrou-se um meio de transporte bem eficiente, mas ainda insuficiente para transportar todo o montante de canas das fazendas da usina, então os carros de bois eram também utilizados. Usava-se normalmente seis bois para puxar um carro repleto de canas, contendo três bois em cada uma das duas fileiras, presos um ao outro, dois a dois paralelamente, por uma canga de madeira. A carga puxada pelos bois, era conduzida por um homem que, nessa função, recebia o nome de carreiro, e que caminhava ao lado do carro caso este estivesse cheio; caso vazio, ele se colocava em cima da mesa do carro, portando uma guiada, um pau fino, de madeira, contendo uma capa de ferro ou de outro metal na ponta com um ferrão pontiagudo, com o qual ferroava os animais. Um menino sempre andava à frente, servindo de guia para os bois e lhes ritmando o andar. Conduzia uma vara grande, bem maior que a de seu companheiro, apoiada num dos ombros. O carreiro dava guiadas nos bois para que eles se comportassem e para que andassem sincronizadamente. O guia era denominado candeeiro e jamais deixava o seu posto à frente dos animais, pois marcava-lhes o sentido. Cada fazenda possuía seus carros de bois que serviam não só para transportar as canas dos canaviais até a fábrica de açúcar, mas também para transportar cargas da fazenda até a cidade, como sacos de milho, arroz e feijão, que eram vendidos; utilizavam-nos também para outras finalidades menores.

As fazendas da Usina Jacques Ledoux e somente mais algumas outras de fornecedores particulares eram as únicas terras da região onde floresciam abundantemente os canaviais. Os cafezais imperavam pelas planícies e morros, e os horizontes contendo ao fundo as serras, exibiam incontáveis plantações. Somente com a baixa do café no mercado externo, página assustadora da história, que fez com que a economia de vários países entrasse em colapso, é que as terras toulouseanas e adjacências, ficaram à mercê da atividade produtiva açucareira, cujo produto gozava de posição estável no mercado. O trem a vapor, que passava por Toulouse,

provindo de longe, despontava do alto da Serra Bonita, apitando e soltando fumaça, transportando gêneros variados de cargas. Ao cortar os vales férteis, ganhava vagões de canas das fazendas às margens da estrada de ferro. Estes eram deixados num desvio ao lado da Usina Jacques Ledoux, até que as máquinas à vapor da própria usina se encarregassem de transportá-los para a esteira, onde as canas, descarregadas, seguiam para o processo de fabricação do açúcar. Na época das chuvas, o uso dos carros de bois que também serviam a usina de canas, se tornava quase que impraticável, o que sobrecarregava o transporte ferroviário da própria usina e o da companhia ferroviária.

Portando a grande e fina vara de madeira, usual, com uma capa de metal numa de suas pontas, segura na outra, extremidade por uma das mãos e colocada num dos ombros, Euclides fazia com que as juntas de bois que puxavam o carro o seguisse por onde fosse. Era seu trabalho, possibilitando-lhe uma convivência íntima com esses dóceis e fortes animais, que atendiam por seus próprios nomes. O carreiro gritava: “– Marruero, heá! Pintado, Estrela!” E ferroava os animais que precisavam do corretivo para que se acertassem devidamente. Os bois soltavam seus mugidos, balançavam as cabeças e chifravam o ar. Nos períodos de chuva, em certos locais da cidade, como no pé de um morro à Av. São Luiz, os carros de bois ficavam à mercê dos grandes atoleiros que os seguravam em fila. Fazia-se então imperioso buscar socorro, e posicionar duas boiadas para retirar de cada buraco os carros repletos de canas ou mesmo de sacas de café.

O próximo passo de Euclides seria capinar nas fazendas de café; depois ganhou as plantações de cana da usina Jacques Ledoux, cortando-as em períodos de safra, e nos períodos de entressafra, trabalhava na manutenção dos canaviais, em capinas e outros serviços nos campos de canas, nas pastagens, nos quintais... Recebia um ordenado de homem já adulto, dado seus robustos atributos físicos precoces: dois mil e quinhentos réis por dia.

Alex, terceiro filho de Patric, já era gerente de produção na usina Jacques Ledoux, até que se desentendeu com outros dirigentes e deixou seu trabalho peremptoriamente. Silvino, que ora também trabalhava na empresa açucareira, simpatizando bastante com Alex Bourdon, enamorado de sua sobrinha Rita e, reconhecendo nele um invejável espírito empreendedor, fez uma proposta no sentido de fundarem uma empresa quase do mesmo ramo de negócios da usina. Prontamente aceita por este e de posse de todos os dados, resolveram se lançar. No início, o empreendimento foi consolidado numa refinaria de açúcar, cuja razão social era Dante-Bourdon e Cia. Seu endereço telegráfico foi REFINARIA DE AÇÚCAR. Comprava-se o açúcar cristal, da própria usina Jacques Ledoux, e dispunha-o a passar pelo processo de refinamento, que consistia no seguinte: haviam fornalhas que comportavam tachos de fervura. Eram fogões a lenha feitos de tijolos; o açúcar cristal ia diretamente para dentro de pesados tachos de cobre que ficavam sobre as fornalhas; estes continham um pouco de água, que fazia do açúcar então derretido, uma calda, que era fervida e batida até tomar determinada consistência. Durante a fervura, usava-se espumadeiras de cobre para retirar a espuma que ficava por cima da calda, boiando, e que continha impurezas do açúcar cristal. A um certo ponto, retirava-se o tacho com a calda do fogo, e com uma pá de madeira, um homem ia batendo-a até que ela ficasse bem grossa, se transformando assim no açúcar refinado. O processo era desempenhado pelos trabalhadores que, no braço, íam girando suas pás de madeira dentro do tacho, secando seu conteúdo. Engrossavam seus próprios braços e peitos, que se apresentavam desenvolvidos e musculosos. Diz Pierre, sobrinho de Alex: “– Era cada negão, com uns braço dessa grossura, oh!...” A refinaria funcionava num armazém de tijolos coberto com folhas de zinco. À medida que ela foi crescendo,

Silvino e Alex, num impulso de expansão do negócio, resolveram transformá-la numa usina de açúcar, nascendo assim a Usina São Marcos.

A empresa foi se desenvolvendo no transcorrer da primeira metade da década de vinte, e poucos anos depois do seu advento chegou, numa dessas reviravoltas da vida, a entrar em declínio, havendo possibilidade de falência. Nesse ínterim o então presidente da república, José Tamires, assinou a moratória, possibilitando às empresas que estivessem em sérias dificuldades financeiras, safarem-se das pesadas dívidas, diluindo-as em prestações suportáveis. Com esse alento reconfortador, a usina sobreviveu aos seus ávidos credores. E os tremendos esforços despendidos por todos, conjuntamente, salvaram-na. Silvino ficou encarregado de vender o açúcar fabricado, mantendo uma retirada financeira, assim como Alex, até sua morte. O tempo passou, ela se recuperou, Silvino continuou vendendo açúcar e Alex, a administrar todo o patrimônio.

Pouco depois da fundação da “Refinaria de Açúcar”, a cidade foi assolada por uma fulminante epidemia de varíola que deixou profundas marcas em suas famílias, provocando perdas irreparáveis. A mortandade foi grande ao ponto de enterrarem-se as pessoas muitas vezes sem caixão, porque não havia tempo suficiente para providenciá-los, uma vez que os cadáveres se decomporiam. Para enterrar as crianças utilizavam-se caixotes, caixas de sapato, dentre outros recursos. Os cortejos fúnebres deslizavam pelas ruas da cidade, disseminando um clima de desolação, ocasionando fortes receios e temores à população. Todos se imaginavam engrossando a fila dos sepultamentos, também como presas indefesas da peste fatídica. As sombras da morte espreitavam a todos, instalando uma “idade das trevas” duradoura. Após seu reinado sinistro, ergueu-se de seus recônditos ruidosos, uma flor, para além de seus esquifes silenciosos: o casamento de Alex e Rita. O início de uma saga.

Após o casamento, foram morar numa casa grande construída ao lado da refinaria, que estava em vias de transformar-se em usina. De madeiras nobres e alvenaria, continha grandes janelas de guilhotina. Ao lado da cozinha imensa, dois quartos: um, onde dormia Maria, a empregada, e o outro foi utilizado como despesa. Antes, uma sala de jantar espaçosa com uma lareira. Em quartos distintos, dormiram os três filhos do casal: Julio, Carmem e Wânia, a partir de determinada idade. Julio também morava com Wilma, que era como se fosse sua outra mãe. Nos outros quartos, ficavam hospedados temporariamente parentes, viajantes e amigos: eram dois quartos de hóspedes, onde haviam algumas camas, móveis antigos, cadeirinhas tipo austríacas, torneadas... Num outro cômodo ficava a biblioteca de Alex, juntamente com seu escritório, onde mantinha o controle administrativo da empresa. A casa ficava suspensa

do chão, como meio de precaução acerca das cheias do rio Ululu. A varanda da frente, ornada por um parapeito de balaústre, continha uma escada larga feita com grossas peças de madeira nobre, cujos corrimões eram pintados com temas bucólicos; uma trepadeira de flores amarelas se estendia ao redor de toda a residência. Na parte de baixo, onde os esteios e o assoalho ficavam à vista, haviam fogões a lenha, onde Rita preparava quitandas para vender, obviamente fora das épocas de cheias. Uma horta brotava dos canteiros bem cuidados indo até o rio. Na parte da frente, havia canteiros de flores com um viveiro de pássaros de várias espécies, contendo três árvores esculpidas em cimento armado em seu interior.

Pelos tempos idos de 1924, uma cerca de arame farpado e estacas de braúna, marcava a divisa da usina com a rua Luiz Bertrandt, que fazia uma curva de noventa graus e se transformava na Rua Virgílio de Souza. Esta também divisava-se com o terreno da usina até a altura da ponte sobre o rio Ululu. Ao lado da ponte funcionava o Matadouro Municipal. Duas casas de pau a pique no pátio da usina serviam de moradia para dois empregados que se reveavam na vigilância de toda a extensão da grande área que compunha o terreno. Foi construído um canal utilizado para desaguar os detritos industriais no rio; servia também para conduzir a água deste, puxada por uma bomba, para sua utilização nas caldeiras da recente usina e para outros fins. A horta, permeava quase toda a extensão do canal; continha algumas espécies de verduras como couve, repolho, taioba, alface, agrião; legumes como tomate, pimentão, cenoura; ramos de abóboras, de chuchus, de buchas de cerca, de melancias, que trepavam pelas cercas que circundavam a horta, formando uma paisagem exuberantemente verde, um verdadeiro jardim comestível irresistível, principalmente para os animais herbívoros que assediavam sempre que podiam esse manancial de fertilidade.

Havia uma balança logo depois do portão de entrada da usina, na Rua Luiz Bertrandt. Era o ponto final, por onde os carros de boi chegavam e paravam em fila para serem pesados, no período de consolidação da usina. O carreiro e o candeeiro do primeiro carro da fila, desengatavam os quatro primeiros bois que seguiam na frente, passando direto para o

pátio, por sobre o piso de madeira da balança. Ficavam somente os dois bois mais próximos ao carro para puxá-lo: eram denominados “bois mestres”. Depois de pesada a carga, os dois bois com o carro se dirigiam para a direita do terreno, num pátio tangenciado pelas construções que abrigavam a indústria. Paravam perto da esteira rolante e os bois mestres eram soltos. Então os homens empinavam o carro e deixavam sua carga derramar-se pelo chão. Logo em seguida, este era novamente pesado, desta vez vazio e levado pelos dois bois para se tirar a tara e o talão. Pesavam-se três a quatro carros seguidamente, que logo iam descarregar suas cargas perto da esteira, e depois, um a um, voltavam para serem repesados. Os quatro primeiros bois que saíam imediatamente após um carro parar em cima da balança, faziam-no por meio de outro portão que também dava à rua Luiz Bertandt; formavam filas. Alguns homens pegavam as canas do chão, nos pequenos montes que se formavam, e as carregavam nos braços até a esteira que, por sua vez as levava para a moenda. A usina ainda não possuía nenhuma propriedade rural, contando somente com fornecedores de canas locais. Muitos trabalhadores estavam lá desde a fundação. Eram os chamados “curiosos” porque aprenderam a lidar com as máquinas empiricamente: o vácuo, as turbinas, os tanques de melado, a caldeira que fornecia o vapor para todo o maquinário, sendo este, todo movido à lenha. Utilizava-se também o próprio bagaço das canas para a combustão. Próximos à caldeira, os montes de bagaço se amontoavam. Havia trabalhadores que vigiavam os termômetros a noite inteira, medindo o cozimento da garapa que era transformada em melaço. O caldo que saía das turbinas e retornava aos tanques, era denominado charopinho, um tipo de melado mais ralo: muito apreciado! Fez-se usual pessoas munidas de garrafas de vidro ou recipientes de lata, irem pegá-lo mediante ordem do gerente. O acesso até a moenda era quase livre para todos, que chegavam e enchiam seus canecos com a garapa que jorrava das engrenagens.

O trânsito dos carros de boi pela cidade transcorria com tranquilidade numa marcha lenta, típica desse meio de transporte milenar. Mas descer morros, com frequência se fazia necessário: havia um que fazia parte do trajeto até a usina. Nesses momentos uma estratégia se fazia premente:

desatavam-se os primeiros quatro dos seis bois que puxavam o carro, levando-os para a parte de trás para segurá-lo enquanto este lentamente descia. Acorrentados ao carro, ficavam “segurando marra”, para que ele não descesse morro a baixo desenfreadamente. Quando chovia, alguns acidentes fatalmente aconteciam, já que os morros ficavam extremamente escorregadios.

Com o advento da Usina São Marcos, fruto da transição da Refinaria para uma usina de fabricação de açúcar, uma chaminé para a primeira caldeira foi erguida, em meados da década de vinte. Esta primeira chaminé continha forma quadrangular, de tamanho e estilo diferentes daquela que a sucedeu, e que rompeu o início do século XXI possuindo formato circular, de altura mais proeminente, e que fora erigida ao lado da original. Esta, de base mais larga, ia afunilando até chegar ao topo, como a posterior, onde havia um para-raios. Esse obelisco fantástico continha, em sua parte externa, degraus de ferro da base ao cume para que fosse totalmente acessado; todo quadriculado pelos pequenos tijolos de sua estrutura sem revestimento. De cunho rústico, sólido e esplendoroso. Certa vez, Pedro, um jovem excepcional do bairro, filho de família distinta, foi encontrado agarrado nos degraus dessa chaminé, quando estavam procurando por ele, por ter fugido de casa. Retornaria algumas outras vezes para este seu perigoso refúgio, mesmo estando terminantemente proibida sua entrada desacompanhado, no pátio da usina. Foi demolida depois da construção da outra, ao seu lado. Aconteceu um incidente quase trágico quando esta primeira chaminé estava em processo de construção: um homem que nela trabalhava, certo dia, escorregou das alturas e caiu, resvalando seu corpo pela parede quadriculada de um de seus lados externos. Este homem não morreu devido à queda vertiginosa, mas suas mãos, seus pés e certas partes localizadas de seu corpo ficaram em carne viva!

Beneficiado, o melaço ia para tanques enormes, e lá ficava até açucarar. Destes tanques, era conduzido por canaletas até duas turbinas instaladas atrás das moendas. Nesse ambiente, era lavado e secado a vapor. No interior da turbina havia um ralo por onde, através da lavagem, o caldo do melaço saía, retendo a parte cristalizada. No final do processo, a turbina era parada e o açúcar retirado e levado para um armazém ao lado. Nos fundos da usina ficava a destilaria de álcool.

Da turbina, o açúcar saía pronto, jorrando para dentro dos sacos que os trabalhadores seguravam com firmeza, e era levado até o armazém e derramado num chão cimentado, preparado para recebê-lo, formando grandes montes. Desses belos montes brancos e doces, o açúcar era novamente depositado dentro de novos sacos, que eram pesados e então costurados manualmente com agulhas e barbantes. Num outro processo, antes de ensacar o açúcar, os sacos eram colocados deitados e, em cima deles, pressionava-se uma placa de metal furada com os dizeres de rotulagem, através da qual eram pintados com tinta azul. Isto ocorreu por um certo período, até que eles passaram a ser enchidos e costurados mecanicamente, quando também as canas já chegavam em caminhões dos canaviais, que eram pesados e, com um guindaste, os grandes feixes eram suspensos das carrocerias e depositados em pilhas debaixo de uma estrutura coberta; aqui, o guindaste se movimentava e distribuía os pacotes de cana empilhando-os no chão, para somente então esses feixes gigantescos de cana, amarrados com cabos de aço, serem retirados pelo guindaste noutra momento, para o transporte até a esteira, que se posicionava debaixo dessa estrutura coberta por onde o guindaste se movimentava, indo até as moendas, um pouco afastadas desse grande

depósito de canas, debaixo de outra estrutura coberta, onde ficava todo o maquinário da indústria. Isso, ainda mais à frente no tempo.

Voltando aos sacos de açúcar, estes eram, do mesmo modo que os feixes de cana, empilhados e, quando retirados do armazém, levados para a estação da estrada de ferro. Utilizaram-se as duas carroças de propriedade da usina, sendo puxadas por dois burros de nome Estrela e Bonito, no início do empreendimento, desde a refinaria de açúcar. Estes, depois de aposentados, ficaram num pequeno pasto, no quintal da usina, até morrerem. Um dos carroceiros, sr. Jamil, trabalhou também na empresa até seu falecimento. Estas bestas de carga, de tão acostumadas com o trajeto da usina até a estação de trem, algumas vezes, se deslocavam sozinhas, tanto para irem, quanto para voltarem. Nesses casos, alguém já as esperava com suas doces cargas para transportarem-nas de Toulouse pelo trem de ferro. Estivadores truculentos em certas ocasiões, devido a à forte demanda que não era cumprida em tempo hábil pelas carroças, levavam em seus próprios lombos os sacos de sessenta quilos de açúcar, a pé, para a estação. Íam e voltavam à usina algumas vezes para continuarem a levá-los até que a encomenda fosse cumprida devidamente.

Em frente à usina S. Marcos havia um brejo com somente algumas casas que davam de frente para a Rua Luiz Bertrandt e para a própria usina. cujos fundos faziam limite com um pasto para bois. Num dado momento, com o progresso da empresa, Alex comprou o terreno de pasto e as casas, as quais derrubou e construiu outras no mesmo lugar, no intuito de alugá-las para seus próprios empregados. Ele sempre almejou vê-los morando perto da usina, por motivos óbvios. “– Me lembro da Casa de Assistência funcionano numa casa velha, onde era um puteiro antigamente”. Rita fundou esta casa em prol de suas obras filantrópicas, para dar vazão à grande vocação para servir. Logo em frente, depois da rua, ficava o terreno onde seria erguido um grande pavilhão que abrigaria diversos departamentos da usina. “– ...quando eu era ainda bem menino, as vez, chegava até na porta e via o movimento das mulher oferecida, elas ficava debruçada nas janela chamano a gente...” Depois que a casa começou a servir à causa de Rita, Honório passou por lá, novamente chegou até a porta, e viu uns meninos tomando banho de bacia na sala, ao invés dos meretrizes se oferecendo aos passantes. No terreno, que seria depois o Bairro S. Marcos, ficavam vacas e bois pastando por uma área que tomava toda a grota, até Alex plantar ipês e angicos em sua parte íngreme.

Rita, de traços finos e delicados, tez branca e lisa, olhos claros e vivos, grandes e dissimulados, de compleição abundante em sua juventude e magra com o passar dos anos, era alegre e comunicativa. Vestia-se muito bem, deixando claramente demonstrada sua vaidade. Ela e Alex levavam uma vida movimentada, com muitas viagens, principalmente para Besançon, e mais raramente para a Europa. Usava um único, mas elegante, chapéu para as viagens e, certa vez, chegando à Toulouse foi abordada por seu tio Silvino que lhe disse: “– Minha querida, você está se

enquadrando na história das duas comadres, uma dizendo pra outra: ‘– Comadre, há quanto tempo não nos víamos, hein? ...mas eu a reconheci de longe pelo chapéu!’” Depois deste comentário irônico e sarcástico de seu tio, comprou imediatamente um novo chapéu e passou a exibí-lo com orgulho e altivez. Mulher bonita e vistosa, fazia muito sucesso entre os homens. Certo dia Alex estava passeando no jardim da praça em companhia de um senhor de S. Caetano, que foi à cidade para assessorá-lo em algum assunto referente à usina. Rita passou dissimuladamente por eles, exalando seu perfume e sua sensualidade naturais, despertando as atenções do homem que disse: “...acho que vou me mudar para Toulouse... aqui tem mulheres muito bonitas!...” Dois dias depois Alex o convidou para almoçar em sua casa, e aquele, ao ser apresentado a Rita como sendo a esposa deste, ficou constrangido, envergonhado, desajeitado, perdendo até o apetite. O comentário irônico de Alex: “ - foi melhor assim que ele comeu menos”. Três flagrantes vocações de Rita que eram levadas a sério: a culinária, o cultivo da terra e o serviço social. Da terra extraía a matéria prima para a confecção de cardápios absolutamente fantásticos, invejáveis, além das quitandas famosas.

Havia uma cerca de bambú ao redor da casa com um portão, atrás da usina. Um empregado efetivo trabalhava permanentemente na horta e saía com uma cesta vendendo as hortaliças ou os outros produtos feitos em casa, muito apetitosos! Vendia para terceiros, fora dos limites da usina, e também para os funcionários desta, sempre descontando nos seus salários: hortaliças, leite, goiabada cascão, broa de fubá, doce de leite, e outras iguarias, que ela mesma e suas ajudantes faziam. Usava latinhas de manteiga e outras como formas para as broas e os doces. O doce de leite era vendido num copo de vidro por oitocentos réis. Cristiano diz: “– Era muito gostoso!”. O porão embaixo da casa, este o conheceu, quando já haviam se passado quatro anos desde que começara a trabalhar na usina. Era muito prudente e consciencioso. A janela da cozinha ficava em cima de um poço. Havia a bomba para puxar água do rio: de quatro polegadas que levava água para a refrigeração do vácuo na usina... Depois, passou-se para uma de onze polegadas para uma produção três vezes maior de açúcar.

François era de origem pobre. Sua infância foi marcada pelas obrigações que sua família lhe impunha como forma de repartir o fardo de seu provimento: “– Eu ia muito na usina S. Marcos panhar casca de pau da madeira pra queimar, no fogão a lenha da minha mãe... ia na carpintaria com um carrinho de mão, pegar serragem pra queimar no fogão... lá em casa nós não tinha condição... aí ia lá na moenda e tomava muita garapa!...” Armavam-se expedições de incursão aos matos já consagrados pelo conhecimento popular como sendo os mais auspiciosos quanto à oferta de lenha. Numa viagem destas, de uns quatro quilômetros do bairro na periferia da cidade onde moravam, saía uma leva de trinta ou mais pessoas. Os mais velhos vigiavam e orientavam os mais novos. “– O pessoal levantava de madrugada e ia buscar lenha nos mato, andava bastante. A gente ia a pé, aquela porção de gente... Entrava descalço no meio do espinho... Tinha os ponto de parada, as mina. A gente botava os feixe no chão e cortava aquelas folha grande de inhame e pegava água. Não tinha água encanada, era só numa rua.

Tinha um quilombo no Córgo Preto... tinha muito café, aquela gente de lá, dos Mariano, quebraram tudo! A gente carregava os galho dos café pra queimar, das tosseira que eles rancava pra plantar cana; esses galho era bom pra carregar, dava uns feixe muito bom: a gente ia satisfeito, ninguém recramava... a gente tava habituado a fazer isso! Era tudo descalço, eu fui pra escola descalço! Era ruim pra andar no meio do capim-gordura porque ele era muito fechado e armazenava muita água!”

Dona Maria: “– Dona Rita era uma pessoa muito boa e simples. Ela ajudava muito os pobre... Esse pessoal das usina andava em dificuldade quando saímo da roça e viemo morar em Toulouse. Seu Alex e Dona

Rita, coitados... a Casa Souza e Silva até cortou o crédito deles! Os usineiro morreram tudo pobre! Dizem que...

O jardim aqui da cidade era tão bonito! Era cada árvore alta, lindas! O coreto antigo... Cabava a missa às dez da manhã, o homem ficava rodando prum lado, as mulher pro outro... Era baile todo dia, só na segunda é que não tinha. Começava as duas da tarde, era muito familiar. Era baile à japonesa, à mexicana, o pessoal ia mais ou menos trajado... os baile de Toulouse era muito chique! ...tinha muita ordem. Os baile dos preto era no Cine... no último dia do carnaval eles entrava de mão dada no clube dos branco e rodava e saía...

Fazia doce pro ano inteiro, enchia muita lata! Tinha umas caixa que enchia de goiabada, caixetinha... A vovó lá na fazenda fazia pro ano. Minha tia não gostava que ninguém pegasse antes do almoço. Meu primo ia abrino por baixo e pegava pra ele. Ela quando pegava a caixa e ia cortano o doce pra por na mesa, ele falava: ‘– éh mamãe, nós tamo quase encontrano!’

Em Toulouse teve uma época que faltava moeda. Eles davam vale pra gente... padaria, farmácia... não tinha troco! Qualquer coisa cê voltava com o vale e comprava qualquer coisa depois!...”

François: “– As moenda dos Bourdon tinha mais ou menos uns sessenta centímetro, já a da usina Jacques Ledoux tinha um metro e vinte... enquanto na usina dos Bourdon tinha uns vinte homem pra botar as cana na esteira, na Jacques Ledoux já tinha guindaste e ele jogava as cana direto na moenda. Ela aproveitava até os bagaço das três moenda; esse bagaço caía numa esteira que levava direto pra fornalha.”

“– Não tinha água encanada nas casa. Ês fazia o buraco no chão e pegava água na corda. Marrava o balde numa corda e jogava no fundo do poço. Assim que ele enchia puxava pra cima. Era água pra lavar roupa e pra cozinhar. Aqui na usina tinha um poço artesiano do seu Alex e tinha muita carroça de burro (de um burro) que colocava a água num tambor e fazia frete. Ligava a bomba e enchia o tambor num cano de plástico. Aí quando chegava no lugar de descarregar a água, o carroceiro puxava ela com a boca, com uma mangueira que ele carregava...” Retirava-se água deste poço na usina, durante o dia e à noite, sem que Alex cobrasse pelo bem. Porém, através dessa atividade, algumas pessoas lucravam: os carroceiros, que atendendo à necessidade de parte da população por transporte dessa água até suas casas, cobravam pelo frete que realizavam. Ao iniciar a safra, Alex suspendia a retirada e ela passava a servir exclusivamente à usina, que demandava bastante desse líquido precioso.

“– Na fazenda Rio do Peixe tinha lavoura de café. Pé de café mais alto do que essa casa! Depois, marrava corrente nos pé de café e tirava com quatro junta de boi...” Para a formação de uma muda de café, eram necessários alguns grãos e um caixote pequeno com terra, sem fundo. As madeiras preferidas para a feitura dos caixotes eram as mais macias, retiradas das matas abundantes da região e que aceitavam ser pregadas com facilidade. Para o plantio, fazia-se uma cova de um palmo ou mais de profundidade e depositava-se a muda. As chuvas eram intensas e fartas, e muitas vezes carregavam ou danificavam estas que, nos caixotes, resistiam mais à sua ação lixiviadora. “-...E tinha muitas qualidade de café. Tinha café catu, que dava uma árvore pequena, mas dava uma roda assim!... e tinha muitas qualidade de mÍ tamém, de pé grande, pequeno...”

o pequeno é mió. O sole não mata ele. É forte. Ele dá espiga e caroço. O outro, só dá caroço!... o pequeno dá granado. O grande cê puxa e tá tudo chupeta... que não tem nada. O pequeno se fartá água não deixa de dar. O feijão é prantado depois que colhe o mí, em janeiro, fevereiro: o feijão é três água: uma pra prantá, outra pra dar flor, e outra pra cozinhá pra comer!... há!...há! ... chovia bem... depois o tempo descontrolou...”

Toulouse contava com pouco mais de seis mil habitantes durante a primeira metade da década de 20. Os processos eleitorais se resolviam nas urnas: os habitantes dos pequenos povoados vizinhos iam à cidade para deixarem seus votos. Demandas judiciais para definir a jurisdição de áreas de terras vizinhas ocorriam com certa frequência envolvendo Toulouse e suas cidades fronteiriças. A água encanada abastecia somente o centro da cidade. Descia da Serra Bonita dentro de um cano de ferro sob a linha do trem. Quando este descarrilhava ou quando havia algum outro problema de menor proporção, acabava-se a água. A cidade esperava dias, semanas ou até meses a fio para que o problema fosse sanado e ela voltasse. “– Já candieei muito boi: eu puxava de carro de boi. Tinha que passar dentro do rio pra ir pra usina, com os carro carregado de cana. Depois que passava no rio, os boi não guentava subir um morro pra ir pra usina. Os carro tombava. Quebrava os fueiro tudo! Tinha que carregar as cana que caía no chão, no braço. Os boi saía pro meio do canavial... quando chegava na esquina da venda, o carro tava pesado, os boi de coice não guentava, ia no barranco. Os boi não guentava fazer a curva, aí tinha que tirar os quatro boi da frente e deixar só os dois boi de coice. Rumava um calço e botava na roda, senão na hora que ia puchar, ele ia pra frente... era só pro carro virar, parado. Era difícil porque na hora de virar, os boi mexia, não ficava parado. O calço saía. E só tinha o carreiro e o candieiro... aí tombava porque não tinha uma pessoa pra ficar na frente dos boi, segurano... tombava e caía as cana tudo! Quebrava os fueiro tudo”. Nessa curva em particular, na chegada da usina, o espaço era estreito e cabia somente um carro de boi por vez, devido aos dois muros de terra que limitavam a estrada de chão escavada no morro. O carro, muitas vezes, era parado no meio da curva ante a necessidade de avaliar a passagem estreita. Nesse momento,

quando sob chuva, os bois patinavam no barro; algum sempre caía e quebrava seu canzil. Este ia enforcando-o. “– Antigamente vinha era dois homem tocano o carro, não tinha menino não! ...ele caía, o canzil começava a apertar no gogó dele... e pra tirar ele dali? Tinha que cortar a brocha de couro que ficava por baixo do pescoço do boi... e dois homem pra pegar na ponta da canga, pra levantar pra folgar pro boi... o canzil era feito de madeira dura, não quebrava fácil! O outro boi que era pareado com ele ficava suspenso! O outro lado baixava, o peso ficava só no pescoço dele... ele pavorava e cabava caino tamém... uns até morria enforcado... a usina tinha muito carro de boi. Eu fiquei muito tempo sem assiná carteira, recebeno por fora, né?...”

Os trabalhadores, em sua maioria, residiam em casas alugadas, espalhadas pelos bairros da cidade. Os que moravam mais distantes acordavam cedo para percorrer a pé um longo trajeto até a usina. Poucos possuíam bicicleta. As noites de moagem entravam por seguidas madrugadas adentro e os que assim trabalhavam sofriam a penosa ação do frio. Alguns faltavam ao serviço em virtude de certas adversidades tais como brigas de casais, bebedeiras, etc. Quem faltava era substituído pelo primeiro da fila de espera, formada todas as noites no portão principal do pátio. “– Às vêis machucava alguém tamém, aí o outro ficava mais tempo... às vêis o sujeito entrava bêbado pra trabaiá, caía, quebrava o braço, a perna... acontecia sempre! Usina é perigoso, e trabaia muita gente!... é arriscado! Aí quando machucava levava pro hospital, era só lá que atendia. Chegava lá não tinha médico e o sujeito ficava esperano até de manhã, o dr. Carlos Magno. Tinha o Dr. Silvério, da usina Jaques Ledoux. Ele ia num automovelzinho que ia em cima da linha de trem... ou então ele ia de cavalo atender na roça... tinha doutor que tinha medo de montar nos cavalo! Ês pedia tudo enquanto é coisa na roça pra tratar dos doente do hospital: abóbra, galinha... e os empregado do hospital botava as cangalha nos burro e ia pedino o povo na roça...”

Alguns contavam a respeito de uma mulher que fazia milagres. Vivia no meio de uma mata, numa choupana de sapé. Lugar muito visitado por gente de toda parte, à procura de cura para os males que os afligiam. Diziam ser santa, ficava sempre escondida em seus aposentos e somente aparecia para seu público para lhes imprimir suas bênçãos e seus chás milagreiros. Ela, em certo momento, indicava o mesmo chá para todos os que estivessem presentes à sua reza, e todos ficavam bons com as misturas de ervas. A santa não sabia ler. Mantinha seus cabelos alvos descendo até quase os calcanhares. Ergueram em sua honra e memória, algumas capelas na cidade. Foi cultuada fervorosamente por aqueles a quem ela havia auxiliado, assim como os da geração sucessora. “... – Benzedeira boa... ela divinhava! Morreu com cento e vinte ano! Fez muito milagre. Vinha gente tamém assim, só pra ver o movimento... Teve uma vez que um rapaz lá de Belo Campo, ele tava capinano, e com pobrema... a mãe dele chamou ele pra ir ver mãe Manoela e ele falou: ‘– Ir lá na mulher cabeluda, pra quê?’ Ela divinhou e falou com ele: ‘– Vêi vê a cabeluda?’ O terreiro dela ficava cheio de gente. Dois homem deixaram os cavalo mais em baixo e foram lá: ‘– Ôh mãe Manoela, cês ajuda nós que nós vêi à pé de muito longe!...’ Aí ela falou: ‘– Cês vêi à pé, cês vão vortar à pé!’ Quando ês chegaram mais em baixo, os cavalo dêz tava morto, ês tiveram que levar os arreio nas costa! A gente nesse mundo não pode abusar de nada não...” O terreiro de sua morada era frequentado diuturnamente também por muitos que acompanhavam os enfermos ou aflitos à procura de suas rezas e ervas miraculosas. Gente de lugares distantes, que diante das circunstâncias precisavam almoçar e jantar. Como mãe Manoela ganhava presentes de todo tipo, sobretudo mantimentos e víveres, até mesmo bois, o fogão a lenha do quintal

alimentava os famintos de todos os lugares ali presentes. Curou incontáveis pessoas ao longo de sua extensa existência, pois era seu destino, sua missão, a qual se dedicava cotidianamente. “... – Qualquer pobrema que a pessoa tinha, ela fazia oração e punha a mão na pessoa, a pessoa ficava bõ mesmo! A lavoura tamém, né? Às vêis chegava uma pessoa e falava com ela que a prantação tava ruim, aí ela melhorava a prantação da pessoa. Tinha aquele cabelão que ia até quase no pé! O cabelo dela não crescia mais não. Ela tava de idade e parecia gente novo. Comia igual a gente mesmo, ela gostava é de carne de galinha... Tem outra: O cara era mudo, sabe? Foi pra vê se meorava, né? Aí chegou a hora dela atender ele e ela falou: ‘– O que cê vêi fazer aqui, meu filho?’ Aí ele falou: ‘– Eu não falo!’ E falou e continuou falano.”

Mãe Manoela cultivava uma vida simples. Atendia a todos até o sol se por. Trabalhava também plantando milho e cana e, em determinada época, apareceu com um engenho onde passou a fazer rapadura. Seus produtos eram prontamente vendidos, mas ela distribuía entre os necessitados todos os seus parques rendimentos. Amanheceu certo dia doente e em três dias faleceu. Seu enterro foi um episódio ímpar! Nunca se havia visto tanta gente assim aglomerada! Um corredor humano estendia-se de seu sítio na zona rural até o cemitério na zona urbana. Em torno do esquife, uma movimentação tal, parecendo um redemoinho, porque muitos queriam carregá-lo; como se fosse uma abelha rainha sendo cortejada pelas suas operárias todo o tempo. Sempre com suas ervas, seus presentes e muito assediada. Havia iniciado sua missão em lugar certo, o mesmo onde terminaria: no meio do terreiro, fincou uma cruz de madeira... “– Quando uma pessoa benze, vem gente contra né?, que quer trapaiá. Ela já foi presa por causa de querer benzer, começou a parecer muita gente... Em pouco tempo ês tiraram ela de lá! Foi muita gente pra delegacia fazer vigília do lado de fora.

De primeiro fizeram uma igrejinha de talba lá...”

Flávio começou a estudar aos sete anos de idade e foi forçado a sair da escola aos oito, quando ingressou no mundo do trabalho rural, para sustentar a mãe e duas irmãs, devido à morte precoce do pai.

“ – É muito ruim não estudar viu! É a coisa mais triste que tem pra uma criança. Eu passei por isso e acho assim. Graças a Deus, eu estudei todos os meus filhos. E tenho dois neto estudando em Belo Campo e dois em Ouro Cinza. Meus dois avô era lavoureiro, empreiteiro, ou contratista de café. O sujeito ia trabaiá em fazenda e fazia contrato de formá lavoura de café de tantos pé. Eu já ajudei a prantá café. O contratista pegava uma terra que o patrão arava e dava as muda...” Segundo o que contavam os avós de Flávio, como não se faziam canteiros de mudas, estas eram apanhadas pelas turmas de trabalho, dentro das matas, onde nasciam devido à ação disseminadora de pássaros e morcegos. Estes comiam as sementes de café nos cafezais e as expeliam em seus excrementos, nas matas, onde nasciam as mudas. Flávio, como candeeiro de boi, buscava mudas nas matas do sr. Phillippe Lainé e nas de outros. Quando as mudas se tornavam escassas em determinado lugar, buscava-se noutra. Barganhavam-nas entre si de acordo com a necessidade dos fazendeiros da região.

“ – Nós formamo uma lavoura de cento e vinte litro de café... Eu busquei muita muda pra prantá na fazenda do seu Lainé... eu buscava jornal e fazia mandado. Depois, fui embora pra Pedra Bonita. Eu desentendi e borreci com o patrão. Rumei morada pra nós e fomo trabaiá em fazenda de mii, cana e fumo; tinha arroz tamém. Fui de uma vez com minha mudança nas costa. O novo patrão era parecido com o seu Lainé, seu José Marcelino... Ês batia nos empregado... Eu fazia rapadura e cachaça. Tinha catorze cachorro grande lá... As semente de café era prantada na cova:

30 x 20 cm: desce uns 25 a 30 cm e bota meia dúzia de caroço. Prantava numa das parede da cova pra dá sombra pra ele. E prantava uma cabecinha de taioba, que saía depressa e dava sombra pra muda de café...”

Flávio se lembra de como se fazia rapadura: “– Era uma tacha grande de cobre. Pega um carro de boi de cana moída. Ferve essa garapa, espuma, retira a espuma todinha... todo o cuidado tá nocê retirá toda a espuma... Ela vai fervendo e cê vai espumando com uma espumadeira de cobre grande. Ruminhol era uma concha que pegava a massa dentro da tacha e colocava na forma. Aí, eu não guntava, tinha só treze ano! O ruminhol pegava dentro da tacha a massa que dava três rapadura de 1kg e duzentas grama. No lugá que tem porco pra engordá, pega a espuma e leva pra ês beber. Ês adora!! Rapadura queima a gente muito, ela espirra da tacha! ...Tem segredo pra fazer certo o fermento, o cristal do açúcar... são coisa... segredo... principalmente na mecânica de moenda... não tem nos livro... dentro da montagem da moenda, cê é que tira coisa da sua cabeça e coloca lá! Eu só deixei de ser candieiro aos treze ano. Os menino começava com oito ano e ia até os quinze, mais ou meno; aí ia pra turma, pra roça. Eu com treze ano de idade ganhava ordenado de homem na roça, que era dois mil e quinhento réis por dia. Em fazenda tudo era dois mil e quinhento réis por dia!”

Os rios que banhavam a cidade eram altamente piscosos: bagre, traíra, bocarra, cará, lambarí, mandi, etc. Quando uma enchente se apresentava e as águas do Ululu e do Bonito se espraiavam em aluviões, os pescadores se fartavam de peixes! Um equipamento, como um coador de um metro ou maior, era lançado à correnteza do rio ou mesmo nalgum poço que trazia à superfície duas dúzias de peixes... Certa vez o Ululu sofreu uma cheia tão intensa que suas águas se estenderam até a Esquina das Vedetes, até quase a Praça, passaram por dentro das casas que se encontravam às suas margens e subiram até alcançar as lâmpadas dos tetos... Algumas casas foram arrastadas pela fúria torrencial. Pescava-se muito nos fundos da usina. Na altura da ponte, o rio apresentava uma profundidade de seis a oito metros. Homens e meninos se deliciavam nos banhos de imersão nas águas do Ululu e, com certa periodicidade, alguém morria afogado indelevelmente, desaparecendo.

A usina de Alex era ainda pequena, com uma produção de cento e vinte toneladas a cada vinte e quatro horas. No período de safra, moía-se as canas durante tempo integral. Às vezes, um pequeno parafuso quebrado numa engrenagem fazia parar todo o maquinário. “– Em 1925 quebrava muita coisa lá! Às vezes, quando parava de moer por causa de algum defeito no maquinário, eu esfriava o corpo e não gostava, ficava parado...”

Marcelo: “– Eu, quando entrei na usina, ganhava trezentos réis por hora. Antes, fazia de tudo e ficava sempre sem serviço...” O pagamento aos trabalhadores na usina S. Marcos era efetuado semanalmente, sempre pela mesma pessoa, que exercia outra função ordinariamente. Havia revezamento semanal de turnos e, na semana em que se trabalhava de dia, ganhava-se dezoito mil réis e na semana que se trabalhava à noite, vinte e sete mil réis. No turno da noite costumava-se trabalhar mais horas do que no turno do dia. Pagava-se por hora, aos torneiros mecânicos, dez mil réis, aos pedreiros, sete mil réis, aos eletricitas, de seis a sete mil réis... Havia os encarregados do trabalho de cada sessão: na sessão da esteira, uma turma durante o dia e outra durante a noite; na sessão de caldeiraria trabalhavam os “cabos de fogo”, nome dado àqueles que faziam o fogo nas caldeiras, que eram em número de dois ou três. Flávio começou colocando, de forma braçal, canas na esteira e, com o tempo, além de se tornar exímio artífice do reparo dos equipamentos pesados, trabalhou em várias sessões, segundo as necessidades que iam surgindo a cada momento. “– Não tinha horário certo de trabalho também. Qualquer coisa que acontecia... pra consertar... eles ia me buscá em casa: pra consertá um registro, uma válvula, e buscava o Ronaldo pra ajudá... A minha sessão mesmo era de prantão.” Houve um tempo em que Flávio estava trabalhando à noite e dormindo durante o dia, mas bastava algo da parte mecânica começar a não funcionar bem, o que acontecia com certa frequência, mandavam-no buscar em sua casa de imediato. Havia sido aprendiz do mecânico de máquinas, Ricardo, que fora embora. Seu lugar, mais tarde, seria ocupado por Ronaldo, pois iria se mudar. “– Conforme o compromisso que eu tinha com o trabalho, pedia alguém pra ficar olhando e ia até em casa pra armação rápido e vortá...” O trabalho de colocação

das canas na esteira, que era desempenhado por oito trabalhadores, não podia parar. Quatro iam almoçar de nove às dez e os outros quatro, das dez às onze horas. Remanejavam-se ainda outros homens de outras sessões, a fim de que mais dois fossem substituir os quatro que estavam almoçando. O engenho moía por todo tempo durante a safra toda, de maneira que não se parava de colocar canas na esteira. “– Em 1925, quase todos os trabalhador fazia hora de armoço. Rumava um jeito... um substituino o outro, até que todos armoçava. Eu não tinha hora porque não tinha quem ficava no meu lugá. Alguns levava o armoço já de manhã, outros deixava pros seus filho ou mulher levar a comida na hora...” A comida usual consistia de arroz, feijão, farinha e alguma verdura. Havia aqueles que não podiam comer carne todos os dias, a maioria, outros não comiam por questão de economia.

José Fernando trabalhava somente na safra. No período de conserva, batia pasto e era servente de pedreiro, dentre outras coisas, fazendo de tudo para sobreviver. O destino lhe agraciara com um corpo bem formado e robusto. Durante a safra, seu lugar já ficava reservado como estivador no armazém. Ele e mais seis homens troncados carregavam, nas costas, os sacos de 60 kg de açúcar, empilhando-os e descarregando as pilhas, abastecendo as duas carroças de burro da usina e dois pequenos caminhões que saíam para realizar vendas do açúcar nas casas comerciais da cidade e de Lídice. Também enviavam o açúcar para Lídice via estrada de ferro. Zé Fernando era quase sempre deslocado para a lida de colocar canas na esteira, que os carros de boi despejavam no chão. A usina moía pouca cana e seu equipamento industrial sofria a ação de intermináveis remendos. Ricardo ainda era o mecânico, montava os engenhos e consertava o maquinário quando este dava algum defeito. Muitas vezes, saía de sua casa correndo, vestindo as calças, porque quando alguma peça quebrava e emperrava todo o processo, a usina não podia ficar assim parada, sob pena de desencadear prejuízos em diversos setores direta e indiretamente envolvidos. Às vésperas do período de safra na região, um senhor, proprietário de uma usina de açúcar pouco maior que a de Alex, surge assustado à presença deste. Seu mecânico o havia abandonado com muitas peças do engenho desmontadas no chão: haviam se desentendido e o homem sumira. Alex, indulgente para com seu igual, “emprestou” Ricardo para montar o engenho do homem numa cidade a cem quilômetros de Toulouse. Este voltaria algumas vezes para Alex, mas preferiu se juntar ao outro usineiro que, provavelmente, o agraciou com melhores rendimentos. Flávio então assumiu o posto vago.

Quando Vincent começou a trabalhar na usina em 1927, aos dezesseis anos de idade, foi muito discriminado devido a sua idade precoce, principalmente por seus colaterais, que o tratavam com indiferença e desdém; não o queriam em suas frentes de trabalho, dentre outras coisas, pelo fato de pensarem que teriam que se despendar mais nas tarefas para compensar a inexperiência e a carência de força física de Vincent. Começou como tantos, em época de safra, colocando as canas que provinham dos canaviais na esteira. Na entressafra, trabalhava como auxiliar na indústria. Também foi cedo na vida para o armazém, transportar nas costas os sacos de 60 kg de açúcar das pilhas até as carroças de burro e os dois caminhõezinhos. Ficava sozinho na vida e, por isso, submetia-se ao trabalho pesado e diligente mesmo sem possuir uma constituição física que o proporcionasse reais condições para que o desempenhasse com desenvoltura e sem muito risco. Sofria seriamente as consequências, mas precisava continuar; era remanejado de posto constantemente. Porém, mostrava a todos a sua incrível vontade, garra e determinação que o fizeram mais tarde conseguir se efetivar no emprego e ser respeitado e valorizado. O trabalho se tornou uma obsessão.

Alex era alto, de tez branca, cabelos pretos, curtos e lisos. Andava sempre muito limpo e bem arrumado, de barba sempre feita; usava, quando saía, terno de linho branco ou cinza. Em seu dia a dia na usina, trajava camisa de manga comprida; nem magro nem gordo, mas grandalhão. Seu cabelo fino e liso não era abundante; não que fosse careca, é que possuía pouco cabelo mesmo. Ele passava o pente no cabelo, deslizando-o até quase a nuca. Enérgico, mas tolerante. Julio, seu filho, seria também enérgico, mas pouco tolerante. Não cultivava a paciência para com seu pai, sendo ríspido com ele por qualquer motivo. No frio, Alex usava

muito uma blusa vermelha de lã com um casaco cinza por cima e um boné vermelho, além do cachecol. Numa certa noite, na usina, cobrou de seus funcionários que todos usassem, como ele, um cachecol para se protegerem melhor do frio intenso que se fazia. Vincent passou a trabalhar somente no período noturno, e como ele mesmo conta: “– Numa noite, eu tava deitado em cima dum monte de cana, com febre, meio zozzo. Ele foi, e me pegou pelo braço com outros dois companheiro e me levou pra casa dele na usina. E ele me aplicou uma injeção e me fez esperar meia hora pra eu ir pra casa. Aí eu fui embora e deixei um recado pra ele que tava tudo bem.”

Vincent tomava conta da turma de dez homens que colocavam canas na esteira. Todos gostavam muito do trabalho desempenhado por ele. Se não houvesse alguém nessa função, os homens não trabalhariam direito. A esteira partia da altura do chão, subia uns sete metros para que as canas caíssem diretamente dentro da moenda e possuía, ao longo de seu corpo, uma cobertura de zinco para impossibilitar que a água de chuva caísse no maquinário. Alex era o que menos dormia. Passava em revista a usina pela última vez à noite, às onze horas, ou à meia noite, ou à uma hora. De madrugada, mandava alguém o chamar. Vivia integralmente voltado para o universo do trabalho. Dia e noite, nos períodos de safra, lá estava ele. Era um lutador, e se não o fosse, não lograria êxito quanto a resistir a uma onda de falências e concordatas que assolou o país por volta do início dos anos trinta. Conseguiu reerguer sua usina às custas de seu tenaz e empedernido instinto de sobrevivência e de um agudo pragmatismo. Nesses tempos de forte crise, seu estado financeiro se tornou precário e incerto. Rita se empenhou em manufaturar camisas de saco de açúcar alvejado que vendia para os próprios empregados e para outras pessoas mais simples dos arredores. De sua horta e de seus fornos também saíam subsídios. Não fosse toda a estrutura industrial e a paixão de Alex pela usina, poderiam se aventurar pelo ramo da confecção de roupas. As peças do vestuário feitas com os sacos alvejados foram bem recebidas pelo público.

Na cidade, Alex frequentava um bar de um amigo seu, de longa data, o sr. Joaquim dos Anjos. Quando se via tomado pela fadiga e o estresse

mental das obrigações, desanuviava suas preocupações em algumas doses de aguardente, na companhia de Joaquim, que o ouvia empática e pacientemente. Este o compreendia, porque já havia passado pelo grande flagelo da falência de uma fábrica de bebidas, ele e seu irmão. Havia então montado um bar para tentar se restabelecer. Morreu repentinamente do coração, deixando duas famílias em conflito por sua modesta herança.

Em 1928, Alex adquiriu uma fazenda de cento e cinquenta alqueires de terras de café. Fazenda Santa Júlia, com uma sede imponente composta de um casarão de paredes grossas, de tijolos dobrados e portas, assoalho, forro e janelas de madeira nobre e o mobiliário quase todo de peroba rosa. Fora construída um pouco suspensa do chão, com aberturas para arejamento e utilização do porão, que funcionava como uma despensa e onde um adulto somente poderia adentrar de joelhos e curvado. Era o local predileto dos bichos, tanto os peçonhentos quanto os mamíferos e as aves, onde faziam seus ninhos. As crianças sempre vasculhavam esse local sombrio às escondidas, porque era um lugar terminantemente proibido para elas. As braúnas dos esteios, dos batentes das portas e janelas, das vigas de sustentação, impingiam um forte estilo colonial. Os cômodos de seu interior, mal divididos, faziam juz ao estilo da época em que havia sido construída. Uma cozinha imensa com um tanque grande de pedra incrustado na parede do lado de fora, prenunciava um quintal cimentado para a secagem do café. Um pomar de frutas variadas adentrava uma grotta e subia até o alto de um morro, contendo, dentre outras espécies, exemplares de mangueiras grossas, altas e velhas, cujas mangas doces, com seu sabor peculiar, serviam sobretudo para as mulheres transformarem-nas em doces, de barras ou pastosos. Deliciosos! Depois do pomar, uma área de mata nativa secundária abarcava o ponto alto do morro que formava a grotta. No pé da grotta, uma mina d'água escorria, passando ao lado da casa. Pelo quintal as criações andavam pastando soltas. Galinhas, patos, cabritos, porcos, e também os carnívoros de estimação: os cachorros que vigiavam e caçavam, os gatos manhosos e carinhosos e, às vezes, aparecia um filhote de algum bicho do mato que uma criança transformava em animal de estimação, como um coelho ou alguma espécie de pássaro.

O ônus da retirada do cafezal da fazenda ficou por conta de Alex. Os velhos e arraigados pés de café formavam verdadeiras touceiras. Correntes eram amarradas a duas ou quatro juntas de bois que puxavam um a um os pés, extirpando-os. Meses a fio esse trabalho fora feito, até que a fazenda fosse novamente inaugurada para um novo ciclo monocultural. Quando o terreno se mostrou limpo até o último pé de café, iniciou-se o plantio de cana e o advento dessa cultura. Os lavradores acordavam de madrugada e faziam suas comidas entre quatro e cinco horas da manhã. Colocavam-nas em caldeirões de alumínio e partiam para a lida. Alguns moravam na própria fazenda e outros iam até lá a cavalo, a pé... Trabalhavam de seis da manhã às cinco da tarde, com tempo de 54 minutos para almoçarem e mais 45 minutos para o café às 2 da tarde. O bombeiro, aquele homem ou mulher que nutria de água os trabalhadores no canavial, durante o tempo de almoço, era designado para esquentar as comidas de cada um numa fogueira improvisada cujo nome popular era “caieira”. Carregavam em suas cabeças os tarotes de madeira feitos na usina, com água que pegavam das nascentes. Colocavam um pano na cabeça para amortecer o peso do tonel e subiam e desciam os morros dos canaviais servindo a todos. Cada trabalhador com sua caneca: o bombeiro passava por todos abastecendo-os do líquido vital debaixo das irradiações violentas do sol. Quando chegava aos sedentos, descia o tarote da cabeça e colocava-o no chão. Então, de posse de um canecão, retirava a água e servia todos. Cada um deixava de lado sua enxada, estendia sua caneca de alumínio, extasiado e seco, suando desprotegido do forte calor, contando somente com o chapéu de palha inseparável, que também esquentava como tudo o que estivesse exposto à chibata escaldante do astro rei. Toda segunda-feira os bombeiros penavam ante a demanda por água que aumentava significativamente. No domingo anterior quase todos bebiam cachaça para relaxar e se descontraírem, mas às segundas a ressaca batia forte no peito e na cabeça, e a sede os consumia: a água se tornava o antídoto mais urgente que havia para saciá-la. Os bombeiros eram evocados, cantados, xingados... até que chegavam e então eram enaltecidos e louvados.

Aquele que se via velho ou doente, ficava por conta de sua família. Os desassistidos por estas desfaleciam à mingua, perambulando até cair

fragilizados e indefesos. Pelas calçadas das casas da cidade via-se um desfilar constante de tipos bem característicos, de uma pobreza crônica, que andavam ao lado daqueles bem estabelecidos e agraciados pela sorte com condições econômicas bem mais favoráveis. Os lavradores da fazenda de Alex eram assistidos por este e por Rita, que sempre os presenteavam com roupas e certos mantimentos. Quando de seus deslocamentos de sua casa na usina para a fazenda, esta trazia de volta víveres, produtos da horta que cultivava lá, esterco, lenhas já cortadas adequadamente para serem usadas em suas fornalhas, ou para serem vendidas. Estes produtos eram consumidos pelos moradores da fazenda Santa Júlia, gratuitamente.

Sebastião, com vinte anos, capinava e batia pasto nesta propriedade. Cortava o capim para que fosse fardado por uma máquina prensadora. Os fardos eram de 30 kg, armazenados para alimentar os bois que puxavam os carros nas épocas de estiagem, que coincidiam com a safra da cana; eram misturados com melaço e sal. As mulheres cantavam enquanto cortavam o capim que rolava morro abaixo... “– Eu morava no Rancho Azul e ia andano pro serviço. Tinha que tá lá às seis hora da manhã. Se chegasse alguns minuto trasado, tinha que esperá até dá sete hora. Eu nunca perdi hora! ... Seu Tito ia pagar a gente na roça. Saía da usina de cavalo com o embornalão na carcunda, e nunca ninguém saltou ele! No camim, tinha mato dos dois lado, aquês boqueirão, aquês morro...” As roças de milho garantiam o fubá produzido em moinho de pedra, tocado por um forte fluxo de água, desviada do ribeirão que cortava a propriedade. O fubá que saía das pedras que trituravam os grãos de milho, servia como nutriente para os homens e os animais, para as criações de porcos, patos e galinhas que habitavam os quintais. Sebastião cuidava da saúde de todos na roça e depois, quando foi trabalhar na usina: “– A turma que chegava na segunda-feira de ressaca... eu botava cordão de frade, são caetano, boldo, macaé e limão rosa. Socava tudo e passava num coadô. Ficava até espumano! Todo mundo bebia aquele trem!... onde é que eu vou eu levo uma mudinha de pacová comigo... eu prantei agora uma e cê precisa vê, tá uma beleza!... todo sábado eu vou pro matto pegá erva. Eu trato tudo o quanto há com pranta! Remédio de farmácia não presta não! É tanchage, cipó de são joão... tá tudo aí memo!... Um dia um home tava muito doente, de cama! Ês falava que ele ia morrer. Eu dei pra ele umas erva e mandei ele ficá enrolado num cobertô. Ele ficô tão queto que ês achava que ele tinha morrido. No dia seguinte ele levantou da cama!”

Sebastião era grave, retraído, observador. Numa noite de festejos de São João, quando o sanfoneiro fazia soar a música alegre, típica da região, presenciou um trágico incidente. Numa mesa de jogo, seis homens embriagados lançavam dados à sorte. Um deles, que já havia perdido algumas rodadas, começou a ser molestado por risos zombeteiros dos colegas e, num ímpeto de violência, acusou gravemente um dos adversários de haver roubado em todas as mãos que haviam sido jogadas. Num paroxismo de despeito e ódio súbitos, desembainhou uma adaga que trazia à cintura e “costurou” aquele que havia acusado à faca, fazendo o sangue esguichar. Um outro que tomou as dores da vítima, imediatamente pulou por sobre o arrogante esfaquiador e o nocauteou com um pedaço de pau, ferindo-o fatalmente na cabeça. No ruidoso tumulto que se formou, este desapareceu e nunca mais o viram. Foi incontente buscar um cavalo na estrebaria, passou por sua casa para apanhar seus pertences pessoais e desapareceu. Os dois mortos foram enterrados lá mesmo na fazenda sob uma horda de prantos de seus familiares inconformados.

Os meninos na década de vinte jogavam pião nos quintais das casas, no meio das estradas de chão... e piorra, que era um pião com carretel de linha; brincavam de cavalo com a “cana de milho”, a haste do milho sem a espiga, jogavam birosca e brigavam, como todos os meninos de todos os tempos. Zé Chico, quando ainda criança, plantava fumo na fazenda de Rubens Wilson, perto de Uludé; capinava cana; fazia rapadura como ninguém! Chegou a ganhar duzentos e cinquenta réis por dia, candeando boi e capinando, aos oito anos de idade. Seu avô trabalhava contratado em lavouras de café: “– Essa região toda daqui era de café. Era o forte da lavoura. O ordenado dos trabalhador era de duas prata de dez tostão e uma de cinquenta réis que ele recebia por dia. Por semana dava mais ou menos quinze merréis. Quando a lavadeira era muito boa e lavava muita roupa ela ganhava uns doze merréis...”

Onde haveria de se formar a Praça São Marcos ainda era um pasto, mas com muitas árvores, com ares de praça em formação, hábitat de bois e cavalos, rodeados pelas casas baixas, chalés e sobrados. A cidade continuava sem os benefícios do calçamento de suas ruas, obrigando seus cidadãos a terem que enfrentar barro e poeira. Os cavalos eram fartamente utilizados em sela, para uso individual. O trânsito de pessoas dentro da cidade era feito a pé, pelas ruas de chão e pelos escassos passeios de calçadas revestidas de pedra. Até que um dia os mais desavisados surpreenderam-se com a chegada de um carro a tração motora, para servir seus moradores como carro de praça. Trazia capota de lona preta, conversível. Tratava-se do Ford Bigode. Ao longo do tempo, outros carros do mesmo modelo foram aparecendo, até o advento do calçamento de algumas ruas. A Rua Jorge S. Camarões e a Rua Velha - importantes, centrais - ganharam uma capa de asfalto, tempo este quando já possuíam

calçamento de pedra fincada. E o movimento de calçamento das ruas da cidade, da pedra fincada passando ou não pelos paralelepípedos, até o asfalto, foi partindo do centro para a periferia. A Rua Voluntários da Pátria, também chamada de Rua Quebra Pedra, ganhou este cognome devido ao fato de que, em certa época, houve ao lado dela a instalação de uma máquina de quebrar pedras, onde havia uma pedreira, viabilizando o encapamento das outras ruas da cidade.

Alex adquiriu um carro a tração motora, um Nash cinza, antes de 1930, para passeios. Quando porém havia que pegar uma carga em Besanson ou São Caetano, acordava de madrugada e saía com um caminhãozinho que também adquirira nesse mesmo período, com seu motorista, Wander Ribeiro, homem muito religioso e bem humorado. Dirigia com maestria qualquer carro a tração motora e até guiava o caminhão com os pés no volante em vez de com as mãos, apenas para revezar o jeito, a posição; ou mesmo para se distrair. Mas quando na presença do patrão, mantinha-se irreprensível.

Alex, quando passeava pela cidade, divertia-se em desfilar com seu Nash avermelhado, muito confortável. Só que sua potência chegava às raias de ser comparado a um animal preguiçoso e fraco, a ponto de não subir sequer um pequeno morro com uma inclinação não muito íngreme, suportando o peso de algumas pessoas. Mas para trafegar dentro da cidade e em locais de topografia plana, fazia a felicidade de todos os que participavam de suas voltas muito concorridas pelas estradas de chão esburacadas, empoeiradas ou enlameadas. Era uma sensação! Muitas vezes, dado o volume de peso como o de umas cinco ou seis pessoas, meninos ou não, o carro não detinha forças para subir um pequeno morro que fosse. Todos então tinham que descer e empurrar. De vez em quando, algum piquenique: Rita levava uma ou duas cestas contendo suas deliciosas broas de fubá, biscoitos e doces de leite, de manga, sucos... Algumas vezes Alex e Rita íam com seus filhos, alguns sobrinhos e amigos, de caminhão, para um lugar especial que ela particularmente adorava: maravilhoso, no alto de um morro, às margens de uma mata, onde um pasto servia de hábitat para alguns bois. Este sítio pertencia a um amigo de Alex, sr. Alexandre, que fornecia cana para a Usina S. Marcos. De lá

do alto, sentados em cadeiras portáteis, todos avistavam ao longe uma malha azul escura de serra, a perder de vista. Os pensamentos flutuavam ao sabor do vento calmo e fresco: divagavam. Caminhavam por uma trilha que seguia para dentro da mata, até o local onde um jequitibá rosa, secular, deitava raízes profundas e erguia altaneiro sua copa numa altura admirável! Depois de alguns abraçarem a árvore e cantar loas à sua majestade, voltavam pelo mesmo caminho até o visual amplo e arejado se descortinar; sentavam-se em suas cadeiras e lanchavam, famintos e cansados. Rita nem sempre caminhava até o jequitibá, preferindo ficar relaxada, deitada numa toalha de mesa que armava sobre a terra, na entrada da mata. Maria, a empregada de confiança de toda a família, ficava com ela a lhe fazer companhia.

Joaquim dos Montes Rios, filho de comerciantes portugueses que se estabeleceram com uma loja de tecidos em Toulouse, desde cedo na vida, revelou forte gosto pelos animais. Candeava boi e, nas horas vagas, o que mais gostava de fazer era nadar no rio Ululu e se aventurar com os amigos para dentro do grande quintal do vizinho que cultivava um pomar invejável. Essa posse ficava na margem oposta do rio, de onde se situava, logo em frente, a usina de Alex. Joaquim espreitava os trabalhadores da usina atravessarem o rio para abraçar os pés pretos de jabuticaba, ou as laranjeiras carregadas de frutas, envergadas, ou as mangueiras, as goiabeiras, dentre outras árvores frutíferas. O terreno era imenso e o pomar continha várias espécies de frutas da região e exóticas. Sua mãe, excelente cozinheira, preparava para vender, todos os dias, quitutes como broas de fubá, de arroz, de melado... Havia muitas encomendas, e Dona Maria trabalhava arduamente para ajudar o marido a sustentar os oito filhos menores: cerca de três homens saíam diariamente para entregar as encomendas e vender pelas ruas; com tabuleiros de madeira com alça pra pendurar no pescoço, e toalhas brancas que cobriam os comestíveis, iam oferecendo àqueles que cruzassem o seu caminho. Joaquim e quase todos os seus irmãos estudaram no grupo da praça e chegavam sempre de carroça de burro. Depois das aulas, davam voltas pelo jardim com os amigos e as meninas, exultantes; a carroça saía da porta do grupo sobrecarregada pelo peso dos meninos que se dependuravam nela por toda parte. Muitas vezes, professores e outras pessoas, intervinham para evitar potenciais acidentes. Joaquim, o primogênito, certo dia teve que ingressar no mundo do trabalho braçal; fardo pesado que imperiosamente se interpôs entre ele e seus estudos, devido à doença da mãe: esta interrompeu suas atividades e caiu vítima de um mal desconhecido. A febre e o delírio da matriarca tornaram-se então intensos companheiros

de toda a família. As duas filhas mais velhas tomaram conta da mãe em tempo integral, até seu falecimento. Nesse ínterim, em 1928, Joaquim, aos dezessete anos, passou a fazer parte das hostes dos lutadores destemidos e infatigáveis, na lida do mundo dos adultos, como trabalhador na indústria de Alex. Sua primeira frente de trabalho foi colocar as canas esparramadas pelo chão, deixadas pelos carros de boi, na esteira rolante: processo inicial de entrada das canas na indústria. Trabalhava doze horas por dia, sempre de um lado para o outro, levando embaladas nos braços ou com os feixes nos ombros, as canas que eram jogadas na esteira. Depois de dois anos nessa labuta, foi transferido inesperadamente para ocupar outro posto, pela falta de um dos homens, que havia morrido. Eram então oito homens com ele, nas caldeiras.“ – Cada um tomava conta de uma boca, e um lá embaixo no cinzeiro, tirano cinza; quando apertava, a gente tirava um das caldeira pra ajudar... depois fui pras caixa de evaporação...”

Nos períodos de safra, pelas altas horas da madrugada, mesmo quando chovia torrencialmente, Alex estava atento a qualquer imprevisto que pudesse desencadear o emperramento das engrenagens. Quando a pesada estrutura parava por algum defeito, nas noites frias, quase geladas do inverno, ou sob intensa tempestade em outubro ou novembro, era imediatamente comunicado, assim como os mecânicos do engenho. Desencadeava-se uma batalha incessante até o momento em que o defeito fosse sanado. A indústria não podia parar sob pena de prejudicar cada processo que sucedia-se ao outro, num todo harmônico, que compreendia muito mais do que a soma de todas as peças da imensa engrenagem. A fábrica era como que possuía de vida, respirava, estava viva! Era o que todos sentiam.

Gaston Bardott entrou tardiamente para a empresa de Alex. Nascido em Toulouse, residia na zona rural com seus pais. Sua companhia na infância foram somente duas primas, com as quais brincava especialmente de fazer bolinhos de barro e depois colocá-los num buraco de barranco, simulando um forno; imitavam as broas de fubá que saíam em fornadas preparadas pela mãe e pela tia. O pai mantinha um pequeno canavial, do qual retirava parte considerável do sustento da família. Criavam galinhas, porcos, cabritos e, sobretudo, patos. A matriarca recebia encomendas para casamento e outras festas, que solicitavam uma gastronomia bem típica da região; ela sabia preparar como ninguém: leitoada, cabritada, galinhada e pato com arroz, suas especialidades. “– Tinha uma légua do centro da cidade até onde eu morava. Se precisava de um médico, tinha que levar dois cavalo, um pro médico... E quando morria gente lá! Não tinha estrada, era só trilho pros cavalo passar! Quando chovia, cabava tudo...” O trilho de acesso à cidade ficava completamente intransitável. Mas, sob a imperiosidade de ter que se enterrar o defunto, não havia outro meio senão enfrentar essas condições totalmente adversas. O caixão era improvisado com tábuas e pregos arrebanhados na vizinhança. Certa vez a chuva descia, enquanto quatro homens a segurar o caixão partiam numa jornada perigosa. Os escorregões eram quase que constantes. “– Um puxa pra lá, outro puxa pra cá... os prego não guentava, o caixão caía e o difunto rolava no barro! Aí tinha que por uma cruz onde o difunto caía do caixão. Quando chegava na igreja, pra encomendar o corpo, muitas vez o padre não tava lá. Aí qualquer um... o cemitério era só cercado de arame farpado, a gente tinha que furar a cova: pedia emprestado enxadão, pá... quando trazia o caixão de carro de boi, já trazia tudo pra furar a cova. Se desse enchente, tinha que passar dentro do rio... Onde eu morava... eu fui um dia pegar um cavalo meu no pasto,

e na volta tava lá um difundo dentro d'água, no corgo! Tinha dado enchente e o corgo tava muito cheio. Eu joguei um cabresto e licei o difunto. Eu marrei ele num pedaço de pau e vim falar com o delegado. Quando nós chegamo, o home tava pindurado pelo pescoço com um palmo de língua pra fora! É que a água tinha baixado... O delegado pensou que era eu que tinha matado ele! Há!... aí fizemo o caixão durante a noite..." O pai e a mãe de Gaston receberam propostas de Alex para que fossem trabalhar com ele. Rita precisava de mais alguém competente na cozinha para auxiliar Maria e Ana, enquanto Alex, que já conhecia bem o pai de Gaston, quis que este fosse para a usina consigo, como alguém de sua confiança. Mudaram-se então da zona rural e passaram a morar numa das casas da usina, no Bairro São Marcos. Gaston já havia completado a maioria e devido ao temperamento tímido e quieto, conseguiu um trabalho como ronda noturno da usina. "– Fiquei muitos ano direto sem falhar, fazeno doze hora só de noite, era carnaval, semana santa, toda festa... eu não falhei um dia em doze ano!... Alex tomava muito nesse tempo! Ele vinha na usina toda hora de noite. Ele entrava lá no escritório, abria o cofre, tirava muncado de dinheiro e deixava o cofre aberto! Ele voltava duas, três vez por noite pra buscar mais dinheiro... eu colocava a cadeira na porta e ficava lá tomano conta... isso na entressafra... os outro via alguém lá, depois de morto, atrás de mim, de noite... eu não via nada. Ês falava mas nunca vi..."

O homem que trabalhava alimentando com lenha e bagaço o grande forno, era comumente chamado de vapor, ou cabo de fogo. Em contato direto com a fornalha, as insuportáveis ondas de forte calor penetravam constantemente pelas narinas e bocas dos homens, que arfavam o tempo todo. Gaston, depois de ter sido ronda noturno, trabalhou neste posto altamente insalubre para preencher o lugar de um dos homens que nem tão raramente se ausentavam do trabalho em virtude de problemas de saúde. Uma esteira rolante pequena passava a uns três metros acima da cabeça destes, transportando bagaço que deixava cair perto da fornalha. Quando o engenho parava por algum problema, pela necessidade de continuar a fabricação do açúcar, quando possível alguns homens eram deslocados de suas funções e íam socorrer os cabos de fogo. Nessa hora o calor chegava a limites alarmantes, todos ficavam molhados de

suor e a temperatura de seus corpos subia consideravelmente. Suas energias eram exauridas pelo esforço repetido do contato com o calor insuportável!

“– Quando tinha cana demais entupia e não passava na moenda. Aí parava e tinha que tirar as cana com a mão... Ficava um homem na moenda. A hora que caía cana demais ele ficava com um pedaço de pau pra puxar elas. O que ficava em cima, pra cima da moenda, no breque, esse parava a esteira quando precisava; desligava a chave da eletricidade. Quando desocupava, ele ligava outra vez...” As consequências desastrosas advindas da parada ou quebra de engrenagens da moenda somavam-se, lançando seus tentáculos quase trágicos por toda parte. Os homens do campo que haviam plantado e cuidado de suas lavouras de cana, acabavam por perdê-las, ou ao menos parte delas, uma vez que os carros de boi ficavam estacionados em fila por tempo indeterminado em frente à balança da usina, à espera do momento da retomada da moagem. Às vezes o conserto do maquinário demorava dias e essas canas nas plataformas dos carros de boi deterioravam-se, assim como as que já estavam cortadas no campo esperando serem transportadas. “-O pessoal que prantava ficava no prejuízo. Ês não tinha dinheiro, aí na usina ês ganhava um saco de açúcar, dois... falava que era pra despesa... mas a primeira venda que ês achava, comprava comida pra levar pra roça; trocava o açúcar em troca de coisa de comer...” Além disso, tanto os animais quanto os carreiros e os candeeiros, padeciam de fome. Rita os ajudava. Alguns animais morriam. Uma cena desoladora.

“– O açogue só comprava o toicim do animal porque não achava quem comprava a carne. Uma família de seis, sete filho, comprava um quilo de toicim por semana e dez quilo de fubá. Arroz não. Não tinha dinheiro! Os dono da terra tinha a terra, mas não tinha dinheiro pra pagar os outro pra trabalhar pra ês. ...produzia só pra ês comer: milho, arroz e feijão. A carne dês era horta, mais uma criação que ês tinha nos quintal, macarrão, feijão e angú... Quando ês ia levar cumê pra mim eu falava: ‘– pode deixar em qualquer lugar porque se cai no chão nem cachorro come!’. Era sempre macarrão e feijão e angú, ou couve, feijão e angú. ...todos os trabalhador da usina comia isso. Os chefe, acho que comia

melhor, mas ês fintava todo mundo... nós não tinha crédito, não tinha jeito de dar prejuízo né?” Na safra, uma legião de pessoas de todas as idades se formava em frente ao portão principal da usina, portando o almoço dos trabalhadores. A comida era transportada num prato esmaltado, de lata, coberta por outro prato idêntico, ambos envolvidos por um pano branco, quadrado ou retangular, que era colocado numa superfície plana e, no meio deste, o prato contendo a comida tampada pelo outro. A pessoa segurava em duas extremidades opostas do pano e as entrelaçavam envolvendo os pratos: era dado um laço e um nó por sobre o prato que estava tampando a comida. Fazia-se o mesmo com as outras duas extremidades do pano. Dos nós saía uma pequena alça onde as pessoas seguravam e aí ficavam os talheres. “– Os home botava os prato no fogo pra quentá comida. De noite, ês botava na beira da caldeira. Assim que mornasse ês comia... tava cheio de fome! Era um lugar mais seguro pra criação não pegar. Vivia cheio de cavalo e boi no pátio da usina, ficava tudo sorto...” Havia um matadouro ao lado, “um fedor danado!”, chamado também de charquiada, onde os bois permaneciam dentro de um cercado precário e acabavam transitando pelo extenso pátio da usina, bastante atrativo por causa dos capins que cresciam inadvertidamente pelos cantos. Encantados pela visão das altas moitas de capim abundantes, saltavam o rio com frequência. As parcas e insuficientes cercas de arame farpado dos dois lados não eram aptas a frearem-nos em suas investidas para atravessar o rio e se fartarem. Este já sofria as consequências do seu lento assoreamento e se apresentava raso em certos locais, facilitando a travessia para os animais. “– Alguns até caía dentro do rio!... foi aí que eu comecei a comer carne. Todo dia quando eu largava do serviço, eu tocava os boi do pátio da usina pra lá... ês passava de vorta por dentro do rio... ês não fazia carne seca nem com o fígado nem com o filé: aí eu ganhava ês. Ês abria o boi e tirava a barrigada... Tinha o Zé Pé de Boi que pegava pé de boi, cabeça, e tinha outros que pegava tamém. E tinha um matador do outro lado da cidade, Morro do Calvário. ...Acharam um homem enforcado lá uma vez... lá enchia mesmo de gente. Dividia pra quem quisesse. Dava um trocadinho pro matador... o dono tinha que tá lá vigiano...”

Gaston aposentou-se como ronda da usina: era o que mais gostava de fazer. Depois do falecimento inesperado daquele que o ocupava, candidatou-se e foi recolocado. Passou sua vida adulta lá, sozinho na maioria das vezes, em noites frias e quentes, secas ou úmidas. Durante as chuvas a energia elétrica sucumbia: apagavam-se todas as luzes, instalava-se a escuridão. Nesse ambiente Gaston sempre se molhava porque era mister fazer a inspeção de toda a usina. “– Teve um dia que eu tava no portão perto do botequim. Tava chovendo muito. Aí pareceu uma mulher no escuro, tava tudo escuro... e perguntou se eu queria um café. Eu falei que queria. Ela sumiu. Aí pareceu com um copo de café quente e me deu e sumiu de novo. Nem esperou eu tomar pra levar o copo! Sumiu. Não sei quem ela é até hoje... teve outro ronda que falou que viu o seu Argemiro lá depois de morto. Ele tava lá no arto, no último andar das passarelas. Quando ele viu, ele quis correr mas as pernas dele não saía do lugar. Ele ficou garrado no corrimão da escada, de medo. Depois pediu pra ser transferido pro serviço de dia...”

Depois do período de colocação manual de canas numa esteira menor e mais precária, com o advento dos guindastes e de uma esteira maior, houve a necessidade de se arregimentar uma plataforma de madeira ao lado dessa última.

Posicionada no princípio e acima desta, exercia a função de suportar os pacotes de cana que, um a um, os guindastes iam deixando sobre ela. Três homens ocupavam postos aí definidos. De porte de um tridente de ferro, engatado num cabo de enxada provocavam e controlavam a caída de canas. Do depósito, que era uma plataforma de madeira plana, puxavam-nas com os ancos para que caíssem na esteira. O cálculo da quantidade que deveria cair na esteira era fundamental e condição “sine qua non” para que todo o processo de moagem ocorresse satisfatoriamente. Quando descia muita cana até ela, a primeira moenda emperrava.

Ao ingressar na usina, na primeira metade dos anos trinta, no período de safra, Zé Chico, aos dezenove anos, trabalhou no armazém com mais cinco homens, empilhando os sacos de açúcar, carregando as carroças de burro e os caminhõezinhos. Às vezes ia colocar canas na esteira. A usina moía pouco e os equipamentos eram precários; o conjunto de turbinas era constantemente reparado, remendado daqui e dali; comprava-se uma peça num dia, noutro dia outra e assim ia-se levando. Zé Chico propôs a Alex que trocasse a graxa do rolamento, porque a que havia não era apropriada e estava forçando o equipamento. “– Esse rolamento gasta muito porque a lubrificação não é própria pra isso. Essa graxa não dá pra levar essa turbina direito... vai 180 kg de açúcar... vai tudo pindurado nela...” Mas como eles não acreditavam muito no que Zé dizia que estava acontecendo, foi preciso esperar três anos para que um vendedor passasse por lá e fosse até o maquinário examiná-lo. E Zé, dirigindo-se ao vendedor e técnico no assunto, disse: “– Tão me culpano que eu não tenho condição... não tô trabaiano direito... o peso dessa turbina pindurada no rolamento que roda 1400 voltas por minuto...” Ele examinou o problema e dirigindo-se a Alex, declarou: “– O rapaz tem razão! A graxa pra aguentar esse peso só tem na Alemanha, e eles não vendem a graxa nem a fórmula”. Eram três ternos de moenda. Zé Chico sentiu-se lisonjeado e enaltecido. Foi para casa naquele dia em estado de graça: estava certo no que dizia durante anos, embora tivesse sido subestimado. Sentia-se dignificado por estar sabendo o que estava fazendo em seu trabalho: era competente e dedicado.

Dos dois lados do princípio da esteira, cobertos com folhas de zinco, situavam-se os montes de cana. Na época do frio, ficavam um pouco mais para fora, porque não chovia. Sempre às manhãs iam para o

escritório as informações que faziam parte do controle de todo o processo, entre elas: “– Quantos sacos de açúcar ia dar a cana amontoada lá, calcular quantos sacos de açúcar ia dar no xaropinho, de primeira e de segunda, quanto de saco de açúcar tinha em caldo...” A garapa saía da moenda com muito pó de bagaço. Os apreciadores, antes de degustarem seu sabor adocicado, passavam-na diversas vezes em algum coador, ou mesmo pelo coador de pano que ficava dependurado no local por onde ela saía. O meladinho também era muito requisitado.

Hilário Gabriel, empregado da usina que não gozava de muita saúde, vítima de um mal que o sujeitava a convulsões e acessos, talvez epiléticos, perdeu sua mão direita na moenda, entre uma e duas horas da manhã. Zé não quis que ele trabalhasse lá, mas este insistiu em ir. “– Parou o engenho e voltou a engrenagem pra trás e veio a mão dele cheia de sangue!...” Beбето ficou também sem sua mão direita por volta das dezoito horas do mesmo dia. Na moenda em que trabalhava entrava o bagaço da moenda anterior. Sua função era ajeitar a quantidade volumosa de bagaço com um pedaço de cana, para que ela adentrasse uniformemente à moenda no intuito de fazer com que esta “pegasse”, ou seja, não parasse por congestionamento ou por algum entrave. Sua mão ficou moída, e ele foi socorrido aos berros!

Carlos José Augusto vendia carne pra seu tio Rafael José M. Souza, que possuía um açougue na cidade. Não se costumava embrulhar as carnes. Carlos José colocava nove pedaços, todos de um quilo, num tabuleiro de madeira em cima da cabeça e um décimo pedaço ia segurado numa das mãos por uma alça de barbante. Ele vendia bastante, inclusive para fregueses certos como o Sr. Daniel S. Silveira, Dr. Alfredo, etc.

Na década de trinta os meninos brincavam no jardim da praça, que continuava com seu piso de terra. Jogavam birosca, pulavam corda (ambos os sexos)... No Grupo Escolar Silvio de W. Lannon e no Colégio Toulouse brincavam de peteca com rede, vôlei, pulavam corda e também havia a “peladinha” dos meninos. E em 1932, um sargento da Polícia Militar introduziu, como prática desportivana estabelecimentos educacionais, o futebol americano e também fundou um destacamento de Escoteiros na cidade. A sede deste funcionou no primeiro andar de um sobrado, onde se reuniam três vezes por semana. Passavam fins de semana na Ribeira, na fazenda do sr. Alfredo Augusto, desempenhando atividades. Em Marselha houve um encontro de escoteiros de várias cidades e os de Toulouse empreenderam uma marcha a pé até o Parque Silva Mello, nesta cidade, onde todos os grupos ficaram acampados, cada um em sua barraca. Demoraram de cinco a seis dias para chegar. Os rapazes, apesar de estarem exaustos, se divertiram muito e se lembrariam deste episódio por toda a vida, dada a expressividade dos acontecimentos.

O Clube Romano, de cunho social e político, marcou seu advento ocupando o segundo andar de um sobrado na praça. Seus fundos se estendiam até a linha de trem, onde se situava uma quadra para jogos de vôlei e peteca. Continha um salão recreativo para bailes e algumas salas de jogos de baralho. Nos bailes noturnos, os homens exibiam sempre paletó, gravata e chapéu. Raramente usavam barba e sim bigodes finos, rentes aos lábios superiores, bem aparados. Cada sala de jogos continha uma mesa com várias cadeiras, onde se jogava a dinheiro a noite inteira. Muita gente se viu repentinamente em estado de insolvência devido aos exageros a que se submetiam nas apostas. Os carnavais do Romano eram famosos. Executavam-se somente as músicas denominadas marchinhas, que eram deixadas de lado durante o resto do ano. Nesse período, contudo, tomavam conta do salão, alegrando e animando os fantasiados, sob chuvas de confetes e serpentinas. O carnaval de rua era muito inexpressivo. Na parte de baixo do clube havia um bar e ao lado uma casa de comércio de cereais. Em certa ocasião, houve a demolição do casarão antigo, sede do Clube, no intuito de se erguer outro prédio moderno no lugar, o que acabou não ocorrendo por falta de verbas. O clube tradicional então passou a não mais existir concretamente, mas somente na memória daqueles saudosos frequentadores e ex-sócios: foi um escândalo!

O Clube de Toulouse, também de cunho social e político, muito movimentado, teve sua sede igualmente no segundo andar de um sobrado situado à Praça S. Marcos. Possuía, como o outro, salão de festas e salas de jogos, sendo seu espaço físico porém, menor. O Romano pertencia à situação e tinha à sua frente, como líder, o Dr. Joaquim M. Silveira, e o Clube de Toulouse, pertencente à facção de oposição, o Dr.

Amauri N. Matodentro. Eram os dois maiores representantes políticos da cidade. Joaquim Silveira, homem público de renomado prestígio, foi para Toulouse assumir a Delegacia de Polícia; iniciou sua carreira política chegando à presidência da Câmara Municipal da cidade. Depois foi várias vezes deputado estadual e uma vez deputado federal e chegou a ocupar o cargo de vice-governador do Estado de Jardin. Acabou por se suicidar, temeroso acerca de muitas ameaças que havia recebido de inimigos ferrenhos. Do lado da oposição, o Dr. Amauri N. Matodentro, fez um longo trabalho. Seu filho, herdando a tradição política do pai, tornou-se um dos grandes prefeitos da cidade e um dos políticos de maior expressão no Estado. O cidadão que frequentava um dos clubes, necessariamente não frequentava o outro. Não se mudava facilmente de lado. Durante a primeira metade dos anos trinta, os cabos eleitorais, quando das eleições, levavam “seus” eleitores quase que diretamente à “boca” da urna e, com maior precaução, os eleitores provenientes da zona rural. Nesse período, Bertold era vereador e foi por dez anos secretário da câmara, por um mandato de quatro anos e outro de seis, respectivamente. O mandato de seis anos foi instituído prorrogando-se o de quatro, com o fim de se igualar a época das eleições para presidência do Estado e para a presidência da União. As eleições municipais, estaduais e federais, passaram a ter a mesma data, então.

Patric Bourdon frequentava o bar do Clube Romano que ostentava uma vista privilegiada para o que seria a praça central da cidade: o terreno de pasto, por onde cavalos ociosos perambulavam e pastavam, inclusive no campinho onde os meninos jogavam futebol. Ficava na sacada sentado sozinho ou acompanhado por Alex ou por algum amigo, apreciando o movimento – os irmãos de Alex haviam todos saído da cidade para tentarem a vida. Jogava-se a dinheiro a noite inteira; este nunca foi o caso da família Bourdon, que abominava essa prática perniciosa. Não poucos depauperaram seus patrimônios na mesa de jogo, e levaram à desonra e à desesperança suas famílias, como foi o caso de João, cidadão toulouseano. Certo dia em que estava com o ímpeto acalourado, somado à uma forte indignação e revolta por ter se desentendido com sua esposa, foi à bancarrota. Quis jogar e beber para esquecer a dor. O que não

sabia é que o destino lhe preparara uma peça mal fadada. Em seus rompantes de autoafirmação, levados ao grau extremo pelo fogo de sua desorientação, foi apostando e perdendo, até que saiu de lá devendo até a própria roupa do corpo. Num ato de desolação, pulou debaixo das rodas do trem de ferro que passava pela manhã.

A mocidade de Toulouse era muito afeita às festas: os clubes funcionavam todas as noites. Muitos gostavam de dançar e a cidade era famosa por seus dançarinos. Havia o costume dos homens andarem no jardim, ou seja, na Praça São Marcos, circundando-a no sentido oposto ao das mulheres. Nessas voltas, os olhares se cruzavam e os namoros surgiam. Clodoaldo, primo que fora também criado por Silvino e Wilma, era proibido de frequentar o Clube de Toulouse porque Silvino, Patric e Alex pertenciam ao partido do Clube Romano. Ainda assim não se deixava intimidar e entrava pela porta dos fundos. Neste último salão, onde os bailes aconteciam, era somente provido com cadeiras que ficavam ao redor da pista de dança, onde as famílias se sentavam. Sem palco, os músicos se alojavam num canto do aposento. Além das salas para jogos de baralho havia as salas de café. Os bailes nos dois clubes ora eram a rigor, em ocasiões especiais, ora em trajes de passeio, quando dançava-se valsa, bolero, samba, foxtrote, assim como outros gêneros musicais nacionais e estrangeiros.

Rita gostava de bailar e valsar, espreitava-se pelo salão arrastando Alex ou alguém mais próximo à família. Contudo, sabia da existência de uma amante de seu marido. Nunca viria a conhecê-la, tendo falecido sem realizar o que para ela era um sonho. Queria saber quem era, olhar nos olhos dela, conversarem. Às vezes sonhava que ela e Alex estavam fugindo para Besançon sem a sua mínima desconfiança: este deixava uma carta, ou um bilhete que voava... “– E eu ia tropeçano no vento correno atrás... Uma vez eu quase vi o rosto dela na estação de trem, no meio da neblina, seria ela mesma? Alex tava no trem que partia e apitava alto no meio da neblina, quase amanheceno o dia. Ele tava na porta acenano, e ela correu pra ele. Eu tava paralisada. Outras vezes, na cama, imaginava se ele tava alí mesmo comigo ou não, se tava pensano nela. Ela tinha para mim só uma silhueta, no meio da neblina. Lá em casa não tocava

nesse assunto em hipótese nenhuma, eu não permitia nunca! Era um tabu. Era como se nada acontecesse, todos sabiam, mas agiam como se não soubessem de nada...” Havia ocasionalmente certas circunstâncias incomuns que deixavam transparecer insinuações sem maldade, ocasionadas por observações infelizes de um ou de outro desavisado interlocutor. Rita chegou a seguir Alex: ele numa caminhonete e ela num ford bigode mas em vão. O carro acabou por emperrar dentro de um buraco, e Rita ficou no escuro e sozinha no meio da estrada de chão. “– Burra eu sou, e agora aqui nesse fim de mundo, quem vai aparecer pra me prestar socorro?” De repente, um veículo se aproximou e como o carro de Rita havia obstruído a estrada, seus tripulantes pararam e ajudaram-na a ir embora. Foi pura sorte porque ninguém ficou sabendo de seu paradeiro naquela noite. Desde este incidente, nunca mais quis saber da amante de Alex, ou seja, de querer segui-lo; sabia que seria infrutífero e desastroso. Apesar de os sonhos com ela continuarem, a partir desse dia Rita passou a ser mais resignada.

Rita usava vestidos bem compridos e um coque nos cabelos grisalhos. Por cima dos vestidos, sempre um avental; nos pés, uma bota confortável. Administrava seus múltiplos afazeres e, quando em sua horta na usina encontrava animais destruidores de suas verduras e legumes, “– Virava bicho! Nós tinha umas cabrita de leite. Era do meu marido. Sortava elas e elas ia direitim pra horta da dona Rita. Ela metia o coro nelas! Antônio entrou aqui primeiro marcano saco, depois foi pra garagem e depois pro escritório, era caixa. Lá era bem grande com os balcão de madeira depois da porta, cheio de vidro, uns balcão cumprido... do lado de dentro do balcão tinha as mesa que os homem trabalhava: era tudo de madeira preta pesada. Trabalhava uns oito e, depois uma sala com tapete azul, a diretoria...” E já nos anos quarenta: “– O Arlindo, irmão do meu marido, é quem foi pro exterior trazer a ponte rolante do guindaste que ia instalar. Quando a ponte chegou, foi um tempo ainda pra por ela pra funcionar. Aí quando ficou pronto o Seu Alex até fez discurso e fez uma festa na usina...

Um dia eu tava passano e me dissero que tinha caído uma corrente na cabeça de um tal de Silvano e ele tinha morrido, morreu muito novo. Teve um que quemô com melaço quente, coitado... deve ter sentido uma dor! Beбето, usava tipo uma mordança na munhequinha dele, que ele tinha perdido a mão...” Chico Macumbeiro era um colega de trabalho de Zeca, que, por sua vez, era colega de Pedro na usina. Alcunhado de Lobisomem devido às suas práticas de bruxaria e conjurações de sortilégios. Seu terreiro era o mais frequentado da cidade, mas havia outros também movimentados. A raça negra pura e suas miscigenações marcavam as etnias do povo da cidade; suas tradições se faziam presentes no cotidiano dos cidadãos.

Um dos irmãos de Chico, juntamente com um colega de trabalho seu morreram queimados num canavial: “– Ele tava trabalhano com um grande fornecedor da usina do Seu Alex. Aí ele foi por fogo no canavial, a pessoa acha que tá saíno dele e tá envolveno mais, né? Ele saiu de lá do canavial pingano pele e foi assim que ele entrou no hospital. Aí eles fizeram uma cirurgia e fizeram dele como se ele fosse uma múmia. Levaram ele pra Besançon mais ele não guentou, não. Morreu ele e um outro... ele chegou conversano no hospital: ‘– Me acode, me acode!’ O cabelo dele tava aquela escovinha... parecia que ele tinha feito barba e bigode...”

Os Srs. Julio e Norberto, com dezoito e vinte anos respectivamente, rodavam o comércio comprando garrafas usadas que levavam para o alambique da usina. Em certo período, Alex começou a fabricar cachaça, e mudou a vida de seu lambiqueiro Sr. Jonas e do auxiliar, Sr. Alfredo. Mas logo viu que não seria uma atividade compatível com seu gênio: chegou a armazenar dez tonéis enormes de cachaça fabricada do álcool com noz moscada e outros ingredientes.

Não foi difícil adaptar um caminhão a gasolina para que passasse a funcionar a álcool. Alex o abastecia com o álcool de sua destilaria; ficou à mercê dos serviços num raio de atuação que possibilitasse seu abastecimento sem que este ficasse sem álcool no meio do caminho. Sua autonomia se dilatava com os galões de álcool que transportava na carroceria, caso o trajeto fosse mais longo. Com essa manobra imperiosa, a economia da família com o novo combustível possibilitou também um ganho de espaço: as fazendas passaram a ficar mais perto, no sentido de que o acesso a elas não despenderia gastos consideráveis com combustível. Tempos difíceis. Os preços do açúcar não estavam razoáveis. Houve outra onda de falências e concordatas. Alex e Rita economizavam o máximo e Rita vendia os frutos de sua horta e de sua cozinha primorosa, como fazia desde logo depois da fundação da empresa que foi, no início, a refinaria. As roupas passaram a ser muito valorizadas e dispostas às reformas. Rita fazia sempre alguma peça nova e não se comprou roupas por um período de oito anos. Intensificou-se assim as atividades com os sacos de mauá que antes embalavam sessenta quilos de açúcar, e agora, novamente, se transformavam em camisas, bermudas

e outras peças de vestuário sob encomenda, que ela e suas ajudantes supriam. Eram vendidas para os funcionários da usina e para quem as quisesse comprar. Chegou a mandar essas roupas para Lídice. Três homens corriam as ruas da cidade com quitutes, lenhas e produtos hortifrutigranjeiros; ficavam exclusivamente por conta dessa atividade cotidianamente.

Durante mais esse período complicado, Alex andava com roupas velhas restauradas, devido às condições financeiras oscilantes que sofria. Era um trabalhador infatigável! E diz Antônio: “– Eu lembro dele com calça remendada na bunda... quando eu tinha dez, doze ano... por causa dos tempo ruim...”

Houve mais alguns acidentes fatais e outros de menor gravidade nesse período. Porém, alguns foram provocados pelo fato de que muitos trabalhadores mantinham o hábito de beber em demasia. Houve um episódio em que Carlindo, embriagado, empregado da usina, foi nadar no rio ao deixar o trabalho. Mergulhou e não voltou. Giuliano: “– Aí me chamaram porque eu nadava bem. Eu mergulhava e encostava a mão nele... por umas dez vezes! Tava com medo. Na última vez, coloquei a mão no calção dele e consegui tirar ele da água. Tinha mais de duzentas pessoas assistino...” Antônio trabalhou com Alex na usina de 1933 a 1936, lavando garrafas usadas, com Anastácio, para engarrafar álcool. Nesse tempo as garrafas vendidas no comércio com quaisquer conteúdos eram reaproveitadas. Depois Alex montou uma empresa que armazenava café e feijão e fazia um fubá finíssimo com moinhos comprados na cidade de S. Gonçalo. Este negócio se desenvolveu até quando começaram a surgir os supermercados, e a concorrência começou a embalar seus produtos diretos para a venda nas prateleiras, o que dificultou a sobrevivência do negócio. Começou a faltar capital... “– Teve uma vez que ele tinha muito estoque de feijão e café e ele acabou vendendo pelo preço do mercado; em 10, 15 dias, os preço dobraram!”

Alex fez uma experiência com as condições de cultivo da cana: plantou-as debaixo de angicos como se plantava café debaixo de árvores. Não se adaptaram. Restou a mata de angicos que serviu de reservatório de lenha para a usina e também para a extração dessa madeira em prol de suprir outras necessidades prementes, como abastecer os fornos de Rita. O bosque de angicos, na planície à beira do rio, também servia de palco para algumas brincadeiras dos meninos do bairro S. Marcos. De cima dos galhos que se encontravam às margens do Ululu, mergulhavam dentro d'água. Era uma sensação! Alguns acabaram por ficar lesados permanentemente, como foi o caso de Alcebíades, que ficou paraplégico, e, como era de família bastante humilde, saía de casa arrastando-se pelas ruas, munido de uma proteção de câmaras de pneus de bicicleta para suas pernas.

Jean Jack havia nascido de parteira, na fazenda São Vicente, da usina São Marcos. Corria pelos quintais e capoeiras e, nas épocas de safra sentava-se com seu irmão Márcio no alto dos morros para ver a retirada dos canaviais. Os homens cortavam as canas, e os carros de boi da usina as levavam embora. Os meninos se empoleiravam nos carros e percorriam parte do percurso; voltavam caminhando, agraciados pela aventura. De vez em quando, um acidente ocorria: a corrente de algum carro de boi que prendia o carro aos bois se rompia e o carro carregado de canas despencava morro abaixo, às vezes arrastando os bois. Houve um caso em que dois bois tiveram que ser sacrificados porque sofreram fraturas irreversíveis na queda.

Havia uma pequena cachoeira artificial, cuja água que a abastecia provinha de uma nascente farta e cristalina, que havia sido represada, dando origem a um pequeno lago. Era o ponto chave e central para onde

convergiavam todos os meninos das famílias que moravam e trabalhavam na fazenda o ano inteiro – ou noutras fazendas em torno; e muitas pessoas saíam de lugares distantes para se refrescarem debaixo das águas dessa queda. Esta, proporcionou uma vida mais colorida, alegre e refrescante para todos indistintamente, que se aventuravam a adentrar embaixo de seu fluxo imanente. Havia ao lado dela uma carreira de árvores enormes e antigas que davam uma fruta pequena, arredondada e amarelada: os meninos subiam em cima das árvores sequiosos e, enquanto quase todas as frutas maduras não fossem derrubadas, estariam prontos e armados de bambus e pedras ao encalço de cada alvo, dia após dia. De vez em quando algum se machucava: num belo dia, quando estavam à procura de mangas maduras debaixo de um mangueiral na fazenda S. Vicente, uma pedra foi lançada e cursou uma órbita que a levou diretamente para um dos olhos de Amauri. A pedrada o tonteou instantaneamente e ele quedou desmaiado. Tiveram que levá-lo para o hospital e diziam que não mais enxergaria do olho atingido. E, voltando então, saciados pelas frutas saborosas, corriam para a cachoeira e iam depois jogar pião no terreno de terra batida, em frente às casas onde moravam os trabalhadores da fazenda. As latas de sardinha compradas por suas mães nos períodos de pagamento tinham destino certo: eram transformadas em carrinhos, ganhando rodas de madeira, cabines e assentos. Os bois eram representados por sabugos de milho, buchas de cerca ou mesmo pedaços de pau. Eram os carros de boi a transportar canas, estas, pequenos espetos de pau, dispostos à maneira das verdadeiras nas mesas dos carros. O universo da economia açucareira reproduzido no imaginário pueril das crianças marcava o berço cultural a partir do qual se forjavam muitas histórias de vida.

“– No meio do canavial tinha coelho, inhambu, tatu... Dona Yolanda morava no meio do canavial, perto da usina: cachorro do mato ia lá pegar galinha dela pra comer... quando a turma ia cortano as cana, ia encontrano os ninho dos bicho.” Com os carros bem carregados, as canas bem arrumadas em suas plataformas, rumavam em direção à usina. Depois de pesados, descarregavam no pátio, ao lado da esteira rolante. Quando não chovia, a atividade transcorria normalmente. Do contrário, uma batalha

contra as condições desfavoráveis se instalava. Os carros de boi ficavam atolados nas estradas ainda mais precarizadas por causa das abundantes águas que caíam, nem sempre mansamente, do céu. Custavam a chegar na usina, topando constantemente com buracos traiçoeiros escondidos sob as poças d'água. Quando eram empinados seus carros no pátio para serem descarregados, as canas caíam no chão enlameado. Os homens que ainda as levavam nas costas para a esteira, sob a chuva que se fizesse suportável, colocavam em seus ombros um saco de mauá para firmarem os molhos de cana e para se protegerem do contato direto com as mesmas. “– Formava as montanha de cana dos dois lado da esteira; elas ficava toda emaranhada... a esteira era de táboa de madeira com corrente. Os homem pegava as cana só de um monte, pra esvaziar ele pro outro dia... às três da manhã chegava os carro e ficava enfileirado até as seis. Os carreiro e os candieiro fazia fogueira na rua... eles passava umas hora boa, conversano... tinha briga tamém!... vinha de todo lado e ia fazeno fila... e ia longe... quando tinha muito fazia duas fila. Outros cantava... todo mundo acordava de madrugada nas casa da usina, em frente. Quando eles ficava parado na fila, no morro, eles colocava pedra nas roda dos carro... Era a 413, a cana manteiga, que todo mundo gostava de chupar!... eles vigiava muito pra nego não tirar... os carreiro dava guiada na mão de quem eles pegava tirano... tinha um muito brabo que metia guiada nos outro!...

O vinhoto do alambique ia pro rio. Matava os peixe tudo! De época em época os peixe ia igual a umà lenha por cima do rio... os peixe branco morria tudo... peixe que tinha escama. O bagre e o cascudo que entrava no barro, resistia.” Nos tempos de conserva, viam-se carros de bois chegarem à usina com fardos de lenhas provenientes de matas da região, que seriam usadas na safra seguinte, e que Rita mandava cortar para vender em feixes ou as usava para preparar suas obras de arte gastronômicas. Alguns destes, ao descarregarem as lenhas que formavam uma montanha ao ar livre, tinham suas bancadas recarregadas com sacas de açúcar, destinadas à estação de trem.

Uma enchente de grandes proporções invadiu e cobriu quase todo o pátio da usina. Havia uma quantidade considerável de sacas de açúcar

empilhadas a partir do chão em uma antecâmara de armazenamento, prontas para serem transportadas para local mais apropriado. As águas da enchente minaram as primeiras sacas da parte de baixo das pilhas e, estas sendo derretidas, ocasionaram o desmoronamento de todas que foram sugadas pela grande lagoa que se formou.

Os dois rios que banhavam a cidade eram fartos de peixes: lambari, traíra, mandi, bocarra, bagre, cascudo, etc. Quando uma enchente se anunciava pela forte chuva que caía na região, sobretudo condensando na Serra Bonita nuvens que desabavam em contato com os paredões, levava para os rios um volume de água excepcional. Os peixes apareciam em abundância e fartavam os pescadores profissionais e amadores. Pegava-se muito! Num local já sabido pelos mais experientes num poço fundo, no meio da correnteza, pegavam-se dúzias de peixes, ao lançar o coador, uma armadilha. Uma enchente em especial marcou a vida dos toulouseanos na primeira metade dos anos trinta. Os morros se derretiam ante à avalanche de águas ininterruptas do céu. Os rios e córregos transbordaram muito além do esperado, surpreendendo os ribeirinhos ao levarem suas casas e algumas de suas vidas. Foram pegos sem que pudessem reagir ante à correnteza avassaladora de lama e água em grandes proporções, arrasando tudo pela frente. Muitas pessoas foram vítimas dessa enchente única e pavorosa, como também animais nos pastos e os que se encontravam confinados. A água chegou a patamares inacreditáveis; os prejuízos, incalculáveis! Algumas pessoas morreram afogadas nos rios. No local onde havia a ponte do rio Ululu, que dava acesso à usina de Alex, um poço de aproximadamente seis a oito metros tragava para suas profundezas alguns aspirantes a grandes nadadores. Até mesmo alguns daqueles que se julgavam meio anfíbios, dado o estreito contato com a água que sempre estabeleceram, sucumbiram; outros foram até o limite entre a vida e a morte, mas retornaram. As pontes de madeira que cobriam os rios e córregos da região foram arrastadas.

Júlio desde cedo mostrava um eminente espírito voltado para comércio; mente afiada e focada no ganho. Um capitalista inveterado, astuto,

perspicaz, mas que não deixava de, em nome do seu alcance intelectual, cultivar certas atitudes que beneficiassem a todos os envolvidos: enxergava longe. Teve vários negócios, e nunca até então lograra continuidade e sucesso. Sua face determinadamente inquieta e aventureira se fazia sempre presente e de uma força instintiva que suplantava, no fim das contas, sua capacidade de parcimoniosidade. Isto, somado à outra face também muito atuante, a que o impelia a buscar a perfeição através de uma visão crítica acurada e incisiva, colocava-o numa situação delicada e ao mesmo tempo frugal. Se, por um lado, não mantinha em andamento a mesma força que havia posto em ação iniciando um negócio, por outro, já que Alex o acobertava, foi somando experiências que lhe seriam de grande valia. Chegou a montar uma firma de beneficiamento de grãos de cereais. Depois de sua rápida falência, montou outra de engarrafamento de aguardente de cana, que também fechou suas portas para o nascimento de uma loja de tecidos, que por sua vez deu à luz a uma granja de criação e venda de pintos. Com esta última mal fadada experiência, Alex o persuadiu a ir trabalhar com ele. A usina era ainda um engenho pequeno que moía, em 24 horas, 120 toneladas de cana. Júlio então começou efetivamente a se inteirar de tudo acerca da fabricação do açúcar, lentamente, em especial acerca dos problemas advindos do mal funcionamento das precárias engrenagens, que faziam parar todo o maquinário.

Os animais, já nem tão abundantes quanto décadas atrás, pululavam as grotas, as capoeiras e sobretudo as áreas de matas. Os homens em geral, e alguns em particular, apreciavam com fervor a arte da caça, em primeiro lugar como forma de sobrevivência. Depois vinham aqueles que faziam do esporte um hábito e meio de se divertir, além do fruto, sempre exaltado, sobretudo pelos envolventes pratos saborosos que proporcionavam. Os caçadores tarimbados saíam em noites claras de lua cheia. Levavam uns três ou quatro cachorros, além de espingardas de pólvora e chumbo, que eram carregadas pela boca. Os cachorros farejavam os tatus nas tocas e os acuavam até que os caçadores chegassem. Ao tentarem sair por um dos buracos que ficava livre, deixado assim para atraí-los, eram então surpreendidos pelos caçadores ou os cachorros em disparada os pegavam. Outras vezes, quando o buraco era raso ainda, o caçador enfiava a guiada na porta do buraco e cercava o tatu até este tentar sair “de fasto”, momento em que era pego. Esta carne era um prato típico de paladar forte e quente: quem a comesse estaria sujeito a uma hemorragia caso fortuitamente fosse acometido por uma ferida profunda. Quem tivesse algum ferimento em processo de cicatrização ficaria sujeito à demora do processo, imposta pelos efeitos nocivos que sua ingestão provocava: a ferida não sarava e se abria. Os preás do brejo, dentre outras espécies pertencentes a este hábitat, também eram alvo dos caçadores que sabiam se agraciar degustando-os às maneiras usuais. Os pássaros forneciam um cardápio variado e mais leve: pombas rola, trucional, juriti e outras abundantes espécies; a caça às aves era bastante comum. Nos fins de semana, hordas de atiradores partiam para certos redutos em busca de suas presas fáceis. As capoeiras das fazendas, últimos refúgios para a flora e a fauna nativas, onde os

pássaros se encontravam, eram os locais mais cobiçados; ou então as áreas existentes de mata. Os bípedes caíam um a um ante às miras certas dos caçadores bem treinados. Poucos respeitavam as épocas de procriação e abatiam verdadeiros contingentes emplumados, matando por inanição suas crias nos ninhos; os filhotes morreriam de fome caso os dois pássaros provedores fossem abatidos, o que não era raro. As feiras de pássaros se igualavam às de peixes, em termos de bons exemplares apanhados. A caça e a pesca, atividades bastante corriqueiras, rendiam os pratos típicos muito apreciados. Porém, como não havia nenhuma forma de controle dessas práticas, muitas espécies foram desaparecendo à medida que o tempo avançava, vítimas da perseguição indiscriminada a elas infringidas.

Antes do advento do rádio, as cidades do interior contavam com os cinemas para o entretenimento de seus cidadãos. Havia também os bailes noturnos e os jogos de futebol, diurnos. Toulouse abrigava dois cinemas: o Cine Toulouse e o Cine Globo. Este, que se situava perto da praça, num casarão antigo com pé-direito alto, mobiliada com cadeiras embaixo e duas fileiras de cadeiras no mesanino, era mais popular. O Cine Toulouse, era mais grãfino: sua imponente arquitetura neoclássica, em prol de abrigar um ambiente confortável e amplo para apresentação de espetáculos artísticos, era um monumento à grandeza do homem. Não havia som nas exhibições dos filmes, tratava-se do cinema mudo, que apresentava somente suas películas no telão; uma pequena orquestra em cada cinema preenchia os ouvidos dos presentes. Os músicos se instalavam entre a tela e o público, numa trincheira, de modo que não eram vistos. Os filmes, concentravam as atenções de todos e os maravilhavam. Quando a primeira exibição ocorreu na cidade, um filme dos irmãos Lumiere, cuja cena inicial mostrava um trem que se aproximava, vindo de longe, aumentando de tamanho na tela, até passar por cima da câmera que o filmava, causou a impressão, na platéia desavizada, que estaria adentrando a sala de exibição. Muitos saíram correndo apavorados, acreditando fielmente que a cena era real e que o trem estava passando por cima de todos que o estavam assistindo!

Alex, apesar da intensa carga de trabalho à qual era submetido, não faltava às sessões de domingo com Rita e somente não comparecia quando estava em cartaz algum filme que já havia assistido, o que não era raro de acontecer.

Durante uma sessão de comédia em que Alex se divertia dando gargalhadas, foi avisado acerca de que um dos seus criados prediletos

havia acabado de falecer, vítima de um ataque fulminante do coração. Ele e Rita saíram imediatamente para vê-lo e assistir sua família. Os caixões eram feitos por encomenda depois da morte da pessoa. Tirava-se medida do defunto e em duas ou mais horas estava pronto. Enterraram-no com lamentações e tristeza. Fato é que diante da morte inesperada do marido, sua mulher se esvaiu completamente em prantos e em tal ignóbil estado de revolta, que acabou por dar cabo de sua própria vida, atirando-se de um penhasco. Os dois foram enterrados juntos. Seus dois filhos passaram a ser criados por Alex e Rita, numa casa pequena que mandaram construir para abrigá-los no grande pátio da usina; não deixaram parentes próximos, tanto em questões de consanguinidade, quanto de distância: não se ouviram notícias de parentes destas crianças por um bom tempo, até que num belo dia, já na década de cinquenta, uma tia apareceu para visitá-los, e tão somente isto.

Rita frequentava um dos cinemas quase todos os dias. Saía da usina a pé, às vezes antes de escurecer, e quando chegava ao Cine Toulouse, desligava-se do mundo. A sessão noturna diária, começava às oito e havia dia que acabava às dez, dez e meia. Ela pegava um carro de praça para retornar, e quando chovia, descia em frente à casa do Sr. Zezinho, porque o carro não subia mais o pequeno morro para chegar à usina. “– Ela apiava alí e eu ia lá pra acompanhar ela até a casa dela na usina...” Do outro lado do morro, as condições da rua também ficavam irre recuperáveis até passar a chuva.

Na usina Jacques Ledoux, durante a primeira metade dos anos trinta, havia campeonatos de futebol entre os empregados de suas fazendas. Um campo bem cuidado ficava atrás da usina, ao lado de uma nascente de água. Para os jogos neste campo, três caminhões deslocavam-se para a zona rural e arrebanhavam os times e suas torcidas. Numa dessas vezes, o caminhão passou por um transeunte e suas rodas espirraram barro no indivíduo que estava à beira da estrada. Imediatamente, e com extrema violência, o homem lambuzado reagiu sacando um revólver e lançando improperios ao motorista. Atirou em direção ao caminhão e correu para dentro do canavial. Dois dos tiros desferidos acertaram o mesmo homem que desfaleceu instantaneamente na carroceria repleta de

peessoas. Resultado: os campeonatos foram suspensos e a usina teve que pagar uma indenização à família da vítima. Houve então como que uma idade das trevas e os homens ficaram sem praticar esses campeonatos que os faziam se integrarem e se sentirem mais felizes. Nesses acontecimentos sociais, as pessoas se encontravam, trocavam idéias, se enamoravam, brigavam, etc. O período de isolamento fez com que os jogos de futebol se reduzissem às peladas estritamente localizadas. Os torneios, envolvendo a usina São Marcos, surgiram com o renascimento dessa atividade na usina Jaques Ledoux.

Lauro, aos doze anos, já fazia mandados na fazenda S. Vicente, de Alex. Ia sempre à cidade buscar mantimentos, como sacos de macarrão, de carne seca, de arroz limpo, etc. Adentrava à praça de Toulouse e parava o carro com três juntas de bois em frente à Maison de France, e o abastecia. Os meninos brincavam na praça e, por extensão, nas ruas. Árvores frondosas povoadas de saguis e monocarvoeiros tomavam quase todo o terreno da praça, e algumas exibiam raízes que emergiam do solo e formavam pequenos muros ao seu redor. Eram esconderijos bastante conhecidos em toda brincadeira de “soldado ladrão” e, além disso, locais prediletos dos namorados que se esgueiravam por entre as raízes. Os homens a cavalo e os carros de boi que transitavam pelas ruas que contornavam a praça, vez por outra se deparavam com uma bola extraviada cruzando seus caminhos. A cidade pacata, possibilitava que houvesse partidas de futebol jogadas pelos meninos, também no meio das ruas. Isso acontecia em toda rua, em todo canto, em todo lugar. Quando algum cavaleiro ou alguma carroça de burro ou de boi queria passar, a pelada cessava imediatamente, mas continuava logo após sua passagem.

A praça de Toulouse, rodeada pelos imponentes sobrados e pelas casas baixas, já continha num de seus lados um lindo jardim e a antiga igreja matriz de São Marcos mais ao fundo.

Na década de trinta não havia pleitos eletivos para cargos públicos, mas dois partidos clandestinos se faziam presentes na vida dos cidadãos, esperando que um dia conseguissem se impor legitimamente. A ditadura militar mantinha todos os setores da vida sob estrita vigilância, e não havia novidade, sobretudo na esfera da política, que rompesse com os padrões estabelecidos. A Igreja também imperava sob as mentes de todos com uma força descomunal e coercitiva.

Ivã era um rapaz inteligente e com boa capacidade de discernimento, determinado e possuidor de um porte físico robusto e bem formado. Iria galgar um lugar cativo na usina, certamente, não fosse sua morte prematura: caiu num buraco fundo num dia de muita chuva e lá permaneceu até que o descobrissem e o retirassem, direto para o cemitério. Sua família ficou completamente desamparada, e suas irmãs mais velhas, ainda na fase da puberdade, se prostituíram. Foram trabalhar para uma senhora possuidora de uma casa de mulheres no alto do morro do Calvário. Uma delas teve boa sorte, quando apareceu em sua vida um viajante que se apaixonou por ela e a levou embora. Muitas pessoas em situação similar passaram fome. O império do capital sobre o trabalho, de oferta escassa, era veemente e crudelíssimo.

Jack Lenon Dubois nasceu em 1923, na zona rural de Santo Antônio, cidade vizinha de Toulouse. Seu avô fixou-se ali depois da guerra da conquista de Canela pela França. Plantava cana desde o início do século para abastecer a usina Jackes Ledoux. Era uma espécie de cana grossa, amarelada, rica em sacarose, que resultava numa rapadura clara, que o avô produzia. Em 1936 houve uma perda acentuada de canas nos canaviais, advinda do plantio excessivo que ocorreu. A queda dos preços do café em 1929 fez com que a cultura da cana ganhasse grande impulso e os canaviais imperassem. Jack Lenon era o candieiro do carro de boi de seu pai, que era o carreiro. Faziam somente uma viagem de ida e volta à usina por dia: 18 km na ida e outro tanto na volta. Saíam às duas ou três da madrugada do pequeno sítio que possuíam. A safra começava em maio e terminava em outubro ou novembro, fazendo com que seu maior período transcorresse no inverno, rigoroso e seco, chegando à temperatura extrema de zero grau ou ainda menos, em ocasiões excepcionais. Jack não possuía nada para calçar e trajava sempre uma bermuda, uma camisa e uma leve blusa jogada por sobre seu corpo aparentemente frágil: foi premiado pela natureza com uma saúde de ferro, uma resistência ímpar. Numa ocasião caiu uma geada forte, espessa, que lançou seu encantamento branqueando toda a paisagem; obrigou-os a parar e a se abraçarem para resistir ao imenso frio cortante, de roer os ossos. Juntaram os bois em círculo e ficaram abraçados no centro, até que a temperatura se amenizasse.

O único tio de Jack, Carlos, irmão de seu pai, possuía três boiadas: dezoito bois divididos para três carros, sendo seis bois em cada carro. Durante a estação do inverno não chovia, era o período da estiagem. Faltava capim nos pastos para alimentar os bois, que sofriam amargamente a falta de alimento para enfrentar o pesado fardo de puxar as canas.

Antes e depois da usina de Alex começar a funcionar, quando esta ou alguma outra da região ficava temporariamente avariada, os bois aguardavam nas filas, sem comer capim ou outro alimento qualquer. Isso era muito frequente, e os sucessivos períodos que os animais ficavam sem alimento os enfraquecia irremediavelmente. Muitos morriam nessas filas de espera para o descarregamento. Na usina de Alex isso também ocorria e Rita ficava amargurada. Ninguém gostava de ver algum bovino morrer de inanição: era inaceitável. “– A usina quebrava sempre e os carro de boi ficava o dia inteiro esperano rumar... outra hora ês deixava os carro cheio no pátio da usina e levava os boi embora; vortava no dia seguinte. Se o defeito era simples, esperava rumar...” Rita, sempre compadecida do sofrimento dos carreiros e dos candieiros nas filas, horas fio, levava até eles, às vezes, almoço, às vezes café com broa ou com pão.

Na época de conserva, os meninos da cidade tinham mais tempo para brincar, na quietude do ambiente. Jogavam birosca, batiam pelada, caçavam e pescavam. Como a carne no comércio era escassa, a caça e a pesca eram muito valorizadas. Todos emprendiam verdadeiras expedições. Jack amava seu cão e se orgulhava muito dele quando íam caçar. “– Eu tinha um cachorro que era tão bão que mergulhava atrás do largato e pegava ele debaixo d’água. Pegava tatu...” Jack e seus dois irmãos mais novos seguiam os cachorros que encovavam os tatus. Então, de porte de pequenos enxadões, cavavam a terra até conseguirem pegar o bicho; isso nem sempre acoantecia porque os tatus mantêm trilhas subterrâneas alternativas para fugirem de seus predadores e escapavam por elas ou simplesmente se escondiam eficazmente, para não atraírem os cachorros. Quando a caça era bem sucedida, havia a necessidade de se tomarem precauções para que os caçadores não fossem feridos pelas unhas grandes e fortes dos tatus; estes deveriam ser imobilizados de barriga

para cima. Os meninos pescavam também com seus pais, usando tarrafa, quando então juntavam muitos peixes, ainda mais quando as enchentes sazonais engrossavam os córregos e rios. Havia os que pegavam os peixes com as mãos, dentro de suas locas debaixo d'água. Com relação aos pássaros, Jack, seus irmãos e seus amigos, desenvolveram, como todos os meninos, a arte de atirar-lhes pedras com atiradeiras. Alguns evoluíam a ponto de suas pontarias lograrem efeito quase sempre. Outros nem tanto, e outros ainda nem ousavam persistir. Quando saíam para caçar, quase sempre regressavam carregando algumas aves pelos pés, mortas pelos traumatismos a que eram submetidas impiedosamente. Os estilingues ou atiradeiras eram companheiras de todo momento, e quando menos se esperava, algum pássaro incauto quedava atingido; alguns usavam-na no pescoço como um colar, de que muito se orgulhavam. Quando os pássaros entravam no raio de ação dos atiradores astutos, estes os abatiam sem piedade. Mesmo quando íam pescar, empunhando varas de bambú e latinhas de minhoca, não se esqueciam das atiradeiras que eram também displicentemente levadas a tiracolo ou amarradas nos calções. De vez em quando uma guerra de pedradas se anunciava.

O pai de Josué Bertold foi quem inaugurou a terceira fazenda de Alex, em 1936 e plantou-a toda com cana. Era sua lida: limpava os terrenos de matas e cafezais e os plantava com outra ou a mesma cultura. Trabalho duro. Nesse caso, consistiu em arrancar os pés de café, arregimentando muitas juntas de boi. O terreno ficou limpo e o plantio de cana se sucedeu. Porém, não obstante o real progresso alcançado por Alex e Silvino por algumas safras, a produção logrou prejuízo devido a constantes problemas no maquinário e, em consequência, os fornecedores não foram pagos. Indignados, estes se reuniram para vislumbrar as providências a tomar. Quando estavam a ponto de crucificar Alex e Silvino, o pai de Josué, sr. Agripino, interveio sabiamente, alegando que não receberiam se a usina decretasse falência. Depois de uma acalourada conversa, chegaram à conclusão de que seria mais plausível incentivar Alex e Silvino a persistir. E, se ficassem sujeitos à um único preço para a cana, estariam nas mãos da Usina Jackes Ledoux.

Um espírito misto de empreendedor, aventureiro e inventor, fazia Alex conceber e experimentar recursos como forma de diminuir os custos da produção. Um carro de boi comportava 1200 kg de cana. Uma carroça de boi, 2000 kg. E foi no ano de 1936, que Alex construiu uma carroça para comportar três toneladas: os bois não resistiram! Mesmo com exemplares dos mais robustos e truculentos. A carroça balançava muito suas rodas e machucava o pescoço dos bois de coice, os dois bois que ficavam imediatamente a frente dela.

Houve um programa sertanejo no rádio que catalogou mais de cem peças que compunham um carro de boi; foram descobertas num programa lançado pelo locutor: uma surpresa geral. Mais primitivo e robusto que a carroça, sendo-lhe o precursor, carregou os fardos por muito tempo,

incontáveis fardos... até ir sendo desbancado por ela, da segunda metade da década de trinta em diante.

A cana mais plantada era a de maior peso e maior índice de sacarose. Depois apareceram outras variedades com pouca concentração de sacarose e, portanto, pouco cultivadas. Estas eram usadas em substituição às primeiras, por serem as olhaduras – mudas – destas, apesar de mais caras e mais selecionadas. As primeiras canas que foram plantadas em Toulouse, procediam de Oliveira, SC – estado vizinho a Jardin e o mais poderoso e influente de Canela – e as posteriores foram saindo de seleções realizadas pela empresa, açucareira pioneira que passou a ter sua própria fonte de mudas. Em 1937-1938, Bertold foi com Smith, agrônomo da Usina Jaques Ledoux, reconhecidamente competente, à Guianá – capital do estado de Jardin – levando ao Instituto de Tecnologia da Secretaria de Agricultura as primeiras amostras de terra para análise. Este apresentava a fórmula do composto de adubo. Os ingredientes foram comprados e, em Toulouse, fez-se a mistura. Os fornecedores particulares de cana para a Usina São Marcos, demoraram em se adaptar ao advento dessa nova realidade e se mostraram extremamente resistentes no início: não queriam pagar pelo adubo, colocando-o sob suspeita quanto à sua eficácia para aumentar a produtividade. Somente com o transcorrer dos anos é que foram constatando efetivamente um aumento da produção nas terras da usina e aderiram à nova prática.

Neste período havia somente uma fina esteira que alimentava de canas, as parcas e exitantes moendas. Não se aceitava canas muito grossas para diminuir a possibilidade destas emperrarem ou quebrarem aquelas. Josué Bertold, ainda menino, frequentava a casa de Ricardo, o mecânico das engrenagens, à noite, nos períodos de entressafra. Este morava no alto do morro ao lado da usina, numa casa alugada da própria empresa. Numa tarde quando o luscofusco caía manso e imperceptivelmente, ao chegar em casa, Ricardo encontrou Josué e outros à sua espera para ouvi-lo duelar brava e suavemente com seu violão, o que sempre fazia nessa hora. Quando o tocador estava na varanda de sua casa cantando uma valsa, eis que surge alguém convocando-o para uma manutenção imperiosa numa turbina manual; fazia-se a safra. Ao inspecionar o

problema na turbina, ao ligá-la, esta inesperadamente estourou provocando nele ferimentos que o levaram à morte instantaneamente, deixando-o irreconhecível! Ricardo, o mais velho mecânico da usina, que se afastou desta por ter se mudado duas vezes para Besançon, ao retornar pela segunda vez, foi pego tragicamente pelo destino, deixando sua família desesperada.

Ronaldo trabalhava somente no período da safra, até ser efetivado, quando Alex mandou o Sr. Sebastião, que era o contador, proceder à sua efetivação: “– A partir de hoje o Sr. é efetivo. Nunca deu problema... é um homem bom.” Trabalhava doze horas por dia. No devido tempo, Sr. José Rosa quis que ele fosse para as caldeiras no lugar do Sr. Benjamim... e o tirou da amarração, lugar onde trabalhou também. Eram então sete pessoas nas caldeiras: “– Cada um tomava conta de uma boca e um lá embaixo no cinzeiro tirano cinza. Onde o bagaço caía trabalhava um, lá fora. Quando apertava a gente tirava um das caldeira pra ajudar... Trabalhei na usina por trinta e seis ano e em qualquer lugar que me punha eu trabalhava bem, eu fazia bem. Eu sempre ia lá pros vácuo, pro alambique, pras turbina de primeira e de segunda... Eu trabalhava em quase todos os setor. Nada me punha em dúvida.” A garapa saía das caixas de evaporação, passava por um encanamento e caía dentro de uma caixa de charopinho. Dali, seguia num encanamento de três polegadas para os vácuos. Aqui, se misturava ao açúcar cristalizado que já estava lá dentro, para que este crescesse. Ele engrossava e virava um açúcar preto com melado. Então, era conduzido por um encanamento para um depósito que ficava em cima da turbina. Abria-se uma comporta e o melaço caía nas turbinas, de onde saía pelas paredes internas da mesma (feitas de telas de aço, como peneiras), só restando o açúcar. Quando a turbina parava depois de cada operação, o açúcar pronto se depositava na parte baixa, no fundo da mesma, onde havia um dispositivo que se abria e ele caía numa esteira que o levava para o ensaque.

Ainda na década de trinta, na usina S. Marcos: “– Quando eu cheguei, tinha uma bomba de vácuo, um colosso! Diversos cristalizador... O melado caía pros cristalizador antes de ir pra turbina... aumentava a produção

no cristalizador... três turbina de primeira e cinco de segunda... o açúcar de segunda saía preto, que era levado pro vácuo e saía o açúcar cristal. Os cozinheiro de vácuo ficava lá no registro misturano o charope com mel, o meladinho ralo; tirava uma sonda, uma vara de metal com um cachimbo na ponta, e trazia no cocho cheio de charope pra ver se ele tava no ponto pra arriar, pra abrir a porta e ele cair dentro dos mexedor, umas vazilha grande... por baixo dos mexedor, as bica. Alex sabia mesmo o ponto, ele era craque naquilo e ninguém batia nele nisso. Ele sabia fazer açúcar!” Houve uma ocasião em que o armazém ficou lotado de sacas de açúcar porque não conseguiram vendê-las. Passado algum tempo, quando foi efetivada a venda, reuniram-se muitos empregados para carregar os caminhões que foram buscá-las de uma só vez. “– Quando eu cheguei em 1936, já tinha o grande armazém, e do lado, inauguraro o Cine Liberdade. Eu frequentava o cinema. Eu gostava muito era de filme de faroeste!” Esta grande construção de tijolos, com paredes altas e espessas e coberta com camadas de telhas inteiriças, partia da rua Luiz Bertrandt e se estendia perpendicularmente à esta para dentro do terreno da usina, se dividindo em compartimentos, como marcenaria, armazém e oficina elétrica.

Trabalhavam na marcenaria cinco homens e um rapazinho moreno. Fazia-se carrocerias de caminhão e de carros de boi e tudo o que se precisasse para a indústria. Nada ficava por ser completado e, à espera de alguém que tivesse conhecimento específico sobre o assunto, dava-se sempre um jeito. Era o que Alex queria. Tudo tinha que funcionar. A garagem situava-se num pavilhão comprido, composto somente por um único andar, que partia da esquina da rua Luiz Bertrandt com a rua Virgílio de Souza e se estendia paralelamente a esta, separada dela somente por um muro de tijolos dobrados. Suas entradas eram totalmente abertas. A parede, que daria entrada para os veículos e tudo o mais na construção, não existia. Lá os carros, tratores e caminhões ficavam estacionados, cobertos por um telhado de gradações de madeira e de telhas francesas. Sr. Marcelo era o mecânico, Jamil o lavador de veículos e borracheiro, Sr. Ercílio, Sr. Aldair, Sr. Murilo e Sr. Adriano, os motoristas efetivos. Havia uns quatro ou seis caminhões D-30 e um outro Chevrolet.

Houve um acidente no elevador de açúcar, com um homem que estava colocando as sacas de açúcar na esteira que os levava para os caminhões; isso já na década de quarenta. Esta esteira partia do local coberto e fechado onde as sacas de açúcar ficavam prontos para o transporte, trespassava a parede grossa e alta por intermédio de uma fenda larga e se estendia até um pouco depois, onde ficava estacionado sempre um caminhão, com alguns estivadores em sua carroceria, de pé, recebendo em seus ombros as sacas que chegavam por ela. Os homens dispunham convenientemente estas nas carrocerias dos caminhões, que, de um a um, iam se abastecendo e deixando o pátio da usina para seus destinos. Este homem, que estava na parte de dentro colocando as sacas na esteira, em certo momento, vacilou e ficou preso nesta, que, em movimento, o confrontou com a parede ao redor do buraco por onde passava para a parte externa da grande construção. Como ele não cabia do jeito que estava preso, no buraco da parede por onde passava a esteira, esta foi forçando-o contra a passagem ocasionado nele inúmeras fraturas e provocando uma hemorragia que lhe foi fatal. Meio esmagado, meio quebrado, meio rasgado, sofreu esse processo doloroso porém rápido, do qual foi vítima indefesa.

No caso do Riveira que trabalhava na esteira que levava cana para a moenda; Zé: “– A moenda ia engolindo a cana, mas tinha alguma cana que ia meio atravassada e pegou a mão dele... muito sangue! Um berrero danado!” Nunca mais seria o mesmo, física e psicologicamente. Já não aguentava o barulho gritante e contundente daquele ambiente insalubre. Aposentou-se. Outros acidentes de menor gravidade ocorreram nesse período, sem maiores consequências para aqueles que neles se envolveram.

Na década de trinta, o rio Ululu, ainda caudaloso e piscoso, não sofria tanto o sério problema do assoreamento de seu leito, como nas décadas posteriores. As enchentes sazonais provocavam seu transbordamento e suas águas repletas de sedimentos se espalhavam pelas planícies aluviais. A ponte situada ao lado do terreno da usina, que era banhado pelo rio, estava sempre em péssimas condições e forçava as carroças e os carros de boi a passarem por dentro d'água, para atravessarem o rio. As tábuas, que com o tempo se desprendiam de seus lugares, formavam fendas de vários tamanhos que machucavam as patas dos animais, às vezes irremediavelmente. “– A ponte costumava machucar uma mão, uma perna dos boi. O carro passava também pros boi beber água.” Os dois burros pioneiros que puxavam as duas carroças da usina, nessa época ficavam soltos pelo pátio; haviam se aposentado. Alex já possuía três glebas de terra na zona rural e contava com fornecedores para abastecer a usina de matéria prima. Quando chovia muito, seus filhos e os companheiros deles se deliciavam com o espetáculo dos carros de boi atolados com as cargas de cana nas ruas da cidade. Implementava-se o arranjo de boiadas para a retirada dos atolados: os meninos se divertiam com a movimentação.

Ronaldo trabalhou na usina por quatro anos até conhecer o porão da casa de Alex, perto do tanque de melaço. “– Eu era muito prudente... Rita usava latinha de manteiga, quadrada, de forma pra fazer as broa de fubá... ela fazia goiabada cascão, doce de leite... vendia pros empregado e descontava do pagamento. Doce de leite ela vendia em copo de vidro. Era muito gostoso!” Quando Ronaldo entrou aos treze anos de idade, colocando canas do chão para a esteira, foi muito discriminado também, como todos os novatos menores. A história se repetia, ninguém os respeitava, não eram bem aceitos por seus companheiros de trabalho,

que sempre acreditavam ter que assumir uma carga maior por causa da incapacidade física deles, para contrabalançar suas debilidades. Porém, com o tempo, deixou patente sua garra e força de vontade, advinda da grande necessidade de um emprego para poder ajudar a sustentar seus numerosos irmãos, bem mais novos que ele. Era um rapaz com boa capacidade de discernimento, inteligente, determinado e possuidor de um porte físico robusto e bem formado. Aliás, somente eram admitidos para a labuta diária nesse ambiente, homens cujos físicos privilegiados eram condição “sine qua non”, para aguentar as cargas e o ritmo do trabalho braçal.

Diz Ronaldo: “– Alex Bourdon, era um homem muito inteligente, que trabalhava muito duro! Bem alto, muito corado, vermelho, bem claro, de cabelo corrido, meio pardo. Do olho castanho claro e um corpo que não era magro nem gordo. Júlio era também claro. Sistemático, só conversava com a gente de cara fechada...” Rita sempre buscava lenhas onde elas ficavam depositadas para serem usadas nas caldeiras. “– Chegava ela, o Tião, que fazia mandado pra ela, e o Sinhô, um crioulo que também trabalhava pra ela. Ela mandava rachar e depois vendia. Ela tinha um caminhãozinho que puxava a lenha até na casa dela, dentro da usina mesmo... Zé Messias todo dia saía vendendo verdura pra ela rua afora: alface, couve, cebolinha, tudo o quanto há. Ês vendia bolo de farinha de trigo, dentro e fora da usina, numa cesta de madeira forrada com um pano... Ela era cavadeira!” Alex abriu ruas no terreno ao lado da usina e vendeu lotes, onde viria a ser a Vila Santa Edwiges. Alguns empregados seus, compraram e pagaram em prestações que eram descontadas dos seus salários. Ronaldo comprou dois lotes e depois vendeu um. “– Os Bourdon foram muito bom pra mim... nunca pude reclamar nada do Seu Alex e o Seu Júlio gostava muito de mim e eu dele... eu trabalhava, mais trabalhava lascado! Todo cuidado era pouco... quatro caldeira, depois cinco...”

Alex e Rita, depois de uma exaustiva safra, foram a Besançon para se distraírem e descansarem um pouco. Ambos estavam estressados devido às múltiplas atividades imperiosas que uma safra lhes impunha. O contato com o mar lhes faria muito bem. Com o motorista de confiança e as bagagens todas arrumadas no carro, saíram em direção ao relaxamento. Quando estavam passando pelas imediações da cidade de Lídice, inadvertidamente, ao apreciar a paisagem no caminho, Alex foi acometido por uma visão: viu com perfeição uma construção gigantesca e rústica, um palácio ou um templo; era de proporções inacreditáveis! Rita estava adormecida e seu motorista concentrado na estrada. Estava portanto, sozinho. O carro passou pelo lugar determinado da aparição e a imagem da fabulosa construção permaneceu em sua imaginação, encantando-o e perturbando-o. Ao chegarem a Besançon, instalaram-se num hotel à Avenida Beira Mar, e foram imediatamente ao Museu de Besançon, porque Alex estava suspeitando que aquele magnífico, assombroso e antigo edifício existia realmente em algum lugar.

Em uma de suas infatigáveis investigações, foi parar no Egito, e se surpreendeu ao vê-lo em pintura e fotografia; ele o havia visto espontaneamente brotar dos confins de seu interior. Tratava-se do Templo de Luxor, em Tebas, à margem do Nilo. Imediatamente, sob severa relutância de Rita, partiram rumo ao Cairo. Permaneceram no Egito durante um mês. Quando voltaram, Alex escreveu suas experiências que foram por demais aterradoras. Rita estava assustada e, não fosse por ela, ele teria se perdido em meio ao fascínio que o passado distante o impusera compulsoriamente. Havia algo de muito estranho acontecendo. Numa de suas significativas experiências oníricas, carregadas de simbolismo, Alex estava sitiado por grandes pirâmides e obeliscos gigantescos, num

lugar inóspito, deserto, com muitas palmeiras, na margem oriental do Nilo. Com passagens estreitas, em meio à essa profusão de construções de pedras, se viu rapidamente cercado por homens, fortemente armados com lanças, escudos e espadas: conseguiu fugir correndo até que num certo momento subiu por uma pirâmide, escalando uma a uma suas pedras sobrepostas; o bando de perseguidores estava ao seu encalço. Em rápidas paradas para respirar e desfrutar da vasta visão do vale cravejado de pirâmides e obeliscos, via também os homens se aproximarem. Subiu desesperadamente e quando enfim chegou ao topo, foi surpreendido pelas hordas inimigas que vinham de todos os lados! Instantaneamente, pulou por sobre os homens que estavam prestes a lhe agarrar e voou! Surpreso e assustado, ainda assim se sentia uma águia! Voou intensamente! Assim que pousou, estava num reino distante, numa planície imensa e o céu claro com muitas cores berrantes. Andou um pouco e acordou.

Num outro sonho, as portas de um grande templo, de pedras sobrepostas formando espessas e altíssimas paredes, se abriram para ele. Porém, estava por demais repleto de gente, a ponto de algumas pessoas saírem ao serem pressionadas para fora. No momento em que as portas se abriram completamente, começaram a se fechar. As pessoas que saíram espremidas pelas outras que se empurravam mutuamente, num movimento de uma massa compacta, tentavam entrar insistentemente, forçando seus corpos para dentro, uns contra os outros. Alex era um deles que lutava para não ficar de fora. Em vão! As portas espessas se fecharam e o único a sobrar do lado de fora fora ele. Havia um grande lago azul em frente ao templo rústico e pesado. Alex sentou-se e dormiu nas escadarias, apreciando a paisagem calma e reconfortante. Neste momento, viajou para o interior da terra onde havia um apartamento real com todas as provisões dignas de um faraó embalsamado. Havia um sarcófago imenso e rico num dos quartos; não era o seu. Ele então se viu tomado por uma sensação de pânico e horror, não encontrando a saída da tumba. Até que tocou em determinado ponto de uma parede e esta cedendo à pressão do toque, fez com que ela se abrisse para uma passagem subterrânea com alguns focos de luz advindos da superfície. Após longa caminhada por túneis sinistros, chegou num local onde havia uma escada

de pedra longa, bastante empoeirada e danificada pelo tempo. Após subir penosamente todos os degraus em ruínas, havia chegado num ponto onde, por uma estreita abertura, via-se do lado de fora o complexo arquitetônico de Gisé. Estava no interior da Grande Esfinge! Ao tomar consciência disso, acordou! Do Egito para sua casa, sua cama, seu mundo e não poucas vezes isso ocorreu. Fora até esse país enigmático em vários sonhos, ou o Egito de certa forma foi até ele.

Houve mais uma experiência única da qual também iria se lembrar por longo tempo. Um observador avistava do lado de fora de uma grande pirâmide o seu interior. Era como se uma visão de raios-X tivesse incidido sobre um de seus lados. Dentro dela, um batalhão de homens do deserto trajando roupas características, estavam prostrados ao lado de seus cavalos em frente à uma grande tela que exibia uma filmagem. Num dado momento montaram nos cavalos e saíram em disparada para o deserto, saindo da pirâmide por um de seus lados, aquele todo aberto. O sonhador ultrapassou a cavalaria num vôo rápido e a deixou para trás, bem ao longe. Pousou como se de repente asas de anjo tivessem aparecido em suas costas; aterrissou em frente a um grande templo, feito de imensos blocos de pedra. Muitos anões corriam, como que aleatoriamente, abraçados em grandes mandiocas. O sonhador foi entrando para o interior do templo e teve acesso a uma rampa que subia em espiral até o topo da pirâmide; já era uma pirâmide e não mais um templo. Os anões largaram os exemplares de mandioca e de abóbora que carregavam e saíram correndo atrás do sonhador. Este, quando observou o rumo que as coisas foram tomando, correu à frente, subindo a rampa até alcançar o topo. Quando olhou para baixo, viu dos quatro lados externos da pirâmide, um verdadeiro exército em seu encalço, subindo as pedras, já quase o alcançando. Num impulso inconsciente, saltou do topo e inesperadamente ganhou uma asa delta e plainou, ganhou as alturas vendo os homens chegarem ao ápice da pirâmide e o avistarem, nervosos e falantes. Entrou dentro de algumas nuvens e quando estas se dissiparam, estava sobrevoando um lindo vale de deserto rochoso. Aterrissou e saiu andando tranquilamente. O sonho acabou. Porém, alguns outros o perturbariam ainda. Certos padrões permaneciam, como subir por pirâmides correndo

dos homens do deserto... Algumas dessas autênticas e expressivas manifestações de seu inconsciente eram terríveis e ameaçadoras, enquanto que outras se apresentavam luminosas e reveladoras. Ele as havia anotado e esboçado rascunhos para a consecução de um livro que nunca haveria de ser realmente escrito; estes textos esparsos desapareceriam com o tempo.

Alex era estudioso das línguas francesa e portuguesa; agradava-o bastante a companhia de filólogos e escritores. Escreveu algumas obras literárias, assim como seu pai, Patric Bourdon. Certa vez levou a Toulouse um gramático da língua francesa, de grande envergadura e prestígio nacional, cujo livro de gramática de sua autoria era usado em todo o território nacional.

Aos quinze anos de idade, Clodoaldo Bello, primo de Wilma, criado também por ela, ocupou o quarto que havia sido de Júlio, quando este casou-se em 1940. Porém quando este se desentendia com sua esposa Maura, levava-a para lá, a casa de Silvino e Wilma, e a deixava de castigo, sentada na sala, numa cadeira de vime. Em certo momento, essa mesma casa ficou em estado precário para continuar sendo habitada, no que ganhou o cognome de “casa velha”. Clodoaldo havia então completado dezessete anos de idade. Silvino passou para o sobrado ao lado, já reformado, que havia sido dos Dubois, pois ele o havia adquirido; e abandonou a outra definitivamente, deixando-a desabitada, até que desmoronasse; restou a parte da frente da casa e a bela fachada. Residiram por muitos anos neste outro sobrado. Continha sete quartos até se mudarem para lá, quando Wilma derrubou uma parede para aumentar o quarto que estava em vias de ocupar. Era composto, além dos quartos, por três salas, uma cozinha, dois banheiros e uma pequena construção feita no quintal para abrigar os restos da mobília da “casa velha”. Este solar, também antigo, era muito sinuoso na divisão de seus cômodos, e já havia sido objeto de várias reformas, inclusive algumas realizadas por Silvino que fez para ele uma nova fachada. Ali ficaram até meados da década de cinquenta. Era de pau a pique e se apresentou mais uma vez carente de reformas, quando Clodoaldo conseguiu fazer com que Wilma saísse de lá: tal era o estado precário das instalações que havia uma estaca enorme e grossa segurando o teto da sala de jantar, no andar térreo. Foram morar numa casa alugada que situava-se na Travessa Alex Bourdon, no Bairro São Marcos, em frente a casa de Dona Linda Lanna, amiga de Wilma.

Clodoaldo, em 1950, mudou-se para Besançon a fim de seguir carreira de bancário. Esta última casa de Wilma era de uma construção mais moderna, de tijolos e de janelas da época, ainda de madeira. Foi também a menor, dentre todas. Mudaram-se para lá, além de Wilma, Vera, uma prima idosa e uma empregada, de nome Marcela. Numa ocasião, no aniversário de Vera, Arthur, neto de Alex, ainda menino, começou a pegar os doces na mesa posta e enfeitada e a jogá-los na rua, correndo da pajem, Ana, que tentava lhe segurar. Esta casa continha três quartos, duas salas, cozinha e banheiro e uma serpentina ligada do fogão a lenha ao chuveiro, recurso usado a fim de aquecer a água para os banhos dos moradores.

Com a morte de Wilma, Vera que já era aposentada e velha, com mais de oitenta anos, também não tardou a falecer. A empregada D. Maura, já havia falecido.

Durante a primeira metade da década de quarenta, o movimento dos carros de boi era bastante intenso. Seu apogeu coincidiu com a vertiginosa expansão das carroças que os substituíram gradualmente: às três da manhã eles chegavam e permaneciam enfileirados até às seis, quando a usina abria o portão de entrada para receber a matéria prima. Em períodos de estiagem, esse fluxo corria normalmente, fora alguma eventualidade, como por exemplo a falta de energia ou o emperramento das engrenagens da indústria. Quando chovia, o transtorno se anunciava: as rodas dos carros, finas, eram propensas a ficar atoladas no chão repleto de buracos com muita lama e água acumulada. Como isso sempre acontecia, mister se fazia retirar as canas de suas plataformas. O carreiro e o candeeiro de cada carro enfileirado forravam seus ombros com um saco de mauá, e sob as águas torrenciais caindo do céu, iam levando as canas para o depósito ao lado da esteira, dentro do pátio da usina. O “fiscal da cana” ficava de olhos espertos e vigilantes para o caso de alguém, na sua maioria meninos, quisesse retirar canas dos carros: isso ocorria cotidianamente mas com muito menos intensidade quando chovia. Todos apreciavam o paladar das suculentas, saborosas e doces canas, principalmente as canas manteigas. Cometia-se loucuras por uma ou por um feixe de canas manteigas selecionadas. Os carros desatolados, depois de pesados, depositavam suas cargas em montes emaranhados que se formavam dos dois lados da esteira. Quando as noites estreladas rompiam as madrugadas invernais e primaveris, e as filas da cana cresciam e davam volta pelos quateirões, os homens faziam fogueiras nas ruas; passavam boas horas em colóquios de toda natureza. Nos morros, posicionavam pedras sob as rodas dos carros e das carroças de boi para firmá-los ao chão e se disponibilizavam para estabelecer contatos com seus iguais. Muitos tomavam suas “marafas” e levantavam louvores aos deuses em

agradecimento pelo bom tempo. Os carros e carroças carregados do irresistível mel das canas, surgiam pelos horizontes de três caminhos distintos, que chegavam ao portão de entrada da usina. Durante as noites de safra, os moradores das ruas pelas quais passavam os comboios não conseguiam dormir tranquilos. Havia aqueles de sono pesado e denso que não acordavam; outros, que acordavam algumas vezes mas que se adaptaram; e finalmente aqueles de sono leve, que ficavam à mercê do barulho da fricção das rodas de madeira dos veículos com seus eixos de ferro... Ainda somado a isso, o barulho dos homens conversando, gritando para outros ao longe, cumprimentado-se, cantando, rindo, contando casos, piadas, os boi mugindo... Algumas vezes, em rodas de conversa ao redor das fogueiras nas madrugadas, surgiam conflitos pessoais que evoluíam para agressões verbais e, ou, físicas, até que os amigos e companheiros apartassem essas contendas. Outras vezes surgiam cenários com forte apelo gastronômico, como quando algum carreiro ou candieiro surgia com uma galinha ou um coelho, ou alguns pássaros pegos no meio do caminho; eram assados numa fogueira, caso o tempo de espera referente a expectativa de todos fosse ultrapassado em longa medida. Ocasionalmente, algum morador do bairro ajudava-os a prepará-los.

As carroças de boi e os carros, emitiam o ruído alto e agudo característico. Passava-se óleo e graxa entre os eixos para que eles cantassem larga e abertamente, quando estivessem no perímetro rural. À medida que adentrassem a zona urbana, esperava-se de seus guieiros e carreiros o comportamento oposto. Passava-se então sabão nos eixos, evitando-se assim o canto estridente, porque o delegado de polícia estava sempre à espreita, com os ouvidos bem atentos, assim como os cidadãos, de uma forma geral; e caso houvesse a ultrapassagem do nível de ruído permitido, o infrator era prontamente denunciado, no que poderia ser multado. Cada carroça e carro possuía sua marca de distinção que ao longe se definia: seu canto único e particular. A mãe de Carlos José, candieiro de boi, quando identificava o canto da carroça de seu filho ao longe, dizia: “– Lá vem o Carlinho!” Os bois, como qualquer animal de estimação, atendiam pelos seus próprios nomes: Estrela, Boneco, Marrueiro, Mimoso, Cativo, Manhoso, etc.

Durante a infância e a adolescência, Júlio, seus primos e os meninos do bairro tinham em sua escala de valores, a máxima estima em nadar no rio Ululu. Um poço largo no leito do rio marcava a divisa entre a usina e um terreno onde era um dos pontos de parada do trem, cuja linha corria paralelamente ao rio. Neste ponto, concentravam-se os “moleques” e sempre quando muitos se reuniam, saíam brigas e disputas. Porém, nos fundos da usina, a alguns metros dali, havia um pocinho que fazia divisa com o quintal de uma casa. Era o paraíso de Júlio, de seus primos e dos amigos destes. Os meninos pescavam de anzol com isca de minhoca e, às vezes, afanavam peixes de algum rabudo ou giqui que alguém havia colocado preso à uma das margens do rio; levavam algumas vezes os próprios giquis; os rabudos eram maiores e mais difíceis de carregar, sendo desse modo desprezados. Um dia, um dos donos dos giquis desaparecidos dirigindo-se a um dos membros do Clã Afanador, observou: “– Eu quero descobri quem é que pega meus giqui... eu não posso comprá carne...” Ao redor da usina tudo era um grande tapete verde, canavial. As toceiras de cana dobravam pelas estradas, fechando-as, ou tornando difícil o deslocamento. Pelos canaviais afora muitas espécies do reino animal se aninhavam: coelhos, tatus, pacas, cachorros do mato, porcos do mato, inhambus, jacus, muitas espécies de pássaros... Quem morasse perto dessas plantações, nas zonas rurais, onde os cantões ermos se aprofundavam pelos grotões, ficava, à noite, ante a ameaça de ataques de lobos, cachorros do mato e alguns felinos que surpreendiam os rebanhos e criações de bípedes, com suas garras e dentes mortíferos. A aceleração da degradação ambiental se fazia uma triste e irreversível realidade. O advento da agricultura em crescimento desordenado e predatório na região, forjou um desequilíbrio ecológico cujas consequências nefastas colaborou eficazmente para o empobrecimento do homem local. A espantosa biodiversidade se reduzia inexpugnavelmente. Contudo as águas ainda fervilhavam de cardumes, as terras ainda pulsavam em riquezas incomensuráveis da fauna e da flora, os céus ainda erguiam quadros deslumbrantes de mil cores animados pelas revoadas dos imensos bandos de marrecos, garças, pombas selvagens, andorinhas...

No final da rua dos angicos a usina mantinha uma estrebaria, onde guardava suas carroças, enquanto que os carros voltavam para as fazendas. Uma construção rústica, aberta, ventilada, onde somente havia uma parede de tijolos ao fundo, coberta com telhas de barro; grossos esteios e vigas de sustentação de braúna formavam sua estrutura, ao seu redor, o pasto que alimentava os bovinos. Cada carroça de boi possuía seu lugar específico. Às sete, oito da noite, elas chegavam carregadas de canas e seus carreiros e candieiros soltavam os bois no pasto, retirando deles os materiais como as cangas, os canzis, as sogras, as correntes de amarração... Tudo era de propriedade da usina: cinco juntas de boi puxavam cada uma das dez carroças. Como a indústria somente começava a receber a matéria prima a partir das seis da manhã, aqueles cujas carroças de boi não estavam carregadas, chegavam à estrebaria por volta das três da madrugada. Pegavam seus animais de aproximadamente dezoito, vinte arrobas no pasto e os arreavam; então começavam o dia se dirigindo para um determinado canavial a fim de preencher as carroças. Faziam em média três viagens por dia e, como a usina parava de receber a cana das plantações às seis da tarde, alguns enchiam suas carroças e as deixavam adormecer carregadas na estrebaria.

Na primeira metade dos anos quarenta, ocorreu o advento dos três filhos de Júlio: Jean Paul, Patric e Adriano, nascidos sob as mãos de duas experientes parteiras. Os filhos dos irmãos de Júlio, vieram à luz também na década de quarenta: todos cresceram tendo como parque de diversões a grande usina. Na entressafra, o silêncio permeava o espaço dentro da grande construção que abrigava todo o maquinário da indústria. Durante as noites calmas de céu estrelado, alguns diziam que fulano ou ciclano havia visto alguém já falecido lá dentro. Folclore a parte, testemunhos

veementes e eloquentes apontavam para certas aparições de alguns homens que trabalharam nessas engrenagens em tempos passados. A credence e o imaginário popular criaram, contudo, personagens fictícios que habitavam certos lugares: a mula sem cabeça perambulava pelas madrugadas nos arredores do matadouro municipal; falavam que a rua Virgílio de Souza era mal assombrada, povoada à noite por cachorros endemoniados, e os meninos acreditavam nos sacis pereres. Quem morava por lugares pouco habitados, sentia forte receio em sair à noite, fosse pelo motivo mais relevante, como o que aconteceu certo dia com José Raimundo. Sua mulher entrou em trabalho de parto às duas horas da madrugada e, do lado de fora, chovia mansa e continuamente. Somada a essas condições, o medo da lenda desses seres macabros aterrorizava o espírito já perturbado de José, ante a revelação de seu filho que estava prestes a inspirar. Relutante, com a mulher lhe ordenando que fosse chamar o médico Dr. Oswald, saiu às escuras escorregando pela lama abundante da rua. Em certo momento, ao cair num buraco empossado, se viu rodeado de cachorros e, percebendo que poderiam ser os cachorros endemoniados, desmaiou de susto e pavor. Quando acordou, voltou correndo para sua casa ainda pela noite. Ao chegar, seu descendente já havia nascido. Os filhos de Júlio e seus primos alimentavam verdadeira temeridade por estes seres do outro mundo que se aventuravam pela usina. À noite, somente em certas ocasiões em que se encontravam mais audaciosos e destemidos, Jean Paul, Patric, Adriano, os primos Lúcio, Wander, Jarbas, Roberto, Carlos Henrique e alguns amigos, desafiavam estes seres invocando-lhes lançando imprecações e anátemas.

Durante a década de cinquenta, pequenos tratores que puxavam carretas de canas, foram gradativamente substituindo as carroças e os carros de boi. O novo transporte por meio mecânico possibilitou o abastecimento de quatro a cinco carretas diárias, de um terreno de várzea das imediações para a usina; nas terras íngremes, as carroças de boi desempenhavam o serviço eficazmente representando um risco menor de acidentes. Entretanto, dada a frequência do trabalho, a precariedade dos meios e a topografia inclinada do terreno, ainda havia acidentes com o despencar e o rolar de alto a baixo, atropelando tudo pela frente. Numa

dessas vezes, os bois em queda abraçaram o carreiro e este, depois de vários tratamentos e cirurgias, passou o resto da vida claudicando, e em certas ocasiões sentia dores terríveis. Alguns destes bois foram sacrificados devido à queda vertiginosa.

Alex colocava em ação toda a extensão de sua mente arguta e perspicaz: nada escapava às suas feições inteligentes, ao seu olhar de ave de rapina, enigmático, à sua astúcia. Postura altiva, gostos suntuosos e um certo perfeccionismo, que o levava pelos caminhos do serviço bem feito, que fosse realmente eficaz. Seus netos, ainda crianças, brincavam despreocupadamente pelo pátio imenso da usina. Permitia que os transeuntes o adentrassem e fossem até o engenho para tomar garapa: seus fregueses incondicionais e assíduos eram os meninos do bairro, de posse de suas canecas, copos de vidro, ou outro recipiente qualquer. Uma caneca de lata ficava permanentemente ao lado da moenda. Alguns trabalhadores cruéis e sádicos, ou mesmo somente portadores do impulso pueril arquetípico, sacanas e embusteiros, divertiam-se bastante dando gargalhadas quando os meninos erguiam seus copos embaixo das engrenagens onde saía a garapa e a bebiam com vontade. É que muitas vezes, haviam percebido a aproximação deles e untado com óleo de mamona essas engrenagens. Consequência: os meninos bebiam da garapa contaminada com o óleo. Saíam tossindo e blasfemando, lançando pesados chingamentos e pragos contra os malfeitores.

Nos períodos de safra, pelas altas horas da madrugada, mesmo quando chovia torrencialmente, Alex estava atento a qualquer imprevisto que pudesse desencadear o emperramento do maquinário em todo ou em parte. Quando forçosamente a pesada estrutura parava por algum defeito, nas noites frias, quase geladas de inverno, ou sob intensa tempestade, era imediatamente comunicado, assim como o mecânico do engenho, o Sr. Ronaldo, e seu ajudante: desencadeava-se uma batalha incessante até o momento em que o defeito fosse sanado.

A marcenaria funcionava com um marceneiro, Sr. Zyn Lair, e um ajudante aprendiz, a cargo de concertos dos mais diversos: dos carros de boi, das carrocerias dos caminhões que foram aparecendo com o tempo, das peças do mobiliário da usina, etc. Como as moendas não podiam parar em época de safra, era imperioso que tudo fosse feito no sentido de prevenir e de concertar rapidamente o que porventura estragasse. Sr. Zyn Lair: “– Alex dava duro!... não tinha bomba pra empurrar o melaço pro quebrador das turbina? Ele levava água nos balde até o quebrador, com a Maria... ele colocava açúcar nas carroça e saía vendendo pro comércio...”

Num certo dia, Zyn soube de um incidente. O Sr. Arlindo Filhos estava em pleno concerto de uma turbina, quando esta foi acionada distraidamente pelo Bastião da Ritinha. Todos gritaram pra ele desligá-la imediatamente! Arlindo saiu de lá feito “galinha tonta.” .. Depois que melhorou, passou a mão numa faca e saiu correndo atrás do Bastião...

Rita era uma mulher em que a determinação e a garra transpareciam no brilho de seus olhos, a vontade indomável; e de uma capacidade de trabalho espantosa. Todos os dias, com seus criados, logo pela manhã, buscava lenha perto das caldeiras, onde elas ficavam amontoadas. Estes, retiravam do monte desuniforme e emaranhado, os pedaços de pau que mais lhes convinham, e os colocavam na carroceria do caminhãozinho. Então levavam a lenha para o terreiro da casa e rachavam-na; ela os mandava às ruas para vendê-la em feixes. Depois, cada um, um cesto de hortaliças. Vendiam também biscoitos de polvilho, brevidades, casadinhas e fatias de doce de leite, este, o mais apreciado pelos fregueses. A matriarca mantinha duas empregadas exclusivamente para esse trabalho: o de atender e encantar o paladar de sua freguesia. Elas ficavam sob o comando de Maria, que fazia tudo na casa, era a governanta. Rita ainda dava pensão para alguns empregados da usina, ou seja, concedia-lhes almoço e café com seus quitutes, descontando de seus ordenados. A casa comprida, em forma de “L”, com os esteios todos de grossas peças de braúna, assoalho bem mais alto que o plano do terreno, de tábua corrida, continha o porão aberto que se estendia até por onde haviam paredes formando cômodos; por toda a extensão do porão, andava-se

sem que houvesse necessidade de se inclinar o corpo. Na parte aberta, haviam dois fogões a lenha, com dez bocas cada um. Os tachos de cobre provenientes do período da refinaria, juntamente com grandes panelas de pedra e de ferro, formavam o acervo dos recipientes, que forjavam em seus interiores a mutação alquímica dos alimentos. As mulheres fritavam, coziam e também assavam em espaçosos fornos, as broas de fubá, de trigo, os bolos cheirosos, perfumados com ervas que exalavam um perfume adocicado ou picante. Tudo recendia gostosuras, e todos aqueles que se aproximavam não tinham como evitar: suas bocas salivavam, o cheiro enfeitiçava e despertava instantaneamente o apetite.

Alex por vezes usava botas de couro, sobretudo quando saía a campo, para inspecionar o andamento dos negócios nas fazendas. Ao andar sobre o assoalho da casa, com seu pisar forte e determinado, produzia sempre o som das batidas da bota na madeira, que se ouvia ao longe e reverberava pelas paredes e pelo porão da grande casa.

O expediente de trabalho perdurava por doze horas. Caso houvesse algum acidente que impossibilitasse permanentemente ou não algum empregado para o serviço, este ficaria à mercê da própria sorte; esta, para os que trabalhavam para Alex, era razoavelmente boa. Este, nutria verdadeira temeridade em relação ao que pudesse acontecer de ruim com algum empregado seu, durante e fora do expediente de trabalho na usina. Sabia que um bom empregado valia ouro e, com seu espírito complacente, de uma empatia sólida, sofria com algum incidente malfadado envolvendo qualquer um deles. Tratava-os com zelo e justiça, mas com certa dose de austeridade. Josué era menino e certo dia brincando no pátio da usina com os netos de Alex, foi surpreendido por este com um abraço caloroso e envolvente: pensando que era uma neta sua, por causa da extrema semelhança entre os cabelos e o tipo físico de ambos, agarrou Josué por trás e o deixou por uns momentos atônito.

De sua casa, no alto do morro, Josué ouvia os berrantes anunciarem a passagem de uma boiada; descia o morro correndo para apreciar o espetáculo. “– Aqui passava boiada com duas horas de duração, que vinha das terras que tinham muito pasto, no norte de Jardim. Era só poeira! Cê não via nada, virava tudo poeira! Subiam o morro do cemitério, passavam pelo Barro Preto e íam pro lado de Veneza, que era o caminho mais perto pra Besançon”. A mãe de Josué servia almoço, ou como se dizia, dava pensão para os trabalhadores da esteira, na usina de Alex. Um homem levava todos os dias um balaio de palha, grande, com caldeirões de lata, esmaltados, contendo a comida: arroz, feijão, carne e verdura... isso nos períodos de safra, quando o movimento aumentava consideravelmente. Ela os tratava bem, confiando no pagamento certo no fim do mês. Muitos homens, ao se aproximar o

princípio da safra, povoavam o portão principal da usina na esperança de conseguirem ser colocados. Eram provenientes, na sua grande maioria, da zona rural e acalentavam o sonho de se mudarem para Besançon ou São Caetano. Muitos, ao acabar a safra, partiam. E muitas vezes eram recrutados por firmas de São Caetano, Dijon, Lille, por intermédio de pessoas que se deslocavam até essas paragens para tal finalidade: a de entrevistá-los, selecioná-los e recrutá-los. A mãe de Josué cedia uma casa de pau a pique para os trabalhadores a quem ela dava pensão, no grande quintal de sua casa. Este, desde a infância, passava muito tempo na companhia destes homens. Até que um dia apareceu com um livro na casa barreada onde moravam. A partir daí, se viu impelido de ler histórias para eles e a lhes ensinar a ler e a escrever. Ia com eles para a beira do rio pescar e, em certos lugares, as águas fervilhavam com os cardumes; gostava de pegar os cágados enterrados na lama do rio. Mediam de 30 a 40 cm de diâmetro. Em sua casa, mantinha um pequeno viveiro com essa espécie, e ainda algumas outras que seriam totalmente extintas na região.

Um dos precursores modernos das ciências naturais, provindo da Baviera, Alemanha, atraído pela abundante vida que pulsava ardentemente sob o sol causticante dos trópicos sulamericanos, esteve em Toulouse. Depois de atravessar regiões longínquas de Canela, soube da notoriedade dos inescrutáveis pântanos e florestas densas dessas plagas e circunvizinhanças. Em sua breve estada na cidade, pôde arrebanhar imensos tesouros naturais provenientes de sua flora e fauna ainda gritantes e arrebatadoras. Por onde passava, reunia fartas amostras dos reinos naturais, que enviava aos museus da Europa: animais embalsamados, sementes de plantas, mudas, pedrarias, rochas, etc. Não obstante o acelerado processo de devastação a que as Américas foram submetidas depois de seu descobrimento pelos povos europeus, ainda haviam lugares preservados e mesmo nunca penetrados pelo homem, como as florestas primárias, ainda abundantes em certas regiões inóspitas. Toulouse sofreu a ação da rapinagem de seus recursos naturais em velocidade vertiginosa, devido à implantação da monocultura do café e depois a da cana de açúcar. Quando um exemplar mais evoluído de alguma espécie animal,

como uma onça, que ocorria na região, aparecia ante aos olhos de algum fazendeiro ou cidadão, era imediatamente caçada em altos brados por grande contingente humano, motivado pelo alto grau de sua periculosidade iminente. Os felinos originários desse região, dentre outros animais de grande, médio e até mesmo pequeno porte, atacavam as criações nos quintais das casas e nas pastarias, já que se viam cada vez mais encurralados em porções sempre menores de matas nativas, devido aos crescentes desmatamentos.

Alex era um autodidata, de inteligência privilegiada e de uma persistência imbatível: teimava contra a própria sorte. Conheceu algumas vezes tempos difíceis. Silvino o apoiava incondicionalmente. Ao final da década de trinta, chegou a quase fechar seu negócio. Não havia uma política governamental bem definida que defendesse e viabilizasse efetivamente o ramo açucareiro. Era escravo do trabalho, enfrentando desafios poderosos e imprevisíveis. Bertrée conta: “– Esse era o tempo em que o usineiro fabricava o açúcar, mas não tinha um preço estabelecido de venda... então eles saíam pra realizar as vendas até em cima do caminhão... no comércio, vendendo nas ruas: um compra um saco, outro compra outro... os mais ricos tinham vendedores, mas os mais pobres como Alex, tinham que sair vendendo.”

A partir de 1941 um órgão governamental passou a regular as relações de produção e comercialização do açúcar, o AAA (Autarquia do Açúcar e do Alcool). Impôs certas práticas como o limite na produção e estabeleceu novas relações das usinas com seus fornecedores; estes passaram a ter cota de fornecimento limitada e prioridade no abastecimento das indústrias; depois as usinas poderiam moer suas próprias canas se as tivessem. A tábua de salvação estava lançada para os usineiros, antes à mercê das ondas gigantes do mar das incertezas do mercado. Regulava a atividade econômica, criando também dentre outras normas importantes, as que ditavam o preço da cana e o preço de venda do açúcar e do álcool, taxados por região, respeitando as condições mais e menos favoráveis para a cultura da cana em cada estado da federação. Com a intervenção do AAA as usinas passaram a ter a garantia de um preço justo para o açúcar e o álcool, acima dos custos de produção, viabilizando efetivamente a atividade. Seus fiscais arregimentavam toda

a escrituração das empresas, e com base em cálculos contábeis, também ajustavam o preço de venda da cana dos fornecedores para as usinas.

Com o advento da Autarquia, as usinas de Canela, que se proliferavam, puderam contar com o seu apoio no sentido de obter financiamentos, caso houvesse necessidade, o que sempre ocorria. Quando havia dificuldades, sobretudo na venda do açúcar, em virtude da concorrência de outras usinas, a instituição financiava todo o estoque para que não houvesse a possibilidade de venda abaixo da tabela prescrita; as sacas ficavam estocadas até que o preço de mercado melhorasse. Um determinado percentual das vendas era destinado ao Instituto que, com o recolhimento dessas taxas, compunha seu capital e emprestava dinheiro para as usinas em dificuldades. A pequena empresa de Alex então passou a ter um lucro razoável e, à medida que ela foi se desenvolvendo, o lucro foi aumentando. Mais tarde a desvalorização monetária impetrou juros altos e, concomitantemente, houve um processo de inflação crescente, fazendo com que as usinas comesçassem a decair. Vieram então os empréstimos financiados que geraram hipotecas em vários graus. Isso fez com que uma prática altamente perniciosa se instalasse: a venda antecipada da produção do açúcar para empresas poderosas que se aproveitavam dessas circunstâncias para adquirirem o produto por preços abaixo de seu custo de produção. Por sua vez, isso levou muitas empresas a efetivamente assumirem dívidas impagáveis e, conseqüentemente, entrarem em estado de total insolvência, ocasionando processos irredutivelmente falimentares.

Alex ostentava uma boa biblioteca em sua casa, numa sala grande, com várias estantes na parede. Era um leitor hedônico. Não lhe bastavam somente os livros relacionados com a cultura da cana e sua industrialização para a produção de açúcar, mas também as grandes obras literárias de todos os tempos e algumas obras-primas de autores renomados; seu acervo ia além: abrigava enciclopédias, atlas históricos e geográficos, coleções importantes da filosofia e da poesia, dicionários dos mais falados idiomas, etc. Sempre investiu muito em livros e alegava que era uma grande herança que deixaria para seus filhos. Não só apreciava bastante a leitura, mas também a escrita: dedicava-se à atividade literária nas horas vagas. Escreveu alguns livros sobre a cultura da cana e a produção de açúcar; dois livros de poemas e um de ficção, envolvendo o cenário dos canaviais e do parque industrial de sua própria usina. De vez em quando recebia telefonemas de personalidades ligadas à Autarquia para que expressasse suas opiniões acerca de determinados assuntos relacionados ao universo açucareiro. O telefone era preto, acionado à manivela e ficava dependurado na parede. Muitas vezes, em certos horários de disponibilidade, assim que o chamavam para atendê-lo, levantava de sua cadeira de balanço e, a passos largos se dirigia ao aparelho. Já não enxergava tão bem, mas escutava quase que perfeitamente; não obstante, as conversas ao telefone terem sido marcadas por alto e bom som, uma vez que o processo de telefonia era precário e obrigava aos falantes a aumentar o tom de voz, quase aos gritos para se fazerem ouvir.

Nas fazendas da usina e da família, os bóias frias, assalariados, efetivos da empresa, nas épocas de entressafra, capinavam os canaviais, limpavam os córregos e desempenhavam outros serviços corriqueiros; também plantavam arroz à terça com a usina, nas partes das terras que se

apresentavam inviáveis para o plantio de cana. Eram terrenos encharcados, terras úmidas, que se prestavam unicamente para o plantio de arroz. Muitas vezes produziam em pequenas quantidades, somente para o consumo de suas famílias, milho, feijão e hortaliças. Em seus quintais insipientes, as ramas de bucha, de abóbora e de chuchu sempre estavam presentes, quer trepadas nas cercas, quer nas poucas árvores frutíferas, como nas mangueiras, nos abacateiros, quer nas outras árvores nativas que cresciam ao sabor do clima, displicentemente: coramados, angicos, jacarandás, etc. As mulheres sempre plantavam algumas flores na parte da frente de suas casas, com as quais se deliciavam ante à beleza de suas formas e cores e ante aos seus perfumes, que se espalhavam pelos ares. As crianças ficavam restritas às poucas áreas sombreadas durante o dia. Nascentes de água nas imediações de suas casas, proporcionavam-lhes o indispensável contato com o líquido vital. As mulheres e crianças eram dotadas da incumbência familiar de prover suas casas com a água que era transportada da mina por latões ou tonéis de madeiras, carregados na cabeça. Aproveitavam suas viagens às nascentes para lavarem suas parcas e precárias peças do vestuário. Elas se reuniam para a lida com as roupas e cantavam enquanto ensaboavam e enxaguavam. Os meninos, munidos de varas de pescar que forjavam dos bambuzais, escolhiam locais úmidos na terra para colherem as minhocas que serviam de isca para a pesca nos riachos e córregos, já que os peixes pululavam em toda a região, que fora abençoada com fartos recursos hídricos. As meninas também, desde cedo, aprendiam a empunhar varas de pescar, mas na maior parte do tempo preferiam brincar de bonecas em suas próprias casas ou nas casas dos vizinhos. Levavam uma vida simples, em estreito contato com a terra e não galgavam os caminhos do conhecimento até que surgisse a oportunidade de estudar nalguma escola rural nova, onde aprendiam as primeiras e únicas letras, não se aprofundando nunca nos estudos, justamente por falta de recursos para que fossem para outras escolas dar prosseguimento ao necessário, constante aprendizado.

“– Nóis comia rolinha, tatu, peixe nem se fala! Perto do moim, só de anzol cê pegava... largato... mandi, bagre, traíra, bocarra, lambari, cará,

casquedo... Nós pegava aquilo alí, abria ês no mêi alí mesmo, a água era clarinha... passava outra água mais limpa dentro de casa, pegava pouca quantidade, porque não tinha geladeira, passava um arame, quando era muito peixe, marrava em cima do fogão de lenha, na fumaça, fica aquele ressecamento... durava até uma semana, pra não secar muito. É igual a uma linguiça defumada. Aquela papada do porco, tirada com oreia, o fucim, a carne todinha até o pescoço, salgava e deixava lá, defumano. Ficava mais gostoso do que o bacon, não tinha composição... comia o toicim com pão... tô vivo até hoje aí: é saúde!

Nóis brincava de pique, no canavial... entrava no canavial, ninguém pegava nós. Pegava aquês corgo lá e saía do outro lado, pegava aquês brejo tudo, tinha muito brejo... A lua cheia, tudo craro, a gente ia brincar de roda com as menina, passava anel... Brinca de pique de esconder com as menina, proveitava e garrava elas... Eu estudava longe! Aí vim pra morar na casa do meu tio pra estudar na cidade. A mãe me matriculou eu no grupo... a professora não guentou, ela era braba! Ela vinha beliscar ni mim... Eu tampava pedrinha nela... Fui pro outro grupo, a sopa era uma miséria danada! Mingau de fubá puro! Nem uma couve! E uma canja que não tinha nem um pedaço de carne, não tinha nada! Uma canequinha só! Quando vinha o macarrão branco, vinha mais água do que tudo! Parecia uma lombriga! Não descia... A gente tinha que levar merenda: pão com salame...”

Rita era expressiva, dinâmica e alegre. Muitas vezes ela mesma dirigia seu caminhão International, quando ia às fazendas recolher produtos hortifrutigranjeiros. Era muito caridosa, portadora de uma rara consciência social. Vivia cercada por uma série de pessoas, merecedoras de suas benesses, entretanto, nem sempre despretenciosas, seus empregados eram tratados como pessoas de sua família, a qual sofria incondicional ascendência dela. “– Silvino era divertido! Com a vassoura na mão, limpano tudo... não podia ver um papel no chão! Implicante! De 1928 a 34, trabalhei sob a fiscalização dele no armazém do Seu Alex, de engarrafamento de álcool. Era um depósito da Companhia para engarrafamento de álcool e mistura de aguardente. A aguardente era feita de melaço e levava uma série de produtos químicos... eu e Anastácio, a gente lavava garrafa usada pra engarrafamento de álcool; a gente fazia os engradado de álcool e cachaça... tinha dez tonéis enormes de cachaça que era fabricada do álcool, misturada com nóz moscada e outras substâncias; o álcool vinha da usina e era beneficiado. O pessoal bebia mesmo! Era uma cachaçada danada! Eles facilitava demais, e bebia mesmo!...”

Quando os anos quarenta se apresentaram, veio com ele a inauguração da ponte rolante, que manjava o primeiro guindaste; a partir de então, este erguia as canas dos caminhões, dos carros e das carroças de boi e as colocavam no depósito ou elas iam direto para o local ao lado e um pouco acima da esteira, de onde caíam para esta sendo puxados primeiramente pelos tridentes de três homens que lá trabalhavam, depois, por meios mecânicos, sem deixar de utilizar a mão de obra que nesta função, então passou a ordenar a entrada delas na esteira, de forma uniforme. Uma nova esteira passou a ter um sistema de facões rotativos, que cortavam as canas enquanto elas se dirigiam até a primeira moenda.

Num domingo de sol, Cláudio e Marcelo mergulharam no rio Ululu e não voltaram. Haviam muitos jovens e homens nadando. Todos saíram da água e ficaram aguardando: sumiram, indelevelmente engolidos pelas águas volumosas e barrentas. Algumas carroças passaram com suas parselhas de boi dentro d'água, ao lado do povo suspenso em rumor e expectativa.

Silvino, bem mais velho que Alex, na terceira idade, possuía certos cacuetes e trejeitos que lhe imprimiam uma silhueta característica. Costumava assoprar seu cabelo como se ele fosse cair nos olhos a todo momento. Também guardava e colecionava coisas. Depois de sua morte foram encontradas em seu quarto uma série de cartas de amor que ele recebia de suas pretendentes voláteis; uma gaveta comprida quase cheia, a última da grande cômoda de jacarandá. Encontraram toda sorte de objetos de ornamentação, pequenos, e num guarda roupa invejável, peças de roupa muito antigas que lhe pertenceram até durante a infância. O que possuía quando a morte o abraçou, era somente seus pertences pessoais, que Wilma tratou de dar bom direcionamento. Em seu funeral compareceram pessoas de graus distantes de parentesco com ele, dada sua reputação de pilar de uma grande família; entretanto, seu comportamento errático para com as mulheres não deixou de ser comentado subrepticamente como também não deixou de surtir seus efeitos antes, durante e depois do velório. Alguns de seus filhos bastardos acabaram por se conhecer e se reconhecer enquanto irmãos, dadas as semelhanças físicas que possuíam entre si. Um deles se apresentou a Alex, que imediatamente lhe deu um emprego na usina como membro efetivo do quadro de funcionários. Um outro já havia se mudado para Besançon no intuito de trabalhar com seu tio, irmão de sua mãe, que havia se estabelecido bem por lá. No velório e no cortejo fúnebre, compareceu uma senhora com uma menina; esta exibia claros traços de Silvino, em seu semblante por demais abatido. Todos observaram em silêncio e se admiraram ante sua beleza e graça, mesmo estando com a aparência comprometida pelo mau estado de ânimo. Depois, nunca mais ouviram falar de ambas. Silvino sucumbiu repentinamente aos 73 anos, vítima do tombo que sofreu de uma escada, quando pretendia alcançar o

telhado de sua casa para avaliá-lo. Este apresentava sérias avarias em diversos pontos, o que possibilitava a entrada da água de chuva, que formava goteiras e, quando chovia muito, verdadeiras cachoeiras por duas paredes da sala.

Sr. João Batista nasceu na fazenda Santa Catarina, da usina S. Marcos, quando ela era toda plantada em café. Sua infância, em meio aos cafezais, gozou de grande liberdade para brincar com os irmãos e amigos, filhos dos lavoureiros. Os recursos hídricos eram fartos, o que sempre propiciou a exploração da pesca em seus riachos. Os meninos saciavam-se exibindo extensas e gordas fieiras de carás, mandis, bagres, bocarras, labaris, traíras, cascudos... E os pássaros que ainda eram fartos e de espécies variadas, ficavam susceptíveis de serem presa ou abatidos pelos seus amantes e aficcionados, de gaiola em punho, ou pelos seus algozes dispostos às caçadas pelas matas e capoeiras, respectivamente. Ao amanhecer, canários da terra estalavam seus cantos encantadores e exibiam suas plumagens intensamente amarelas ao sol; povoavam os terreiros conjuntamente com trinca ferros, bem te vís, sabiás, melros, coleiros, tizis, tico ticos, rolinhas... Os meninos, extasiados pela oferta de peixes e aves, viviam suas vidas em torno dessas atividades, quando não estavam jogando birosca, ou gozando de outra brincadeira qualquer. Isso até aproximadamente os oito ou nove anos de idade, quando então eram iniciados a candeiar bois; já ajudavam seus pais com os irmãos menores, zelando por eles e vigiando-os. João batia pasto, capinava os canaviais e realizava outros serviços que não careciam de maiores responsabilidades. Seu irmão mais velho assumiu a seguinte função: “– Tinha vinte e cinco carroça de boi na fazenda, que dava duas viagem pra usina por dia. Nas outras fazenda da usina tamém tinha carroça. Eu distribuía elas no canavial pra encher de cana... tinha os chefe dos carretero que coordenava todas as carroça: era eu e o Seu Manoel. A gente distribuía as carroça no canavial, pra evitar de tirar elas do lugar. Enquanto elas tava encheno, os boi tava comeno paia de cana. Cada carroça era três junta de boi: junta

guia, de frente; a junta do meio e a junta de cabeçalho, que carregava o carro; as outras duas, puxava o carro. Às cinco e meia já tava distribuindo as carroças no canavial; elas fazia uma fila, as vinte e cinco... eu andava à pé correno as carroça, coordenando o andamento delas. Quando chegava na usina, elas ia passando na balança e o guindaste pegava o volume e depositava no depósito de cana. Era uma ponte com um guindaste só. O diministrador tinha uma boca suja, só cê veno! Só falava pornografia! A gente conversava com ele e ficava rindo... Nessa época era tudo carro e carroça de boi, mas já tinha uns caminhão D-40 movido a álcool. O seu Wander Ribeiro bebia mais que o caminhão!... fazia álcool na usina, na destilaria. Ainda não colocava fogo no canavial pra cortar a cana. Fazia tanto frio que eles acendia fogo fora da paia, na estrada pra esquentar as mão, porque era muito frí!... Depois fomos apontador, João e eu. Nós fazia o ponto e o custo. Era umas folha azul e branco... calculava os custo: a mão de obra do corte, do prantio, da limpeza da cana... Eu, o João e o Canela corria as fazenda tudo. A gente ia a cavalo..."

João permaneceu na zona rural enquanto que um de seus irmãos ingressou no quadro de funcionários do escritório da usina. Foi trabalhar com Manoel Gallo, a quem prestava contas de seu serviço. Dois anos depois faleceu Manoel aos cento e três anos de idade. Somava de cabeça as folhas de pagamento, sem máquina e não errava! Surpreendia sempre a todos.

Os anos da guerra também foram tempestuosos para Alex e Júlio. Certo dia quando este, sob o ímpeto feroso de haver se desentendido com seu pai, sob o rubor de um temperamento explosivo, exaltado, eis que nessas condições, se deparou infeliz e inesperadamente com um fiscal do Instituto da Autarquia do Açúcar e do Álcool. Este havia sido incumbido de vistoriar e analisar os apontamentos contábeis da empresa que, naquele momento se encontravam vulneráveis. Júlio, carcomido pela intemperança, destratou o fiscal que se dignou a notificá-lo: foi inadvertidamente escoraçado; sofreu um tapa no rosto que lançou-o no mesmo instante ao chão. Após se levantar, tomou outro. Os dois rolaram pelo barro! Chovia mansamente por toda a semana. Dias depois, após nova discussão entre pai e filho que ostentavam inflexivelmente suas

máximas comportamentais antagônicas, Alex foi vítima de uma descarga elétrica que lhe deu uma “lambada” nas costas! Havia encostado num fio desencapado que estava às suas vistas, mas não em sua memória, fragilizada pelas descargas de adrenalina de seu corpo, durante a briga com seu filho. Ao esquecer do fio foi pego por ele. Estava inspecionando uma caldeira num andar de cima da grande construção da indústria. Ao tomar a “lambada”, quase cai da passarela onde estava. Foi seguro pelos corrimãos!

A família Water Silveira produzia talento na área da mecânica, em quase todos os seus indivíduos, e estes, tiveram estreita ligação com as engrenagens da usina Sr Marcos. Sempre se mostraram harmoniosos para com a família Bourdon. Silvério: “– O gerente da usina ia marcano as peça e os W. Silveira ia concertano... uma vez estorô uma caldera e vuô pedaço de chapa de ferro lá na grota dos ipê! Foi um barulho tão arto que aquilo ficô zunino na minha cabeça uns dia... eu ia passano no pátio quando estorô!...”

O pai de João Batista havia falecido vítima de uma enfermidade que contraíra nos pulmões, consequência do trabalho insalubre nos canaviais. “– Na colheita, os homem trabalhava de manga comprida e pano enrolado na mão pra não machucar... as mulher usava um pano enrolado no pescoço pra proteger do frí e das paia da cana e outro enrolado na cabeça por cima do chapéu de paia. Ês fazia um fogo na estrada, num local limpo, pra poder quentar as mão... as mulher sempre que ia fazer necessidade... elas sumia pro mei do mato... a gente via dois facão no canavial: porque elas ia em duas... ou sumia um homem e uma mulher, é que ele ia muntar nela... As ferramenta de trabalho era facão e enxada, dê memo... durava umas cinco safra ou até mais...” Os cortadores de cana iniciavam a lida nos canaviais às seis da manhã. Chegavam de suas casas ao local de trabalho, a pé ou a cavalo. Os que possuíam cavalos, amarravam suas rédeas nos pés das canas e os abasteciam com palha. Enquanto seus donos cortavam as canas, eles se alimentavam.

Via-se ao longe a movimentação da colheita nos canaviais: os homens cortavam as canas e íam depositando-as nos carros e nas carroças de

boi; quando repletas, saíam em comboio em direção à usina para descarregar. A hora do almoço se fazia às nove, nove e trinta. “– A maior parte levava o almoço nuns caldeirãozims de alumínio e quentava na hora... e lá pelas duas e meia, três hora, ês tomava café... ês deixava comida do almoço pro café...” A respeito do pagamento: “– Esse pagamento era de 1942 a 45, mais ou menos... O caixa separava as nota e levava o dinheiro trocado e contado, e dava certim! Era feito por chamada. Ficava aquele monte de gente no pátio da fazenda, do lado da sede: era um casarão de madeira, ipê, braúna... era enorme!... de janela de guilhotina... desmancharam ela e no lugar construíram um estábulo pra alimentar os boi das vinte e cinco carroça. Era alimentado com fardo de capim prensado... e o capim era empilhado... tipo silo... depois era impressado e marrava os fardo do capim gordura e guardava ês pra tratar do gado: ês misturava ele com melaço no cocho. Na safra e no plantio tinha mais de cem empregado efetivo e temporário... A cana era prantada em sulco feito com arado de boi, geralmente duas junta mais ou menos...”

Silvério passou a feitor, sempre apoiado pelo administrador que se harmonizava bem com ele. “– Ele tinha a boca muito suja! Só falava besteira, o tempo todo. Hê home de boca suja!... mas se eu mandava um cara embora, ele me garantia. Os caminhão novo pareceram em 1945, 46... a usina já tinha um guindaste... era os D-40, os D-45...” Quando Arnaldo foi transferido para o escritório, certo dia presenciou uma cena engraçada: “– Aníbal trabalhava no escritório comigo... um dia ele montou num velocípede de menino... devia ser de um dos neto de Alex... e vei correno abrino aquelas porta de faroeste que tinha no escritório... ele vei correno e de repente ele deu de cara com o Seu Alex e o Seu Júlio!... eu morri de rir, e fiquei rino baixado na mesa...”

A guerra na Europa explodia. Era transmitida pelo rádio, ocasionando pouco impacto num rincão tão distante nos confins do mundo, senão instigando ira e compaixão a todos. Em Canela, a ditadura militar deitava suas pesadas mãos de ferro sobre os ombros frágeis dos cidadãos, manipulando seus comportamentos; não havia liberdade de expressão. O contingente policial da opressão gozava de caráter irrefutável quanto a ser efetivo. As ineptas insurreições populares eram pronta e severamente recrudescidas.

Alex trabalhava muito à noite, vistoriando a papelada que a burocracia sempre impunha; inspecionava os papéis e fazia anotações em seu escritório num dos cômodos da grande casa. Já havia adquirido cinco fazendas na cidade que produziam cana permanentemente, exceto uma, que produzia somente café. Depois de Júlio ter galgado alguns postos de trabalho na usina, Alex mandou-o percorrer as propriedades rurais como prestador de contas do trabalho dos administradores que moravam nas fazendas. Era o chefe de culturas ou dos administradores. Nos períodos do plantio e da colheita, o número de trabalhadores nessas terras já era em torno de quinhentas a seiscentas pessoas. Na indústria, os efetivados somavam cerca de sessenta a setenta homens; durante a safra, funcionavam dois turnos de doze horas cada um e o contingente aumentava para cento e cinquenta. A movimentação era intensa e o barulho das engrenagens em ação, ensurdecedor. Formavam turmas que se revezavam: numa semana uma trabalhava durante o dia e a outra durante a noite e vice versa. Já na lavoura, todo o trabalho era feito durante o dia; o movimento começava às seis da manhã e parava às cinco da tarde e não havia o pagamento de horas extra como já ocorria com os trabalhadores da indústria, mesmo que, como ocorria com os caminhoneiros que começaram a puxar cana para a usina nos caminhões desta, adentrassem a noite em suas atribuições. Três das cinco fazendas da usina de Alex possuíam trabalhadores efetivos morando nelas, para prestar a constante manutenção dos canaviais; durante a safra outros eram contratados e logo após o seu término, dispensados.

Senhor Djondt jantava regularmente com Alex em sua casa na usina, quando da inspeção administrativa do fim do dia. O jantar, servido na mesa grande e pesada, de madeira nobre, para catorze lugares, saciava uma horda de comedores, porque se tratava de Alex e Rita, seus três filhos, netos, mais convidados sempre frequentes como vendedores e alguns funcionários, ocasionalmente um ou outro e parentes de Alex e de Rita, além de algum amigo. A casa ficava rescendendo a comida, mantida todo o tempo no calor aconchegante do fogão a lenha, com o fogo baixo. Maria, a cozinheira, estava com os Bourdon desde os treze anos de idade em 1923, uma negra alta manhosa e brincalhona, que cozinhava

divinamente. Seus pratos refinados e sumamente apetitosos, despertavam elogios generalizados. Ficou famosa por sua “mão de ouro”, por sua vocação fascinante, carregada pelo fardo da imperiosidade do que plasmava: a comida. Os pratos doces, os salgados, todas as iguarias ganhavam um sabor e uma consistência ímpar, quando Maria se adentrava às viagens das misturas e combinações; levava ao delírio sensorial, ao extremo prazer do paladar, ocasionando às vezes excessos que custavam caro aos incautos degustadores de suas maravilhosas obras gastronômicas. Todos comiam fartamente. De vez em quando, um garrote era sacrificado para abastecer das mais variadas partes de seu corpo, a cozinha farta de Maria e de suas duas ajudantes; estas nunca conseguiriam superar sua mestra. As leitoas assadas, regadas a um maná de perfumoso líquido, os cabritos especialmente preparados às modas usuais, os patos, frangos e peixes, uma infinidade de pratos especiais com carne... No universo dos doces, as polpas de frutas em calda, tortas, pudins, manjares, rocamboles, tudo continha um sabor inigualável! Um convite à gula, ao pecado. Não poucos cederam a essa tentação em recepções da família Bourdon a eminentes personalidades e convidados.

No período da guerra, o ponto de charretes de aluguel era na praça, em frente à casa de Firmino e Wilma. Os cavalos possuíam um sino cada, dependurado em seus pescoços, pois, aqueles que intensionavam alugá-los poderiam tocá-los à fim de chamar seus donos que estariam sempre por perto. O badalar dos sinos, somados ao cheiro constante de estrume e de urina dos cavalos, proporcionavam uma experiência sonora e olfativa nada edificante; irritavam Silvino e ele, tão logo pôde, tirou-os da frente de sua casa. Do lado dos cavalos, do outro lado da rua, ficava um carrinho de vender laranjas. Muitas vezes elas eram consumidas ali mesmo pelos fregueses, após passadas por um descascador mecânico; este pequeno negócio foi poupado pela fúria de Silvino porque não lhe trazia nenhum inconveniente e o simpático senhor que o geria, mantinha um relacionamento amistoso com aquele. As charretes então mudaram-se para o outro lado do jardim, pela intervenção do delegado, após insistentes pedidos de Silvino.

A praça mantinha um movimento constante de meninos e adolescentes que, no chão ainda de terra batida, jogavam birosca, ambos os sexos pulavam corda, os meninos “pelavam”, as meninas jogavam maré e brincavam de boneca e de casinha; os jogos de peteca e voleibol também se mostravam bastante presentes no dia a dia desses e dos outros cidadãos. Os pássaros voavam em liberdade pelas árvores frondosas do grande espaço físico da praça e por toda parte; os mais valorizados eram caçados pela forte demanda a que eram submetidos. Como os jogos de futebol ostentavam grande popularidade, sempre alguns jogadores de fora da cidade, estando nesta em dado momento por causa de alguma partida, levavam bandos de pássaros presos em gaiolas, no intuito de os comercializarem em outras regiões, sobejamente nas grandes cidades. O

comércio de pássaros gozava de bastante efervescência, e verdadeiros contingentes ariscos, recém capturados, se apresentavam ao aquecido mercado.

Na usina, a destilaria de álcool estava em vias de passar por uma grande reforma. “– Era um tal de nego com dor de dente de noite, ês pegava o álcool pra bochechar e bebia! Ês pegava o álcool pra ferver água pra fazer café e... ês fazia quentão: água, álcool, açúcar e o charopinho das turbina. Ês não tinha hora de beber não! Eu bebia um litro de cachaça todo dia de tarde. O Arlindo deixava um litro pra mim toda manhã lá em casa, era igual o leiteiro trazeno leite, há! A cachaça era boa, não tinha química. Hoje ês usa cada produto pra fazer cachaça que ôcê nem acredita! Um cheiro horroroso! ...Depois de um certo tempo, desativou a destilaria, quês viro que era preferível vender o melaço...”

Certo dia o único guindaste que levantava até sete toneladas, içou um pacote de canas de uma carroça de boi com três toneladas e, ao transportá-lo para o depósito, eis que um dos cabos se rompeu, as canas se desprenderam e caíram de forma desuniforme sobre Miguel; este instantaneamente pulou para o lado e conseguiu sair da rota avassaladora das canas; não teve como evitar que mesmo apenas algumas o atingissem, mas não provocaram senão leves arranhões em suas costas musculosas.

Wander e seu primo Lúcio, quando adolescentes, certa noite de safra, estavam fumando escondidos de seu tio Alex, no terceiro andar das passarelas da indústria. Inadvertidamente uma telha se desprende do teto e caiu entre os dois, que se assustaram e se surpreenderam ainda mais pela sorte a que foram merecedores em sair ilesos do incidente. A fábrica toda surpreendia pelo seu movimento, pelo barulho ensurdecador e pela grandeza das engrenagens e equipamentos; um meio agressivo, cruel: um simples vacilo e adeus um braço, uma perna, duas, uma cabeça voando, um corpo esmagado, um corpo carbonizado, um corpo moído, etc.

Em quase toda safra Júlio sofria crises de asma que o levavam à loucura: “– Eu passei um aperto com ele! Ele tava com muita falta de ar e puxava o ar e parecia que tava sufocano... eu desengatei a mangueira do maçarico e dei oxigênio pra ele...”

Cê precisava ver, o pessoal trabalhava com prazer mesmo! Era uma boa vontade, coisa impressionante! Esse pessoal dava show no pessel de fora. O ambiente lá fora é só pra te entregar. Ês acha que cê chega pra pegar o lugar dês. É horrível! O pessoal trabalha tudo amarrado aí fora, cê precisa ver! Quando vêi um pessoal da usina de Santo Antônio pra visitar essa daqui, ês achava que sabia tudo, hê pessoal convencido! Numa outra usina que eu trabalhei, de três irmão e três cunhado, era uma fofoca danada, ês milindrava a gente! Aqui tinha uma equipe muito boa...”

Com a ampliação e modernização do parque industrial, a demanda por mão de obra cresceu vigorosamente. Maurício chegou a ficar sem dormir por muitas horas ao longo de todo o trabalho, pois o tempo era curto e o volume do que precisava ser feito, grande. Um ambiente altamente barulhento e empoeirado se instalava nas repartições devido às reformas. Muitas vezes serviços mal feitos por incapacidade técnica daqueles que os realizavam, não eram embargados nem refeitos, dada a urgência que se impôs à instalação dos equipamentos no tempo estipulado.”– Vêi gente de todo lado, tinha que fazer, tava apertado! Montagem de engenho, de caldeira... e muitos não tinha noção do que era solda elétrica, tinha solda por todo lugar! O pessoal ficava soldano e os que passava perto ficava olhando... No outro dia chegava com os olhos doentes, era uma dor! Nem conseguia trabalhar! Teve uma vez que eu cheguei no laboratório e um enxame de abelha me atacou, grudou no meu cabelo, eu fiquei desesperado! E saí correndo e entrei no almoxarifado e ês fecharam a porta e as janelas e ficaram tirando as abelhas da minha cabeça toda inchada das picadas, foi foda!

Teve um dia que eu tomei o maior susto porque eu tava muito distraído. De noite, na conserva, tava trabalhando e não sei o que eu fui fazer, só sei que eu peguei a lanterna e fui andando no escuro, pra perto do rio. De repente um cavalo deu uma bufada perto de mim que eu gritei e dei um pulo, e saí correndo! Depois que eu vi que era um cavalo, eu fiquei mais tranquilo. Tinha um companheiro meu que tinha uma saúde muito ruim, sempre eu via ele sentado com as mãos na cabeça com dor de cabeça! Ele não ouvia os barulhos das marteladas, das purretadas, ele não ouvia soldar... Esses dias eu fui no enterro dele coitado, descansou...”

Joseph L. nascido na cidade vizinha de Lídice, aos vinte anos ingressou na usina de Alex como ajudante de mecânico, na oficina de mecânica pesada, comandada por seu tio, um engenheiro inglês. Na safra entrava às seis da manhã e saía às seis da tarde. Concertava caldeira, engenho, vácuo... “– Fizemo a ponte rolante pro guindaste... comecei como soldador. A solda pra imendar os ferro era assim: juntava os ferro e punha na fornalha, e soprava com um fole até ês avermelhar, aí batia com martelo de ferro ou marreta. Era isso o tempo todo... ês comprava aquelas chapa de ferro de navio, chegava muita. Pegava aquilo pra fazer dorna, que é onde fica depositado o melaço, garapa, vácuo... A gente levava os dor, vácuo, de um lugar pro outro, rolano, debaixo a gente colocava duas tora de eucalipto e ia empurrano. Sabe esses cilindro de oxigênio, essas garrafona... eu ia rolano um cilindro pesado desse de um lugar pro outro, segurava a ponta dele em cima e ia rolano a outra ponta...

Meu irmão era cabo de fogo junto com um crioulo que perdeu três dedo e uma parte da mão no engenho. Ês é que colocava as lenha e depois passaro a jogar tamém o bagaço nas caldeira. O bagaço era de graça e economizava lenha. O matador do lado da usina, ês levaram ele lá pro alto do Morro do Calvário, onde tinha uma forca... Dona Rita não gostava que dava um cheiro muito forte, um fedor danado! Era muito catinguento...”

Alex empreendeu o soerguimento de um galpão para proteger das chuvas os montes de bagaço e projetou um guindaste que comportava garras mecânicas para pegar certa quantidade de bagaço dos montes, erguê-los e levá-los até as caldeiras, passando por cima dos referidos montes. No princípio dessa construção, quando dez colunas de tijolos já haviam sido erguidas, Alex quis conferir para saber se elas estavam no prumo. Seu pedreiro de confiança, Sr. Amaury, trabalhador competente

e seguro de suas obras, era alcoólatra. “– Ele bebia mesmo! Aí o seu Alex chegou e viu que ele tava tonto e falou: ‘Ô Amaury, essas coluna tão no prumo?’ ‘– Mais ou menos...’ ‘– Não, vamo ver se elas tão no prumo!’ Aí foram ver elas tava tudo no prumo. Era perto da chaminé, um barracão grande, cumprido. Meia noite ês parava, na safra, tinha meia hora pra fazer o lanche. Ês deitava no monte de bagaço e dava uma cuchilada. Tinha sempre um caboco que vinha e botava um fogoim num pedacim da montanha de bagaço, pro cara acordar e assustar...” Nesse período, na usina Jaques Ledoux, ocorreu um trágico acidente quando, nesse mesmo tipo de cenário, o guindaste que havia lá pegou um homem que dormia displicentemente em meio à bagaceira. O operador depois de tê-lo erguido juntamente com certa quantidade de bagaço, não o pôde avistar preso à massa compacta erguida pelas garras do guindaste, e pôs-se em direção à fornalha. O homem preso por mais que gritasse por socorro, não se fazia ouvir uma vez que as engrenagens e o motor do guindaste emitiam um ruído ensurdecador. Foi conduzido em pleno estado de consciência e pânico para o interior de uma das quatro fornalhas que haviam. Desapareceu inexoravelmente. Houve porém uma testemunha ocular que narrou o fato a todos, completamente estupefata. Não pôde fazer nada, a não ser assistir aqueles breves momentos de desolação, tanto para a vítima sacrificada pelo fogo, quanto para si próprio.

Alex, quando suas carroças e seus parques caminhões não supriam a entrega do açúcar em tempo hábil para as casas comerciais da cidade e para a estação de trem, contava com a força física de alguns empregados seus. Eram aqueles convocados para que fossem levar determinado número de sacas de açúcar em suas próprias costas até esses destinos. “– Tinha um cara que gostava de lutar boxe e pegava três sacos de açúcar de 60 kg: um na cabeça, outro debaixo de um braço e outro debaixo do outro braço!”

Amaury se casou depois de oito anos de experiência de trabalho na usina. Pediu suas contas a Alex e com a ajuda de seu sogro montou seu próprio negócio: uma casa de soldas. Tornou-se o melhor soldador de toda a região, sendo requisitado por outras usinas além da de Alex, que continuou a necessitar de serviços precisos e bem acabados com os quais se primava e através dos quais manteve seu prestígio.

Durante a guerra, Orlando S. Oliveira assumiu a condição de aprendiz de mecânica na usina de Alex. Faria vinte anos e era um entusiasta. “– Eu era novinho e inexperiente. Trabalhava no torno mecânico e nas bomba de puxar garapa pras diversas fase de fabricação do açúcar. A usina era muito precária e trabalhava com muito equipamento usado... depois do fim da guerra é que tiveram uma melhora de equipamento. Alex tava sempre de sapato marrom e branco e de terno de linho branco e chapéu panamá. Quando ficava só na usina, ficava mais relaxado. Ele era enérgico e bravo com a gente. Os neto dele tava pequeno e brincava pela usina afora. Todo o açúcar que fazia era vendido rapidim. Foi o crescimento das usinas de Besançon que possibilitou o crescimento dessa daqui. Aí compraram uma moagem completa de segunda mão... mas na década de quarenta a produção ainda era pequena... Alejandro perdeu a mão na moenda, em 1943; ele vacilou e a moenda comeu a mão dele... foi uma gritaria danada! Em 1944, uma outra turbina centrífuga explodiu e voou um pedaço na cabeça do Luiz... um rapaz novo e forte, coitado! Ele morreu na hora com a cabeça toda rebentada!... foi uma coisa triste de ver! Rita gostava muito de vender as coisa dentro da usina pros empregado e ês mandavam ela descontar no salário dê... Alex não gostava de jeito nenhum...”

Alex, que foi um dos idealizadores do Instituto, a Autarquia do Açúcar e do Álcool, que passava a normatizar a produção do setor, era um amigo inseparável de Orlando S. Oliveira em sua juventude; e estes dois, amigos de José Santana. Este diz: “– Alex era sempre ouvido em qualquer resolução do Instituto; era um dos principais. Muito sistemático. Tinha opinião formada e não voltava atrás. Muito inteligente! Andava sempre engravatado, muito bem vestido. Quando fundaram o Instituto, foi um dos que deu mais opinião, em Besançon. Ele e Rita viajavam muito pra lá...”

Anastácio G. Franco foi outro personagem que se ligou indelevelmente à saga açucareira de Alex; depois de passar pela função de “fazer mandados”, já registrado como empregado da empresa: “– Na época da conserva, o balanceiro que era o seu Silvério, que era trabalhador efetivo, fazia o trabalho de apontador durante o dia. Na safra, eu é que fazia. Corria a indústria e fazia o apontamento: registrava a presença do empregado no serviço. Era numa caderneta. Dessa caderneta passava pruma folha de pagamento grande... o pagamento era semanal. Já na entressafra eu era auxiliar de escritório: fazia arquivo, arquivava correspondência, documento, duplicata no escritório, fazia folha de pagamento do pessoal da usina e dos fornecedor... Quando foi em 1945, ou 46, Seu Silvério ficou diabético... teve que fazer tratamento em Guianá, mas, coitado, morreu... Aí eu entrei no lugar dele na balança. Ela abria às seis da manhã e recebia os carro, as carroça e os caminhão: cinco da usina e seis dos fornecedor, mais ou menos...”

Alex, infatigável, lutava tremendamente contra as crises do setor açucareiro. Quando vendia açúcar pelas ruas da cidade, o saco, colocava vários destes em cima de seu pequeno caminhão a álcool e com um megafone ia anunciando sua mercadoria pelas ruas. Com ele ia sempre um estivador robusto, além do motorista. Nos campos, um técnico agrícola comandava todo o processo da cultura dos canaviais da usina S. Marcos. O trabalho de arar, gradear e sulcar a terra era todo feito ainda a tração bovina; plantava-se algumas variedades como a Cana Caiana, Lisié e mais uma ou duas. Depois de passado o sulcador puxado por um boi e por um homem segurando atrás e imprimindo-lhe direção e profundidade, iniciava-se o plantio: os homens colocavam uma cana inteira deitada dentro do sulco ao lado da metade de outra cana inteira, que se estendia; e assim por diante até o final do sulco. Deitadas as canas, vinham com seus facões golpeando-as de forma a cortá-las em pedaços de 40 a 50 cm. Então, com suas enxadas, cobriam-nas com a terra que havia sido retirada do sulco. O ciclo do plantio até a maturação era de um ano.

Na região, também plantava-se canas para a fabricação de cachaça e rapadura, além do plantio de cereais como o arroz e o milho. Não havia

se enraizado a prática de desmatar do meio dos morros para cima. Muitos proprietários de terras deixavam essas faixas de mata em seus terrenos, e assim colaboravam para que o clima se mantivesse mais ameno e para que muitas espécies da fauna e da flora fossem preservadas. Outro benefício era que as águas das chuvas penetravam os lençóis freáticos e não levavam tanto as superfícies das terras desmatadas, através do processo de rápida lixiviação e erosão do solo, como aconteceu bastante, tempos depois, quando o desmatamento chegou às suas últimas consequências.

Concomitantemente ao apogeu do movimento de circulação das carroças, surgiu um pequeno trator que puxava de três a quatro carretas pequenas carregadas de canas, nas várzeas. Nos morros, as carroças é que circulavam em curvas de nível. Com o transcorrer dos anos, seu número aumentava na proporção direta em que diminuíam as carroças. “– Era cada boi de dezoito, vinte arroba... a cana ia rumadinha denda carroça! O carrero é que rumava a carga e não dava cana pra ninguém! Vigia o tempo todo, porque os menino ficava por conta de robar cana nelas... A rua Virgílio de Souza era só barro e espinho e ês falava que a rua era mal assombrada! Meu cunhado, caiu num buraco numa noite, ele tava correno, tava com muito medo, coitado! Ele ficou alejado e andava de quatro dentro de casa...”

Os netos de Alex cresciam em liberdade pelo vasto espaço que a usina abrigava e além, nos arredores, pelas terras plantadas em cana. “– Nasci em Toulouse... a gente era ladrão na usina, de menino... a gente robava muito ferro velho: levava lá uns vinte, trinta quilo, pegava aquele trocadinho e ia pro cinema! Passava Fantasma, Tarzan... e nós lá todo sábado!... todo impoluto lá... no Cine Toulouse...”

Júlio deu quatro luva de boxe pro Patric. A brincadeira era a seguinte: podia bater de todo jeito, mas quem caía no sofá não podia apanhar...

Tinha muito passarim como canarim, azulão... a gente ia pegar com as gaiola de imbaúba. Um dia, a gente jogano bola, um azulão pousou no ombro do Luiz Carlos! A gente nadava no rio Ululu, que dava pros fundo da casa do padeiro, seu Argemiro. Ele ficava vigiano a gente: ‘– nadar pode, mas eu vou ficar aqui vigiano procês num robar minhas laranja!’ Uma vez marrei uma corda num pé de laranja e puxei e ranquei o pé, e

puxei pro lado de fora da cerca pra chupar as laranja. Ele encontrou comigo e perguntou: ‘– Cê sabe quem rancou o pé de laranja? Se algum dia eu panhar esse que rancou, vai ver comigo!’ A gente nadava no rio todo mundo pelado! Minha mãe um dia pegou a roupa de todo mundo e falou: ‘– Quem quiser a roupa que vai lá buscar!’ Eu fiz uma tanga com o Cipó de São Caetano... se botar uma galinha pra chocar, é só colocar o São Caetano que não dá piolho! É bater e valer! Um cachorro cheio de puga, ou uma casa, é só jogar Erva de Santa Maria que as puga some tudo... nosso prato preferido era nadar! A gente pescava tamém com anzol e minhoca... a gente as vez, pegava um jiqui com peixe... Pegava peixe com armadilha: jiqui, rabudo... nessas armadilha de bambu, o peixe entra e não sai!... Eu levava comida pro meu irmão que trabalhava na usina; eu entrava lá e robava cana... Naquele tempo antigo... 1947, 48... era 72 motor. Eu judava Jean Dubois a lavar, secar, trocar o rolamento... bubina... O chefe do engem, Seu Zé Rosa, um dia vacilou e o engem ia levano a mão dele!... aí gritaro: pára, pára! Mandaro desligar o motor elétrico, e depois tocaro ele pra trás: a mão dele tava toda moída!... uma coisa horrível... Comecei queimano enxofre, com uns doze ano... eu corria do Seu Alex. Ele queria que eu fizesse faxina. Quando ele vinha eu escondia! Eu era queimador de enxofre. Ele marcava serviço pra uma semana! O lambique ficava atrás da casa dele. Teve um irmão dele que caiu lá de cima do lambique! Era uma escadaria que ia pra lá e pra cá... ele passou direto e caiu com a cabeça no chão! Depois passei a enfrentar a vaporação lá do andar de cima: aquilo me rebentou!

Dona Rita tinha dois empregado que vendia broa, biscoito por toda parte... e o Seu Alex falava: ‘– Não quero que vende biscoito aqui dentro da usina! Se eu ver novamente eu jogo um pau nossês e jogo a cesta fora!’”

Rita ainda andava com aventais e nos bolsos havia sempre dinheiro trocado que arrecadava de suas vendas. Um caminhão D-30 transportava a lenha e o açúcar do pátio da usina para o porão de sua casa. Ela e os empregados dividiam os sacos de sessenta quilos em sacos de um quilo, e este cortavam a lenha. Em 1950 Wilma viria a falecer. Darla: “– Quando ela morreu ficou um cofre cheio de dinheiro na casa. Júlio foi abrir o

cofre... tinha muito dinheiro vencido!...que não valia nada! Tinha algum bom ainda né?... mas, a maioria... aquelas nota grande!... aí teve um dia que mandou a gente fazer uma limpeza na casa e aquele dinheiro velho tava lá, todo espalhado...

Debaxo da casa do Seu Alex na usina, tinha dois fogão de tijolo a lenha, muito grande! Alí fazia cada broa, cada comida! Broa de fubá, biscoito de fubá frito mais farinha de trigo pra tapiá.. brevidade... os dois sacolero saía com cada cestão! E um menino ia atrás anotano tudo, porque ês era anarfabeto e nem sabia assinar o nome! Na sala da casa era uma lasca duma mesa! Lá ês batia aquelas broa, armoçava... na cozinha, um chaminezão, quadradão assim... Rita ficava só supervisionano. Era enérgica! Ela fornecia verdura na região toda. Não existia isso de por nas venda não. Os cestero saía vendeno na rua, os verdurero...”

O laboratório de análises químicas teve início no ano de 1954. Seu segundo chefe, Sr. Leonardo Ponte Djon, químico industrial, desentendia-se frequentemente com Júlio e, nessas ocasiões, se demitia; aquele sempre voltava atrás e o oferecia novamente o cargo, indo alguém a seu mandado chamar Leonardo em casa. O que motivou Júlio a construir o laboratório foi o fato intrigante que ocorreu no ano em o mesmo que foi empreendido. A produção de 2400 sacas caiu para 1800, inexplicavelmente! “– Ele olhou e falou que precisava de um moço pra pegar as amostra... eu só pegava e deixava lá. Ele me ensinou como fazia a análise dos produto e em dois ano eu tava sabeno igual a ele! Aí ele entregou tudo pra mim e só ia lá pra assinar. E me falava: ‘– Sr. Waldomiro, cuidado hein! Não dá corda pra ninguém!...’ Ele era meu amigo...”

Eu saía da usina e ia buscar cigarro pro Seu Júlio, a meia noite, uma hora, na praça, correno... eu chegava cansado... Um dia em frente do bar do Seu Osvaldo, era o ponto de encontro do pessoal... apareceu no meio da rua um tatu. Aí a gente saiu correno pra pegar ele: um cerca daqui, outro cerca dali... eu segurei no rabo dele e ele saiu me puxano... comemo ele!”

Carlos Alberto: “– Comecei a tabaiá com cinco ano! Eu judava meu pai numa ceva de porco... era um terrenão! Cercado com régua de madeira serrada, as estaca era de braúna e arame farpado. Tinha árvre de braúna grande memo! Aí sortava os porco pra criá e dava mí pra ês, capado era fubá. Não tinha ração não! Era escuma de garapa... Matava porco de vinte arroba!... Prantava muito mí! Uns morro ficava tudo verdim de mí, dispois vinha as espiga. Eu era criança e dibuiava mí no paiol. Teve um dia que a paia tava mexeno... ela vinha no meu caminho... ela vêi quase na minha perna e não me pegô: era uma jararaca! Dispois eu fui candiá boi: nós levava cachaça pra Estiva, Santo Amaro, Machado... A fabricação era crandestina: muito fiscalizado! Eu tabaiei na fazenda Ponte Alta candiano boi, puxava boi na capinadera, era aquela que tinha umas faca que ia cortano o mato... era com boi, burro, mula... bom, a qualidade era várias! Tinha a javinha, uma cana fininha, mêi preta, levinha... dava muita cana... umas duzentas cana na tossêra! Era muita cana que dava! A rainha, uma cana branca, grossa... a lisié, a pernambuco... e otras, várias! Quando foi em 45 eu tabaiava lá na ôsina Jaques Ledoux, fazia todo serviço braçal: capinava cana, prantava, inchia vagão... A linha do trem ia até Gororoba... Era só da usina! Era muita terra! Enquanto o arado era feito com boi e o transporte da cana tamém, não istragava o terreno. À partir do momento em que colocaro trator, compatava a terra e prejudicava a cana. Em otras etapa da diministração da ôsina, viero com otras coisa... aí essa otra diministração que vêi, inchia o suco de cana, botava cinco, seis cana com paia no suco, aí vinha o primero corte e dava umas caninha michuruca... o segundo dava umas vassora, fazia uma bola assim de raiz, que não penetrava na terra... Esses home não intindia nada de lavora! Só tinha um gerente de lavora. A vida era pertada mais era

boa. O patrão tinha confiança no empregado! Dispois, com o sindicato, vêi muita lei, cabô com tudo! Quando a gente não tinha direito era mió pra viver. Quando o patrão não gostava da gente, ia pra otro serviço... dispois, ês passô a não dá serviço... queria sabê né? No tempo que a máquina puxava cana, eu e otro companhero, a gente panhava dizoito carro de cana por dia, carro de boi. Dava pra encher três vagão... Não punha fogo no canavial não! Era cana crua. Muié e minino tabaiava tamém. Todo mundo era alegre!”

Com seu chapéu branco entre as mãos, seus oitenta e cinco anos imperavam sobre seu corpo e mente resistentes. Preferira sentar num banco, do que se recostar numa cadeira de balanço. Diante da mesa branca larga, talhada nas pontas, como que um bordado na madeira, o senhor que contava o que vinha à sua lembrança ainda vívida e lúcida...

Nicolá veio com seus pais para Toulouse, provenientes de um rincão distante e quase despovoado, um recanto encravado no seio de uma serra, entre abruptos e inóspitos sítios rochosos. Quase não lidavam com dinheiro porque eram autosuficientes em mantimentos que garantiam sua sobrevivência onde moravam. Era agraciado pela natureza com um físico privilegiado e um caráter firme e equilibrado, dócil, bem mandado, do tipo que não rejeita trabalho, qualquer que seja ele. Depois de duas recusas de pedidos de emprego, a família chega à usina de Alex. Nicolá foi prontamente incorporado à empresa como amarrador. Depois assumiu outras funções dentro da indústria: seu próprio físico privilegiado o antecedia.

O pai de Nicolá nutria um gosto forte pela atividade de briga de galos. “– Eu gostava de galo de briga! Nós construímo uma rinha: tinha gaiola pra colocar os galo nos dia de briga, o rodo, arquibancada... Eu ranjei uns quarenta sócio mais ou meno, nos domingo de tarde, era o dia inteiro! Tinha um botequim lá dentro que eu vendia bebida, salgado... A rinha ficava na entrada da cidade.

Os galo japonês era os mais rápido. Os da malásia, um galo forte, graúdo, mais pesado e mais vagaroso, a gente cruzava ês... os inglês eram bons tamém: cruzava ês com os japones. Era tudo galo índio, mexicano...” Este sítio de desporto com o suor e o sangue dos animais, agressivos e briguentos, era frequentado por amantes deste esporte que se deslocavam de lugares das mais variadas distâncias. Chegavam ávidos de luta e apostavam até “suas próprias mulheres”. A rinha enviava-lhes um convite pomposo, um envelope amarelo, solene e grande, como os convites de casamento. A arquibancada de madeira qualhada de gente, suportava os homens sempre exaltados pelo calor da disputa: as apostas

corriam soltas o tempo todo, até mesmo quase no final de uma briga, quando um galo já havia ultrapassado o outro em resistência e fúria e estava prestes a colocar seu adversário fora de combate. Existiam aqueles homens astutos e aventureiros que nesses instantes apostavam no galo que estava perdendo, com a esperança de que ele revertesse o quadro. Isso até que não era tão difícil de acontecer: bastava que as esporas afiadas atingissem lugares sensíveis como os ouvidos, os olhos, e outras regiões frágeis do inimigo, como o papo, para que a luta se decidisse contra o favorito do momento. Nicolá como todo aficionado também possuía seus galos de fé e os punha à prova sempre que sua intuição lhe falasse com pressentimentos ou sonhos estranhos. Este foi o caso de uma vez que de posse do melhor galo de sua vida, chegou a ganhar uma bolada razoável contra um adversário famoso, proporcionando para sua família bons momentos. “– Quando era torneio, tinha prêmio: medalha de ouro, de prata e de bronze. Tem muito barulho! Nego grita: ‘– 100 no galo tal!... 10 por 20!’ As vez, quando um galo tava mal, nego gritava: ‘– 100 por 20!’... Parava a briga de 15 em 15 minuto pra refrescar os galo: lavava a cara dele, tirava a gosma dele com uma pena enfiada dentro da guela dele: eles rodavam a pena... tirava, punha de novo... passava água debaixo da asa, enxugava... às vez saía muito sangue de uma esporada que o galo levava e, se não conseguisse parar o sangue, o galo não voltava pra briga.

Tinha os preparador de galo: de 30, 60, 90 dias... a pessoa sabe treinar um galo mas não tem condições de manter um pra ele e nem de apostar. Às vez o galo que tava mal ganhava. Seu Júlio teve um galo que tava com oito briga ganha, um galo carijó, grande. O outro era carijó tamém. O galo do Seu Júlio tava ganhano a briga, aí o outro galo subiu, esporou e tucou o galo dele...” Ele não havia acreditado no que viu. Seu rosto enrubesceu de um furor advindo do profundo de sua alma; marcou-o para sempre desde então. Pelo andamento da luta, estava certo de que seu galo sairia vencedor, mas o destino lhe havia preparado esta incongruência no intuito de lhe poupar mais aborrecimentos com os galos: daí em diante, não mais teria galos e nem mais apostaria. Chegou a frequentar mais algumas brigas, mas depois desapareceria desse meio.

Dedicar-se-ia mais ao trabalho e passou a viajar mais por Canela. “– Hoje eu não tenho saco pra guentar rinha. É uma narquiada desgraçada!...” Os dois únicos filhos de Nicolá, que sempre o ajudaram a movimentar seu bar na rinha, nunca apreciavam esses eventos e muitas vezes se recusavam a presenciar certas brigas bastante disputadas. O fim era sempre dramático, com o desvanecimento de um dos contendores, que resistia até suas últimas forças, para então morrer nos braços de seu dono ou no daquele que o recebia para o comer ensopado em sua casa; ou, então, algum simpatizante das brigas de galo que, ganhando-o, recuperava-o para futuras disputas. Os graves ferimentos não intimidavam aqueles que se arvoravam em merecedores do bicho quase desfalecido, uma vez que havia possibilidade de contaminação da carne por toxinas advindas das esporas de seu opositor, caso o bicho fosse comido. Muitos galos menos corajosos, persistentes e teimosos, corriam em meio ao calor da luta, ante a superioridade do adversário. Decepcionavam seus donos que acabavam por muitas vezes doando-os.

Rita deixava que os meninos apanhassem frutas em seu vasto quintal no pátio da usina. Quando chegavam, sequiosos por elas, suculentas como jabuticabas, mangas, laranjas, mexericas, cajú, pitangas, ela indicava-lhes os pés que estavam produzindo. Quando se fartavam e iam saindo carregados, Rita os convidava a descascarem várias unidades dessas espécies para a confecção de doces, compotas e licores. Dependendo da época: goiabas, mangas, caquis, abis, seriguelas... Os meninos já sabiam do estratagema armado por ela e só se submetiam a ele quando a alternativa mais viável para o momento apontava para esse caminho. No dia 5 de março de 1956, lá estavam eles, os meninos, que sempre se renovavam com o tempo, descalços e sem camisas, empanturrados de frutas, descascando bacias de goiabas vermelhas para a feitura de um doce em calda que maravilhava. Nos tachos de cobre sobre as fornalhas, no porão da casa, as obras de culinária marcaram época e encantaram todos os tipos de paladares. O cheiro, levado longe pelo vento, incitava os que o percebiam. Maria comandava as já três colaboradoras, que manejavam diretamente as caldas e as polpas. As compotas de vidro atendiam às demandas de alguns mercados extramunicipais, chegando até Besançon e Cintra. O auge deste negócio coincidiu com um momento delicado na vida de Rita: o início de sua velhice, quando atingiu os sessenta anos. Com o transcorrer do tempo, as demandas por esses “manjares dos deuses” passaram a não mais serem atendidas e a produção diminuiu até desaparecer. Ela decidiu levar uma vida menos atribulada. Alex, por sua vez, já havia também diminuído o seu ritmo: usava um cachecol diuturnamente ao redor do pescoço, caindo por sobre as vestes sóbrias e alinhadas.

Janet era filha de uma das quatro mulheres que o Sr. Odair mantinha: “– Meu avô e meu tio acordava cedo na roça e trazia cana pra usina do

Seu Alex de carro de boi. Ês acordava as quatro da manhã e tinha dia que ês já deixava as carroça cheia e tinha dia que não. Os carro era da minha avó... eu candiei boi pra arar cana, sulcar com aquês arado de ferro, era dois; quatro boi pra puxar o arado.

Eu fazia muita rapadura e vendia a carga de cem rapadura pra cidade, pras roça... De primero, no meu tempo na roça, adoçava café com rapadura. Fazia broa de fubá: fubá, leite que azedava, que coalhava... misturava com rapadura e batia com ovo. Colocava na caçarola de ferro, depois na chapa do fogão, e colocava em cima da tampa da panela umas brasa e sabuco de milho. O sabuco quemava e virava brasa. Era pra acabar de assar...” Janete sabia se esmerar na elaboração de pratos tradicionais que, em suas mãos, se transformavam em obras originais, inigualáveis. “– Quando tirava bambu, tinha o mês, a lua, pra não dá caruncho. Tinha muita erva: erva cidrera, funcho, rebenta pedra – dá no pasto -, poejo, picão, pra hepatite, assapexe, alecrim... Cozinhava as foia na panela de ferro e botava açúcar. Minhas duas tia era partera. Não morria ninguém. Os menino nascia sadio, tudo forte. Hoje em dia... Usava uma bacia com água morna. Curava o umbigo com hortelã, azeite de mamona... Minha mãe e minha tia fazia azeite de mamona e vendia pros engem untar as engrenagem: ela primero fazia uma fornalha no terrero, aí torrava as mamona e depois socava as mamona num pilão: virava uma pasta com as casquinha tudo miudinha e aí, colocava a pasta num tacho com água e dexava ferver e a água ir secano. Misturava de vez em quando pro azeite soltá. A água secava e o azeite ficava por cima. Secou, o azeite ficava por cima, dois dedo, um dedo... a mãe ia pegano com uma concha e botano num litro. A borra ficava no fundo e jogava fora. Na roça não tinha luz, usava aquês ferro a brasa pra passar roupa. Hoje é pra enfeitar, pra prantar flor... Ês botava fogo nas bosta de boi pra espantar os pernilongo. Punhum pano véi por baixo pro fogo pegá.

Minha mãe fazia farinha de mandioca: ranca a mandioca, casca ela, lava, aí põe a bacia em baxo e rala ela no ralo. Depois põe um pano no sol em cima numa mesa e põe em cima pra secar. Aí coa na penera e põe num vidro. Tá seca no sol, depois podia torrara... Fazia polvilho com a mandioca, laruta, que dá uma foia larga, uma tossera: dá debaxo da terra

igual a mandioca. Menino tá com caganera, pega uma colher de polvilho de laruta, mistura na água e toma. Tomava remédio e não dianteva. Minha tia faz hoje isso na roça. Faz biscoito com ovo, leite... A receita do polvilho: Cê ranca a laruta, raspa a casca fina dela, rala e põe numa bacia cheia d'água. Vai pono e misturano e tirano e botano noutra bacia com uma penera por cima. Tira ela da água igual a uma massa. Esfrega ela em cima da penera com a mão. O que vaza é o polvilho. A massa da laruta dá pros porco, a da mandioca proveita. O polvilho desce e fica no fundo. Aí escorre a água e fica só o polvilho. Põe um pano numa mesa e põe secar.

O café torrava em casa: pegava os caroço no pé, punha pra secar e guardava. Punha o café em coco num pilão e socava e separava a casca do grão. Punha ele na penera e soprava e jogava pro alto pra sair a casca e ficava o café limpim na penera. Aí cata ele. Depois punha os grão na panela de ferro e ia mexeno. Quando tava quase na hora de tirar, a mãe pegava pra ver se tava bão... tava mei vermei lá... e colocava uns grão na mesa e batia pra ver se tava torrado, senão voltava com ele pra panela. Aí despejava numa bacia e espalhava pra secar. Depois ia pro pilão de novo e socava até... e punha na peneira e cuava muncado e voltava ele pro pilão, cuano, cuano, até ele virar pó finim. Depois, com aquele muinhozim de muê pó, podia guardar o café em grão torrado. Aí pegava os grão e muía na hora o tanto que queria.

No raiar dos anos cinquenta, Marcos, com dez anos, apesar de não haver deixado certas práticas mais pueris, começava a se interessar por outras mais usuais à juventude. Lidar com o estilingue, ou o gancho, como era chamado por eles, foi sua prática das mais preferidas, que custaria a abandonar. Era um exímio atirador e acertava alguns indefesos pássaros que estivessem dentro de sua órbita de ação. Na verdade, caçava as aves pelo simples prazer do esporte. Aos oito anos, foi apresentado a uma cabana no meio de uma capoeira e logo incentivou seus amigos mais próximos a erigir uma. “– A gente aprendeu a fumar na caverninha na capoeira. Depois da aula a gente ia pra cabana. Ficava o dia inteiro lá só deitado fumano... era Mistura Fina, Minister... a gente viajava nos desenho animado da televisão e queria fazer a caverninha igual a do desenho. Aí voltava dois irmão: Eu e o Paulo e outros amigo: Jean Paul, Patric, Adriano, Zé Alberto, Zé Márcio, Alerico... Alerico morreu num tombo que ele tomou: caiu dentro de um buraco num barranco e quebrou o pescoço. Era bom de bola demais! O primo dele, o Arnaldo, contava história demais!... piada... Todo mundo era menino e ele contava história de assombração: a gente voltava pra casa e de noite morria de medo. Hoje ele passa na rua e nem cumprimenta a gente mais, mudou muito a cabeça... tá bebendo demais! Maconha, se der tempo! O irmão dele morreu de cirrose de tanto beber.

Mãe um dia falou: ‘– Cadê Flávio?’ ‘– Tá lá no corguinho...’ ‘– Ah, é? Eu vou lá e ele vai voltar pelado!’ A mãe sepou ele no corguinho, e ele saiu com o pinguelão pindurado pra rua afora, nós rimo demais!...”

Bastião tinha dezoito anos. Um rapaz malicioso, de índole perversa: “– Ele sentava os gato no poste igual pedra. O gato caía ele ia lá e tampava

a cabeça do gato no poste. O gato urrava: xssrrrrlghaaaaauh!!!!!! ????. O gato caía no chão e ele sentava o pé nele com vontade! Era gente boa, maconhero, o pai e a mãe dele morreram junto num acidente de carro. Ele era encapetado demais! Ele rancou os dentes da frente com alicate. Bicho doido...” Fazia parte da turma de amigos de Adriano, filho de Júlio. Este porém não o tinha como admirador e seguidor nas atrocidades para com os animais, e não só: também não compactuava com sua rebeldia e inconsequência, pois exalava seu temperamento áspero e gratuitamente provocador atingindo aos que estivessem sob sua ascendência. Adriano, Patric e Jean Paul apreciavam desempenhar outras atividades com certos amigos, como “bater pelada”, pegar passarinho ou andar de carroça de boi nos períodos de safra. Participavam também das guerras de gangues dos bairros. Aos dezoito anos, o chefe do bando do bairro da usina de Alex era Bastião; Adriano, nessa época, contava com treze, Patric, dez e Jean Paul, oito. Todos saíam de suas casas pela noite e se encontravam em certas esquinas do bairro e da cidade, dependendo do que estava programado para ser feito. “– Tinha flecha e arco, a gente ficava treinando pontaria. Saía de noite, todo mundo encontrava nas esquinas e vamos lá... aí os chefes das duas gangues ficavam discutindo entre eles e de repente eles saíam na porrada! Eu dei uma tijolada nas costas do Zeca que ele até gemeu! Depois, noutro dia, ele me cercou no bairro dele... meu colega não deixou ele me bater não. A gente ia pro clube nadar, saía da piscina e ia ver os chincheros fumar maconha, a gente ficava escondido...”

Uma grande indústria multinacional instalou-se em Canela na primeira metade da década de cinquenta, no intuito de produzir aço utilizando mão de obra barata. Ficava a cerca de cem quilômetros de Toulouse, numa região montanhosa, onde escarpas rochosas abruptas imperavam formando uma paisagem exuberante. Nesse local, desciam rios de água cristalina, provenientes de fontes diversas que se estendiam por toda a serra; região de mata virgem, habitada somente pelos inúmeros exemplares de espécies dos reinos animal e vegetal que lá ocorriam abundantemente. Giuliano era o oitavo filho de uma numerosa prole que residia num vilarejo aos arredores de Toulouse. Seus irmãos, na sua maioria, ingressaram precocemente na lida dos canaviais. Ele, contudo, fora morar com um tio casado, que não podia ter filhos, dado a problemas de esterilidade. Foi para uma gleba de terra, justamente na cabeceira de um rio, nas alturas da serra onde a grande companhia instalara recursos para a extração de madeira e a feitura de carvão que abastecia seus fornos siderúrgicos. Seu tio era empreiteiro: pegou um serviço de limpeza de matas para a empresa multinacional, arregimentando trabalhadores que, a machado, iam derrubando árvores, que os encarregados da companhia mediam, sendo depois transportadas para os fornos instalados nas redondezas de onde eram cortadas. “– As junta de boi puxava as lenha até as praça dos forno. Era lenha de toda qualidade. Ês proveitava até cipó grosso! Era só mesmo pra fazer o carvão, só pra cozinhar... Fazia aquele fecho de dois, três pau e marrava com corrente... e os boi era tão manso, tão treinado que ia só o carreiro tocano até a praça do forno. Tinha forno no barranco que ês fazia só a copa dele de tijolo e um tunelzinho pra entrar... e tinha ao ar livre tamém. O carvão pronto ia pros depósito tudo ni lombo de burro. Aqui pra cima tinha três depósito de carvão, com madeira

e cipó tampano... os burro ia chegano com aquês balaião de mei metro: cada burro levava dois balai. Vinha dois tropeiro pra tabaiá no lote de burro, que era doze burro, que era da companhia, incrusive...”

Um episódio marcou a vida de um amigo de Giuliano. Tratava-se de um tropeiro casado que construía sua casa em local ermo e de difícil acesso, em meio a uma região de mata primária, que seria derrubada pela companhia. Trabalhava com lotes de burro, transportando lenha e carvão. Uma senhora de idade, tia desse homem em questão, “– Tucaiô ela e viu o amante entrá pra dendacasa. Dispois chamô o marido e ele pegô ês lá dentro...” O amante conseguiu se safar, fugindo pela janela levando consigo somente a ceroula. O marido legítimo desferiu nele alguns tiros de arma de fogo, mas não o acertou. Isso porém não aconteceu com a mulher que tomou uma sova com vara. Apanhou bastante!

“– Aqui pra cima era pasto de burro, hoje é capoeira. Tinha mais de mil homem aqui, no Rochedo, na Testa do Ingá... ês dirrubava as arvre, picava, tudo no machado. Uns ia puxano com boi, outros com burro... Aí o transporte do carvão era de carreta... as última saiu daqui tem uns quarenta ano! Cada carretão que cabia 45 metro de carvão!... A companhia tinha os barrancamento dela. Os barraco era tudo arriado. Barreado: punha as trava, os pau a pique fica tudo fincado no chão, depois vem a ripação, o barro... Os fichado na companhia. pegava das sete às quatro, os particular pegava a qualquer hora... Os barraco já era feito no mei dos mato... ês começava a tabaiá em volta do terreiro e ia abrino...”

Devido à abundância da fauna, legiões de caçadores saíam empunhando suas armas ao encalço de tatus, pacas, onças, coatis, macacos, etc. As picadas de cobras e escorpiões eram verdadeiramente temidas por todos, mas alguém sempre saía lesado por esses bichos peçonhentos, muitas vezes permanentemente. Houve um caso de um homem que, após ter sido vítima de uma picada da cobra jaracuçu da barriga podre, ficou por longo tempo sofrendo de escamações de pele pelo corpo todo; um outro desenvolveu uma febre que o levou à tumba. Quando as simpatias e benzições não surtiam os efeitos esperados, as pessoas sucumbiam. Giuliano batia pasto e matava cerca de seis a oito

cobras por dia. “– Eu já fui ofendido de jaracuçu... deu aquela febre, mas eu fui curado de simpatia. A gente usava orca paúba, um óleo que dá num pau, pau de óleo: ele serve pra ofensa de cobra, dor no corpo... ele fica bão de julho a agosto. Se não tirá ele do pau, ele estoura e escorre pro chão. Procê colhê ele, cê faz um cocho nele: faz um buraco no tronco da árvre, antes do mei dela e colhe o óleo no cocho. Bico de andorinha era bão pra banhá o lugá da picada da cobra, semente de quiabo com cachaça, a erva butão... essa erva é veneno. Cê pode bebê, cê faz o chá da foia... mas tem que ter certeza que é cobra que picou, senão morre! A cobra pega o detrás da trilha. O que vai na frente sanha ela e ela enrola e pica o de trás. Ela fica enfezada e corre atrás da gente! Ela drome é enrolada, mas com o bote armado. A cobra espichada não morde ninguém.

De primeiro, era arroz branco uma vez por dia. Macarrão era mais difícil. Era feijão, angu, mingau de couve, canjiquinha, mingau de cenoura, de batatinha... Ninguém ia em venda fazê compra não...”

O café, produto nacional que continuava abastecendo o mercado interno e novos mercados externos, foi plantado e cultivado nessas plagas tão logo o desmatamento se concluiu. Depois da extração da madeira e a contumaz destruição do ambiente natural, os cafezais se impuseram. Eram plantados em fileiras que se estendiam de cima para baixo nos terrenos inclinados e facilitavam a erosão do solo. Somente tempos depois é que a técnica de plantio em curvas de nível finalizou essa prática altamente danosa aos terrenos. “– Quando eu vim pra cá, ês ainda não botava veneno nos pé de café. Depois passaro a botá e o resto dos bicho foi sumino tudo! Aí ês vem diminuino o veneno; e os passarim tão vortano! Aqui tem pé de café de cinquenta ano!...” Fazia-se também açúcar “cansado” que era vendido nas imediações, provindo de pequenas plantações de cana; plantava-se milho que era transportado em bolsas de couro nos lombos de burros. “– Os tropeiro acampava e tinha um burro levano as vaziamas, os alimentos, a cozinha. Ês ranjava num lugá e ia fazê a comida dê: arroz, farinha... usava muita farinha de mandioca, carne seca... hoje é salame. Vinha gente de Trevi trazendo lote de panela nos lombo dos animal, vendendo... hoje ês traz no caminhão, tem os ponto de

venda... todo mundo prantava de tudo! Tinha engem pra todo lado: era café de garapa: cê mói a cana e freve a garapa pra ela sortá a espuma, cê espuma ela, cê vai secano ela, ela engrossa, punha água... aí coava o café com essa garapa pra adoçá ele. Cê vai engrossano ela, ela vira melado e despois rapadura. De primeiro a pobreza era feia!...” O pai de Giuliano relatava a ele a existência e suas experiências com o “subaco”, que era o recurso usado antes do advento da engenhoca: a cana era amassada entre dois paus grossos para a retirada da garapa...

Gaston Bouchestein Dutra de Almeida chegou a Toulouse em 1952, proveniente de outro estado da federação, casado com uma toulouseana filha de um fazendeiro que plantava cana de açúcar para abastecer a usina de Alex. Era um desportista e logo foi contratado pelo Clube Toulouseano de futebol. Aprendera a arte do cultivo da cana e, durante as safras, transportava para a usina as canas da propriedade de seu sogro, em um caminhãozinho D-30 verde, com paralamas preto. “– Na usina de Alex, no período da entressafra, tinha uns 400 empregado. Tava em processo de ampliação: tinha uns empreiteiro contratado pra construção de um armazém, caldeira nova... Funcionava o armazém de venda de cereais e mantimento só pros funcionário. Era uma maneira de facilitar pra eles... o preço era menor e as mercadoria de boa qualidade: eles tinha crédito e descontava na folha de pagamento deles...” Às sextas feiras Gaston entregava ao escritório os talões do peso das canas e recebia o pagamento aos sábados. Os fornecedores particulares eram os próprios turmeiros. “– Se rendia, ele ganhava mais... ou perdia até dinheiro, ou não ganhava nada. Quando a cana era fraca, o turmeiro perdia... o turmeiro com a turma, tinha que cortar tanto as cana boa quanto as ruim. Na soca mais velha é que não ganhava tanto...

O jardim da casa de Alex na usina era muito bonito! Tinha um jardineiro que cuidava do jardim e fazia mandado... Alex e Rita ficava sentado na varanda da casa: cada um na sua cadeira de balanço... era interessante; quando a usina dava um probleminha, Alex já chegava antes deles chamar. Ficava ligado no barulho das engrenagem... Teve um dia, o Orlando tava soldano a esteira, e outro cara, sem querer, ligou a chave e ele foi puxado pra dentro dela! A esteira moeu ele e ele não morreu! Ficou todo quebrado! Ele era chefe de moagem, de fabricação... o trem ali não rodava sem

ele!... Quando chegava uma carroça pra descarregar, ela passava na frente e os caminhoneiro ficava puto! Teve um dia, em 1957, que eu tava passano perto da usina Jacques Ledoux e vi uma explosão grande! Foi o tanque de álcool que explodiu! Deu um clarão no céu... Eu fiquei impressionado com aquilo! No final da década de 50, chegou em Canela a primeira indústria automotiva e fez com que, a partir de então, houvesse maior popularização dos carros e caminhões no país. O reflexo disso na usina de Alex, fez com que, gradual e mais aceleradamente, as carroças de boi fossem sendo substituídas pelos pequenos caminhões. Começaram a aparecer outros carros nas ruas da cidade, que não somente os poucos exemplares do Ford Bigode que já ocorriam. As ruas começaram a ser calçadas com paralelepípedos mais rapidamente e a cidade passou a ter seus exemplares automotorizados misturados às charretes que já havia em abundância, e às carroças de boi; os carros de boi, já em processo de extinção devido à concorrência das carroças que suportavam mais cargas, começaram a ficar ainda mais escassos, mas, somente desapareceriam após duas décadas, por completo, das ruas da cidade.

Diz Juan Carlos de Lafontanna: “– Joaquim dos Montes Claros, fornecedor de cana da usina de Alex Bourdon, foi muito meu amigo!... já foi produtor de café, cana, suíno, gado de leite, gado de corte, ovo, frango... e morreu quebrado. Eu achava ele muito simples... As doença dos produtor e lavrador era má alimentação e friagem... e ia atrofiano... ele foi tamém do Sindicato dos Produtor. Era um encrenqueiro danado! Já meu outro amigo, Silviano Alexander, morreu de paixão por causa de política. Em 1935, 36... ele foi prefeito... nessa época os prefeito eram nomeado pelo governador do estado. Teve uma perseguição do Dr. Amauri N. Matodentro, que era amigo particular do governador da época. Aí ele ficou dedurano o prefeito Silviano Alexander pro governo do estado, pra entrar no lugar dele na prefeitura. Aí ele saiu do cargo e foi pra fazenda e três meis depois ele morreu. Ficou muito apaixonado! Ele ficava na varanda de dia e de noite sem fazer nada... com uma cara muito triste... Alex andava na usina com uma boinazinha preta, um parzinho de sapato preto, com um bico meio arrebicado pra cima. Rita plantava horta nas fazenda e todo dia de manhã ia buscar verdura: marrava um pano na cabeça...

Na época da guerra, em 1942, era uma choradera danada né? As mulher chorava com medo dos marido ir pra guerra... os filho... não tinha rádio a pilha ainda não, e na roça, nem energia elétrica! Os rico tinha rádio a energia elétrica. Na roça a gente comia angu, feijão, couve picada, outra hora canjiquinha... e pronto! Comia só isso: miséria desgraçada! Pindurava o tocim na fumaça e ia cortano aos pouco, assava na brasa... fritava na própria gordura e comia com angu. Na roça sempre tinha um miizim no paiol. Dava muito rato! Uma rataiada danada! Não tinha veneno pra rato, não tinha remédio pra pioi, nem pra formiga, pra

pulga... Quando cabava o míi, aí juntava a rataiada no cacete! Metade escapava. Quando o míi tava cabano ês ficava muntuado. A gente ia revirano e metia o cacete... era assim que fazia na roça... ficava com o pé chei de bicho... bicho de pé... os menino ficava chei de pioi...

Pelos anos de 1938, 40... morreu muita gente de tuberculose, porque não tinha cura, às veis estrepava e dava tétano e morria porque não tinha vacina...”

Quando os negócios íam velejando sobre o mar de certa tranquilidade, a soberba, o orgulho e a megalomania imperavam nas famílias. Dona Maria do Carmo, proprietária da única usina de açúcar de Lídice, reiteradas vezes insistia com seu marido para que fossem residir na capital do estado, e dizia: “– Vamos embora de uma vez por todas para Guianá! Toulouse não tem nem homens para casar com nossas filhas!...” E foram. Só que quando a usina fechou suas portas, um dos maridos das três filhas simplesmente fez suas malas e se despediu de sua mulher, dizendo: “– Casei com cê por causa da usina; ela foi embora e cê agora, pra mim já era!” Este sujeito ficou amigado com uma adolescente bonita e tranquila...

Toulouse se primava por suas festas, inúmeras, no transcorrer de cada ano. A começar pelos festejos de ano novo, quando os clubes repletos de pessoas ostentavam, inclusive, espetáculos pirotécnicos esplendorosos; isso somado aos elegantes desfiles informais das mulheres bem trajadas e pintadas. Os homens vestiam ternos impecáveis e usavam um bigode fino bem rente ao lábio superior. As valsas conduziam a todos pelos salões em danças leves e harmoniosas, e as horas passavam à revelia, embaladas pelos apelos sonoros e poéticos, convidativos ao êxtase, ao sonho e à fantasia; o dia trazia consigo um novo ano e uma nova promessa de esperança. O carnaval, bastante animado e empolgante, já desfilava seus blocos pelas ruas da cidade, regados a muito batuque e ao som das bandinhas de sopros. Todos acompanhavam o passar dos blocos irreverentemente pela praça da cidade até cada qual se aninhar num local predeterminado. Cada bloco atraía seus simpatizantes num núcleo de som e dança que contagiava. O baile de carnaval nos clubes era para aqueles que desfrutavam de uma condição sócioeconômica acima da média da população. Em ambas as condições festivas, as fantasias estavam por toda parte: os personagens da história, do mito, da literatura e do imagiário em geral. Primavam pela bizarrice, criatividade, originalidade, exotismo, deboche. Figurinos delirantes surpreendiam e encantavam sempre; muitas vezes chocavam, mas, como era carnaval, as ofensas na maioria das vezes não eram levadas às últimas consequências.

A Semana Santa desfilava suas encenações pelas ruas da cidade em procissões que lembravam partes da vida de Cristo. Havia aqueles párocos que passaram pela cidade e deixaram as marcas de suas fortes personalidades nas obras que empreenderam. Um desses homens de Deus possuía certa vocação para o teatro e para o cerimonioso,

despendendo muitos esforços em prol de grandes espetáculos teatrais religiosos. A cidade toda se mobilizava diante da grandeza do evento, justificado pelos sagrados ensinamentos. A multidão coadjuvava, participando do drama, integrando-o e interagindo com ele enquanto público cenográfico. As procissões se arrastavam com seus andores e personagens de época, seguidas fervorosamente pela multidão encantada pela plasticidade bastante expressiva do cortejo. Rita e Alex participavam tenazmente colaborando para o engrandecimento dos eventos, fazendo doações diversas, como transportes, madeira e mão de obra na construção de palcos fixos na praça. Rita, ao longo de toda a sua vida, sempre manteve estreito relacionamento com a igreja e os sacerdotes da matriz de Toulouse, chegando a doar importantes imagens de santos, em gesso, advindas da necessidade de substituição das antigas, em madeira. Estas, autênticas obras de arte, esculpidas por artistas da região e por outros de além mar, se perderam no tempo. Os anos deram à cidade festas, jogos e esportes em doses consideráveis, no que era agraciada por Deus, e os toulouseanos se divertiam bastante nessas ocasiões numerosas.

Mary via passar as festividades, os jogos de futebol muito movimentados, mas se preocupava em brincar com suas amigas da vizinhança: jogavam maré, pulavam corda e brincavam de queimada e até de pique com os meninos. Algumas meninas conviviam com as duas netas de Alex e tinham acesso à usina. Apreciavam descer pelas montanhas brancas de bagaço escorregando: levavam até à completa exaustão essa prática. Algumas vezes saíam em piquenique por uma das fazendas da usina. “– A gente saía de manhã cedinho com a dona Rita. Chegano lá ela falava com os menino: ‘– Se alguém brigar a gente vai embora na hora!, ouviram bem?...’” Íam de caminhão pelas estradas de chão, o que representava para os meninos um acontecimento de primeira grandeza: todos adoravam! O almoço sempre era servido numa mesa grande de madeira da sala de jantar da casa, ocupada pelo administrador da fazenda em questão. Matavam-se galinhas e, ou um porco, ou um cabrito e colhiam-se verduras da horta que Rita cultivava em parceria com os moradores da fazenda que sempre mantinham-na bem cuidada. Depois

de muita correria pelos amplos espaços bucólicos e de muitas brincadeiras e alguns desentendimentos superficiais, chegava a hora de regressarem. Rita mandava colherem verduras e legumes da horta como mandiocas, abóboras, buchas de cerca, frutas das árvores frondosas e levava presos víveres como patos, galinhas, alguns leitões, perus, ou outros que já estivessem disponíveis para serem abatidos. Simon, primo irmão de Mary, residia com esta na casa dos avós que tinham em comum, por serem órfãos. Uma tragédia havia acontecido mas nem é bom lembrar. Simon e seus amigos citadinos, em busca de aventura, marchavam até a usina Jacques Ledoux, na periferia da cidade. Exploravam o ambiente da indústria nem sempre até onde lhes era permitido e descobriam mundos de engrenagens fascinantes. Corriam dos vigias e dos delatores. Na volta para casa a aventura ganhava proporções máximas: “– O trem parava pra descarregar os vagão de cana que trazia de São Luiz; o trem vinha lá de Riviera. A gente aproveitava que ele parava e subia em cima do teto dele, e ficava deitado escondido até ele andar. Quando ele andava, a gente levantava e ia de pé até à praça! Quando ele ia quase parano, a gente pulava dele e saía correno...”

Era sonho de toda jovem ser a rainha do Clube Romano, motivação esta que a elegia no mês de maio, solenemente num concurso, que levava em consideração os critérios beleza, simpatia e elegância. Em 1955, uma prima de Mary foi eleita; dançou a valsa de abertura do baile mais concorrido da cidade com um deputado estadual, especialmente presente para protagonizar o evento conjuntamente com a rainha do clube. As mulheres usavam vestidos longos e grâfinos e os homens exibiam ternos caros e impecáveis. Dançava-se noite inteira ao som de uma orquestra conhecida nacionalmente, num ambiente decorado com o bom gosto e o requinte exigido para as ocasiões especiais da sociedade local. Nesse período, uma instituição recém-criada corroborava para justificar as tendências sócio-culturais: a rainha da cana. O Clube de Toulouse sediava as solenidades do evento, competindo em glamour e em credibilidade perante os cidadãos, com o Clube Romano na eleição da rainha deste. Outros bailes promovidos por instituições de ensino também levavam os toulouseanos às pistas de dança de seus clubes recreativos. Muitos jogos

de futebol ocorriam em clima de festa e disputa acirrada, provocando, com certa frequência, insultos e provocações que evoluíam para contendas físicas entre dois ou mais participantes. Num jogo entre o time de Toulouse e o de Lídice, na disputa para levar a taça que coroava o campeão do torneio estadual, houve uma tal pancadaria e desordem que a partida teve que ser parado por três vezes durante o segundo tempo: os ânimos estavam por demais exaltados e alguns feridos foram levados para o hospital.

As festas juninas, também muito apreciadas, ocorriam todo ano em comemorações que se espalhavam pelo município. As quadrilhas, a gastronomia, os costumes populares ganhavam asas e a criatividade ensaiava circunstâncias divertidas e devocionais.

Uma manifestação popular eloquente no que se refere à ironia e sarcasmo, frente à condição humana frágil e indefesa perante as forças do destino, era uma exibição irreverente em praça pública: período em que transcorria a festa anual dos calouros das duas escolas de primeiro e segundo graus da cidade. Durante o dia, na praça, o trote era instituído e lavrado nos corpos e nas personalidades dos calouros indefesos da primeira série ginásial. Os homens, submetidos à condição de travestis, pintados e vestidos com roupas femininas, eram obrigados pelos alunos das outras séries a desfilarem nessas condições num carro alegórico sob os aplausos e vaias da multidão ensandecida. As mulheres desfilavam em charretes, trajadas com vestidos antigos e rasgados, usando acessórios como bolsas, chapéus e bijouterias dispostos pelos corpos de maneiras pouco comuns, de forma luxuriante e exibicionista, demonstrando tremendo mau gosto. Era eleita uma rainha entre as calouras, que ocupava posição de destaque no desfile portando coroa e cetro. À noite, no baile de confraternização, sentada num trono, com todos os calouros ajoelhados diante dela, decretava: “– Como soberana e rainha dos calouros, lanço meu primeiro decreto: segunda feira não haverá aula...”

Porém, o marco anual das comemorações e rituais institucionais era a festa de formatura realizada pelas duas escolas conjuntamente. Todas as formalidades tradicionais eram cumpridas à risca para recompensar

publicamente e legitimar solene e formalmente aqueles que haviam galgado a quarta série ginásial, o terceiro ano normal e o curso de contabilidade, oferecidos pelas duas academias. A programação do evento rezava que na quinta feira houvesse um jantar de confraternização no Hotel de Toulouse, entre os formandos das duas escolas e seus convidados. Havia um paraninfo que geralmente era uma personalidade de destaque no cenário estadual, a quem, incumbido de fazer um breve discurso, se estendia em elocubrações claramente exibicionistas, em maior grau quando algum político tomava tal posição, o que era comum acontecer, inclusive com o próprio governador do estado. Na sexta feira, uma missa solene na igreja matriz sacramentava perante Deus as novas condições socioculturais assumidas pelos formandos, culminando com a benção dos anéis de formatura. A Colação de Grau era no sábado no cine teatro, durante o dia. À noite, o baile mais concorrido do ano em Toulouse.

Depois de uma tempestuosa fase de chuvas: “– Eu pescava num cevero meu. Por todo lugar tinha rastro de capivara... era cada piriá! Eu jogava milho, queijo pra eles, juntava os bicho pra comer, cotia... uma hora um, depois o outro, sabe como é a lei da vida né? Os mais fortes é que mandavam...

Aquela lagoa que assoriou era muito grande! Era muito bando de marrequim que tinha! De tarde, eles voavam, aquela formação de vôo... Peixe é impressionante! Cê amarra umas espiga de milho maduro no bambu dentro d’água, e o pial vem pra comer o milho. Aí cê pega o bambu e sacode com força pra eles largarem o milho. Aí então cê pega o anzol com isca de lesma, tanajura, milho e joga pra pegar eles. Os cardumes maiores é que mandam no poço. Eu sevava eles. Na hora que tem troca de cardume de pial tem briga: tambaqui, pial, pacu-caranha... Um tambaqui de dezoito quilos não permite que outros peixes comam onde ele tá. No severo tem muita briga! No lugar em volta do pesqueiro, os peixes ficam bateno e outros cardumes pulam pra ver se tem gente na margem: quando tem gente, eles já ficam com medo. Um bom pescador senta na margem do rio e fica quieto. Não faz movimento brusco, não... se jogar uma chumbada pesada em cima do peixe, ele assusta e sai. Ele é arisco, selvagem!”

Antes da última grande enchente, Paulo já era um pescador experiente. Costumava se aventurar sozinho ou acompanhado de um ou mais amigos rio abaixo, em seu barco a remo. Num dos locais onde sazonalmente cevava cardumes de surubim, onde existia uma mata densa nas duas margens do rio, cevava também animais de caça: capivaras, cutias, pacas... “– Aí eu tava pescano... era lugar de surubim, e na boca da noite eu jogava a linha. Cê fiska o anzol nas costa da traíra e ela fica

nadano no fundo. Põe uma chumbada... Eu marrei a linha no barco e ouvi uma barulhera no mato. Aí o surubim entrou e foi tomou a linha na minha mão; eu dei linha. Ele põe a isca na boca e corre, e pára pra comer. Ele fez tanta força que começou a furar minha mão. A onça tava em cima duma árvore e de repente ela pulou, e eu só senti um bafo quente no cangote, e ela me jogou dentro d'água, mas o barco não virou! Foi na hora que eu tava lutando com o surubim já bem perto do barco. Ela caiu com o peito em cima das costas do surubim e ela travou na guelra dele. Eu tava sangrando nas costas por causa da patada da onça e veno ela brigando com o peixe. Ele matou a onça porque ela pulou em cima do ferrão nas costas dele. Aí eu puche os dois, marrei num tronco na margem, chamei o pião pra me ajudar e trouxe pra casa. Cê quer ver o couro da onça? Onça pintada. Dá pintada! Aqui a pintada da onça! oh!... (e pôs a mão em seu pênis) há!, há!...” Esta experiência lhe rendeu muitos pontos nas costas e deixou uma cicatriz imensa até as nádegas.

Em seus aprendizados ao longo dos anos às margens do rio D’Ajuda, de fartas e volumosas águas cor de barro, Paulo soube, por intermédio de um homem experiente nos negócios da mata, a pegar cobra. Como elas enxergam pouco e possuem um sensor que capta o calor dos corpos, qualquer objeto que se aproxime cai sob seus encantamentos. Com um pé a frente do outro, Paulo mirava aos olhos da cobra, embora sentindo total repulsa, permanecia imóvel. A cobra também imóvel, lançava seus hipnóticos olhares sobre o brilho dos olhos de Paulo, e se estabelecia uma ligação contínua de olhares fixos um no outro. Com lentidão, ele levava a mão esquerda para o lado e em direção à cobra. Quando esta mudava seus olhares para a mão astuta que se aproximava de seu lado, com a outra mão, a agarrava logo abaixo da boca e a apertava com segurança, para, então, com a outra mão, segurar o rabo dela. Assim ela estava totalmente dominada. Desse jeito, Paulo chegou a enfrentar com sucesso algumas investidas sobre exemplares venenosos desse réptil amedrontador, que silva pelas matas a provocar sussurros nem um pouco desdenhosos dos caçadores e incautos aventureiros. “– Perto dos escombros da casa velha, eu peguei duas traíra com rã. A água do rio tava suja e eu tô veno a rãzinha chorando e indo pra boca da cobra... ela

hipnotiza a rã ou perereca, sapo... eles choram. É uma choradera!... Cê ouve longe! Era uma jararaca verde de um metro e pouco. Eu apliquei a técnica, peguei a cobra, e peguei a rã pra iscar... e sapequei meio litro de cachaça na boca da cobra e joguei ela pra lá. Aí, depois que eu peguei uma traíra com a rã, tô sentino um trem cutucano nas minhas costa e quando eu virei, era a cobra, com outro sapo na boca quereno mais cachaça! Era cobra cachacera! Há! Há! Há!...”

O garimpo, desde a descoberta de Canela, se tornou um negócio a partir do ouro farto extraído do leite dos rios. Atividade altamente predatória, se espalhou com seus tentáculos oriundos da cobiça, devastando ecossistemas naturais por quase toda a extensão do arquipélago. “– A gente ia batear...” (batea: gamela de metal apropriada para garimpar ouro) Num dado dia, Paulo foi pescar com alguns amigos. Só que desta vez levaram um imenso arsenal de bebidas alcoólicas. No meio da noite, debaixo de uma lua esfuziante, Paulo avistou uma senhora velha pescando do outro lado da margem do grande rio. “– Tinha uma mulher pescano do outro lado, pial, dourado... aí fui pro outro lado a nado: muchila, vara, colete salva vida... comecei a bater papo com ela... ela fazia cevero, falou pra eu ficar à vontade. Aí joguei o anzol e peguei dourado, matrinchã, pial... tinha uma relva bonita, uns pé de aroeira... aí juntei os peixe, joguei na mochila, atravessei o rio e dormi no relento. Eu e mais dois caras, a gente tava garimpano. De manhã, quando eu acordei, só achei uns pedaço de pau dentro da caixa de isopor do gelo. Cadê os peixe? Eu tinha tomado muita pinga... Então um falou: ‘– Cê tava muito doido ontem né?’ Cê rolou no chão e começou a conversar sozinho, e pegou uns pedaço de pau de lenha e colocou no isopor com gelo, e nós não mexemo concê porque cê tava muito doido...”

Existem muitas histórias de aparições de discos voadores às margens de grandes rios. Um primo de Paulo disse que havia avistado uma luz intensa que chegou a possuí-lo e a arrebatá-lo numa viagem sem tempo; e misteriosa, por confins inimagináveis que somente deixaram em sua lembrança, rápidos flashes. Quando voltou à consciência, estava perdido, sozinho, deitado numa pedra perto do rio que, em uma de suas margens exibia altos paredões de minério e, na outra, uma mata num terreno mais

plano, com uma farta população de cobras. Ele se sentia plainando e que havia sido levado por inúmeras estrelas cadentes para um reino desconhecido. Havia se passado três dias. Voltou para casa e levou algum tempo para se recuperar, mas, verdadeiramente, nunca se restabeleceria de forma plena.

Na divisão de gigantescas glebas de terras como Sesmarias, fazendas sem fim, depositárias de riquezas incomensuráveis dos reinos naturais do planeta em Canela, um casarão foi erguido a cem quilômetros de Toulouse. Fora a sede de uma dessas Sesmarias portentosas, às margens do rio D’Ajuda. Paulo conta que seus avós paternos contavam terem visto as ruínas da grande casa, com seus alicerces de braúna e as senzalas onde dormiam os escravos. Dentre as histórias que rondavam o passado alí vivido, consta que um escravo, amante da escrava favorita do senhor, havia sido enforcado quando da descoberta do conluio; a mulher fora poupada devido à atração que o senhor sentia por ela. A casa sede da fazenda comportava inúmeros quartos e uma varanda comprida na parte da frente. Em seu quintal, o chão era coberto por pedras enormes e os muros divisórios também eram feitos com essas pedras achatadas, dispostas verticalmente no solo. Um lugar impressionante, com imensas mesas de pedra... A água que tocava o moínho de fubá procedia de um afluente do rio D’Ajuda, que perto dali se juntava às águas mansas e caudalosas deste fenômeno natural, a fluir incessantemente em direção ao oceano. Em certos locais, as corredeiras se formavam, e o ouro que brotava do cascalho fêz com que toda uma grande região do rio fosse considerada aurífera. A cobiça dos homens caiu em cima, como uma praga de gafanhotos cai em cima de uma plantação de milho: de forma devastadora! O instituto da escravidão matou inúmeros negros africanos sob as águas desse rio. Em muitos locais houve desvios das águas para que o leito original fosse totalmente vasculhado. Não poucas vezes, os escravos que trabalhavam já no leito limpo do rio foram surpreendidos por avalanches de água do próprio rio, devido ao rompimento da barreira de contenção...

“– O irmão de Paulo usava roupa de borracha, escafandro. Isso em 1959... e no fundo d’água, ia com uma das mãos segurando a mangueira...

o mangote, enrolava ela no braço, ela ia sugano, a pressão violenta!... com a outra mão ia tirano as pedra grande. O ar vinha jogado por outra mangueira... Tinham dois motor de fusca, que era mais usado: um fazia a sucção e o outro mandava ar pros escafandrista. Tinha muito roubo de fusca por causa disso, há! Era muita gente que fazia isso... Teve muitas mulher que ficaram com filho sem pai!

Essa lagoa que tem muita capivara tem muito carrapato e muito caçador de capivara! Destruíram muito os capim canavieira, esconderijo pras capivara, passarim, cutia... A braquiária de brejo, que foi introduzida na região, caba com ele! A braquiária anda muito dentro d'água, toma conta de tudo!..." Uma região onde várias lagoas marginais ao rio compunham um ecossistema harmonioso e proficuamente povoado por inúmeras espécies da fauna e da flora; um oceano de ervas sibilantes as separavam entre si: os capim canavieira ou capim navalha, nome esse advindo do fato de que o contato desse capim com a pele provoca arranhões e até cortes mais profundos, se incisivamente incidir sobre a pele frágil e exposta. Uma dentre estas preciosidades lacustres ficou intocada até a segunda metade do século XX, uma vez que seu acesso se mostrou demasiadamente inviável: o mar explosivo de capim navalha, onde este chegou às suas últimas possibilidades de desenvolvimento, formando uma parede vegetal forte, extremamente larga e densa, desencorajava sua exploração pelos pescadores e caçadores que também se satisfiziam com o produto farto de suas empreitadas eficazes, antes que tivessem que chegar até lá. Ao entardecer, os bandos de inúmeros marrecos dominavam o céu em revoadas, quando exibiam um azul metálico indescritível debaixo de suas asas...

"– Tinha tanto lambari que a água ficava preta! Eu cevava eles no fubá. Cê via lambari vir de todo lado! Tambiú, lambari chato, pratinha... dava tanto que dava procê andar por cima deles! há! há! há!... um dia na época de calor, em outubro, a gente foi plantar capineira... e vimo umas cinquenta carpa tomano sol na flor d'água: carpa capim, vermelha, preta... aí pra baixo do Seu Waldir, tem um rebojão, um remanso, onde a água vai e vem, fica girano... tava noite estrelada, de lua nova, a gente tava pescano... aí a gente viu um óvni: ‘– Levanta! levanta! Márcio, Agnaldo...! olha, olha lá!’ ... uma luz forte! ...de repente sumiu!"

O rio, abençoado lautamente pelos fartos recursos da biodiversidade, continha em seu leito, peixes que Paulo frequentemente pescava, tais como, dentre algumas outras espécies, pial branco e pial vermelho, traíra, tambaqui, surubim rajado, dourado, bocarra... Num certo dia, quando pescava numa enchente, com o rio transbordante, pegou uma corvina. Então começou a cevá-las, jogando, no local, barro de terra preta de minhoca. “– Na água suja, o peixe nada na superfície pra subir a corredeira... ...cortei uma vara grande bem madurinha, de bambu, de gomo curto, coloquei uma linha 120, um anzol grande, de número 16, uns 40 m de linha, na boca da cachoeira. A isca era uma corvina de 40 cm. Aí físgou um peixe. A vara tava fincada na beira do rio. Eu tava mais em cima e quando eu ví o peixe puxano a vara eu saí correno, mas não deu tempo e a vara foi pro rio abaixo. Aí a comporta da represa abriu, a vara garrou num galho duma árvore na margem. Nós saímos correno atrás da vara, eu e mais três. Quando chegamo nela, ela tava muito pesada e nós não conseguimos tirar o peixe da água... depois arrumamo uma junta de boi, marramo a linha e puxamo o peixe pra fora: ele deu uma rabanada que tirou areia do fundo do rio, depois os boi foram puxano e ele dano muitas rabanada... era um pexão mesmo!... ele tava puxano os boi pra dentro d’água!... a cabeça dele tá lá no museu de Lídice... há! ...”

Sebastião da Mata era descendente de africanos, neto de escravos e filho de trabalhadores rurais da fazenda São Vicente, pertencente à usina de Alex. Seus pais mantinham uma considerável prole e Sebastião era o quinto dos doze filhos. Seus irmãos mais velhos já lidavam com os canaviais enquanto ele ainda pajeava os mais novos. Sua infância foi um misto de trabalho, responsabilidade e também de brincadeiras e fantasias advindas de sua mente pueril, sem contudo ter acesso a condições materiais que lhe permitissem ter uma educação razoável. Entre seus vizinhos, as crianças forjavam uma bola de panos e meias rasgadas que, jogada ao chão, se transformava num objeto mágico a proporcionar momentos de êxtase, quando todos saíam correndo atrás dando pontapés até em suas próprias sombras. Todos, meninos e meninas, indistintamente, nutriam o hábito saudável de empunhar varas de pescar, e enquanto se distraíam fisingando os peixes do riacho que banhava a propriedade, ajudavam a suprir a mesa escassa para as refeições diárias. Eis que num dado dia, seu pai conseguiu com que fosse ingressar nos canaviais com uma turma para realizar seu primeiro plantio de canas: “– A cana pra podê prantá tinha que tê o suquí, dispois vinha jugano o adubri, e em cima do adubri, jugava a cana no suquí, aí vinha picano com o facão. A ponta verde jugava fora. Aí vinha o pessoal de enxada tampano o suque... Naquele tempo não tinha época de prantá não. Chuvia muito! Ela tano tampada, só com a friage do tempo ela esperava na terra seca até a chuva vim... contecia adubrá quando a cana não tava prosperano, intigamente...” Via-se nos campos limpos, arados, gradeados e sulcados, as turmas de homens na lida: cada um, segurando um caixote pequeno de adubo com o braço esquerdo; e, com a mão direita, íam lançando os pequenos grãos dentro dos sulcos. A extensão de cada sulco que deveria receber um caixote de

adubo, era medida com uma vara de dez metros. Depois de cumprido esse período, os homens recorriam aos sacos de adubo que ficavam dispostos espessadamente pelo terreno. A próxima adubação somente ocorria depois da segunda ou terceira colheita, quando se via a necessidade, mediante o desempenho do canavial. “– Mais tarde, o que trapaíô muito os canavial era o poduto que jugava, o vinhoto, ele deu força pros colonhão, e os colonhão vinha arrasano os canavial tudo. Tinha muito mestre estudado que não sabia nada, cabaro destruino os canavial... quando prantava as cana través de dimistradô das fazenda, as cana era boa. Quando entrô esse pessoal que tinha estudo e a gente tinha que obedecê, ...os canavial ia cabano tudo...”

Nos locais íngremes de difícil acesso para os tratores, os sulcos eram abertos pelos arados de boi e em locais ainda mais inclinados, pelas enxadas dos homens. “– Conforme o lugá que dava pro arado; lugá de parandela, de muita ribancêra... aí era só jugá oiadura alí, adrubá e tampá...” Utilizava-se arados a tração animal também para arrancar as canas velhas e improdutivas, no intuito de reformar o canavial. Empregava-se três juntas de bois fortes ou quatro de bois mais fracos. Quando um lote de terras era replantado e a brotação de canas ficava com uma altura de aproximadamente um metro, um arado pequeno de tração animal passava entre as fileiras; este revolvía e jogava a terra em cima das mudas de cana. Logo depois, a capinadeira: um instrumento puxado por um boi, burro, mula ou cavalo, preso a dois cabos em sua parte posterior; um homem, ia direcionando-o, – assim como ao aradinho – ; era provida de enxadas giratórias que revolviam a terra e limpava entre os sulcos das canas. “– Dispois os capinadô limpava o resto da cana. Ês ia capinano e rancano os mato com a mão pra não machucá as cana: se batê enxada corta os broto. Quando a cana crescia, encontrava ponta com ponta, aí o mato era bafado... aí ela começava a engomá... aí já vem pro lado do corte, pro lado da safra...” Depois de realizado o trabalho de capina, dando condições às pequenas e frágeis mudas de cana de se desenvolverem sem a concorrência das ervas daninhas, os canaviais cresciam com força. Via-se por toda parte os pendões brancos se despontarem e num dado momento, havia somente um grande tapete

subindo e descendo os morros, imprimindo à paisagem a uniformidade branca fantástica que encantava a todos os olhares. Os canaviais nessas condições já se encontravam maduros e prontos para a colheita. “– Nóis cortô muita cana sem quemá. As lei não consentia quemá cana não. A gente andava no mei daquela paiaria tudo... escorregava, subino na prancha pra bastecê o caminhão... caía no chão... às veis machucava né? Quando passô a quemá miorô. Passô a quemá pra ficá mais fácil, porque rendia muito mais o serviço. Os canavial tava aumentano... não tinha aquela paiaria toda pra trapaiá e fica mais fácil pro pessoal cortá... Dispois o pessoal interessô cortá por tonelada: tinha mais resultado assim, dava mais dinhêro. Era como uma empreitada.”

Os horizontes dos sonhos indizíveis e enigmáticos amontoavam-se na imaginação do adolescente que se espantava com a vastidão e incontrollabilidade da vida. Tudo parecia absolutamente tranquilo e assombroso. Os sentimentos se afluíam soberanos, levando a um mar de praias paradisíacas do inconsciente. O barco onírico fluía para o alto mar em busca de novas terras para aportar: novos horizontes existenciais se abriam. Da Mata já não mais suportava a escravidão dos canaviais: precisava enfrentar o desconhecido. Pediu suas contas e foi para São Vicente. Dizem que havia prosperado e acumulado muitos bens, mas o seu passado haveria de implorar que ele o vasculhasse em busca de respostas para as vicissitudes de sua vida familiar. O pai o espancava com certa frequência na infância, quando bebia em demasia e perdia totalmente o controle. Depois, ele haveria de enfrentá-lo num duelo que o promoveria a se impor pela força; havia sido o chefe da família até partir: sua vida no canavial era por demais restritiva e sofrível. “– Tinha uns que trabaiava com manga cumprida, tinha ôtros que não... eu memo era um que num gostava de ficá com o corpo bafado. Eu só usava o saco de mauá no ombro... e marrava ele aqui do lado, dibado braço... pro fêxo de cana ficá macio no ombro. Palitó de manga cumprida, tinha uns que usava. Naquele tempo ninguém ligava pra sapato, essas coisa... o pessoal era simples. Eu nunca gostei de tampá o pé! Só duns tempo pra cá, que me obrigaro a botá, no trabaio, na fábrica de sapato; num gosto de meia tampano meu pé... usava calça cumprida... usava a proteção no

rosto, o pano branco tampano os ouvido, e dava um nó dibado quexo. Punha o chapéu por cima. Massava tudo! Jugava a aba do chapéu nos óio pra mode num pegá o sol direto... Aquelas cobra jararaca, encontrava demais! Parece que elas chama a vista da pessoa... Teve um dia que eu peguei um fexo de cana, botei nas costa e subi a prancha do caminhão e entreguei o fexo pro ortro que tava dendo caminhão e a cobra mordeu ele! Ês levaro ele pro médico da ôsina memo... tomou injeção... Graças à Deus, eu nunca fui ofendido de nada! Eu ia de quarqué manera, de braço limpo... dibaxo das cana embanderada, tinha um enxame de escorpião! Tinha demais! Lidei no meio daquele trem... Muita gente tomava mordida! Os que tava todo encapado é que levava tinta com esse negócio. Eu nunca... há, há, há! Era jararaca, essas cobra cipó... em antes de quemá os canavial. Quando já quemava, memo cachorro do mato... acharo um todo quemado!... quemava os bicho tudo! Tatu, coelho, tudo enquanto é tipo de passarim: canarim marelo, culerim... ês fazia nim no canavial. Aqui tinha muito canarim! Dispois pardal cabô com tudo. Capivara andava na bera dos córgo... até hoje...”

Os caçadores, incontáveis, orgulhavam-se de suas empreitadas pelas matas e capoeiras. Empunhavam espingardas atrás de uma boa caça: tatu, paca, jacaré, etc. Estes últimos compunham uma população de pequenos exemplares da espécie que não se mostrava muito ameaçadora. Durante as pescarias, ouvia-se no meio dos rios o barulho do chacoalhar veemente de seus corpos. Até mesmo estando os pescadores dentro d’água, podiam afugentá-los ou matá-los a cacetadas. Tinham medo dos homens.

Os caçadores se embrenhavam à noite pelas matas e canaviais, portando suas lanternas e espingardas. Bastião não apreciava a arte da caça e a julgava muito cruel. “– Eu nunca gostei de judiá com os bicho. Se eu vê um tatu na estrada eu dexo ele imbora. Por mim pode sê cobra, o bicho que fô! Ela tá queta lá... Ela não faz nada comigo se eu passá. Aquês que respeita os bicho, não é mordido por bicho nenhum...” Bastião certa vez possuía um cachorro que contraíra uma “bixeira” atrás da orelha e que estava se espalhando pelo focinho. Soube que havia um benzendor de animais e resolveu se aventurar: foi até a fazenda onde o homem

trabalhava e lhe apresentou seu cachorro enfermo. O “bruxo” lançou seus encantamentos e rezas e com o prazo de três dias o cachorro teve um completo restabelecimento. Quando depois da reza, Bastião e o animal indo embora, encontraram logo na porteira um outro homem com dois cachorros bravos amarrados em coleira. Eles rosnavam e latiam ferozmente num estado de muita exaltação e intemperança. À medida que iam se aproximando do benzedor, se transfiguravam em animais dóceis e amáveis. O dono, estranhou o comportamento de seus cães e disse que não havia visto nada parecido; ficou perplexo, estupefato ante à calma das duas feras “abomináveis”. O benzedor também ministrava ervas medicinais a pacientes humanos.

“– A gente tirava lenha nos mato. Dava aquele dia de forga, a gente tirava pra semana, no sábado ou no domingo... tirava com facão e punha o fexo nas costa, em cima da cabeça com um pano pra potregê... ocê para no serviço, pega uns pau de lenha, joga no caminhão e vai pra casa: todo mundo fazia isso. Intigamente o expediente era de cinco da manhã às seis da tarde. Dispois do expediente, tirava a lenha...” As mulheres e suas filhas lavavam as roupas da família nas minas d’água das fazendas da usina. Como em suas casas não havia água encanada, tomavam banho nas próprias minas ou transportavam na cabeça a água em latas para suas casas, quando as despejavam em bacias e se lavavam. Sentados nas bacias, todos se enxaguavam e de pé, se ensaboavam para logo depois irem derramando água de pequenas latas em seus próprios corpos; os meninos eram lavados por suas mães ou irmãos. Bastião tinha um irmão que conseguira um emprego na cidade, de tomador de conta de uma estrebaria. Ele gostava de andar bem apresentável e... “– Usava uma camisa rasgada nas costa com um palitó por cima. Só na frente da camisa é que tava boa. Ele só tinha um sapato e tava furado: chuchava côro de bicho nos lugá da palmilha. O sapato tava furado e num tinha dinhêro pra fazer meia sola...”

Bastião era de Santo Antônio e foi morar na fazenda São Vicente, numa das pequenas casas sucessivas que se divisavam entre sí pelas próprias paredes, formando um conjunto habitacional. Trabalhava muito com capinadeira puxada por um dos muitos burros da fazenda. Estes

eram revezados toda semana, devido ao grande esforço que despendiam, dada a extensão do canavial. “– A gente era uma pessoa simples, trabaiava na roça. Na época do tiro de guerra, os nosso pai ficava com medo. Uma vez a gente tava lá no arto da fazenda, pareceu umas rural da polícia. Ês ia atrás da pessoa pra servi exército, mais como ês encontrô nós trabaiano dispensô nós. Parô nossas capinadera tudo e falô: ‘– Amanhã cês parece lá sem farta!’ No ôtro dia nós foi pro lado da prefeitura. Nós era tudo anarfabeto... nós tinha medo! Eu era aquele negão arto e magrelo... sabe o que eles falava comigo? ‘– Esse vai cê um bom sordado!’ Me deu uma tremura! Ês botava a gente em cima da balança... ês falava: ‘– Cê já tá passano da idade! Vai tomá cadeia primero!’ Ês fazia medo ni nós. Nós num sabia assiná! Nós era simples... aquela turma toda tirano retrato... Aí ês falava: ‘– Se não serví pra guerra, serve pra bucha de canhão! há, há, há!...’ Era pra fazer medo na gente. Nós ficava lá trabaiano na fazenda com aquilo na cabeça, pensano que ês ia vortá... isso era em 1950... ês cabaro não vortano mais! Dona Rita judô muito...”

Quando acabava o serviço nos canaviais da fazenda São Vicente, havia o traslado das turmas desta para outras, também da usina. O caminhão cabecete chegava sempre muito cedo no campo, a névoa gelada ainda encobria a paisagem. Alguns personagens, motoristas desses caminhões, como o senhor Anísio, dirigiram as primeiras unidades da usina, quando estes ingressaram definitivamente na lavoura. Os homens íam na carroceria, em pé segurando nos fueiros, ou sentados ao fundo, encostados nas laterais.

Às seis da manhã, as turmas chegavam nos canaviais de caminhão. Se a cana já não estivesse sido queimada na noite anterior, alguns homens ateavam-nas o fogo, ou somente em alguns lotes predeterminados que apresentavam condições propícias para serem colhidos: o fogo passava a imperar como meio de limpeza dos canaviais. Os aceros sempre eram empreendidos, contudo, as chamas às vezes surpreendiam, saltando para outros lotes de cana ou pastos ou terrenos de capoeiras. Quando isso acontecia, todos se mobilizavam para combater o mais letal dos inimigos, inclusive as turmas das outras fazendas, que deixavam o corte e o

carregamento das canas dos canaviais onde estavam trabalhando para irem imediatamente socorrer aquele ou aqueles lesados, inadvertida e acidental, ou às vezes criminosamente. Havia uma imperiosidade em transpostar imediatamente as canas queimadas do campo para a usina, a fim de serem moídas, justamente por causa do processo de perda de sacarose que ocorria rapidamente, inutilizando a matéria prima em poucos dias. ” – Dispois que o sole ia embora, o fogo não tem aquele alvorozo atacá... quando ia pô fogo, juntava umas dez pessoa assim... por aí afora né? Agora, quando o fogo sartava... as caminhonete tinha de buscá gente pra todo lugar! Até caminhão... a Co. trabaiô muito de caminhonete, aquês chefe de cultura... era as caminhonete chevrolet e tinha jeep tamém. Tinha já uns quinze caminhão internacional cabecete: punha sete, oito tonelada de cana! Ês subia nos morro tudo!... Começô a esbarrá quando pareceu Mercedes, e tinha um ôtro do fucinho curto... os Mercede era mais fraco, não subia muito... Era Deus que potregia a gente; não tinha acidente não! E a gente tamém não doecia, não!” Depois de o fogo ter realizado o trabalho fulminante e rápido de limpar as canas, os homens esperaram e entravam por sobre o tapete de cinzas que aveludava o chão para cortarem-nas. Com uma de suas mãos, seguravam a haste da cana e, com a outra, um facão, que a golpeava, rente ao chão. Algumas investidas e a cana se desprendia de suas raízes e, logo depois sua parte de cima era estirpada, com algumas folhas verdes pequenas na extremidade, que resistiam à fúria da queimada. Então, a haste de cana era jogada ao chão e permanecia horizontalmente disposta; por sobre ela, outras se juntavam: como diziam, íam sendo embandeiradas. “– O caminhão vinha, encostava e a gente enchia ele. A gente ficava tudo chujo! Tinha o saco de linhage, furava os buraco dos braço e da cabeça e vestia ele igual a uma camisa. Ôtros fazia assim: pegava o saco de mauá, jugava ele na cana, enrolava ele no fexo, braçava aquilo e jugava no ombro... a gente subia na prancha e dava pra um home que ficava lá dentro rumano as cana no caminhão; ia enchendo a carroceria. Quando ela tava mais ou menos pela metade, a gente é que rumava as cana. Aí colocava os fuêro. A gente tirava ês do fundo do caminhão vazio e jugava ês no chão pra modinchê o caminhão. A gente trabaiava tudo sastifeito... pra nós tudo tava bão!”

As moléstias sérias e contundentes jamais ameaçaram a maioria daquela gente. Eram corpos rasoavelmente saudáveis e mentes tranquilas, embora o mundo não lhes tivesse reservado um lugar de destaque entre seus personagens. As perturbações advindas de crises endêmicas, eram tratadas com ervas medicinais extraídas das próprias matas da região. O maior patrimônio da terra: sua vida vegetal e animal, já nem tão exuberante. Havia a figura arquetípica daqueles que eram proclamados curandeiros: os erveiros, os benzedores e magos da sugestão. Estes encantavam de tal forma seus pacientes que eles vinham a se curar efetivamente. “– Teve uma vez que a gente tava com uma gripe de arriá, tudo de cama! A mamãe foi num home curador: ‘– Ó dona, a senhora conhece guiné? Pega três foia de guiné, espreme elas na mão, põe elas dentro da xícra, vem com uma água ferveno por cima... e joga três pingo de sal, por três dia... não pode levantá de noite não’. Até hoje eu faço com meus minino. Não tem cumprido que cura!...”

Em três das propriedades rurais da usina de Alex, haviam moradores que lidavam nos canaviais, mantendo o ciclo de produção das canas para a indústria do açúcar. Habitavam os barracões, denominação usualmente empregada para o conjunto de moradias de um único andar, dispostas sucessivamente, onde uma acabava, começava a outra, divididas pela mesma parede. A fazenda Santa Catarina era a maior e mais populosa: nela residiam... “– Quarenta cabeça de gente, pra lá!... Tinha casa espaçada pelos arto dos morro, nas grotas... a água corria que era uma beleza!... no mei das taboas...” Já com o advento do século XXI, ainda existiam daqueles que usavam das taboas um modo de sobreviver, mediante a venda de tapetes e esteiras, que manufacturavam a partir das fibras dessa planta nativa que abundava pelos brejos da região.

A mãe de Sebastião se levantava de madrugada com a missão de fazer o almoço de seus então três filhos, que lavoravam nos canaviais. Depois de pronta, a comida era disposta dentro de um pequeno caldeirão de alumínio, com a boca afunilada e uma alça; sua tampa era sempre amarrada com barbantes, pedaços de corda ou elástico para que a comida não derramasse com o transporte. “– Tinha aquelas lata de óleo de coco... tinha uns que carregava a cumida lá, e tava sastifeito ainda!. Intigamente,

a gente aproveitava os pé de boi. A mamãe ia no açogue, comprava aquês pé de boi... a gente cozinhava ele bem cozidim e jugava ele no feijão... na hora do armoço, o ôtro pensava: ‘ – Quê que o ôtro levô?’ ... O Zé levantava o garfo no pé de boi... nego corria o zói no garfo... eu levantava ele e falava: ‘ – Lá é pro lado de Lídice ou Cruzília?’ O povo ria! Ele tava fazeno hora com o povo! Falava que era pé de porco... o pessoal era alegre! O bombero quentava o cumê tudo! A gente armoçava alí memo. Até hoje... eu custumei. Eu gosto de cumê no calderãozm! Sento numa cadera... uns quarenta minuto pra armoçá... fico à toa parado esperano aquele cumê descê no estômago... Aquelas moça que trabaiava cortano cana... elas cantava no arto dos morro... Eu até hoje passo a mão na bicicleta e fico andano à toa, recordano os tempo.” Era difícil de se comer carne bovina, por ela ter sido um bem inacessível a esse segmento social. Atualmente, a oferta vertiginosa de todo tipo de produto invade nossas mentes incautas, nos persuadindo a consumir a marca X ou Y, muitas vezes nos submetendo a verdadeiras “lavagens cerebrais”, utilizando, dentre outros meios, propagandas na mídia, agressivamente invasoras de nossa privacidade. “ – Esse negócio tá enfraqueceno o pessoal... muito remédio que ês dão pros boi, pras galinha... as carne tão envenenada... Intigamente a gente criava as galinha caipira no terrero, sorta, aquilo demorava seis mêis pra formá uma galinha! A gente engordava os porco e cumia. Não levava remédio não!”

Na época das capinas, muitos rumores invadiam os canaviais: os homens e mulheres conversavam, cantavam, sussurravam, ao longe... As ervas daninhas, às vezes já bem desenvolvidas, engolfando as canas, davam um sinal da premência em serem extirpadas das carreiras; estas ficavam à mercê dos coloniões e de outras formações vegetais, pragas advindas de outras famílias, gêneros e espécies. Esses inimigos vegetais da cultura da cana de açúcar surgiam alimentados pelas chuvas e se proliferavam com desenvoltura por toda a terra. “ – Às veis tinha um canavial pertado pra dá uma capina, ês mandava a capinadera. Nós era umas déis pessoa pra trabaiá com as capinadera. Cada um pegava um taião. A gente chegava em casa, na fazenda, às seis hora, dispois do serviço, porque era longe né! E chuvia memo!... Agora a chuva tá sumida!”

Aos domingos nos arredores da fazenda São Vicente, muitos senão todos se entregavam de corpo e alma à pesca, que exercia a dupla função de entreter e alimentar. “– Usava aquês balai de bambu... cê ia jugano ele por baxo das moita de angola e levantava: uma carninha mais forgada que a gente cumia... batia saco: rumava um saco cumprido e abria ele; e colocava uma vara de bambu dum lado e a ôtra do ôtro, e o saco no mei sigurano... a gente sigurava numa vara e o otro na otra e saía bateno nos corgo...”

Nas festas, nos bailes, os homens solteiros muitas vezes andavam pelos quatro cantos das imediações. A luz da lua os iluminava pelas estradas e atalhos. Havia um que se apossara de um violão, um outro que comprara um pandeiro, outro um tamborim... e, íam pela estrada afora cantando e tocando. Num belo dia foram surpreendidos por uma invenção que mudaria suas vidas: o rádio. “– Nóis andava longe pra ouví o rádio. Tinha um tal de Seu Fizico, ele pôis um geradô de muê mí e pôis luz elétrica. O rádio era fixo. Subia aquele tanto de gente morro afora pra ouví o rádio! Hoje é tv.”

Muitos se juntavam informalmente e esperavam uma oportunidade para que o enlace matrimonial se fizesse com a bênção de Deus. Alguns missionários da igreja casavam-nos. À medida do possível, estes casamentos eram realizados durante o fim do período de safra. Depois da cerimônia, nas fazendas da usina, havia bailes, embalados na maioria das vezes por uma sanfona de oito baixos, juntamente com dois violões, pandeiro e atabaque, como comemoração. Os netos de Alex apareciam durante essas festas e se misturavam aos trabalhadores, como forma amistosa de supervisionar os acontecimentos e participar dos mesmos. “– Tinha tocadô de cavaquim calanguero... saía tudo de lá memo! No tempo de bandera de cana. Cabô o canavial de lá ês falava: cabô a bandera. Aí rumava a ôsina e nós ia tudo pra lá. Era pão com salame, carne muída, carne de porco... guaraná, Coca-Cola... Era tudo católico mais ninguém ia pra missa porque era muito longe... nos domingo era visita pros colega... ês mandava um caminhão... Seu Orlando, todo sábado! Quem quiria vim pra cidade vinha no caminhão, dispois ele levava de vorta. Aí só no ôtro sábado pra podê passíá na cidade ôtra vêis. Dia

de sábado, trabaiava até duas hora mais ou menos; aí, no ponto de cinco hora, o caminhão chegava pra trazê nós pra rua. Oito, oito e meia, nós vortava ôtra vêis... Dispois eu tô morano aqui onde eu tô. Já tem mais de trinta ano! Meus fii tão virano aí... eu comprei essa casinha de têia muito vagabunda...”

O sr. Jean Jack Dubois Neves, nascido na cidade vizinha de Lídice, amigo do administrador de uma das fazendas da usina de Alex, foi convidado por este para gerenciar outra fazenda da usina, a Angico Vermelho. Fazia-se o ano de 1953, quando Alex adquiriu esta propriedade que já conhecia as plantações de cana, uma vez que seu antigo proprietário fornecia esta matéria prima para a usina Jaques Ledoux, e que só se dispôs da terra porque mudou-se para Besançon por motivos familiares. “– Depois que Alex comprou a fazenda, fui pra lá no final do ano de 1953. Já tinha um barracão grande com cinquenta morada pros empregado efetivo. Tinha luz própria... um moinho... um gerador. Em todas as morada tinha água e luz. Os efetivo era uns 70 a 80 e na colheita da cana, uns 120, 130. Tinha uns déis alqueire de mato. Nós morava na sede...” Rita mantinha parceria numa horta que o Sr. Jean Jack cultivava, como também nas plantações de arroz que todos plantavam à meia com ela. Quase sempre seu caminhãozinho D-30 despontava depois das montanhas que divizavam com o terreno da fazenda, e ela, sozinha, dirigindo-o, ou com seu motorista, paravam em frente à casa sede da fazenda. “– Ela punha uma porção de balai dentro da carroceria do caminhão... e ela tinha umas vaquinha de leite tamém pra dar leite pros filho dos empregado; e vendia o leite tamém, na rua... vinha com um bulhão de vinte litro, ou dois ou até três, dependeno se o pasto tava bão... punha uns crioulo pra rancar mandioca, tinha verdura de foia...” Havia bailes periodicamente, instância na qual improvisavam uma grande cobertura de madeira com folhas de bananeira; o sanfoneiro adentrava à noite tocando, acompanhado de violão, cavaquinho e pandeiro. Numa noite de inverno rigoroso, com o céu intensamente estrelado, uma tragédia se anunciou: um assassinato. Como era de costume, muitos homens se

compraziam em jogar cartas, à guiza de entretenimento, mas sempre haviam aqueles de espírito indomável, que não gostavam de perder no jogo. Eis que num dado momento, dois sujeitos, ambos empregados da fazenda, se desentenderam pelo fútil motivo de um deles, que estava ganhando o jogo, ter agido com ironia e sarcasmo, humilhando o perdedor. Este, indignado, imediatamente, num paroxismo de ira, desembainhou sua adaga e desferiu uma facada cuja lâmina riscou o ar e resvalou no rosto de outro homem. Começava então uma contenda que terminaria em três tiros de revólver com três mortos. “ – Seu Alex falava: ‘ – Se tiver briga aqui por causa de cachaça... o que morrer eu mando enterrar, e o outro que viver, eu mando prender!’ ... Peguei muito revólver, espingarda, porrete... eu tomava deles. Teve um casamento que um negão tomou uma enxadada na cabeça... rachou a cabeça dele... eu vi o miolo dele rolano pro chão, coitado! O irmão dele sacou da arma e matou o cara com um tiro no peito! Até as polícia que ia lá tinha medo! Tinha muita briga, eles não entendia o que a gente falava. Alex falou conóis pra gente falar do jeito deles: ‘ – O que eles falar, cês tem que falar tamém!’ “ Nos dias de pagamento, chegava o pagador à cavalo com uma bolsa portando o dinheiro. Apeava e subia a pequena escada que dava acesso à varanda da casa sede da fazenda. Sr. Jean Jack dispunha de uma mesa com uma cadeira para o homem realizar o pagamento, e reunia todo o contingente de trabalhadores que se posicionavam em fila indiana. Um a um, íam recebendo seus salários e assinando, ou melhor, rubricando uma folha, como prova do recebimento, ou imprimindo suas impressões digitais. “ – Tinha turma de moça e criança tamém: menino e menina de oito a doze ano embandeirano cana... é pegar e aleirar, fazeno aqueles feixo... não tinha máquina não: pegava os feixo, jogava nas costa, subia no caminhão em cima de uma táboa... muita gente ficou aleijada ali... nego quebrava braço, caía da táboa e ficava de braço quebrado e não recebia nada. A usina dava remédio, médico... ainda não tinha Previdência...”

Juca Aleida Bonfim, tocador emérito de sanfona, que morava numa das fazendas da usina São Marcos, morreu assassinado numa emboscada na zona rural. Diziam que havia despertado grande ira por parte de alguns, cujas esposas ou amantes, teriam caído em sua lábia doce e feroz, sucumbindo aos seus encantos. Este era bem magro e alto, de cabelos pretos e lisos. Fazia amizade facilmente. Seu único irmão por parte de mãe, que herdara algumas terras de gado, montou uma fabriqueta de cachaça, que o levou às últimas instâncias do delírio alcoólico, até falir; arrastou atrás de si algumas dívidas que foram assumidas por Juca, antes de morrer.

Era tradição católica louvar Maria, mãe de Cristo, promovendo coroações da santa rainha pelas meninas da cidade, vestidas de anjinhos. Esta festividade e ato de fé teve início em meados dos anos trinta. Era costume presentear as meninas vestidas de anjinho que cortejavam Nossa Senhora e acompanhavam a coroadeira, depois da coroação, com um saquinho contendo algumas guloseimas: chamava-se cartucho. As famílias mais abastadas despendiam de recursos fartos para embelezar e enaltecer o evento, providenciando os mais belos fogos de artifício e as mais pomposas ornamentações para os altares das igrejas; compunham cartuchos mais elaborados. As coroações se estendiam pelas capelas das cercanias da cidade. Algumas meninas íam coroar a santa nesses lugarejos e ruados, por motivações diversas, inclusive existindo forte conotação política. Em Santa Cecília havia uma capela onde se comemorava o evento tradicionalmente; a capela do Barro Preto de Trás também era agraciada pelo privilégio das comemorações, e outras localidades na zona rural do município e municípios adjacentes.

Outra tradição se fez presente a partir do término da segunda guerra: São José e Santo Antônio passaram a ser reverenciados e festejados pelos meninos. Quando chegava-se o tempo, um menino levava uma palma de flores para um dos dois santos, em altares também preparados exclusivamente para o evento nas igrejas. Isso acontecia durante as novenas dedicadas a eles, e dependia em muito da boa vontade e do entusiasmo do pároco da cidade. Monsenhor Euclides nutria forte vocação para os grandes eventos e, além de promover as procissões da Semana Santa, realizava outras festividades e representações como as ligadas aos dois santos.

Alex Bourdon, que trabalhara arduamente por toda a sua vida, obsecado pelas responsabilidades, viajou muito, foi um homem culto, e, até certo ponto, erudito. A soma de suas habilidades e talentos era surpreendente. E nunca se reduzira à ignomínia do covarde e do traidor. Era justo e racional, embora, em certos momentos infelizes, a razão teria imperado arrogantemente sobre a consideração e a temperança, no caso, mais cabíveis que a fria análise dos fatos e o julgamento sob uma premissa puramente intelectualizada, incisivamente fria, capaz de destruir o aconchego de um relacionamento. Por causa de sua percepção de mundo, talvez excessivamente intelectualizada, nunca tivera muitos amigos. Seu relacionamento extraconjugal de longo prazo folha rompido aos poucos, à medida que o envelhecimento se apresentava gradativamente, limitando seus passos. Ela, sua única amante, havia ficado com uma fazenda que ele comprou especialmente para legá-la, garantindo assim sua subsistência. Queria que seus filhos seguissem seus passos e dessem continuidade à vida da empresa. Em vão. O destino preparou para todos caminhos distintos e dispersou a irmandade pelo mundo. A empresa acabou sendo vendida para um grupo empresarial italiano interessado no açúcar. Júlio, com sua parte do dinheiro recebido do negócio, foi morar na França; recebia periodicamente correspondência de parentes saudosos. Rita adorou a vida em Lyon e a Europa ficou pequena para sua vontade de conhecer e descobrir lugares novos, mesmo estando já na terceira idade. “– Uma cigana leu minhas mãos e me disse que vou viver muito ainda, fazer muitas viagens para o exterior, conhecer muitas culturas e escrever livros também, e que eles serão traduzidos para vários idiomas...” Isso tudo, mais a frente no tempo.

Alex deixou dois livros, dois volumes da mesma obra intitulada “O negócio do açúcar e do álcool na região de Toulouse”, onde expõe sua

luta para sobreviver em meio a um ambiente hostil e ameaçador, com poucas oportunidades. Foi uma obra muito comentada em nível nacional, sobretudo sob o enfoque humano pelo qual se primava, muito do qual fora decisivamente influenciado por Rita. As relações humanas no trabalho e fora dele sempre formaram o cerne da questão de uma boa administração para Alex, cujos olhos de águia podiam antever problemas reais no processo industrial se alguns de seus empregados falhassem em desempenhar bem suas atribuições. Todo o sistema produtivo dependia da harmonia entre os setores envolvidos diretamente. Quantas vezes acidentes ocorriam comprometendo o andamento do processo de fabricação do açúcar, emperrando todo o maquinário, devido a falhas humanas? Fatores diversos em torno dos quais o comportamento de seus empregados oscilava, se constituíam para Alex um dos grandes desafios a conhecer, compreender e intervir de forma positiva, procurando favorecer a todos os envolvidos. Sua mentalidade se revelou além de seu tempo, naturalmente, pelo próprio jeito original e criativo de ser, somados a forte personalidade capaz de decidir questões de forma lógica e responsável. Seu espírito humanizado por Rita, sua diligência no trabalho e alguns outros atributos importantes como persistência, criatividade e sagacidade, o faziam um líder visionário e concretizador ao mesmo tempo.

Porém, não fosse por ela, talvez não arregimentasse forças suficientes para levar a cabo seus sonhos empreendedores, à consequências em sua maioria, edificantes. Seu exemplo enquanto ser humano fê-lo eleito um homem ímpar, respeitado e admirado por muitos, que reconheciam sua incontestável ascendência intelectual, que exercia sobre a maioria das pessoas as quais era posto em contato pelo destino indelével. Seus pensamentos inventivos o tomavam de assalto em locais e circunstâncias insuspeitadas, ocasionando muitas vezes, uma certa estranheza por parte das pessoas com quem estivesse conversando, o que lhe rendeu também o estigma de excêntrico. A opressão sob quaisquer de suas formas o incomodava, sendo que nunca teria resolvido em seu íntimo a questão central entre o capital e o trabalho, a “mais valia.” .. Questões que o incomodavam profundamente e o conduziam a comportamentos paradoxais, consternado ante a sua insolubilidade, tão danosa à

coletividade. Porém, nunca permitiu que a ideologia e a compaixão enfraquecessem sua autoridade a ponto de comprometer o andamento dos empreendimentos. Era, acima de tudo, um homem realista e se conformava mesmo que parcialmente com as circunstâncias de fato: a dureza, a rudeza, a inexorabilidade das circunstâncias que se impunham frente à necessidade de se forjar um lugar ao sol, uma posição na vida que lhe rendesse o respeito e a liberdade de escolhas que certa situação econômica lhe apresentava. Apesar do desenvolvimento de um ideário amplo e humanista, ao longo dos tempos, ainda era um capitalista, e esta dualidade o incomodava, mas não forte o suficiente para que ele abdicasse de seus direitos adquiridos a favor de outrem. Doava-se sem se prejudicar, e sem chegar ao ponto de assumir declaradamente sua inclinação mais tardia para o socialismo, do qual era um entusiasta quase que secreto, para não manchar sua reputação de homem de negócios que visava acima de tudo, o lucro.

Rita levou uma vida exemplar, na qual tivera poucos episódios com os quais se debatera internamente fruto de arrependimentos. Foi uma mulher que prestou muitos serviços sociais a sua comunidade e era vista por todos como uma pessoa compassiva, paciente e caridosa. Ajudou a muitos que careciam das mais básicas assistências mundanas e, ou espirituais. Muito religiosa, cumpria suas obrigações para com a igreja, a favor da exaltação dos santos e de seus mandamentos fundamentais. Partiu para a França com o coração pesado por ver seu povo tão oprimido pelo sistema de produção capitalista. Não concebia que neste mundo já tivesse havido períodos de escravização do homem pelo próprio homem, apesar de ter vivido cercada por seus serviçais mais íntimos, esses, como se fossem seus escravos, dada a tamanha dependência deles para com ela. Mas sua ascendência sobre eles não chegava às raias de impor-lhes pesados sacrifícios; ela os adulava com sua maneira típica de alguém que realmente se preocupava com seus semelhantes: sabia que estavam a sua total mercê e responsabilidade. Por outro lado, era um fardo pesado que carregava, fardo esse que muitas vezes tirava-lhe o lucro porque era imperativo cuidar de sua “prole”, dependendo muitas vezes de recursos que lhe subtraíam ganhos mais volumosos. Seus parentes mais próximos

também se beneficiavam de sua generosidade: ela quase sempre os recebia em sua casa para almoços e jantares fartos, e os presenteava em seus aniversários, quando não tivesse que despendê-las de suas economias em prol de algum empregado em situação imperiosa.

O açúcar agora produzido era ainda vendido em Toulouse e imediações, mas em sua maior parte escoava direto para uma grande refinaria exportadora em Besançon. Novos caminhões surgiam no mercado nacional; provinham dos EUA e Europa. Apareciam sempre mais imponentes e grandiosos no pátio da usina, e arrebatavam quantidades de carga crescentes. Os carros de boi ainda se movimentavam, como as carroças já em grandes proporções; estas passaram a competir em quantidade com os caminhões que a cada novo dia se acrescentavam mais e mais. Nesse tempo, os carros e carroças de boi passaram a ser pesados e descarregados somente na parte da manhã. Os fornecedores que possuíam seus próprios caminhões, passavam a deixá-los carregados à noite estacionados no pátio da usina. Isso não os fazia sair mais cedo da lida nos canaviais e nas estradas, ao deixarem para descarregar sua última viagem do dia, no dia seguinte, mas se beneficiavam em não enfrentar a grande fila que se formava durante todo o dia em direção à balança.

Pelas manhãs cobertas das úmidas neblinas de inverno, até mesmo antes do amanhecer, a movimentação nas lavouras se iniciava. E quando o fogo lambia algum canavial de forma inesperada, os cortadores de cana de outras fazendas eram acionados num esforço conjunto para recolher as canas em tempo hábil, de forma que elas não perdessem suas características indispensáveis à produção do açúcar e não se perdessem. A safra, que comportava o período de maio a outubro/novembro, se desenrolava em sua maior parte durante o inverno: a umidade excessiva do ar dificultava a colocação do fogo à noite nos canaviais, mas, nem por isso, ele deixava de resplandecer magnificamente pelo céu, reduzindo o brilho das estrelas, em imensas labaredas. E foi inexorável para um homem,

Sr. Argentino, nesse turno. Ele estava entre os quatro encarregados de atear fogo a um canavial na fazenda Berro D'água, de propriedade de um fornecedor de canas da usina S. Marcos. O trabalho foi realizado à noite, preparando-se o terreno para a colheita na manhã seguinte. Muitas vezes, por falta de um planejamento eficaz e mais amplo, muitos lotes de um grande terreno plantado em canas era perdido, não como consequência das queimadas, mas sim por não ter sido colhido dentro do tempo necessário. Argentino, estando no local, foi ocupar um lugar de modo que os quatro homens incumbidos desse serviço, em posições distintas, colocassem o fogo simultaneamente. Distraído, acendeu logo sua tocha de papel e correu. Ao fazer uma curva num terreno inclinado, não havia observado que sua brincadeira irresponsável o teria traído: de seu facho saiu uma fagulha que ficou no pé de uma tosseira de cana com palha farta e seca. Foi um ambiente propício para que o fogo logo se espalhasse e ganhasse dimensões incontroláveis. Mais à frente onde estava já podia ver as línguas de fogo se levantarem em labaredas sempre mais encorpadas e altas. Ao se dar conta, o fogo já estava alto em fúria, inclusive onde a fagulha havia saltado sem o seu conhecimento. De repente, ele se viu cercado, e o pânico tomou conta de seu ser. Gritava a esmo, implorando por socorro! Dois outros o ouviram, mas não puderam fazer nada a não ser rezar pela sua pobre alma. Argentino, em convulsões delirantes de desespero, quando não havia mais para onde se refugiar, saltou para dentro da fornalha e tentou correr. A temperatura altíssima da combustão rápida das palhas do canavial, somadas ao tapete de carvão em brasa, havia sido implacável. O horror instalara-se. Sua alma se purificara. O que teria feito tal criatura para que fosse indignada dessa forma perante a natureza, como se houvesse o maior dos tributos a ser pago? Seus companheiros choraram e se apiedaram até de si próprios ante à possibilidade do mesmo acontecer com eles. O corpo foi retirado do local completamente carbonizado.

Francisco era chefe de cultura, ou seja, administrava os trabalhos na lavoura da cana. De posse de um jeep, galgava muitas vezes sozinho as estradas de chão inóspitas e traiçoeiras, sobretudo em épocas de chuva. Nesses vaivéns já havia pegado com suas próprias mãos inúmeras rãs que cruzavam a estrada, atropelado intencionalmente alguns tatus, matado com chumbo de espingarda muitos exemplares de várias espécies voadoras, anfíbias... Toda a riqueza da fauna e flora remanescente apareciam a sua frente, instigando seus sentidos cotidianamente. Portando uma espingarda que era enchida pelo cano com pequenas bolas de chumbo misturados à palha de milho, disparava tiros quase sempre certos contra bandos de marrecos nas lagoas perenes e sazonais que permeavam as estradas; atentava sempre contra bandos de pássaros diversos e todo tipo de animais como preás, cutias, pacas, coelhos... Era um caçador que sentia de longe o cheiro da caça, possuidor de um forte faro para a perseguição, somado a uma astúcia fulminante. Um predador.

“– O serviço na roça de plantio da cana era seis boi que puxava um arado de ferro. Tinha um homem no cabo do arado pra direcionar ele e outro na frente candiano os boi. Cada fazenda tinha dois ou três arado e os boi, ês alugava mais boi e mais arado pra ajudar. Começava a arar e gradear a terra em janeiro e fevereiro. A grade era de ferro tamém, depois sulcava a terra com o sulcador de ferro...” Nos anos sessenta, uma nova lei passou a exigir que as usinas fossem subsidiadas por engenheiros agrônomos. José Afrânio de Oliveira Rio, recém formado, seria empossado. Depois de pouco tempo, mudar-se-ia para Lídice a fim de gerir umas terras ganhas por sua esposa de herança; daí então, somente assinaria os papéis para preencher as formalidades; não mais estaria no front.

Apesar do santo padroeiro da cidade ter sido São Marcos, um outro era muito festejado: São João Batista. As festas com fogueiras e tudo o mais que a tradição preconizava, no dia 24 de junho de cada ano, eram tradicionais. Os três netos de Júlio, já adolescentes, tinham acesso livremente a esses festejos, ao passo que as meninas eram acompanhadas de suas mães. Na usina São Marcos como esta data não passava despercebida... “– Ia muita gente quentano fogo e conversano. Passava muita gente na fogueira! Meia noite desmanchava ela e o povo passava e não queimava o pé! Queimava nada! Eu passava, ia e vortava. Mas se ocê vortar e encontrar alguém tem que cumprimentar e vira compadre!” Assava-se batata doce na fogueira e distribuía-se para o povo. As seis da tarde, havia missa campal e depois a procissão reinava magistralmente. Os meninos adoravam tudo e se divertiam bastante. Jean Paul: “– Eu já subi no pau de sebo, lambuzei tudo! Eles passava graxa no pau e colocava lá em cima o dinheiro. Costumava um subir na cabeça do outro... aí arriava todo mundo... Depois na praça tinha forró. Tinha calangueiro: um canta, o outro responde; ficava a noite inteira lá, e eles ficava rouco...” Romulo: “– A gente tinha um medo danado do Seu Júlio, mas sempre andava com os neto dele só fazeno bagunça, ficava com medo dele mandar embora os nossos pais. Se ele tivesse sentado na sala da casa dele na usina, nem perto a gente passava... Quando tinha circo ou parque na cidade a gente roubava ferro velho na usina e vendia pra poder ir. Às veis era parque-teatro: sombrinha, cavalinho, jogo, roleta... que ficava segurano o povo até o teatro no final da noite. Era bão... a gente passava debaixo do pano sem pagar! Entrava por baixo daquelas táboa lá e sentava como se tivesse pagado ingresso: era palhaço, trapezista que dava salto triplo! Nossa Senhora! Naquele tempo tinha circo que não tinha nem

rede! Se caísse lá de cima, tava morto! Quando parecia um leão na cidade, era farra! Tinha o globo da morte que a gente ficava com medo, roeno as unha tudo...”

Em dado momento de sua terceira idade, Rita acometida por um impulso de aquisição, fez com que um empregado seu levasse para vender num armazém da cidade, um saco de açúcar. Sorrateiramente, sem que ninguém desconfiasse, manteve essa prática por algum tempo. O que ela nem suspeitava era o que estava ocorrendo: dois gêmeos idênticos trabalhavam para ela nesse período e um deles é que ficava encarregado de toda semana levar um saco de açúcar ao dono do armazém. Só que o outro gêmeo também levava outro saco e o vendia para o mesmo homem, tentando ocasionar uma sombra no negócio pelo fato de os dois se parecerem bastante. O dono do armazém acabava comprando os dois sacos pensando que Rita é que os tinha mandado a ambos. O dia que ela foi ter com o dono do armazém, a farsa foi desmascarada: ficou furiosa! Sentiu-se ultrajada. Seu primeiro impulso foi fazer um escândalo, até que seu bom senso a prevenisse de que situava-se em condições ilegítimas também: ninguém poderia saber o que fazia. Depois desse dia, tudo voltou a ser como antes e Rita nunca mais se aventuraria dessa forma.

Jean Paul, seu irmão Patric, seu primo Ricardo e mais alguns amigos, se divertiam muito durante a safra. Tão logo as carroças de boi apontassem no alto do morro, saíam correndo em direção a elas. Maurício: “– Aí ajudava a descarregar e voltava com a carroça vazia, e até carregava a carroça, dava guiada nos boi... Jean Paul chegou a ir nas fazenda ajudar carregar as carroça de cana no canavial... A gente gostava de pular nos monte de bagaço, era grande, de 4, 5 m de altura... ês não gostava porque espalhava... Cê brincava de quem pulava mais alto...” Essa geração como as anteriores também cultivava o hábito de jogar futebol nos campinhos de terra da cidade. Havia um logo depois da ponte, ao lado da usina de Júlio, onde os meninos pelavam. Depois da pelada, se jogavam no rio Ululu e ficavam conversando descontraidamente em suas margens. Quase sempre desses colóquios saíam idéias de afanar frutas, que eram logo implementadas. Essa geração pode ainda usufruir dos

fartos recursos naturais da região, sendo uma das últimas a ter o prazer de se banhar em seus rios. Numa certa ocasião, Jean Paul e alguns amigos pularam a cerca do quintal ao lado da usina, cujo pomar carregado de frutas cítricas maduras enchiam os olhos dos meninos. No centro do pomar um cachorro amarrado num pé de manga latia furiosamente. Os moleques iam conduzindo o cachorro de jeito que ele foi dando voltas na árvore e acabou por ficar preso rente ao tronco, com a corda quase toda enrolada na árvore. Todos se jogaram em cima dos pés de frutas e se fartaram então. Waldo: “– Todo dia a gente nadava no rio. Eu tinha que pegar lenha, mas eu ficava nadando e quando chegava em casa mãe falava: ‘– Por que que ôcê não vei armoçá?’ E me botava de castigo. Na época de enchente, ficava muita lenha na beira do rio. Deu uma enchente e nós conseguimos tirar uma tora de dentro d’água. Fomo na usina, pegamo uma táboa e pregamo em cima dela e fizemo um pranchão, um trampulim. Dona Vera passou e viu e falou: ‘– Vou dar um jeito nisso já, já!’ Ela desceu com um machado e picou o pau todo, estragou o nosso trampulim. Dessa vez a ponte foi arrastada e foi parar bem longe...” Estes meninos, assim como aconteceu com os das gerações anteriores, também desciam o rio de jangada. Em tempos de seca e calma, subiam o rio utilizando grandes varas de bambu para impulsionarem-na. Quando ainda mais novos, jogavam bola em frente ao portão da usina, descalsos: arrebetavam os dedos dos pés. Depois sentavam e contavam casos, descascando as canas com os dentes. Ficavam com suas bocas pretas de carvão, e enquanto estas não doecem bastante, não paravam de chupar canas. Estes infantes travessos, lá pelos seus dez anos de idade, em média, construíram uma cabana na floresta de ipês e angicos que Alex Bourdon havia plantado décadas antes. De folhas de bananeira e galhos de árvores, servia-lhes de abrigo, onde ficavam horas a fio conversando e fumando escondido. Levavam uma vasilha com açúcar e água, cigarros, fósforos... Chegaram a construir outra cabana anexa, que servia de quarto de dormir. À partir de certo dia, alguém passou a sabotá-los: “– Ele ia seguino a gente depois roubava tudo, ou então cagava lá dentro, fazia uma bagunçada danada!”

Jean Paul e Patric possuíam, cada um, um cavalo: um, negro e impetuoso e o outro, pintado e manso, respectivamente. O Estrela, de Jean Paul,

agressivo e desassossegado, levou muitos aventureiros impulsivos ao chão e teve uma ocasião em que chegou a pisotear um rapaz. O outro cavalo, manso e de marcha picada, ia longe com seu batido e, apesar de ter também levado ao chão alguns incautos, era o preferido da maioria: Boneco. Saía-se aos tapas para disputar uma volta ou uma corrida com os dois.

Quase sempre depois de findar as peladas ou os piques no bairro, lá pelas dez, onze horas da noite, Jean-Pau e Patric se despediam dos outros companheiros e se dirigiam à casa do Sr. Altair juntamente com os filhos deste. Eles davam uma contribuição ou em espécie ou em algum mantimento, como macarrão ou sardinha para que se desenrolasse uma alquimia no fogão de dona Maria Madalena. Logo depois do farto jantar, se recorriam às histórias do ronda, já na usina, até quase de madrugada, quando então muitas vezes D. Maura saía ao encalço dos filhos, de forma nada amigável. Essas histórias quase sempre deixavam seus ouvintes sem dormir. Pelo seu conteúdo sobrenatural, impressionavam os meninos e os levavam a estados de pavor, para prejuízo de dona Maura, que várias vezes advertiu ao ronda sobre isso. Em vão, porque os ouvintes queriam saber dessas histórias em primeira mão, importunavam o ronda até que ele tivesse que inventar alguma nova...

“– Quando começava a época de manga, tinha muita manga nos fundo da usina. A gente subia nos pé, Jean Paul adorava subir nos pé de manga! Derrubava elas e escondia debaixo do capim. A gente vendia elas também pra arrumar uns trocadinho pra gente ir no cinema... D. Rita vendia broa de fubá, café com leite pro pessoal da usina... Um dia nós roubamo uma melancia grande da horta dela e a Maria chamou ela pra ver. No outro dia eu tive que ir lá pro Zé, meu tio: ‘– D. Rita, o Zé mandou pegar com a senhora um canecão de leite e uns rebenta peito!’ Ela não sabia que o pessoal chamava essa broa dela de rebenta-peito, e falou: ‘– Cês rouba as minhas fruta e ainda chama minha broa de rebenta peito?!’”

Os meninos cresciam saudáveis à mercê de um ambiente que favorecia a vida ao ar livre, o contato direto com a natureza. Aos dezoito anos, Jean Paul assumiu o cargo de gerente da oficina metalúrgica na usina. Funcionava no pavilhão, separada da sacaria por uma parede alta. Nela

continha algumas ferramentas e máquinas importadas e com o tempo, havia se transformado numa unidade de negócio autônomo, fabricando equipamentos e máquinas da indústria açucareira e vendendo-as para outras usinas de Canela. Alex usava uma boina e sempre andava por toda a indústria, mas já não mais assumia para si as responsabilidades. Júlio havia tomado a dianteira dos negócios, desde que se desentendera com suas irmãs e seus cunhados, que se mudaram para Cintra.

Com a idade de vinte anos, Jean Paul assumiu a presidência da Usina São Marcos e um ano depois seria eleito prefeito da cidade. A partir daí, não fosse sua morte prematura, galgaria os mais altos graus de realização profissional. Ainda como gerente da empresa, conseguiu um empréstimo bancário para “alavancar” os fornecedores de matéria prima, refazendo assim os canaviais, depois de um período de descrédito por parte destes com relação à administração da usina, e de compromissos mal cumpridos por parte desta para com aqueles. Contudo, voltemos a dois anos antes deste momento: “– Nós entramos pro Tiro de Guerra e o Jean Paul ajeitou com o sargento pro Zé Roberto não servir... Jean Paul ia pouco lá! Às vezes, com a cara toda inchada! O sargento botava ele pra fazer chamada. Ele botava presença pra todo mundo... Dia de domingo eu nem ia lá! Já sabia que era ele que ia fazer chamada! Teve um dia que veio outro sargento e fez a chamada. Era 60, faltaram mais de 20! Deu bronca no Jean Paul. Aí a gente saía pra fazer a marcha, mais ou menos uns 20 km, parava um caminhão da usina e nós ia de caminhão! Há, há!” Jean Paul se revelaria um político dinâmico e um humanista, de um espírito forte, único, sem medo; causava sim, medo em alguns. Todavia, em sua adolescência se enveredou por caminhos que o tornaram um farrista inveterado, o que deixaria um pouco de ser, com o passar do tempo, dado os compromissos que assumiria com a usina e a comunidade. “– A diretoria do Clube Romano suspendeu ele e não dava pra ele brincar o carnaval. Sabe o que ele fez? Do lado era o prédio da Associação dos Bancários: ia passar o carnaval em cima da lage! Arrumou uns eucalipto grandão e botou lona e ia fazer o carnaval dele ali, com geladeira e tudo! Acho que Deus não quis. Deu uma tempestade e derrubou tudo no chão! Aí eles liberaram

pra nós entrar no Clube. A gente suviava pras namorada atrás dos muro, Jean Paul não sabia suviá, comprou um apito pra poder suviá!” Em outro momento foi impetrar sua vingança: fez com que um amigo seu fosse até a zona rural da cidade e lhe trouxesse alguns ovos chocos de galinha. Uma vez de posse desse objetos extremamente mal cheirosos, fez com que eles fossem jogados para dentro do clube, enquanto um baile estava em andamento. Rivaldo: “– Um ovo desses caiu nimim. Cabô com o paletó do meu terno, né? Eu fiquei muito puto! O cheiro daquele troço empreguina... O baile cabô! O cheiro tava demais...”

Jean Paul apreciava muito as pescarias, embora não detivesse nenhum dote específico nesta área. Contudo alguns de seus amigos e companheiros eram exímios pescadores. Saíam vez por outra para aventuras pesqueiras em rios bons de peixe, quase sempre em cinco ou seis ou mais, em sua maioria, funcionários da usina. Seguiam num caminhãozinho de carrocera aberta, contendo um isopor de gelo, engradados de cerveja, litros de pinga, pães, carnes e as indumentárias específicas, estradas de chão afora. Poucos destes homens, versados na arte de pescar, enfiavam suas mãos desprotegidas nas locas dos peixes às margens do rio, e nem sempre por insistência, traziam à tona algum exemplar de espécies que ocorriam nesses locais sombrios e perigosos. Também usavam um saco de mauá para trazê-los à superfície, dentre outros meios largamente utilizados como tarrafas, redes, anzóis e as armadilhas feitas de bambu. Divertiam-se muito. Era um meio eficaz de acabar com o estresse e, apesar de dormirem todos os dias embriagados, descansavam a mente e retornavam aptos para a lida cotidiana. Usava-se muito nessas pescarias os arrastões com pesos nas duas extremidades inferiores, puxados por dois homens que seguravam em dois pedaços de pau, dispostos desde a superfície até o fundo do rio, verticalmente, um em cada lateral. Íam encurralando os peixes em suas locas nas margens. Esses materiais, confeccionados artesanalmente com fio fiurso foram utilizados largamente. O pescado ainda era farto: pial, cascudo, bagre, corvina de água doce (esta espécie, segundo alguns pescadores, possuía a particularidade de ter uma pedra azul dentro da cabeça), traíra, lambari, sardinha... Nessas ocasiões, nos

acampamentos não era raro aparecer algum caçador profissional, inadvertidamente. Depois de alguma conversa e entretenimento, este saía com a incumbência de regressar com alguma carne de caça.

“– Jean Paul era muito namorado. Todo baile ele rumava uma namorada. Era fortão e brigão: rumava sempre briga porque ele tomava as namorada dos outro. Era corajoso e bem disposto... ele pensava só na cidade, tinha um ideal muito grande... a cidade perdeu muito com a morte dele. Ele fazia sem dinheiro, todos ajudavam, os amigos, a usina... Se fosse levantar a dívida da prefeitura com a usina...” No início dos anos 60, o bar Lua Nova, era o mais bem frequentado da cidade. Situava-se ao flanco de uma colina atrás da igreja matriz: lugar aprazível, de onde se avistava boa parte da cidade. Os casais dançavam sobre o tablado embalados pelo som de um toca discos, único dentre todos os bares. Numa noite enluarada, eis que chega Jean Paul ao bar com alguns amigos e se depara com uma pretendente sua, enamorada de outro indivíduo, já de há algum tempo. O indivíduo em questão se embriagou demasiadamente, a ponto de ficar escornado num sofá, semiacordado. Percebendo a oportunidade, Jean Paul se aproximou e lançou seu charme irresistível por sobre a pobre vítima, que foi parar em seu carro, estacionado mais ao longe. Renan, o namorado da incauta, foi acordado por alguns amigos e levado ao banheiro para lavar o rosto; deu logo falta dela. Depois de exaustivas buscas por toda parte, surpreendeu-os dentro do carro em posições nada amistosas. Imediatamente logo após identificá-la, sacou de sua arma e lançando impropérios contra ambos, atirou diversas vezes para o alto. No momento em que Jean Paul atinou para o que estava ocorrendo, saiu do carro apressadamente, sem roupas, e se embrenhou no mato sob a mira vacilante de seu detrator. Renan, após ter sido abordado por seus amigos, num ímpeto de fúria, ainda atirou contra o bar, sendo agarrado bravamente para que soltasse a arma. O tumulto estava então armado: todos saíram correndo do local. Jean Paul estava também acompanhado por alguns amigos, que logo tomaram para si, suas dores. Começaria, daí então, uma rixa que levaria seus contendores a estados de lesões corporais diversas. A força policial foi acionada, assim como a única ambulância do hospital. Jean Paul, que

desapareceu no meio do mato, foi visto com alguns galhos de árvore a tampar as partes baixas do corpo, correndo atravessando as ruas da cidade em direção à casa de seus pais. Teria sido indiciado como causador da contenda não fosse a influência e a diplomacia de Júlio e de alguns de seus amigos influentes. Porém, os comentários se estenderam no tempo e no espaço, às cidades vizinhas, mesmo tendo sido “abafado” pelas autoridades locais.

Roberto entrou para a usina de Júlio na primeira metade da década de 60, como auxiliar de escritório. Este, situava-se na primeira parte do grande pavilhão que dava para a rua Luiz Bertrandt. Não havia forro no prédio e quando adentrava alguém, via-se o grande espaço vazio do interior acima das mobílias, fruto do pé direito bem alto. Existia um único segundo andar acima de uma repartição que dava para a rua, local de depósito de papéis oriundos da burocracia. Roberto: “– Os funcionários escondiam do trabalho naquele sótão, onde eu ia muito quando eu era menino: a sobreloja que era o arquivo. A gente matava um servicinho lá veno revista pornográfica... Depois do almoxarifado fui pra garagem e depois pro departamento agrícola tomar conta da área dos fornecedor de cana. Eram sitiantes com pedaços pequenos de terra. Eles é que plantavam e cuidavam da cana. Muito pouca gente é que mexia com adubo. Eu corria as cidades vizinhas tudo, de jeep...”

Depois do casamento dos filhos de Júlio e Maura, a família começou a crescer com o aparecimento dos netos. Aparentemente, era uma família sem problemas de convivência, mas, na realidade, as mulheres não se suportavam. As esposas de Jean Paul e de Patric, Sofia e Michelle, nesta ordem, não se davam bem. Elas se desentendiam sempre, sobretudo em ocasiões quando toda a família se reunia, como quando em recepções a algum político ou mesmo em reuniões esporádicas. D. Maura sempre que possível poupava seus netos dessas e de outras contendas internas entre os adultos. Como o espírito de Jean Paul era o mais forte, impulsivo e decidido do que os dos outros dois homens da família, os irmãos Adriano e Patric não ousavam aborrecê-lo continuamente. “– Como prefeito, ele revolucionou. Implantou nova sistemática política, fazia muitos contatos... Já tinha feito amizade com o famoso deputado federal Armando Vincent

de Oliveira Júnior, e com o governador Albuquerque de Farias. Ele quebrou a oligarquia política dos Baretti...”

Com a ascensão de Jean Paul à presidência da usina, esta passou a se expandir e os ventos do progresso sopraram como nunca. Um fato terrível se anunciaria pondo fim nessa efervescência empresarial e política: seu falecimento de súbito e inesperado.

Aristeu chegou a levar Jean Paul a Porto Seguro algumas vezes a fim de buscarem dinheiro emprestado do Banco Nacional para implementar a safra: com juros baixos e carência de dois anos, fazendo juz ao tempo necessário para plantar, cuidar, colher as canas e fazer o açúcar. Levavam-se oito horas de Toulouse a metade do caminho por uma estrada de chão. Então, chegavam em Lille e pegavam o asfalto que descia por uma serra com muitas curvas sinuosas até ganhar a planície oceânica. Sandro: “– A gente ia pro banco com um saco de algodão de açúcar vazio, punha os maço de nota graúda e muita nota miúda pra fazer pagamento de pessoal. A gente marrava o saco e punha ele no porta-mala. Ia um guarda do banco conóis dentro do carro até a raiz da serra. Aí o guarda ganhava um trocado pra pegar um táxi e vortar pro banco. Só que ele vortava era de ônibus né!... Às vez ele queria parar num boteco pra ficar um tempo bebendo uma, mas eu não deixava e ele ficava com raiva de mim...”

Jean Paul se candidatou à prefeitura da cidade, também devido aos fortes apelos dos amigos. “– A campanha dele começou, que a cúpula do Partido Democrático não queria que ele fosse candidato a prefeito... e depois ficaram do lado dele. Aí ele ganhou no peito e na raça na convenção do partido. Ele era forte mesmo! Virou a cabeça de todo mundo... Nosso quartel general era na fazenda do Capitão Ulisses de Araújo Machado. Lá era cabrito, leitoa, cachaçada e reuniões violentas... ‘Jean Paul na prefeitura, água com fartura!’, era um dos lema, porque mesmo com chuvarada que dava, tinha farta de água pra população nas casa... Fizemo uma carreata pra buscar ele na fazenda quando ele ganhou... a nossa amizade cresceu. Depois da morte dele, na usina as coisas foram só piorano...” Os comícios se sucediam e no fim da disputa, quando os votos começaram a ser contados, nosso candidato retirou-se para o sítio de Halejandro, um de

seus amigos inseparáveis. Foi acolhido pela maioria da população. Ao saber da vitória, dirigiu-se para a cidade. Bem antes da praça central, uma multidão o retirou de dentro do carro e ele foi carregado nos ombros de alguns até a prefeitura. Fez um breve pronunciamento e depois foram todos comemorar. Esperava-se muito dele. Sua morte repentina meses depois causou imensa comoção. Seu enterro, diziam ter sido o segundo maior de Toulouse, seguindo o da mulher santa milagreira.

No dia da votação que elegeu Jean Paul, seus ajudantes-correligionários, acordaram cedo: três, quatro, cinco horas da manhã e se empenharam em “puxar” os eleitores. Cobriam toda a região pertencente ao município, orientando-os sobre como votar, enquanto rumavam para o grande curral eleitoral no pátio da Usina S. Marcos, de caminhão, de carro, de charrete. Sandro: “– O pessoal da usina cordava e ia ajudar a puxar eleitor de caminhão. Ia pra todo canto de roça... o curral era no pátio da usina, tudo fechado: os eleitor chegava e ia conversar com Jean Paul que ficava o dia inteiro lá. Era servido um lanche de café com leite e pão com salame. O cabo eleitoral ia companhano um bando de eleitor de caminhão ou de carro até o lugar da votação. Tinha muita marmelada!... Ês entregava as cédula com os nome dos candidato na boca da urna...” Era o trabalho corpo a corpo do boca de urna, quando os cabos eleitorais abordavam a todos os que chegavam nas sessões eleitorais para votar e lhes entregavam as cédulas com os nomes dos seus candidatos. Aos indecisos, jogavam toda a capacidade de persuasão que possuíam e muitas vezes, surtia os efeitos esperados. Sandro: “– Toulouse tinha uns seis curral eleitoral. O eleitor que era trazido da roça passava primeiro no curral eleitoral. Ele tomava um lanche e ês segurava bastante o sujeito pra fazer a cabeça dele direitim. O título de eleitor já tava preso. Aí reformava o compromisso de voto e levava o eleitor pra votar... Jean Paul gostava muito de viver, de pescar, de tomar sua cervejinha... era alegre por natureza. Era de muita saúde, muito atirado, resorvia as coisa memo!

No sítio Riacho Manso já levamo muitas mulher, muita gente depois dos baile... Ele assumiu a usina quebrada, mas ele queria crescer, tinha muita confiança nele mesmo. Dava uma risada boa!...”

Era tachado de louco por ter um espírito visionário e inteligência privilegiada. Queria diminuir os custos de produção e chegava a vislumbrar modificações mecânicas em certos maquinários problemáticos. Queria aumentar as vendas, mas sob os ímpetos de seu gênio impulsivo e imediatista não realizava os planejamentos necessários. “– Ele pensava e queria que fizesse na hora, o que ele achava e tinha a idéia... Seu Júlio e dona Maura não deixava, ele ficava putto! Ele era franco e direto e falava na cara do sujeito...”

Antes do acidente fatal que o tirou do convívio de todos, ainda quando ele se submetia ao serviço militar, Pietro o chamava todas as manhãs às quatro ou cinco horas, exceto quando ele não queria se apresentar ao Tiro de Guerra; então dormia na casa de amigos. D. Maura também acordava, fritava dois bifés para os recrutas, e colocava-os em pães servindo-os juntamente com café e leite. Ele se encontrava em pleno período de ascensão nos negócios, devido à sua crescente vivacidade, perspicácia e tenacidade: ia atrás do que queria com uma determinação imbatível. Seu ideal seria seguir a carreira política por causa da usina e de Toulouse. Ajudava muito seu povo, detinha um grande círculo de amizades. Paulo: “– Assim começou a vida dele, ele engarrafava álcool e vendia. Eu fiz amizade com ele e ele resolveu engarrafar álcool num barracão da usina, uma dispensa. Era eu, ele e uma moça que morava no alto do morro do Calvário. Essa moça lavava as garrafas e eu engarrafava...”

Zé Bode: “– Ele chegava na usina de madrugada e supervisionava tudo! Numa noite ele mandou um crioulo daqueles pegar dois queijo dentro do carro que o café tava saino. Ele comia com a gente e deixava o resto pra nós. Ele andava de terno branco nos fim de semana, bem arrumado. Na safra, ele pegava no pesado, dormia pouco...” Depois de transcorrido o período da entressafra, quando fazia-se a manutenção dos maquinários, iniciava-se a moagem. Escalava-se todo o pessoal para cada posto de trabalho. Marcava-se o dia e a hora de começar; antes porém, eram enviadas cartas aos fornecedores e aos carreteiros, depois de realizadas análises dos canaviais. No momento em que a indústria iniciava suas atividades e ganhava vida, eram soltos fogos de artifício em comemoração, assim como quando dava-se início à entressafra e as máquinas paravam.

Jean Paul, apesar de ter sido um boêmio inveterado, não permitia que suas atividades na empresa fossem prejudicadas; muito pelo contrário, sua ampla inteligência e dinamismo foram cruciais para que ela sobrevivesse. Estavam ele e certos amigos num ford 29 na estrada Lídice/Toulouse, quando numa curva apareceu um tatu cruzando a estrada. Ao vê-lo, Jean Paul, que estava dirigindo, sacou de sua arma e atirou no animal seguidas vezes, sem que o acertasse; conseguiu, sim, com que o carro caísse numa valeta e lá permanecesse. Tiveram que cumprir o resto do trajeto a pé. Como era muito impulsivo, vez por outra sacava de seu revólver e atirava para se divertir. Sempre o levava em sua companhia quando saía da cidade, mas, nos bailes, o deixava no carro.

Numa noite quente de verão, após o término da safra de 1965, chamou seus amigos de trabalho mais íntimos e se dirigiram para Lídice para, dentre outras conversas, fazerem um balanço do ano que se findava. Esta reunião descontraída regada à cerveja, cachaça e tiragosto, durou até aproximadamente dez da noite, quando então retornaram. No meio do caminho um pneu do carro furou. Antero o trocou, e, como ficou com suas mãos muito sujas, Jean Paul tomou a direção do carro para si e partiram. Havia uma carroça de boi carregada de canas encostada na estrada esperando mais um tempo para se dirigir à usina. Eram as primeiras a serem descarregadas; portanto, já dormiam com suas cargas para partirem bem cedo. Os caminhões iam chegando depois. No momento em que Jean Paul avistou a carroça, aproximava-se em sentido contrário um caminhão. Para se desviar, acabou entrando debaixo deste! As duas rodas traseiras de um lado do caminhão foram arrancadas pelo violento impacto! Alguém que passou pela estrada logo em seguida prestou socorro às vítimas do acidente, mas ele chegou ao hospital já desfalecido. O volante do carro entrara em seu peito e o esmagara. Leonardo ficou com sequelas pelo resto da vida: teve que conviver somente com um braço a partir deste dia fatídico. Os outros dois companheiros tiveram ferimentos sem gravidade. Estavam todos bêbados.

Alice estava dormindo quando o alto-falante da igreja matriz anunciou, mesmo antes de amanhecer o falecimento do prefeito. Ela acordou atônita e balançou o marido dizendo: ‘– Cê tá ouvindo isso? Que loucura!’ Manoel

bem cedo ia para o trabalho na usina S. Marcos quando encontrou um amigo que lhe relatou a tragédia e ambos retornaram para suas casas porque não haveria trabalho naquele dia. A usina e toda a comunidade estavam de luto. Através de um canal de rádio de Porto Seguro que gozava de muita audiência no país, muitos tomaram conhecimento. Para o enterro, pessoas se deslocaram de regiões das mais diversas, utilizando os meios de transporte disponíveis, como aviões, carros, caminhões, cavalos e muitos chegaram à casa de Jean Paul, onde seu corpo estava sendo velado, a pé, depois de percorrerem significativas distâncias. “– Jean Paul era formidável, entusiasta! Eu ajudei muito na eleição dele. Eu trazia de Porto Seguro caderno, lápis, boné, chaveiro, camisas, pra campanha política. Meu irmão teve a infelicidade de trazer Seu Júlio e Dona Maura de Besançon até Toulouse; Seu Júlio tava muito bêbado, coitado. Eu tava indo devagar até Valência, quando o Osvaldo me tomou a direção do carro e tocou mais depressa. Quando chegamos foi aquela choradeira, aquela tristeza!” Fato é que Jean Paul era um tanto quanto imprudente e corria demais. Muitos lhe pediam para que não corresse tanto e ele brincava: ‘– Quando eu bater, tem que juntar os esparadrapo todos de Toulouse pra me juntar...’ O cortejo fúnebre, quando saiu em direção à igreja e ao cemitério, foi seguido por uma multidão avassaladora! O pranto era generalizado porque ele representava uma esperança de progresso para a cidade, que até então nunca havia visto com tanto fervor a eleição de um prefeito. Júlio e Maura já não seriam mais os mesmos, carregariam consigo uma revolta e uma mágoa pela perda irreparável até o fim de suas vidas.

“– Cada fazenda tinha um diministrador com a turma da fazenda. As cana era forte e bonita. Depois que cabô com os diministrador, contratato técnico agrícola: as cana miô...” A safra que se seguiu ao falecimento de Jean Paul transcorreu normalmente: a usina continuou contratando o reforço humano indispensável à sua realização. Entravam em ação os turmeiros com suas turmas para implementarem o corte e o carregamento das canas para os carros de boi, as carroças e os caminhões. Cada turmeiro se posicionava ao lado de sua turma para vigiá-los e pressioná-los a cortar e carregar as canas com agilidade. Quanto mais canas houvessem cortado e carregado, mais remuneração o turmeiro ganharia. Portanto, escolhia sua turma sob o critério do melhor rendimento. Assim, os mais ágeis e fortes eram preferidos e aqueles que com o tempo se tornavam lentos e pesados eram sumariamente preteridos. Todos indistintamente não gozavam de quaisquer direitos previdenciários, conquistas mais tardias. Aos empregados da indústria, Júlio dispensava certos cuidados; já os lavradores ficavam por conta da boa vontade e das parcas condições dos turmeiros e também de suas próprias sortes, aqueles que não pertenciam às fazendas da usina S. Marcos. Os anos setenta entretanto beneficiaram-nos com uma legislação que lhes garantia atendimento médico-ambulatorial e odontológico. Uma farmácia bem montada foi erguida e uma unidade móvel atendia os lavradores no próprio campo, prestando-lhes serviço. Quando algum trabalhador era vítima de doença grave ou que não tivesse condição de ser devidamente atendido na usina, a ambulância da empresa o levava para a capital do estado. Passou a ser estipulado por lei que certa porcentagem de cada tonelada de cana fosse destinada à saúde e à educação dos trabalhadores e à de suas famílias. Estes foram obrigados pela recém criada legislação a assumirem vínculos empregatícios com seus empregadores, saindo da informalidade, sendo beneficiados com diversos direitos. Na usina S. Marcos houve, então, grande movimentação para legitimar os trabalhadores em seus postos de trabalho. D. Maura tomou a frente da empreitada e foi pessoalmente às fazendas, a fim de persuadir aos camponeses a formalizarem suas relações de emprego. Em todas, entretanto, os homens e mulheres fugiam dela e se escondiam, desconfiados

e envergonhados. Eram tímidos, retraídos, receosos. Ela chegava de mansinho e lhes explicava acerca dos benefícios que receberiam.

As canas nos canaviais já eram queimadas como meio de facilitar a colheita e as árvores bem próximas dos canaviais desapareceriam num crescendo de sua destruição sistemática, já que também acabavam sendo carbonizadas. Os lavradores passaram a ficar ainda mais à mercê do lenho impiedoso do sol que os surrava constantemente. Os recursos naturais do solo, da flora e fauna nativas pagaram alto tributo pela nova fase da economia açucareira em Toulouse. Os canaviais lançavam em suas imediações a fuligem das canas que caía por sobre as casas, os quintais, as ruas da cidade. Somados a isso, o bagaço seco que alimentava as caldeiras, saía pela chaminé em forma de flocos de carvão que se espalhavam por toda parte. Quando se iniciava a nevasca negra, as mulheres e seus filhos corriam para seus quintais a fim de tirarem as roupas dos varais; quando as esqueciam, encontravam-nas todas manchadas de preto; o carvão também entrava pelas janelas e sujava o interior das casas. Até que o carvão proveniente dos canaviais, por se consistir de flocos maiores dos que os da chaminé da usina, ocasionava menos danos a cidade, mas as duas fontes de neve negra somadas causavam transtornos maiores. Negra também era uma praga que afetava as plantações: vulgarmente chamada de “carvão”, porque a parte alta das plantas escurecia e se desfazia. Com o vento, as outras canas e outros canaviais acabavam sendo contaminados também.

A usina S. Marcos já possuía oito fazendas. Numa delas, a sede havia caído porque era muito velha e também por falta de manutenção. Em três delas havia um “barracão” em cada uma, onde moravam os bóias frias em pequenas casas que se divisavam entre si pela mesma parede. Nesse tempo, por exigência legal, existiam escolas que atendiam aos filhos dos trabalhadores e aos filhos das famílias das propriedades vizinhas. Cada fazenda continha um espaço para atender aos infantes estudantes. A usina produzia carteiras de madeira para dois alunos, que servia suas fazendas. “– Na fazenda Santa Júlia tinha três ou quatro cômodo pra guardar os arreamento dos boi, os arado... Em um dos cômodo era pra escola, os professor tinha a chave... Os boi do plantio e capina com

capinadeira era alugado e dormia nos pasto das fazenda. Uma fazenda ajudava a outra e o pessoal limpava os corgo tudo! Teve uma vez que uma enchente braba levou as oiadura, adubo, mão de obra, perdeu tudo... Ês ainda não tinha carteira assinada e ganhava menos que o salário. Ês ganhava pouco e era muito explorado nas venda das roça. Quando Jean Paul assumiu a usina, com o próprio caminhão que ia fazer o pagamento no sábado ês vinha pra rua e deixava ês perto dos armazém que fazia preço bom pra ês. O caminhão deixava ês lá por vorta das duas, três hora e vortava pra buscar as cinco hora, com as compra já feita. Foi uma vantagem pros trabalhador que passaram a poder comprar mais mantimento e a comer carne... Deixava de comprar gordura de porco em lata pra comprar o toicim pra fazer a gordura e o torresmo...”

Joaquim de Oliveira Matodentro, por dois anos fez pagamento aos trabalhadores rurais no fim da década de sessenta. Subia e descia morro num caminhãozinho ford velho. “– O caminhão enguiçava, tinha que tocar a manivela na frente dele... Teve um dia que a chuva tava armada! A gente saía ao meio dia porque ês no sábado parava às duas da tarde. Não era um envelope pra cada um como foi depois não. Era um livro fino, grande, de capa dura, com o nome e o valor pra todo mundo. O trabalhador assinava na frente do nome e recebia o dinheiro; ês metia era a impressão digital. Muitas vez faltava dinheiro... e a gente chorava com o Seu Júlio... eu mesmo fui perdoado por ele por treis vez! A gente pagava a mais e o cara não devolvia né?! Muitos tava já me esperano na Santa Luzia debaixo dum galpão de boi. Eu coloquei o dinheiro em cima da mesa e acendi uma lamparina a querosene. A chuva vinha quente! Eu tava afobado, com pressa. Aí, quando já tinha pagado só uns dois cara, veio um vento forte e levou o dinheiro! Eu pavorei e me perguntei: ‘– Como é que eu vou pagar?’ Aí vêi o diministrador, outros que morava mais perto e trouxeram muitas lamparina e vela. Aí tiraram os boi que tava deitado no meio da bosta, nas madeira, e vieram e me entregaram o dinheiro que ês acharam: quase nada, a tempestade tinha levado tudo!”

Giacomo nasceu na fazenda Santa Júlia em 1950. Seus pais, empregados efetivos, viviam para cuidar dos canaviais da usina, assim como os outros que também moravam lá com suas famílias. Os meninos cresciam vendo seus pais e mais outros tantos trabalhadores colherem as canas... “– Às nove da manhã era o armoço dê, e muitos levava a comida numa lata de óleo de coco de 2 kg, de uns 20 por uns 30 cm de artura: macarrão e angu, só. E outros tamém que não tinha condição, era só mingau de couve: esse não tinha quase nem arroz dentro de casa. Muita

gente passava fome memo! Ês era magro, tinha os dente podre. Era sacanage, muita gente tabaiava doente porque não podia fartá; se fartava, era descontado do dia dê... Seu Afrânio nunca usou um sapato na vida! Morreu de friage. O pé dele era grosso, ele pisava no mêi do espim e não feria o pé. No final da vida, ele foi levado pro asilo de Jean Paul. A mulher do feitor, Rita, porque tinha nascido no dia da santa, mulher boa, só cê veno! Deixaro de levar ela pro médico, ela ficou lá no barracão, doente, a usina não liberou guia pra ela... quando chegou a liberar, quando chegou no Corgo Fundo, ela morreu dentro da ambulância, e ês vortaro com ela pra trás...”

Joaquim, na fazenda Riacho Doce, da usina de Júlio, onde morava, havia tomado duas pingas, fumado dois baseados, recém aparecidos por aquelas bandas, e começou a preparar a garrucha que era carregada pela boca. O trajeto da fazenda à venda mais próxima, que sempre fazia, era permeado de perigos. “– Era um monte de chumbim com paia de míi, nego colocava até cabeça de prego... tinha de tudo lá dentro. Na estrada, era um breu!...” Essa arma servia para o caso de se encontrar algum animal feroz e faminto no meio das estradas fechadas pelas canas, em seus dois lados. Estas, crescidas, tombavam sobre elas e as inviabilizavam para o trânsito de carros e caminhões, exceto para cavalos e charretes que conseguiam passar. Era mês de junho, tempo de cruzamento dos cachorros do mato, que ficavam muito agressivos e atacavam a quem encontrassem pelo caminho ermo e todo tomado pelos canaviais. “– Ês num corria da gente não! O canavial fechado, ês ficava à vontade nas estrada. Quando eu vi o bando, mirei no olho de um e puxei o gatilho! Aquilo deu uma explosão! Aquela fumaçada... eu fiquei chêi de sangue, o sangue escorreno... Era de manhã, o cara que tava comigo foi no pasto pegá o cavalo pra me levá, relâmpago comeno embalado no céu e chuva em cima! Na roça, colocou pano queimado pra pará o sangue e açúcar”. Em localidades adjacentes à fazenda Riacho Doce, durante os meses de maio de cada ano, realizavam-se comemorações de cunho religioso, quando veneraram Maria, mãe de Cristo. Os meninos participavam juntamente com os adultos, e saíam todos para se reunirem e se confraternizarem. “– Quando nós ia pra Ponte Nova, tinha uma pinguela que era atai pra nós, e era fundo o poço. Nós saía em bando pra lá. A bebida era canelinha, bermeinha, dava um fogo! Tinha leilão e alguém rematava, e bebia todo mundo. A reza cabava

quando já tava todo mundo de fogo. Nós andava na frente dos tonto pra podê tirá os guarda mão da pinguela pra nego caí dendagua: a gente entocava e ficava oiando. A gente só ouvia: tibum!! ...frio pra caramba! Meia noite, uma hora... a noite ficava toda branca de sereno e fríi; assim nego ficava rasgado e prantava dentro d`água, há, há! Nós ia atrás das menina nas reza. A gente pegava o Cipó de São João e marrava de um lado até o outro do trói a uns quatro dedo do chão. Ês vinha mamado e tropeçava e o mergulho no poço era certo! Morreu tudo sem sabê que era nós... Na hora que nós vortava da reza, nós rebentava arame farpado, rebentava das cerca e marrava todas as porteira e ninguém conseguia desmarrá no escuro... trançava tudo, aí nego tinha que pulá porteira, muié véia, menino... marrava as tronqueira tudo, há, há, há!”

Todo diministrador de fazenda tinha um terrereiro pra fazer mandado, rachá lenha, limpá o terreiro, cerca... Nós tava nadano no moim, Seu Zé pegou as nossas roupa e nós fomo pelado pra casa! Pai não gostava que nós fosse nadá... tinha muito poço lá. A enchente era pesada e fazia buraco no ríi, inundava a vage, rastava as táboa da ponte ou a ponte toda! Em dezembro, toda chuva que vinha era pesada. No dia de Santa Bárbra era enchente direto! A chuva mais forte do ano...”

Na fazenda, as meninas que ainda não haviam ingressado no trabalho duro dos canaviais, de bacias nas cabeças, repletas de trouxas de roupa, se dirigiam em direção à mina d`água que jorrava em frente as casas dos trabalhadores. Lavavam as roupas, esfregavam-nas, batiam-nas nas pedras e cantavam. Colhiam capim vassourinha, que era usado para varrerem os terreiros: arrancavam do chão os pés do capim e os adaptavam ao diâmetro de uma lata de massa de tomate; enfiavam no meio um cabo selecionado, amarravam tudo e pronto. Com um único exemplar, varriam-se casas e quintais, perdurava por dois dias em média, varrendo tudo.

O convívio com as bestas de carga era bastante estreito. Cada animal possuía seu próprio nome e uma “personalidade individualizada”. Necessário era utilizar uma psicologia diferenciada no trato com cada qual. Estamos falando dos bois, especificamente, embora isso se aplique

aos felinos, caninos... “– Os nome dos boi: Bordado, Horizonte, Triunfo. Esse tinha um chifre quebrado, pegava igual a um cão depois que sortava ele no pasto. Partia em cima memo! O Rochinol era um chifrudo preto, manso. O Bordado era muito pesado e gordo, largo, um pescoção... até hoje eu não vi boi forte igual aquês, uma saúde danada! Os mais forte tabaiava no pé do arado. Era só menino que candiava boi e pastorava ês, porque era de menor, ganhava menos, e tinha que ajudá a mãe em casa. Zé teve que candiá boi muito tempo pra ajudá a vó dele, teve que pará de estudá... Tinha o Ouro Fino, valente, muita disposição! Era tudo boi de estatura pra guentá o serviço. Os bichão ia tudo pro pé do arado... Pra passá no barro os bicho sofria, tolava tudo, ia até no mêi da roda! Os boi bufava, babava... os dois boi de cabeçalho sofria!...”

Pela manhã, a neblina densa consumia a paisagem e aos poucos ia se desfazendo. Tomava-se cuidado para que o corpo não se molhasse ao contato com o canavial, que absorvia a umidade do ambiente. Em janeiro, época do começo do plantio, os bois eram solicitados das sete às quatorze horas; depois, liberados nos pastos, pois somente suportavam essa carga diária de jornada. À hora do almoço, o sol bravio já castigava impiedosamente a todos, que não tinham como se proteger eficazmente dele. Não havia árvores onde pudessem se refugiar: ficavam à mercê de sua lâmina aguda, esfuziante. Mister era que se consumissem muita água, pois o suor contínuo de seus corpos tratava de desidratar a todos. Não havia sequer uma árvore no meio da plantação monocultural, e, quando chovia, todos ficavam igualmente desprotegidos. Vida árdua, trabalho insalubre. Os bombeiros, homens que abasteciam a todos de água, eram avidamente requisitados a todo o tempo: dois bombeiros para servir de quarenta a sessenta pessoas. A demanda pela mão de obra explorada nas lavouras era farta, havia trabalho a ponto de muitos se deslocarem de lugares distantes para se integrarem à essas frentes. Conviviam com seus corpos encharcados de água de suor ou de água da chuva por todo o dia, dia após dia. Se comesassem a faltar ao serviço, inicialmente eram punidos com uma suspensão de dois dias não remuneráveis; depois, caso reincidissem algumas vezes, erram exonerados sumariamente. Marinho: “– Dois cara discutiu um com o outro, o cara deu uma enxadada no meio

da cabeça do outro... ele só foi socorrido depois de duas hora... pirou! Ficou louco!... um negão forte! O cara que deu a enxadada era muito mau. Acho que deixaro ele no manicômio. Quarqué coisa tava dano facada, porretada nos outro! Dia de sábado era difícil não tê briga de facada e paulada! Baile no barracão... vinte minuto... nego comeno o outro na facada e no porrete lá no canto, gente de tudo enquanto é lado... O sanfoneiro parava, porretada até zunia nos ouvido dos outro!” Um homem de meia idade tomou tantos socos na região do plexo solar que foi levado à morte, também por ter sido atendido somente no dia seguinte. Os homens sempre prometiam ao administrador da fazenda que não se envolveriam em contendas com seus iguais, mas ao calor dos momentos embalados pela embriaguez da cachaça eram facilmente levados à intemperança, à explosão de seus temperamentos nem sempre dóceis, revoltosos, à luz de uma vida embrutecida e quase levada à mendicância. Seus braços e troncos torneados pelo trabalho pesado e contínuo, quase sempre se prestavam à luta, à exposição de sua força física contra o mundo hostil exterior; sendo que em alguns poucos casos, essa força e indignação se manifestavam para dentro, levando-os ao suicídio. Não raro, via-se alguém correr para dentro do canavial, quebrando as canas no peito, seguido por outro alguém supostamente ferido física ou moralmente de forma irremediável. Sem escolaridade, sem perspectivas de um futuro melhor, explorados pelo sistema sócio-econômico como forma de mão de obra barata, entregavam-se às vezes impensadamente, à rispidez, à repulsa incontrolável, fragilizados pela aridez da vida que levavam. Seus meios escassos de comunicação e persuasão, quando não os levavam a essas contendas com seus pares, os faziam extremamente submissos, esquivos e envergonhados. Os que chegavam aos sessenta, setenta, oitenta anos de idade, ainda empunhavam suas enxadas pela imperiosidade do ganho para sustentarem, mesmo que precariamente, suas numerosas famílias. “– Esgotamento de brejo, de ríi... todo mundo descalso. Num tinha sapato nada, a usina tamém num dava... ...Tinha uma quantidade certa de produção de açúcar. Assim que terminava a safra, as cana que sobrava secava no canavial. Os morador das fazenda levava pra casa pra queimá. Pega fogo bão igual bambu! Dava o fogo dê de manhã...”

O futebol aos domingos nos campos das fazendas da usina ou em outros na vizinhança era a única forma de entretenimento. Se houvesse algum ferimento advindo dessa prática, o empregado que ficasse impossibilitado para o trabalho incorria seriamente na possibilidade de ser irrevogavelmente demitido. Trabalhavam então mesmo contundidos, ou em estado febril, dissimuladamente, sob forte receio de perderem o emprego. Usavam remédios caseiros como chás de ervas medicinais, compressas... Houve um engenheiro agrônomo que, ao tomar posse do cargo, passou a exigir mais dos lavradores: “– Era um carrasco, covarde, bosta pros empregado! Cara ruim, exigia muito, não confiava... os empregado não gostava dele. Piorô muito pra usina tamém... Na roça ficava a guia pra nego sê atendido pelo médico na cidade. Aí ês passaram a ter que ir na usina pra pegá guia... Ês foram muito sacrificado... ” O salário que recebiam ficava quase todo no armazém que a usina passou a gerir para abastecê-los com mantimentos mais baratos. Chegavam em suas mãos sacos já amarrados com os comestíveis, cada qual com o nome de seu destinatário. O pouco dinheiro que sobrava era gasto em jogos de baralho também, como truco, marimbo, dourado e caçarimba (jogo de dados). Durante a década de setenta surgiram outros jogos como escopa e douradão. “– Depois que nós mudou pra cidade... Nós jogava no bar do Manelão. Era uma começão de gato do Zé Alceu, Miguel e Armando! Pegava o gato na rua e levava pra padaria pra assá. Ês chegava no bar toda noite e já tinha um gato assado pra comê com pinga. É uma carne diferente, difícil de desfazê na boca. Miguel morreu de cachaça, levou ele pro túmulo... A gente jogava pif-paf, escopa... vício filho da puta! Todo dia, jogo. Chegava de noite, até sonhava com carta. O Manelão véi não gostava de perdê não! Ficava nervoso! Não podia gozá ele, cê tinha que ri baixo e saí sem olhá pra trás!

Aqui no bairro tinha muito cavalo sorto, a gente pegava ês com cipó e andava no pelo. Tomei um tombo uma vez... e não podia falá com o pai, que apanhava: porque tava andano no cavalo dos outro... Dormi gemeno, banhano a perna com água de sal...”

Os meninos elegiam certas figuras da cidade, por serem diferentes dos demais, para serem objeto de zombaria e escárnio, como bode

expiatório. Havia o Lebi, homem que lidava com o carregamento dos sacos de açúcar para os caminhões, um chapa, que diziam ser meio doido, xingava muito. O Mula, um senhor branquelo, aleijado, tinha uma das pernas amputadas, andava claudicando pelas ruas, escorado num pedaço de pau. Chorava e ficava muito aborrecido quando algum menino o dirigia a palavra: ‘– Ô Mula Manca!’ Nesse momento, furioso, desferia muletadas pelo ar e corria atrás dos zombeteiros sem, contudo, os alcançar. A Maria Pau D’água, pescadora, adorava uma cachaça e ficava com todos os homens que a quisessem.

Alcir e Almir, dois irmãos gêmeos de temperamento tímido, não se divertiam como os outros moleques do bairro às custas da desgraça alheia: preferiam ir para os canaviais: gostavam do campo. Nélio, carreteiro, saía com seu caminhão às 3:30 hs da madrugada para os canaviais e apanhava esses irmãos em sua casa para que fossem com ele. Mantinha sempre um litro de pinga atrás da poltrona, ao qual recorria a todo momento até chegarem por volta das seis. Chegava sempre bêbado, enquanto deixava que os trabalhadores enchessem a carroceria de seu caminhão, de canas. Tomava somente antes de sair de sua casa, meio copo de café e dois ovos crus. “– No canavial, o feitor era um carrasco! Se ôcê tivesse trabalhano e cansasse e parasse um pouco, ele já vinha balangano os beíço... o feitor ganhava muito mais, e o sujeito precisava do serviço. Tinha que fazer do jeito que ele falava: fizesse o contrário pra ver! Tava posto na rua. Só tinha a usina...”

“– Comecei a trabalha com doze ano na usina Jackes Ledoux. Fazia o que os homem fazia, ganhava salário de homem na lavoura: cortava cana, capinava, ainda era cana crua. Em 57 já começou a queimá. Os fornecedor não podia queimá senão tirava uma porcentagem deles; a usina podia. Eles tinha que prová que o fogo saltava da outra propriedade pra dentro do canavial deles, pra poder não pagá. Trabalhei com o aradinho, capinadeira... Era esses arado de bico de pato, um burro só que puxava, é só pra chegá a terra na tosseira de cana. O pra prantá era três junta de boi. Quando terminava a safra, contratava gente pra ajudá a prantá, capiná; só o pessoal das fazenda não dava conta... A máquina ia de manhã pra levá os vagão, chegava aqui na Ponte Nova, que tinha um desvio, pegava cana de outras fazenda da usina e de fornecedor particular. Era mais carro de boi que levava as cana pro picadeiro. O picadeiro é uma área livre, e vai empinano as carroça uma atrás da outra. Nos carro de boi, tinha que tirá os boi e fazer força nas roda pra empiná; já na carroça, é igual a um caminhão vasculante...

Só trabalhei na usina Jacques Ledoux. Imendava aquele monte de carreta, tinha uns trator grande pra levar dez, doze carreta cheia de cana pra usina. Na decida, o frei não guentava; aí ele esfregava a roda do trator no barranco pra ajudar o frei. As carreta, engatava uma atrás da outra, sai empurrano tudo... Depois fui pra usina, pro armazém, empilhá saco de açúcar, carregá caminhão. Depois fui pro engenho, pro breque em cima da moenda; teve um acidente que tava limpano a caldeira, voltou a cinza em cima do rapaz, sufocou ele, deu um jato! Ficou dois dia internado no hospital, depois morreu. Fui pro laboratório, pra evaporação... No laboratório trabalhei com o Seu Silviano... ele pegava o álcool na destilaria e tomava com café...

As linha de trem parou na época do Carlos Squottili, ele vendeu os trilho, os vagão, as máquina. Tinha os trem pagador, que fazia pagamento nas fazenda. O dinheiro já ia dentro de um envelope... Teve um acidente quando um homem fazia manobra. Os vagão chega carregado da lavoura e fica esperano pra ser descarregado de noite. Só tinha um guindaste. Tinha uma maquininha que puxava os vagão carregado do depósito pra descarregá. Tinha diversos desvio... era umas quatro linha. Aí ele pegou dois vagão e levou pra descarregá. Tinha um rapaz que engatava esses vagão, ele foi engatá dois vagão chei de cana, as cana tava tudo mei pra fora, ele entrou pra engatá e bubiô: esses cara da roça, que não tem muita maldade... mais a iluminação ruim... O rapaz ficou prensado no mei dos dois vagão, o corpo dele todo furado de cana, ficou preso no mei das cana que furaram ele. O operador da máquina ficou diferente e depois ele doeceu. A mulher dele morreu. Eu não sei o que é que deu na cabeça dele, que ele suicidou, enforcou na varanda de trás da casa.

Meu Irmão: “– Eu tinha quinze ano, trabalhava no Hotel Avenida. Tinha um movimento bom, era ponto de almoço e janta, coisa que Toulouse teve toda vida, comida boa de hotel, Hotel Avenida e Toulouse Grande Hotel. Vinha gente de Besançon, o trem parava, eles almoçava e ia embora. Era ponto de janta tamém. O trem ia só subino, era só linha de trem, não tinha estrada. Nos vagão carregava galinha, boi, e tinha a primeira classe, segunda classe... A muiezada de São Januário era pra frente, era uma beleza. Os maquinista morava tudo em São Januário. Filho de funcionário não pagava passagem. Um dia nós fomo num baile em Vila Velha e saimo depois do almoço. Na volta o trem passava às quatro da manhã e só passou dois dia depois às cinco da tarde! Ficamo tudo passano fome! Aí pedimo os outro umas moeda e comemo pão...”

Zé Pedro: “– Eu nasci num ruado de casa da usina Jacques Ledoux, meu pai posentou lá. A gente de menino passava pra pegar cana, às vez a gente ia pegar açúcar, dava aquelas pedra nos monte, a gente ia pegar. Tinha dois ruado, tinha vaso sanitário e chuveiro, muito, do lado de fora do pátio da usina, ês tomava bãe depois do trabaio, ês trazia sabonete e toaia. Pai trabaiava no vácuo, eu levava café pra ele, enfiava no buraco

do portão. Eu ia e vortava rodano um arco no mêi da rua, era a diversão dos menino...

O pai posentou, ele tinha que entregar a casa, aí eu sumi o lugar dele na empresa e na casa. Eu trabaiava na fazenda Santo Antônio: esgotamento de brejo, cortar cana, concertar cerca, tomar conta de turma, trabaiar de pedreiro... Me enche de orgulho tá lá: trabaiador rural na minha carteira de trabaio. Eu conheço a terra, nasci mexeno com ela, sei como pranta um feijão, um arroz, uma cana, quando é que põe calcário..."

A morte de Jean Paul havia sido estúpida e inesperada. Suas sequelas e flagelos se impuseram com uma força descomunal, mas deixou atrás de si uma série de instituições e pessoas beneficiadas pela sua curta existência. Seu maior órfão foi o povo de Toulouse, que seria fatalmente considerada como cidade modelo, dadas as melhorias em todos os setores cruciais ligados à comunidade, que foram e principalmente que seriam implementadas. Convênios foram firmados com várias instituições, inclusive, em âmbito internacional. Um programa de distribuição de leite para a população carente, por toda a zona rural e urbana foi consolidado, com a presença constante do alimento vindo da Argentina para Besançon, de onde era levado a Toulouse via caminhões da usina, que iam buscá-lo. Países como Itália e Alemanha foram sendo contatados com perspectivas de se firmarem acordos de cooperação... Uma série de obras simultâneas surgiram, como a reforma e o aumento das dependências do colégio municipal e a construção de uma rede de esgoto fundamental para acabar com o problema crônico do alagamento da principal avenida da cidade em tempos de chuva. Um asilo foi construído para abrigar os idosos abandonados por suas famílias e pela comunidade; dormiam ao relento debaixo da marquise da estação de trem. Máquinas necessárias a várias reformas e a novos empreendimentos foram adquiridas...

Alguns anos depois da ausência de Jean Paul, a família toda reunida resolveu que seria por bem vender a usina para um grupo italiano interessado, que fizera uma boa oferta de compra. Havia muitos desentendimentos por causa da gestão da empresa, e Júlio e Maura sofriam muito como consequência. Somados a isso pensavam que, na falta dos pais, os filhos se degladiariam pela usina, uma vez que, desde a algum tempo, não vinham se entendendo, e essas contendas vinham se agravando. Os italianos estavam comprando muitas áreas do arquipélago; se encantaram pela exuberância tropical de suas terras e mares. Dois netos de Alex detiveram ações dessa nova empresa binacional. O resto da família, cada qual com sua respectiva cota na parte de ações em dinheiro, se espalhou pelo mundo; porém, a maioria se dividiu entre os países da Península Ibérica, a França e a Itália.

No final dos anos sessenta e início dos anos setenta, uma companhia de teatro de Porto Seguro, realizou uma encenação pelas ruas de Toulouse que marcou toda a população, dada à sua grandeza na produção, e dada ao seu conteúdo excelsamente espiritual. A Semana Santa cristã: sua representação. A Procissão de Ramos no Domingo, saía da Praça dos Pracinhas da Segunda Guerra, com Jesus montado num jumentinho encenando sua entrada triunfal em Jerusalém. Havia muitos figurantes com figurinos de época, hebreus e seus filhos, soldados romanos... O povo da cidade se misturava com os atores e figurantes que envolvidos na dramatização, se sentiam fazendo parte integrante do espetáculo. Era então consumado o Ofício de Ramos, com a presença de vários padres. Nesse próprio domingo havia a procissão e depósito de Nossa Senhora das Dores na Capela do Curral. Na segunda feira era a vez da Procissão do Senhor dos Passos para a igreja de São Francisco, partindo da matriz. A imagem do Senhor dos Passos, carregada em andor, era cortejada por vinte e nove cavaleiros romanos. Os cortejos se arrastavam pelas ruas principais da cidade celebrando a vinda do Salvador e seu sacrifício por nós. Dia após dia, até o Domingo de Páscoa. A cidade rompeu o limiar do século XXI sem ter presenciado tão honorável feito estético.

Roberto: “– Chegava em casa com uma mala cheia de dinheiro, ela dormia debaixo da minha cama. Quando acordava no meio da noite, passava a mão debaixo da cama pra ver se a mala tava lá mesmo. Eu acordava de madrugada e ia pra lavoura fazer o pagamento. Era debaixo do sol mesmo... De vez em quando ventava muito, o dinheiro saía voano pro meio do canavial e todo mundo ia correno atrás dele pra mim...” Este pagamento, continuava sendo feito aos sábados. Agora, cada um recebia em mãos um envelope com o dinheiro em espécie, remetido aos seus

próprios titulares. Este procedimento ocorreu até o momento em que todos os trabalhadores rurais passaram a ser registrados em carteira de trabalho profissional. Assim feito, recebiam seus salários mensalmente, ainda nos campos. Mais alguns anos, caminhões iriam pegá-los nas fazendas e levá-los até o pátio da usina. Com suas carrocerias abertas ao vento, ao sol e a chuva, à poeira da estrada, todos seguiam sentados em táboas que se estendiam de uma extremidade a outra da carroceria. Mais adiante ainda, novas normas legais exigiriam que se pusessem toldos nas carrocerias dos caminhões, no que ficariam mais adequados para o transporte de pessoas, proporcionando maior segurança aos passageiros. Posteriormente, ônibus seriam utilizados para este fim. A hierarquia de funções e responsabilidades no setor agrícola da empresa assim se constituía, da mais alta para a mais baixa: engenheiro agrônomo, técnico agrícola, administrador de fazenda, encarregado de turma ou turmeiro ou feitor, trabalhador braçal. “– O feitor dava ordem pra turma. Tem que tomar conta do pessoal... Alguém fala: ‘– Vou no mato!’, e fica muito tempo, matano serviço... precisava do feitor que olhava e marcava o serviço. Por exemplo, vamo supor que precisava fazer uma capina pesada. Então ele selecionava o trabalhador... as mulher não ia esgotar um brejo... e tinha os potregido dos feitor, que ês botava pra fazer um serviço mais leve. O agrônomo passava pro técnico agrícola que passava pro administrador de fazenda... era quatro técnico agrícola ou mais. Tinha técnico agrícola que era só pro setor de oiar dreno, topografia... o quadro de funcionário da usina era muito capaz.”

Argemiro, era terrereiro na casa de Júlio e Maura. Bebia em demasia, diziam que conseguia ingerir um litro de cachaça e ficar firme, como se nada houvesse acontecido. “– Ele saía pra fazer mandado e demorava... e sempre rumava uma desculpa. Um dia Seu Júlio quis mandar ele de volta pra Fazenda Esperança, da usina, de onde ele veio... mas dona Maura gostava dele e mandou ele pro serviço de aguar as flor, cuidar do jardim, da horta, do galinheiro... Ele ia pegar o jornal e o jornal não parecia por causa da cachaçada dele. Um dia, véspera de natal, tinha um peru grandão no terreiro e mandaram Seu Argemiro ir pegar, mas a empregada falou que precisava de dar pinga pro peru pra amaciar a carne.

Aí Seu Argemiro foi comprar a cachaça... e demorou muito. Dona Maura ia sair atrás dele e, quando abriu a porta, viu ele caído no chão e o peru tonto em cima dele! Ela levou ele pro hospital. Ele depois contou que dava um gole pro peru e tomava um golim. Aí o povo começou a falar que o peru com o Seu Argemiro era melhor... D. Maura contava o caso pra todo mundo e todo mundo ria! Depois ele morreu afogado numa mina d'água: tonto, caiu e ficou.” Seu filho Maurício também apreciava a bebida, mas, socialmente. Sobressaía-se como jogador de futebol do Esporte Clube S. Marcos, da usina de Júlio, assumindo a posição de centro-avante. Provocava euforia na galera, principalmente no público feminino, que se exaltava quando ele driblava ferozmente algum jogador do time adversário, sua especialidade. De porte atlético, meio baixo, gozava de invejável saúde e corria como ninguém, o que lhe valeu o apelido de “The Flash”. Canhoto, jogava de ponta esquerda e seus cruzamentos para a área eram temidos, quando não chutava direto no gol com sua canhota possante. Goleador, não tardou que o levassem para a capital do estado. “– Nós jogava nos campeonato da região e fomo campeão algumas vez. Da última vez que eu joguei pro S. Marcos antes de ir embora nós perdemo o campeonato porque o juiz roubou muito!” Alemão: “– O futebol começou com campeonato interno: fazenda contra fazenda... fornecedor, motorista, garagem, escritório, marcenaria, almoxarifado... bilheteria aberta, de graça! Chamava portão aberto, não tinha polícia... Aí esse campeonato interno passou a ser de portão fechado, vendendo ingresso, passou a ser semi-profissional. Chegou a contratar profissionais de fora! Os jogadores de São Marcos eram da usina e recebiam pra jogar na folha de pagamento. Isso durou pouco. Ficou caro pra usina. Outras usinas maiores, em Canela, tinham patrocínio né! No sábado, fazia um rasta-pé, sanfona, cavaquinho... Todo domingo tinha jogo em algum lugar. Quando a gente ia jogar nas fazenda da usina, o pessoal tratava a gente bem, mas na hora do jogo... empurrão, chute... briga! Tinha os vendedor de laranja, suco, mixirica, milho verde, pipoca, na beira do campo, tinha batuque... era uma festa! Era um jogo por domingo. E tinha, antes do jogo principal, um jogo preliminar, dos reserva, pra eles não ficar só na reserva, não dá ne? Desses jogo tudo saiu a seleção, o

escrete que jogava com as outras cidades. Quando a gente jogava em Toulouse, os estádio ficava cheio! Essa Liga de São Marcos ficou famosa...”

Uma série de obras simultâneas foram necessárias com o crescimento da empresa. Todas elas ligadas às atividades da usina, como elétrica, mecânica, química, administrativa, agrônômica... Fernando começou aos doze anos como aprendiz de hidráulica, trabalhando com seu primo mais velho: “– Nós fizemo muita canaleta pra fazer drenagem pra saída de água. Nós achava esses dormente de linha de trem, de madeira, vinha os carro de boi na chuva, a gente jogava ês pra não garrar... a gente jogava tudo dentro do brejo. Achava muita vasilha velha, pinico, bule, esmaltado... Um dia nós tomamo um chá de cogumelo, ficou todo mundo doido. O Rei ficou pelado... Nego descia o morro patinano...” Seu pai havia morrido nas vésperas dele completar dez anos e teve então que trabalhar duro para ajudar no sustento de sua mãe, de suas quatro irmãs e de seu irmão, o mais novo. Moravam num bairro da periferia da cidade e somente de vez em quando, se reunia com os meninos do bairro S. Marcos, para usufruir de seus divertimentos como nadar e roubar frutas dos quintais, bater pelada, soltar papagaio... Com o passar do tempo, um de seus irmãos se revelou um homossexual bastante atirado, que chegou a andar com muitos meninos da cidade. Este, aos vinte e cinco, havia se destacado como excelente domador de cavalos no que era muito requisitado. Fazia parte do quadro de atendedores da “casa de viadagem”, onde mantinha estreito relacionamento com os seus frequentadores, lugar também de jogo de baralho, onde as noites se estendiam indefinidamente. Outro irmão, Isaías, que recriminava o homossexual, não deixava de aparecer na casa supra dita; quase sempre levava mulheres da vida para lá, o que era admitido. Mantinha contato físico também com os meninos. Todavia, de quem mais gostava: seu melro, um pássaro preto de canto alto e estridente que o acompanhava pela cidade afora, solto, voando. Era

como que fosse uma extensão de seu corpo. Seu único primo Osvaldo, que trabalhava com afinco e dedicação como auxiliar de marceneiro na usina S. Marcos, foi considerado certa vez um empregado modelo, ganhando uma condecoração de Júlio em solenidade para a premiação daqueles que haviam se destacado. Apreciava os delírios alucinógenos do chá de cogumelos e numa certa vez, ficou por demais sobressaltado, a ponto de arrebentar com o próprio peito uma cerca de arame farpado, quando cismou que estava sendo perseguido pela polícia. Tocador exímio de pandeiro, sempre muito requisitado nas boas rodas de samba, cultivava um bigode imenso que causava repulsa e admiração a muitos. Seu inseparável amigo João Sinval, viu-se certo dia vilipendiado por alguém com o qual sustentava relações comerciais estreitas. Sutil e insidiosamente, ainda sofreu uma emboscada e foi assassinado. José Pedro, o irmão da vítima, jurou vingança e esta contenda duraria décadas e envolveria nessa sinistra senda a perda de algumas vidas. Osvaldo, contudo, após perder o fiel companheiro nessa trama diabólica, se afastaria de sua família.

Aos vinte anos, Fernando ainda não sabia nadar, mesmo tendo sido criado às margens do Ululu, como seus iguais. Tempos depois de inaugurada uma piscina no Colégio São Marcos, esta ficou por algumas gestões, desativada. Nesse período, nos verões de muito sol e chuva, era frequentada clandestinamente pelos adolescentes da cidade. Fernando foi empurrado e começou a se afogar, até que lutou com tanta bravura que as águas foram vencidas; daí nasceria um exímio nadador. Desde menino gostava de pescar e de se banhar nas águas rasas do rio e seu pai e seu avô se consagraram experientes pescadores. Não deixaria por menos: na margem do rio Ululu que divisava com o terreno da usina: “– Inventaram um jeito de pegar os peixe pelas costa. Um dia eu e o Zé fomo entremei as duas bomba. Quando olhamo, nós vimo tudo escuro dentro d’água; era de manhã. Eu falei: ‘– Deixa eu jogar o anzol’. Era só cará, umas cará grande! A gente jogava o anzol e pegava pelas costa, pelo mêi... Aí a gente saía com aquelas fieira grande! Tá sumino muitos peixe. Cê não vê mais um curimba, bocarra, os dourado cabô, mandi, até os cascudo tá mei sumido. Nesse rio do Cruzeiro pegava pial de mais de um quilo; hoje tem muita pouca água. Tão soltano curimba,

tambaqui, tilápia... nas lagoa. Hoje quando chove, dá muito peixe! Não aqui no Ululu, que tá demais... a pouca água dele tá preta! Perto da Serra da Anta dá muito é cascudo, de quilo, na pedra, pial... É um cascudo que cê tem que limpar ele na hora! É bãn cê tá pescano e alguém limpano, é o da barriga podre. Aqui tem o marelo, dava uns grande, bonito, todo marelado... esse é que é o bãn, fica na pedra e no barro.”

Alceu: “– Na época da cana crua, que não é queimada, o açúcar era melhor. O fogo no canavial trapaiava bem a produção... Tinha muita água nas fazenda, córgo, riozim...”

O pessoal usava camisinha pra ir pra zona. Eu mesmo já usei muita! Era um tipo de camisinha mais grosseira. Teve uma época que teve muita doença venérea! Isso foi em 1960... gonorréia, dois tipo: tinha uma preta que era um perigo! Tinha o cancro... eu vou te falar, graças a Deus eu nunca peguei uma doença, e fui em muito puteiro... Pobre não usava camisinha: era dez, doze fíi: era igual a rato! Não sabia fazer outra coisa! Não tinha televisão, rádio pouca gente é que tinha. Os fíi nascia de parteira, eu mesmo nasci de parteira à setenta ano atrás. E o povo era muito de reza...

As fazenda da usina, todas elas tinha morador, cortador de cana... Depois foi fracassano, o povo foi largano... a lavoura ficou sem gente pra trabaiá! Ninguém quer saber de roça não, vem diminuino a mais de vinte ano... Aí vêi os trator, o sistema de carregadeira... a usina já tinha umas duas máquina dessa. O caminhão carregado na mão, cê trazia um caminhão com até nove tonelada. Carregado na máquina dava umas seis, seis e quinhentas... Aí o caminhoneiro deixou de ganhar. Quando passou a carregar com a máquina passou a receber menos, e tinha ainda o custo com combustível, com o caminhão...”

Maria Clara era mulher de valor, guerreira, não rejeitava serviço. Criou seus filhos com muito sacrifício, tendo o marido fiel e trabalhador ao seu lado: Lucas, um homem bonito, alto, de olhos claros, cabelo preto e liso. Ao se casarem, ganharam dos tios de Lucas uma pequena gleba de terra toda ainda plantada em café. Tiveram que arrancar as velhas e quase improdutivas tosseiras, amarradas à correntes puxadas por algumas juntas de boi. O terreno todo ganhou as plantações de cana que se proliferaram. O canavial ficou bonito, o verde forte das folhas aos poucos foi substituído pelos formosos e quase etéreos pendões brancos. As canas entousseiradas dobravam sobre si mesmas, até que Lucas, acompanhado sempre da esposa, levou seu primeiro caminhão, que havia comprado há algum tempo, e pago já inteiramente, para a usina, transbordante de canas. A terra nem precisava de adubação, por causa da forte gama de matéria orgânica que continha, um manto espesso, que com o tempo foi se desgastando. A usina passou a exigir que as palhas das canas fossem totalmente retiradas ao serem levadas dos canaviais para as moendas; os homens do campo tiveram que se esmeirar com seus facões, isso no tempo quando ainda não punham fogo nas canas. Depois, estas passaram a ser queimadas para se retirar totalmente as palhas. Os canaviais arderam nas altas labaredas. Lucas queimava o tanto de canas que dava para serem escoadas em dois dias, para que não secassem e se perdessem. Durante certos anos, passou a tomar prejuízo com alguns caminhões que tiveram que dormir nas duas filas imensas que dobravam quarteirões, para ajudar a abastecer a usina S. Macos com sua matéria prima; as canas começavam a secar, mas o negócio ainda compensava. Chegou a ter quatro caminhões e a alugar mais alguns para entregar toda sua mercadoria. Adquiriu também mais duas outras propriedades rurais que logo ganharam

a cultura canavieira. Sua prosperidade o levou a ter dois tratores que substituíram os bois no trato com a terra e tempos depois algumas capinadeiras, que desempenhavam o duplo trabalho de capinar e de jogar terra nos pés das canas. Lucas: “– Eu tinha um empregado, que ele cortava cana pra dois, o pessoal não gostava de cortar junto com ele. Um capeta, morou na minha terra e me deu muito trabalho, não quis sair de lá, não! Acabei dano um terrenim pra ele porque ele era um homem bão de serviço e tranquilo...” Lucas e Maria Clara andavam a cavalo, de jeep e nesses deslocamentos topavam quase sempre com algum animal no meio da estrada; e como ela se identificava muito com o ato de caçar, carregava consigo diuturnamente uma garrucha para essas ocasiões, quando vez por outra levava a melhor sobre a caça, regressando para casa com algum vívere. Contudo, Lucas é quem sabia prepará-los, versado que era na arte da gastronomia: um gourment. Seu alto apreço pela boa comida levou a ter íntimo contato com o preparo da comida em seu dia a dia, acumulando receitas tradicionais da culinária nacional: um tipo cinestésico convicto, autoconsciente, gostava de tocar os objetos, cheirá-los e prová-los. Maria Clara já tinha tendência em lidar com os animais bem mais do que com as plantas, não descuidando nunca, obviamente, dos seus canaviais. Amava profundamente seus dez cachorros de pura raça dálmata, aos quais despendia muita atenção, não mais porém que às suas quatro filhas, que foram educadas para se casarem e se destacarem como excelentes donas de casa. Aprenderam a cozinhar, a bordar, a cuidar das criações dos terreiros, a cuidar de jardins... Meninas prendadas que não tiveram dificuldade para se arranjarem com maridos de “bom partido”. Lucas, que vivia sob a temeridade de sofrer um ataque fulminante do coração, advindo de sérios problemas cárdio-vasculares, não tardou muito a falecer, cumprindo sua própria e sinistra previsão. Viúva, ela teve que administrar as terras com o auxílio de um genro casado com sua filha mais velha de apenas dezesseis anos de idade, Clotilde. Esta passou a cuidar mais de perto de suas irmãs, com onze, doze e quatorze anos.

No sítio onde a família residia, havia um estábulo que abrigava os bois e cavalos: “– A gente improvisava lá uma mesa grande, limpava bem tudo e fazia um almoço pra todos os nossos empregado, isso pro caso de vim

uma chuva, o tempo quando tava nublado; quando o tempo tava bão, a gente fazia a mesa debaixo das árvore e servia o almoço: cabrito, porco; mandava as menina ir na padaria do Seu Amaro buscar bolo, goiabada em barra, outros doce... era uma farra! Ês ganhava tamém calça e camisa, agasalho... chamava um sanfoneiro e enfeitava o terreiro com os pendão branco das cana. Ês tomava um bãe depois da entrega do último caminhão de cana e a gente pegava ês na estrada e levava pra festa, ês bebia e comia à vontade... Eu fazia os molho de pimentão, tomate, pimenta, temperava as carne. O fogão a lenha não parava, não! De noite, espalhava os lampião a querosene e chegava os amigo da cidade e a festa ia a noite toda. De manhã tinha sempre uns tonto caído em cima dos banco, até no chão ou no mei do camim... Êh tempo bão que não volta mais!” Essa comemoração ocorria todos os anos ao findar da safra, em muitas propriedades rurais.

O pai de Eduardo era tratorista em épocas de plantio. Arava e gradeava a terra nas fazendas da usina de Júlio. Muito habituado com seu trabalho, possuía habilidade ao manipular a máquina, destreza e um olhar clínico, no que tange à realização dos afazeres em curva de nível. Não fosse um homem forte e corpulento, estaria fatalmente morto num dia em que sua mente falhou em muitos sentidos. Estava deverasmente preocupado, com sérios problemas familiares. Sua filha solteira e desimpedida deixou-lhe transparecer uma barriga de gravidez; e, como se não bastasse, ela não sabia ao certo quem era o pai da criança. Consternado, marchou para o trabalho sem suspeitar sobre o que o esperava. Distraído, depois de uma hora em cima da máquina que manejava como ninguém, foi traído por uma manobra escusa e de repente se viu empinando involuntariamente o trator e indo parar debaixo dele! Pensou que estava morto e, quando abriu os olhos, achou que ia morrer. Não conseguia gritar e mesmo que o fizesse, seria em vão: estava sozinho numa grotta imensa. Devagar, sob os olhares de Deus, implorava pela sua vida e dizia a si mesmo que ainda não tinha chegado sua hora. Queria e precisava viver para cuidar de seu neto órfão de pai. Depois de certo tempo vendo toda sua vida passar como um filme em sua mente extenuada, decidiu que deveria se mexer. Lentamente foi se libertando, nem sabendo como, das ferragens pesadas sobre seu corpo sacrificado; e se arrastou até à várzea onde havia uma lagoa. Não demorou e alguém surgiu. A pessoa ao vê-lo levantando as mãos para o céu, invocando Nossa Senhora, o acalmou e logo foi buscar socorro, apavorado com o que havia visto. Os olhos esbugalhados foram postos em suas órbitas pelas próprias mãos, os braços parcialmente esmagados assim como a cintura e parte das pernas, sangravam e certos ossos despontavam ao sol escorchante. Seus pensamentos subiam e

desciam a alturas e profundezas insofismáveis. Estava só, fitando a face de Deus, com quem conversava e implorava por continuar vivendo. Depois de ter sido submetido a várias cirurgias reparadoras, ganhou uma armação de metal na cintura, nos joelhos e nos braços. Não fosse pela mulher e os filhos que lhe dispensaram atenção e cuidados especiais, incondicionalmente, não teria conseguido. Depois desse episódio traumatizante para toda a família, Eduardo, que almejava seguir a carreira do pai, se afastaria para sempre dos tratores e se ingressaria no trabalho de manter funcionando a caldeira, na usina S. Marcos.

“– Comecei como ajudante, depois passei a operador. Trabalhava doze hora. Era muito calor, vapor, apito alto! Não tinha proteção nenhuma. Quando limpava a fornalha, pegava um calor! Como é que cê vai pegar uma enxada com cabo de ferro quente? Depois do acidente com o cara que morreu debaixo das cinza quente, vei uma roupa de amianto que coçava muito, mas podia encostar numa chapa quente...”

O ciclo de vida da cana que era de um ano, passou a ser também de um ano e meio e novas e crescentes variedades eram apresentas às usinas de Canela, provenientes da Ásia e da Europa. No entanto, as variedades tradicionais continuaram a ser plantadas, conjuntamente com algumas novas, que foram implantadas.

François foi nascido e criado em São Marcos, numa das fazendas da usina de Júlio, e desde os treze anos trabalhava nas lavouras de cana, pelos idos de 1969. Quando olha para suas mãos diz: “– Eu tenho essas marca nos dedo porque limpava as cana, assim, de cima pra baixo, na época que não tinha fogo nos canavial... Quando o diministrador me viu espaiano oiadura com os outro menino, viu meu desenvolvimento e falou que eu ia ganhar igual a um homem. Tabaiava o ano intero na lavoura, cabava a coiêta e começava o prantio. Os caminhão buscava a gente nas fazenda, sem banco, sem nada, a gente ia em pé na carroceria, seguro nos fueiro, até o local de trabaio. Despois vortava conóis até a sede da fazenda, aí a gente ia a pé até as nossa casa. Tinha um motorista que gostava que só eu rumava o caminhão dele, eu ficava na carroceria pegano as cana que os outro trazia: ‘– Aquele menino é que sabe rumar o caminhão e não entorna nem uma cana até chegar na usina.’ “

Pouco tempo depois, François conseguiu, por influência de parentes que trabalhavam na usina, um emprego lá. Precisava ajudar sua família, onde nasciam um após o outro. Chegou a ter vinte e três irmãos, era o terceiro mais velho; alguns haviam caído no mundo. Fez sua primeira safra como ajudante geral e, com o tempo, tornou-se um dos chefes de departamento, aposentando-se assim. Certa noite, quando os maquinários funcionavam a todo vapor na produção do açúcar, subindo a escada de ferro que dava acesso aos andares superiores, eis que foi surpreendido por uma visão nada comum. Patric Bourdon naquele momento estava lá, sentado numa cadeira ao lado da escada, numa passarela. François o viu, mas como estava exausto pelo esforço despendido no trabalho, quase na hora de deixar seu posto e voltar para casa, não atinou instantaneamente para o que havia se sucedido. Logo depois de subir mais um andar é que deu por si: ao olhar para baixo, Patric o olhava também e fixamente nos olhos. Tomou como que um golpe no peito, ficou paralisado. Havia acabado de conhecê-lo por fotografia através de Alex. Ao olhar novamente não encontrou ninguém. Desceu a escada meio resabiado e, ao chegar no local exato onde ele estava, não havia nada, nem a cadeira onde Patric estava sentado. Parou e ficou a refletir por um tempo sem acreditar no que acontecera. Nunca falaria isso com ninguém, a não ser com sua esposa, que passou a acender velas para o falecido na varanda da cozinha de sua casa, três vezes por semana.

Maurício era técnico em Química e chefiava o departamento responsável pelas análises das canas, no laboratório. Muito temperamental, chegou a se demitir algumas vezes, mas, Júlio não aceitava e o mandava buscar de volta, sempre lhe oferecendo um aumento de salário: sobressaía-se pela competência e seriedade. Única pessoa que professava sua fé cristã de modo diverso de todos, sendo espírita cardecista. Havia alguns poucos devotos das religiões afrobrasileiras, sendo a maioria católica. Por esse motivo, olhavam-no com desconfiança. Apesar do tremendo preconceito de que era vítima, e também apesar de sua personalidade forte e impulsiva, conseguia manter um círculo de amizades restrito, porém fiel. Seus amigos o persuadiam a realizar certas misturas que lhes proporcionassem um álcool consumível, já que eram

amantes da bebida e seus salários, insuficientes para lhes garantir um suprimento capaz de manter seus vícios. Sustentava três mulheres e uma prole considerável de filhos e netos, alguns dos quais viviam na zona rural e se beneficiavam por possuírem pequenas glebas de terra plantadas em cana. Em certo momento se revoltou inapelavelmente e se mudou para São Caetano com sua esposa oficial, abandonando o resto de sua extensa família. O estopim que o incendiou, que o fez tomar essa atitude um tanto drástica, foi o fato de levarem uma vida sacrificada pela carência material, agravada, em certa medida, pelas novas transformações que se sucederam na usina. Arrimo de família, seus ganhos se dividiam entre os filhos e os netos, que passaram a não mais terem em suas casas no campo os mantimentos mais baratos que a usina fornecia. Por causa de extrema pressão do comércio da pequena cidade, que girava em torno da economia açucareira, a empresa teve que extinguir a instituição das cestas básicas que eram oferecidas aos camponeses a preços menores do que os praticados pelo comércio local. Houve grande rebuliço e protestos por parte de todos os envolvidos diretamente, a ponto de muitos adoecerem pelo desgosto e desilusão a que foram submetidos. Mas os comerciantes foram mais fortes e venceram a batalha para infelicidade de muitos, que passaram a pagar mais caro pelos alimentos que haviam habituado a consumir. Fosse no período em que Jean Paul ainda estivesse vivo, certamente que as coisas não chegariam a esse ponto lastimável sem que alguma medida compensatória eficaz fosse implementada. Maurício não mais suportava as pressões dos familiares, somadas às contendas internas que se acirraram; acabou por deixá-los de vez, por suas próprias contas e riscos. Estes, apesar de terem perdido o esteio que os mantinha unidos, convivendo entre si mesmo que precariamente, continuaram a levar suas vidas, como Deus quis, amparados pelas pequenas propriedades que lhes rendiam o sustento.

Jean Paul fundou pouco antes de falecer uma casa de assistência às crianças e mães carentes: “– Vinha do Canadá aquelas roupa boa, material escolar... eu ia buscar leite, adorava ficar sentada naquelas cadeirinha branca esperar a soja. D. Maura fazia umas muchilinha pras mãe carregar nas costa... era tudo organizado. Tinha idade que parava de tomar o

leite né!?, o pessoal devolveia as muchila direitinho. No natal, dia da criança, ou outras comemorações, D. Maura dava presente pra todo menino.”

Pietro: “– Precisava de servente de pedreiro, aí rumou pra nós. Nós chegemo e fomo fichado na fazenda dos Ipê. Aí trabaiei três ano como servente de pedreiro. Quem trabaiaava na ôsina, com aquês uniforme verde, tinha um crédito na cidade... porque a ôsina pagava memo! Ela dava um saco de açúcar de sessenta quilo pra todo funcionário, todo fim de safra. Depois trabaiei na marração em cima dos caminhão engatano os cabo de aço nos guindaste pra ês levar. Eu fiquei três ano sem férias, o Odilon (gerente) perguntou se eu tava gostano, eu falei que tava. Era quatro mil e quinhentos fornecedor de cana, nós moía dia de domingo até as seis da tarde, era muita cana!” Zé acordava com o apito de navio da usina às cinco e trinta da manhã e ia para a lida. Seu cunhado, diziam ter ficado louco por causa do serviço que desempenhava: caldeireiro, puxava as cinzas de dentro da caldeira e se submetia ao calor intenso, seu maior inimigo, que penetrava pelas suas narinas e boca arfantes até “cozinhar” seu cérebro. Um amigo bem próximo, empilhador de açúcar, ao vacilar e ser pego pela esteira, seu pescoço ficou preso na engrenagem e sua cabeça estirpada. Uma cena terrificante! Havia sido então dois casos quase idênticos em toda a história da usina: o deste rapaz e o de outro, anos atrás. “– Batia cartão ino e vortano. Às quinze pras seis da manhã eu já tava na ôsina, eu ia pegar às seis. Só sortava o cara depois, às quinze pras seis. Quando ia trocar de turno, tinha uns quinze minuto diantado pro cara tomar um banho... Aquês que bebia cachaça e não podia ir lá fora, botava o álcool no melaço e bebia. Nós bebia aquilo seis meis. Quando fomo ver, foram esvaziar o depósito, a gente via osso de gambá lá dentro... Nós bebeu aquele trem sô...”

Toda sessão na ôsina é dois: se é marrador é mais, é quatro, se é guindaceiro é dois, se é ajudante de caldeira é dois; e assim vai.”

A colônia recebeu com o eclodir da segunda guerra mundial, considerável contingente de famílias de várias localidades da Europa. Desde a descoberta desse paraíso tropical distante, Canela já revelava sua vocação para o universal, sendo uma fonte de miscigenação racial, fruto da convergência de algumas etnias. Apesar de comportar várias localidades cuja concentração étnica e cultural propiciasse a continuidade de suas culturas, a língua francesa mantinha sua obrigatoriedade formal por todo o país. Outros idiomas europeus, principalmente, também eram falados nas localidades onde se instalaram colônias de moradores provenientes de seus países de origem, como a Espanha, a Itália, a Alemanha...

Nas horas de pouca folga, sobretudo durante a conserva, Júlio não se dedicava mais quase que somente à leitura de obras que o instruíam a respeito do universo açucareiro, passando a ler obras de literatura para se distrair e continuar absorvendo conhecimentos. Sua biblioteca invejável, que havia herdado de seu pai Alex, composta por altas estantes dispostas pelas paredes de um aposento de sua casa, lhe servia de refúgio e deleite. Com o passar do tempo cada vez mais assim, como os passeios à pé, vespertinos e à tardinha, quando o sol baixava por detrás das montanhas. Sempre em companhia de Tião, seu serviçal de absoluta confiança.

João José trabalhou como administrador de uma das fazendas da usina tendo também assumido outras funções. Quando ainda era adolescente, conduzia uma das seis charretes de aluguel de seu tio, irmão de seu pai. Em 1944, a guerra explodia na Europa e aqui em Toulouse os carros não pararam; não tiveram que ser postos na garagem pelo fato de ter faltado gasolina. O álcool fabricado pelas usinas os moveu, bastando para tanto alguns ajustes mecânicos em seus motores. E também entraram em ação, a recém descoberta que se expandia por toda parte: as charretes. Cada uma era puxada por dois cavalos. João José: “– Eu trabalhava na praça levando os médicos no hospital... era três médicos. Eles iam guiar os cavalos e eu ia a pé. Chegava lá, pegava a charrete e voltava pra praça; às oito da manhã. Depois vinham eles às onze horas: eles vinham na charrete e eu voltava a pé. Eles voltavam pro hospital às duas da tarde... levavam o administrador da usina Jaques Ledoux e o advogado, pra usina... e também levavam doentes das casas deles pro hospital, ou levavam os médicos nas casas dos doentes...”

João José da Silva... um bom administrador e um bom servidor: era correto e trabalhador. Só não conseguia manter um único relacionamento amoroso. Era polígamo: três mulheres, três famílias. Como conseguia suportar tal situação praticamente insustentável!, três famílias, e na mesma cidade? Essas famílias se conheciam, porém, não se relacionavam, até que um dia num futuro que não se discutirá...

João José: “– Quando entrei na garagem, tinha oito caminhões da usina pra puxar cana com oito choferes, sendo que quatro eram fixos e os outros quatro eram contratados só pra época da safra, era o meu caso. Quando cabava a safra, isso em 1957, 58, 59... os quatro choferes fixos, faziam o serviço de buscar areia na Serra Bonita pra usina usar nas fazendas, na

reforma das casa... eles tamém ia buscar lenha que era comprada, dos matos... ainda tinha muito mato”. Os montes de bagaço que eram acumulados ao lado das caldeiras, abasteciam-nas mas eram insuficientes. Havia, então, a necessidade de maiores esforços: os quatro caminhões transportavam pequenas toras de madeiras, que eram extraídas das escasseantes matas da região. “– Tirava muita lenha dos mato, por isso que tá isso aí hoje do jeito que tá...” O pai de João José havia sido convocado por Júlio para administrar uma das fazendas da usina. Sua família então se mudou para lá, e ele, que durante a safra trabalhava como motorista de um dos caminhões da usina, na conserva: “– Em 1950 ainda não tinha trator. O serviço do prantio de cana era feito por seis boi que puxava um arado de ferro. Eu ficava no cabo do arado pra direcionar ele e um ia na frente candiano os boi. Cada fazenda tinha dois ou três arado e seus boi... e mais outros boi que era alugado com outros arado pra ajudar no plantio. Começava a arar a terra em janeiro e fevereiro, e gradear tamém. Era arado e grade de ferro e depois sulcava a terra com o sulcador de ferro. Não tinha o arado de disco de ferro que ia levantano a terra puxado por trator...”

“ – Na década de sessenta tinha candomblé, umbanda... Ês falava que o candomblé era a umbanda negra. O cardecismo vêi pra cá... Aqui em Toulouse tinha muitos terreiro: da Maria, do seu Zé, dia de sexta feira ês batucava. Era mais era candomblé memo, dos brabo, no arto do pasto, era até quatro hora da manhã... com tambor e tudo mais; ês usava fazer muita magia negra: um tinha raiva do outro e corria lá pra fazer! O outro ia lá no outro pra tirar... e dinheiro em cima! Tinha um rezador, ele pegava na sua mão e falava o que ôcê tinha. Ía lá bastante gente!

A Bastiana do Marreco é que deixou esse congado que tem aí hoje. Quando eu era menino eu via ês com um violão, um pandeiro, uma viola e um cavaquim. Ês carregava uma bandeira... era três dia direto. Ês saía e ia rodano, enfiava noite adentro, tocano e cantano, a bandeira entrava nas casa... a pessoa colocava uma nota na bandeira, uma esmola, era uma doação. Quando ês tava passano a pessoa vinha e grampeva uma nota na bandeira, aí ês cantava pra pessoa. Era só oito pessoa na época: dois que pulava com a espada e ia cantano, outro ia carregano a bandeira... Era no centro e na roça. Ês ia andano, onze, meia-noite, encostava na casa de um, armoçava na casa de outro, jantava na casa de outro... O dinheiro que ês recadava ia pra igreja. Ês encerrava na igreja.

Seu Mariano fez Folia de Reis e depois quis montar o Congado: 13 de maio. Os antigo na Folia de Reis, esses oito, saía com roupa branca, uma capa vermeia, um capacete de papelão, revestido com fita vermelha e uns espêi colado em cima. Quando o sol batia dava reflexo pra tudo enquanto é lado. O capacete era branco com umas fita vermeia...

Os macumbeiro era temido... fulano é macumbeiro! Todo mundo fugia dele, tinha medo dele lançar feitiço! Eu conheço hoje uma pessoa que

tem pobrema no braço por causa disso. Ela fez um trabaio pra uma pessoa, a outra lá descobriu e fez um pior ainda pra ela! Ela tropeçou e caiu e quando foi saber, era o outro que tinha lançado o feitiço de vorta. Por causa disso ele botou uma pratina no braço.

O Preto Vêi é um daquês escravo de idade que tá no outro plano: ‘– Hum.. hum.. mizifi!’ Era uma conversa simples, toda trapaiada, porque ês não tinha leitura nenhuma, mas tinha coisa boa na cabeça porque era puro, sem mardade. Tem uns Preto Vêi que fala bastante enrolado: ‘– ôcê tá preocupado, né, meu ffi? Com o seu rodador né?’ Carro é rodador, chinelo de dedo é pé de cachorro, cachaça é marafa, cuia pra servir ele é cabaça, mureco é rapaz, jovem, criança... Argumas coisa até que resolveu sabe? Mas a gente tem que creditar no que tá fazeno... As vez cê tá com um copo d’água e fala que a água que vai curar, e cura! De tanto a gente pensar em coisa ruim a gente acaba ficano doente. O pessoal tinha respeito pelas macumba... ês ainda era do tempo de mula sem cabeça, lobisomem, que aparece na quaresma. Em Cantagalo meu pai comentava que ês nem saía de casa, porque determinada hora da noite aquilo parecia e saía pela rua afora... Toulouse já era mais diantado: ês tinha mais era respeito pelos morto. Ês achava é que os morto ficava em cima dos muro pra cercar... Depois da meia-noite ninguém passava... No Morro do Calvário, ês dizia que os enforcado parecia! Eu não passava lá de jeito nenhum! Dava vorta lá pela Rua dos Compadre. Isso é porque lá por vorta de 1910 ainda existia aquelas coisa de escravo. Ês enforcava escravo alí. Errou, vai pro pau. O braço da forca não tinha mais, era só o encaixo dele... eu lembro disso tudo aqui no chão ainda, terra batida...

Na década de cinquenta ês fazia nuito trabai no mato. Os Fíi de Santo é que levava, lá em cima ês matava aquês animal, aquela coisa toda, tinha uns que bebia sangue... Muita das vez eu vi muita cura: mancha de pele, empolação no corpo, ferida mesmo. Os Preto Vêi pegava aquês mato dêe e ia passano em cima e rezano e sarava! A reza, é muito boa mais se a gente conhecer um pouco de pranta... é o remédio mió que tem, é natural.

Aqui no Barro Preto eu vi muitas cura assim desse tipo. O pessoal chegava lá gritano de dor, os Preto Vêi rezava lá, mandava ês ir pra casa.

No dia seguinte ês vortava lá só pra agradecer. É tipo um passe, com mão na cabeça da pessoa... e ia rezano... outra hora colocava a mão onde tava o pobrema né? E través da mão ês tirava as coisa ruim... ês pegava e ia jogano pro lado... e rezano pra tirar o mal, e curava! Eu memo tava com uma dor nas perna forte e ês realmente tiraram, través das reza dêz lá... era um encosto. Existe muita gente que não quer ver a gente bem, né? As vêis cê consegue alguma coisa, o outro não, ele coloca um olho grande em cima, isso prejudica a gente... O Preto Vêi falava: ‘– Cê passou perto de uma pessoa hoje assim, assim...’ E eu ia falano as pessoa, quando eu lembrava daquela ele falava: ‘– É essa aí memo!’ É como se fosse uma leitura de pensamento. A pessoa só pensa e ês fala o pobrema.

Antigamente tinha muita coisa pesada! Ês matava galinha, cabrito, no arto do pasto, só pra poder tirar o sangue, e largava aquilo pra lá... e ninguém pegava porque tinha medo! Ês fazia ceia memo! Aquela mesa com fartura! Ês levava pra encruziada e botava aquelas toalha sempre branca, e botava farofa, marafa, as galinha que ês matava, cabrito... um cabrito inteiro! Ês já saía do terreno no mato e ia direto pra essas encruziada pra fazer essas entrega pros Exu: Capa Preta, Exu da Mata... hoje tem aí o Zé Pilintra, Zé Malandro, São Cipriano... tudo Exu que o pessoal tem respeito e bota respeito nos terreiro. Cada um apresenta de um jeito: vem com bengala, espada. Tem tamém as Pomba Gira: Maria Padilha, Maria Mulambo... e mais uma infinidade de pomba gira, que as muié que recebe; os home recebe os exu. Tem casos opostos... Ês usa elas pra armar uma encrenca, uma confusão dentro da casa de alguém... Ês fala: ‘– Vou te dar uma cachaça, um wisk, uns cigarro, procê passar na casa de fulano e fazer um fusuê lá...’

Cê tá cassano namorado, marido: ‘– Cê usa o sabonete, o perfume assim, assim, cê compra isso, aquilo... que vai parecer uma pessoa procê’. Tinha uma menina aqui na Ponte Caída que ela queria casar, mas o rapaz não queria. Aí ela foi no Centro, chegou recramano do namorado, que a mãe dele não queria que ele casasse... e começou a fazer o trabaio: pegou o nome dele, colocou perto do santo... e aí foi. O rapaz começou a frequentar a casa dela, fez o pedido de casamento... Ele não ficou

sabeno não, que foi feita alguma coisa pra marrar ele pra casar: ‘– Cê presta tenção, se não der certo não tem como desfazer!’

No Salão Nobre do Colégio, na gestão do Jean Paul, foi colocado taco de marfim... Ele era muito popular, conversava com todo mundo. Chegava lá em casa pra comer, o que tinha era o que ele comia! Na campanha dele era assim, entrava pra dentro de casa, sentava no fogão a lenha do pessoal... e a gente gostava de ver o pessoal contar: ‘– Jean Paul foi lá em casa, tirou comida do fogão... tava na hora do armoço, ele foi lá dentro e tirou comida e comeu’. Ele não tá lá pra saber se foi bem feita ou não, tava é mandano pra dentro! O angu era feito com esse fubá de mii de moim d’água, era tudo massado na pedra, então o angu ficava mais grosso. Do fubá fazia a broa do café, fazia cuzcuz e angu, uma fazia o cuzcuz com rapadura, outros com queijo... isso vinha de longe... no fubá encontrava de tudo! Pra fazer um cafezinho de manhã, quem não tinha condição de fazer broa, fazia o fubá suado ou cuzcuz. Tinha o cuzcuzeiro, uma panela de barro toda furada no fundo. Pegava uma panela de ferro, enchia ela de água e botava em cima do fogão e vinha com o cuzcuzeiro, encaixava na boca da panela e rematava por fora o angu. Enchia a zucuzeira com fubá com rapadura, queijo, e deixava aquilo lá cozinhano. Depois revirava em cima dum prato e desinformava, ficava aquela coisa bonita, tipo um bolo. Usava isso nos ano 50 até 60, por aí afora. Hoje usa fubá mais farinha de trigo.

Era tudo madeira: soalho, forro... é ipê-marelo... pra fazer porta, janela, régua pra taco... peroba tamém. A peroba era a mais cara, peroba rosa, usava pra fazer móvel, jacarandá... na época existia tanta madeira que a gente ficava perdido! As mata era tudo mata nativa! Tanto que aqui em Toulouse fazia fríi ainda, hoje não faz fríi mais, não!...”

“– Meu pai nasceu em Toulouse, ele era marceneiro. Depois trabalhou na usina com o Seu Alex, de mecânico e de marceneiro. Aí fui crescenho, e não tinha trabalho né? Era difícil. Vinha muita gente e ficava esperano no portão da usina pra arranjar um lugar. O Bastião falava: ‘Não tem lugar aqui procê hoje não!’ Aí consegui um emprego no armazém de abastecimento, que não durou muito: pressão do comércio. Ês vendia pros empregado por um preço melhor... Eu tinha que atender o pessoal da usina e o pessoal da roça: tinha que ser de acordo com o que ês tinha pra receber. Beneficiou muito o pessoal da lavoura, esse pessoal só comprava fiado e coisa ruim, nas venda das roça... era muita gente!... Ês falava que parecia gente morta lá, a noite... Eu credito mas nunca vi.

Cabou que eu fui trabalhar no almoxarifado. Lá tinha que dar a entrada na mercadoria e a saída. Fazia as ficha e a pessoa dava uma requisição pra panhar a mercadoria e dava baixa na ficha. Tinha uma bomba de gasolina tamém. A gasolina era pra bastecer os carro da firma e pros carreteiro tamém; descontava na foia dê, ês assinava pra descontar no pagamento. Era só caminhão, todo tipo, e tudo a gasolina. Era um caminhão tanque por semana. Dona Maura viajava muito, e o chofer dela vinha me buscar em casa qualquer hora pra abastecer o carro pra viajar. Quebrava qualquer coisa lá, eu ia pegar a peça...

Eu é que enfeitava a imagem de São Marcos que saía na procissão. Ela ficava guardada comigo no almoxarifado. Precisava do Geraldo porque mexia tamém com eletricidade. Primeiro tinha a missa no pátio da usina, fogueira, muita banderinha... na procissão tinha fogo de bengala, a usina dava vela, a banda de música ia tocando, era uma beleza! Ia todo mundo.

Uma vez fui perseguido por um prefeito e quase me mandaram embora, fiquei muito borrecido. Sempre gostei de fazer poesia. Ês me procurava pra falar coisa bonita pra alguém... ou numa festa... O povo de Toulouse não apoia, os artistas não animam... Igual meu tio que é pintor, pinta muito as casa antiga da cidade, faz retrato de prefeito, personalidade... ele já fez algumas exposição aí na cidade, mas o povo não gosta... ele já vendeu muitos quadro pra muita gente que vinha de fora visitar os parente... hoje...”

“– Alí naquele bairro... alí tinha um buraco e lá embaixo umas casinha muito pobre... só mulher de última categoria. Alí no Beco da Tia Rita era a Zona. Tinha seis casa alí. Tinha muita mulher. Tinha na Praça da Concórdia, uma casa de mulher tamém. Em Lídice era melhor, tinha muito viajante né? Chegava, escolhia a mulher, tomava alguma coisa e ia pro quarto...” André: “– Nós entrava lá, era menino, ela botava nós pra fora... A gente ficava curioso...” Pietro: “– Numa ocasião eu cantei uma menina na rua, ela não quis me dar... depois eu vi ela na Zona, mas tinha chegado uma menina nova e eu fiquei de olho nela...”

Zé Chico: “– Aqui em Toulouse pareceu um juiz filho de alemão, chegou brabo aqui rapaz! Botano tudo quanto é processo pra fora, desenrolano memo! Jogo de Bixo, ele cabou com tudo. Quando deu quinze dia, alguém soprou no ouvido dele pra ele calmar: dinheiro! Ele falou: ‘– Cês pode fazer, mas não deixa eu ver, não. ...’

Romário: “– Meu tio morreu de pau duro, saco inchado! Foi uma doença no pau dele, inchou o saco...”

Edgar: “– O meu tio morreu queimado! Foi acender o gás, o fogo pulou no pano que tava no pescoço dele com álcool...”

“– Acontecia muito os defeito nas engrenagem. Um dia tinha uma moenda com o eixo trincado. Aí deu um estouro e voou moenda pra todo lado! Aí foi aquele desassossego! É um corre corre... muita pressa! Porque no campo tinha muita cana já cortada e no depósito tamém. Eu ficava a noite inteira na usina e não sabia quando sair. Vida amarga, vida doce: dos funcionário do escritório... o cão que tá lá dentro da usina fica de óleo até o pescoço, sem tempo pra sair...

Durante o tempo de reparação, era cinco mes pra fazer a reparação toda, cê via o material que eu pedia, chegar. A turma era muito boa, ia selecionano... Aí, ‘– Vai começar a moagem!’ A gente fazia uma verificação de tudo, e segunda feira as seis hora... O boca de caldeira já tava lá, esquentano caldeira! A gente ia pra lá cheio de entusiasmo... a pressão de vapor das caldeira tava boa, chamava o auxiliar pra dar descarga na rede de vapor... a gente sentia bem, gostava. Teve época muito boa, quando o Seu Júlio acompanhava o movimento. Era positivo, enérgico, mas conhecia o empregado de valor. Isso era muito bom: o reconhecimento pelo trabalho.

Chegou então a época que eu exigia do pessoal que trabalhava comigo, mas a recompensa era baixa! A gente pedia aumento e não dava! A gente ficava desmotivado. Era muita responsabilidade! A equipe tava mal tratada, aborrecida, como cê vai exigir da equipe?

Numa ocasião a turbina disparou e empenou o eixo das faca, empenou o mancal, danificou todo o sistema de... em plena safra! Tivemo que trabalhar só com um jogo de faca e o desfibrador. Aí a produção caiu e houve perda de cana nos canaviais e na usina, as cana que já tava no depósito. Trabalhamo sem as faca... dias muito difíceis de moagem...

Arlindo: “– Tinha um rapaz que morava lá no Alto da Cruz, coitado, o acidente foi na entressafra... ele tava fazeno manutenção, colocano táboa, trocano táboa quebrada na empiadera de açúcar... e ele enfiou a cabeça... a chave de reversão ligou e estourou a cabeça dele! ...e jogou os miolo tudo pra fora!, eu peguei os miolo dele no chão... teve muito acidente!...

Jean Paul e Toledo batia nesses polícia aí tudo! Isso antes dele ainda ser vereador. Jean Paul era barra pesada! Ele andava muito com pobre. Tampava na cerveja nos boteco por aí afora! Ele tratava com o pessoal da usina num boteco em frente a usina, mandava fritar pastel... eu já tocava violão, Dionísio tocava sanfona...”

“– Jean Paul foi uma coisa incrível e triste! Ele tinha realmente condições de fazer, ele fazia acontecer mesmo! Com ele era oito ou oitenta, a coisa ia pra frente ou não ia! Ele tinha uma força de vontade de ferro e aí de quem puxasse ele pra baixo!... a não ser a família dele... cê sabe como é que é família né?...” Não era homem de dissimulações e hipocrisia, cumpria sempre sua palavra, que tinha força de sentença. Não recuava, ia até o final em tudo. Tinha fiéis seguidores, como também aqueles que sempre se aproveitavam clandestinamente das benesses que distribuía, não sem uma certa dose de licenciosidade e excesso de confiança de sua parte.

Maurício: “– Carlos era muito amigo de Jean Paul, amigo de copo, de viagem, de briga, de tudo. Eles iam pra Lídice e arrumavam uma brigaiada danada... Jean Paul e uns amigos dele uma vez, enfiaram uma garrafa de cerveja no cú de um homem bêbado que jurou eles todos de morte. Acabou por matar um da turma e caiu no mundo, ninguém nunca mais ouviu falar nele... A mulherada era doida com ele e não podiam ver ele que voavam em cima!”

Ele chegou a fazer até dois comícios por dia na época de sua campanha política. No caminhão que servia de palanque, eram instalados de três a quatro auto falantes, recém surgidos na época, à bateria, nas localidades onde não havia eletricidade. No bar da grota dos angicos e dos ipês, era o lugar de encontro com seus correligionários; todos os dias rumavam para lá a fim de traçarem planos adequados para fazer frente aos adversários políticos. Quando discutiam exaustivamente as táticas e estratégias a empregar, terminavam as noites bebendo e se descontraindo.

“– Jean Paul era valente e muito bom, ajudou muita gente. Ele chegava no Palácio do Governo do Estado de Jardin e falava: ‘– Fala com o governador que é Jean Paul que tá aqui!’ O governador recebia ele na hora! Ele deu comida pra muita gente, bolsa de estudo... No período que ele era vereador a prefeito, ele conseguiu um convênio com o exterior, vinham caminhões de leite em pó, descarregava em Besançon, aqueles casaco chique... As roupas eram desmanchadas pra fazer roupa de menino. A distribuição de leite era pra todo mundo. Em todas as zonas rural tinha um posto pra distribuir. No pouco tempo que ele ficou na prefeitura, o Colégio de Toulouse tava em pedaços! Ele em poucos meses deu uma super reforma! Reestruturou tudo! Fez as salas de aula do segundo pavimento... Ele comprou uma máquina importante pra fazer serviço nas estrada de chão da cidade...”

Seu Alex recebia na casa dele na usina e depois na praça, governador, vice-governador, deputado federal, estadual... Era muito bem relacionado!...”

Gustavo: “– Teve uma época que a usina deu uma decadência... mais ou menos em 1957, ninguém queria mais plantar cana! Ela ficou sem cana pra moer. Não sei o que que Jean Paul arrumou, ele entrou como gerente. Arrumou dinheiro emprestado num banco, emprestou dinheiro pros agricultor tudo, arrumou olhadura, trator, tudo! Aí todo mundo plantou mesmo! Ficava cana até perdida no meio do mato.

Ele era dinâmico na política, fora de série, um homem sem medo. Ou ele fazia medo nos outro. Qualquer coisa não assustava ele não. Nos comício ele ficava bravo no palanque, depois descia e abraçava todo mundo. Hoje ele seria governador. Tinha muita idéia, muito peito pra fazer as

coisa. Na época da campanha ele ia lá pra casa, tomava uma lá, contava um caso... tinha leitoa, outra hora um cabritim... pra ele tudo tava bão!

Dona Geralda: “– Dona Maura não queria que ele fosse prefeito: ele era muito levado, namorado... aí eles pegaram o carro e começaram a dar volta no jardim anunciando a candidatura dele. Eu era muito ligada a ele; eu corria todas as urnas... eu apostava com os outros, quantos eleitor ele tinha em cada urna... foi uma campanha muito bonita, nós fizemos muita bandeirinha: Para prefeito Jean Paul. Todo comício eu ia. Ele teve uma votação de lascar! A gente ia pra todo lugar... nós tomava galope de cachorro, e até de boi, pedindo voto... Não tinha hora pra ele não! Se ele tivesse vivo... depois a usina ficou na mão de empregado. Dona Maria do Carmo, que ele fez a nomeação dela no grupo... mandava rezar missa pra ele toda semana...

João: “– Na casa dele tinha uma janelazinha, na época que ele foi candidato a prefeito, onde ele dava um vale pra pessoa pegar um presente na rua... e ele dava um risco no título de eleitor pra saber que aquela pessoa já tinha ganhado o presente. Eu conheço um camarada que foi outra vez e Jean Paul falou: ‘– Eu vou fazer proê um vale menor, mas cê já vêi aqui. Aqui tá seu risco. Cê tentou tirar ele com vela... mas tá dano pra ver. Não volta mais viu!...’”

Em 1959, o escritório da usina, ao lado da balança, funcionava num cômodo simples. Contava com os seguintes funcionários: Máximo, tesoureiro; Gumercindo, contador e chefe do escritório; Manoel, responsável pela entrada e saída do açúcar e do álcool; Nélio, auxiliar de contabilidade. Depois entrou Mario, na parte das finanças e Waldemir, no departamento pessoal. Estes funcionários, sentavam cada um numa cadeira preta de madeira, pesada, com uma mesa também preta de madeira, de um metro por um metro e meio cada. Sr. Mario possuía em cima de sua mesa uma máquina de escrever, e o sr. Waldemir, outra. Nas mesas de ambos ainda continha uma outra máquina de fazer contas, com um teclado numérico e uma alavanca do lado que era acionada cada vez que se queria obter o resultado de alguma operação. Wander, menino, sempre adentrava ao escritório e acabava mexendo em tudo, era neto de Júlio. Abria todas as gavetas, revirava a papelada, passeava por baixo das mesas, obviamente, quando os funcionários saíam para o almoço. Peralta, não obedecia a ninguém, exceto ao próprio avô, a quem pouco encontrava na usina, pois fugia dele quase sempre quando o via. Ficava sob suas próprias vontades, como se tudo lhe fosse permitido.

A venda de açúcar era efetivada principalmente com o sr. Fontes Neves, forte comprador. O melaço, como era muito usado para a alimentação do gado bovino, era muito vendido, inclusive pra fora da cidade. Sr. Rachid levava muito melaço da usina para Cintra e Besançon, como revendedor.

Jean Paul e seus amigos frequentavam o Tênis Clube de Lídice e o Alberto's Bar, onde festejaram seu último aniversário: “– Um dia nós tava nesse bar, ...e quando a gente tava ino embora, ele atirou nas placa luminosa de propaganda do posto de gasolina. No dia seguinte, o

delegado de polícia, Dr. Armando, veio à Toulouse receber o prejuízo do Seu Júlio...

O Geraldin, muito amigo de Jean Paul, pegou a motocicleta do Marcelo, dessas grandona, importada, chique, e subiu a escada com ela e acabou com o baile no clube... Deixou a moto no meio do salão. Ele era doidão!

Jean Paul, com o pouco tempo que foi prefeito, fez muita coisa... Começou também o calçamento com paralelepípedo na Liberdade...

Depois da morte dele, na usina, as coisas foram só piorando...”

O elenco de figuras proeminentemente exóticas, para não dizer, bizarras, folclóricas, engraçadas, portadoras de alguma séria anomalia mental e, ou, corporal, que vivia na cidade, era considerável. Alguns até diziam jocosamente que Toulouse era uma fábrica de loucos. Um desses indivíduos, que não saía dos portões da usina, já na segunda metade da década de oitenta: Zé Bezerra, cognome adquirido porque tomava conta de gado no pasto, depois de certo tempo, viveu somente perambulando pelas ruas da cidade catando papéis para vendê-los. Arrecadava uma quantia razoável e poupava o que podia, guardando suas economias debaixo do colchão de sua cama, ao invés de colocá-las num banco, por medo de ser roubado. Branco, alto, de cabelos amarelos, andava bem inclinado porque sua coluna sofria um desvio proeminente: um corcunda. Ria alto e abundantemente. Alceu quis roubá-lo depois de saber que ele guardava dinheiro debaixo do colchão. Zé reagiu e tomou uma facada! Alceu pegou o dinheiro e saiu correndo. Não fosse pelo vizinho que ouviu os suplícios de Zé, este teria se esvaído em poças do próprio sangue, indelevelmente. Porém seu falecimento aconteceu de forma inesperada, por causa física, de saúde, desconhecida. Sofria de uma certa arritmia cerebral. Não conseguia manter um diálogo sem que divagasse e deixasse a outra pessoa falando sozinha.

Tarcísio: “– Tinha o João, de Lídice. Cê chamava ele de Tartaruga de Lídice, ele ficava uma fera e xingava até a alma do caboco! Ele ia devagar com os pé chei de calo e cravo! Pisa e dói! Parece uns espim... Ele tocava uma flauta que alguém fez pra ele, executava mesmo! Aí nego roubou a flauta dele. Ele ficou pra morrer! Seu Caboco deu uma novinha pra ele. Ele voltou. O pessoal dava comida pra ele; não dava dinheiro não, ele não sabia o que é dinheiro. Tinha dia que ele dormia na rua, tinha

dia que ele ia pra casa dele... Teve um dia que ele tava perto da minha casa, eu convidei ele pra comer comigo, almoçar, e fui comer perto dele e ele falou: ‘– A comida tá fria. Quem come comida fria é porco!’ Largou a comida e saiu balangano beijo...

Teve um dia que o Marcelo da Carminha chegou aqui na casa do Tõe, muito doido, conversano muito e mexeu comigo, pra eu dizer alguma coisa que prestasse. Aí eu tinha visto o Perú qualhado de piolho no quintal e falei com ele: ‘– Eu duvido que cê abraça esse Perú e dá um beijo nele!’ Ele foi então rodeano o Perú, pegou ele no colo e deu uns beijo nele. Quando ele soltou o bicho, começou a coçar todo e a dar tapa no corpo e começou a xingar: ‘– Tarcísio, filho da puta!’ Nós rimo demais...” Esse personagem cheirava muita cocaína e se tornou uma figura incomum, de compleição um tanto monstruosa, olhos esbugalhados e respiração ofegante: faleceu vítima de um infarto fulminante!

Quando menino, Nélio era do tipo bastante travesso: pregava peças desconcertantes à todos os que caíam vítimas de suas trapalhadas inconsequentes. Gostava de assustar as pessoas mais velhas, esperando-as passar displicentemente; apreciava muito todo tipo de situação onde estivesse envolvida muita adrenalina. Nos dias de procissão, se posicionava com alguns amigos em pontos previamente escolhidos e privilegiados, e ficavam a esperar. Quando a rua fervia de gente em fila rezando, ele e seus coniventes lançavam ovos nas pessoas. E ficavam a dar gargalhadas, até que um dia foram surpreendidos em flagrante delito por dois policiais que os levaram presos. Sob os momentos de reflexão à que foram submetidos compulsoriamente, se endireitaram por algum tempo, retomando as mesmas práticas nada recomendáveis socialmente; então, na verdade, Nélio, pelo menos não se redimiria dessa tendência embusteira e agressiva, até se passarem longos anos.

Este, trabalhava na amarração, mas cumpria outros tipos de função, quando não raro era deslocado de seu posto para ocupar outro, dada a necessidade e à possibilidade de remanejamento dos recursos humanos: “– Ajudante de produção... quando faltava alguém eu ia, ficava guiando os sacos de açúcar na esteira pra eles não cair dela... armazém, laboratório e amarração...” Numa segunda feira, estava em cima de um pacote de canas no depósito, lançando um cabo de aço para seu companheiro no chão, quando sofreu uma descarga elétrica de um relâmpago. Chovia torrencialmente. O companheiro que testemunhou tudo, prestou-lhe socorros, desferindo-lhe socos no peito, quando observou que a vítima havia sofrido uma parada cardíaca. Ficou por alguns segundos desacordado. Mudou permanentemente de função depois desse incidente. Seu pai também certa vez nesse mesmo ambiente, caiu de cima do último

pacote empilhado uns sobre os outros, num dos muitos corredores que separavam uma pilha da outra. Caiu no chão do alto da pilha de cinco pacotes! Por sorte não sofreu sequer um arranhão. Aqui já eram três pontes, três guindastes móveis. A primeira e a terceira alimentavam o depósito, a segunda alimenta o engenho. A terceira ponte era, ao contrário das outras duas, destituída de cobertura, ficava à céu aberto. Nos dias de chuva porém, os amarradores usavam capa, sapato de couro antichoque elétrico, luvas e protetor para a cabeça. Nélio fazia parte do contingente que era admitido somente durante a safra, neste momento, em 25 de abril e demitido em 10 de dezembro.

Sempre dois amarradores recepcionavam os caminhões na plataforma para descarregar, enquanto outros dois permaneciam no depósito amarrando os pacotes de cana recém chegados. As canas das fazendas da usina, transportadas nos caminhões da mesma, alimentavam a moenda diretamente, enquanto que as de propriedades particulares, iam para o depósito. Os caminhões chegavam e eram pesados na balança, em seguida se dirigiam para o laboratório que ficava mais à frente. Introduzia-se um aparelho nalgumas canas e retirava-se delas amostras do líquido para exame. Então ganhavam a plataforma para que o guindaste levasse as cargas. O dito caminhão toco comportava onze toneladas de canas e o trucado, quinze.

Nélio, quando na labuta nas lavouras de cana: “– Eu adubava cana com em pacote nos braço, espalho o adubo, que era uns grão finim, com a mão nua! Depois teve equipamento, mas eu não gostava; a maioria usava. Era brabo! Um pacote de adubo de cinquenta quilo no braço, semeano... Tinha uns mcoronga que não guentava acompanhar o ritmo não, ficava na piranga, com os pacote de dez, vinte quilo... Aí a gente falava: ‘– Cê vai ficar na piranga!’ Na brincadeira, a hora passava. O trabalhador rural sofre muito, é um povo sofredor. A gente pegava o caminhão na Rua Velha às cinco hora da manhã e chegava às cinco da tarde: doze hora no ar! Era caminhão pau-de-arara que chamava. Nego gritava: ‘– Olha o pau de arara aí!’ O caminhão inteiro xingava os nome mais cabeludo! ‘– É a mãe, filho da puta!’ Gente de respeito, gritava: ‘– Ôh pau de arara!’ E escondia. Os menino é que mais gritava. Eu que

tava dentro do caminhão não gostava, ficava puto! Ninguém gostava! Nas época de frio, pegava os feixe de cana gelado no ombro! Há! Congelava! Há! Tinha que tomar uma cachaça mesmo! No frio, um inverno severo... o pessoal da lavoura usava dois agasalho, luva de látex, facão, o rango num embornal nas costa, um vidrim de café, camisa de manga comprida, calça comprida, chapéu de palha e enrolava uns pano, vulgo cachicol rural... a empresa não fornecia nada disso. Eu ia de chinelo de dedo, não tinha medo de cobra nem de escorpião, que tinha muito! Não tinha juízo! Minha família era da fazenda S. Sebastião, da usina. Lá tinha um campo de futebol muito bem cuidado. Tinha campeonato, jogo todo fim de semana...” A empresa prestava serviço de atendimento médico ambulatorial e odontológico aos seus empregados. Havia duas unidades móveis que percorriam as fazendas atendendo aos necessitados e realizando um trabalho preventivo e educativo.

A comida era levada, geralmente, para as frentes de trabalho, num caldeirãozinho de alumínio e alguns também portavam uma garrafa de café. Geralmente comiam arroz, feijão, angu e ocasionalmente carne. Nélio: “– O pessoal que trabalhava no canavial era revoltado, sofrido! Uma vez eu levei um macarrão, ele azedou. Eu mandei ele pra dentro de qualquer maneira! Tava com fome! Um colega meu levou uma cachaça e eu tomei um gole pra abrir o apetite... Quem pudesse levar café, levava um pão com salame, biscoito, angu doce... fubá suado, cansei de levar. Às veis tamém quando tava muito brabo, farinha torrada de fubá e feijão inteiro. O fubá suado é assim: joga muncado de fubá na panela. Primeiro é o óleo e o tempero, depois é o fubá com um copo de água, em fogo brando. Tampa a panela e deixa suar, com cinco minuto tá pronto! Fica um fubá farofado. É comida de, como diz o outro, sertanejo...” Encerrava-se nesse tempo o expediente de trabalho às quatro horas da tarde, com quarenta minutos de almoço às dez horas e vinte minutos para o café às duas. Para fazer suas necessidades fisiológicas, mister seria comunicar ao feitor: “– Vou fazer uma viagem!” Adentrava-se ao canavial e em qualquer lugar defecava-se e urinava-se. Também fazia-se sexo. As mulheres escolhiam seus pretendentes e se insinuavam. Com ordem do feitor, se afastavam por alguns minutos.

Nélio ajudou a tomar conta de seus irmãos mais novos, de uma prole de oito filhos, enquanto seus pais se mantinham na lida dos canaviais. Aos nove anos, iniciou-se como cortador de canas na colheita. “– Eu fazia a comida do dia seguinte, à meia-noite, o básico. Tinha muitos que fazia na hora da janta, cada um fazia do jeito que achava melhor. Eu fazia o arroz, o feijão, almeirão... verdura não faltava, pegava folha de serralha, mostarda, almeirão chicória, no barranco, quando a gente ia buscar lenha de noite, à luz de lamparina. A fumaça da lamparina dentro de casa manchava as parede de preto. Nós trocava feixo de lenha a troco de pé de boi, canela de boi, bucho... A lenha era farta, mas longe. Tinha que ir pro meio do mato, às vez encontrava michirica selvagem, azedinha, miudinha, palmito... Tinha um mato preservado com muito macaquinho...”

Nélio realizava o trabalho na zona rural com distinção, se destacava dada à sua esperteza e compleição física saudável e robusta. Ganhava sempre os prêmios de produtividade e era o preferido do feitor, em sua turma. Quando chegava um caminhão para adentrar ao canavial e ser preenchido de canas, diziam: “– Bota o caminhão na paia!” Pois, um destes caminhões ao ser carregado manualmente, ao ligar o motor e sair do lugar onde estava, chocou seu eixo contra um sulco de canas e tombou com dois homens em cima da carroceria. Um deles ficou ferido: ao cair, as canas foram de encontro ao seu corpo que ficou bastante lesionado. Faleceu quando estava sendo colocado dentro da ambulância, havia perdido muito sangue. Algum tempo depois chegou ao local outro caminhão e uma máquina que pegava os feixes de cana e os depositava nas carrocerias dos veículos. Estas máquinas substituiriam o esforço braçal com o tempo, contudo, não chegariam a ganhar os canaviais dos fornecedores privados.

Fala Anderson: “– O melhor lugar que já trabalhei foi a usina, por causa da liberdade de trabalho... era muito gostoso a gente trabalhar, mesmo a diretoria tano distante, eu trabalhava com carinho. Todos tinham consciência de que tinha dado resultado o trabalho, não tinha cobrança. Havia um carinho dos funcionários com a usina...”

Em meados da década de setenta, foi comprada pelo grupo italiano, com suas terras, a usina. Estava parcialmente sucateada. Houve a necessidade de um período maior de entressafra, para que entrasse em atividade. Houve uma sobrecarga de trabalho para todos os funcionários do parque industrial.

Alcebíades, depois que havia almoçado, teve uma indisposição que o levou displicentemente à cair dentro de um caldeirão de ácido, fulminantemente. Alguns outros acidentes ocorreram sem maior gravidade, como dois casos na zona rural, de picadas de cobra jararaca e de escorpiões, também fatais. Houve um mecânico que perdeu sua mão esquerda quando estava fazendo reparos numa das pontes rolantes. Inadvertidamente mandou o guindaceiro mover o guindaste para que pudesse observar alguma possível avaria. Sem perceber, as duas rodas de ferro de uma das extremidades da ponte passaram por cima de sua mão esquerda e a extirparam. Aposentou-se.

Anderson ocupava um posto no grupo de manutenção corretiva durante a safra: estragou, concertou. E na entressafra seus serviços eram requisitados para a manutenção preventiva de todo o maquinário; desmontava-se bombas, motores redutores, turbinas, para a reparação dos desgastes sofridos. “– Tem muito desgaste na usina, é um lugar muito agressivo, tem problemas na safra mesmo preveno... quebra de rodete

que é montada no eixo das moenda... a solda modifica a estrutura do aço... muita coisa quebra na safra...” Num dado momento, quando estava desempenhando sua função no concerto dos equipamentos, armou-se uma tempestade. Ele foi se esconder no almoxarifado com mais alguns. Os fortes ventos anunciaram uma chuva grossa de granizo e o telhado de amianto foi arrancado pela surra de pedras somada à velocidade do vento. Um raio caiu numa das paredes do cômodo, ocasionando um estrondo e uma claridade que atordoou aqueles que se encontravam no recinto. Como se toda a experiência terrificante não bastasse, Anderson enxergou um vulto de um homem índio alto e magro, ao lado de outro homem negro e parrudo. Tomou verdadeiro pavor por tudo o que havia acontecido e pediu para voltar ao posto que ocupado por ele antes.

“– O final da safra era triste. No último dia, que passava a última cana na moenda, a usina apitava por cinco ou dez minuto avisando o fim da safra. Alguns funcionários choravam...”

”Com o advento do ano de 1980, a empresa passou a fornecer uma sexta-básica a todos os trabalhadores, mensalmente; este se revelou um período de progresso, de produção intensa e progressiva expansão. As variedades de cana se sucediam, e a chamada cana manteiga foi marcando seu desaparecimento dos canaviais. Já não era como antes, como quando os meninos da cidade, ávidos, subiam em cima dos caminhões que transportavam-nas, mesmo estando eles em movimento. Numa tarde quase noite de poucas nuvens no céu, Giusepe Bortello dirigia seu caminhão repleto de canas manteiga, um dos últimos a transportá-las, atento aos fatídicos ataques dos meninos. Quando chegou à fila, observou que o caminhão que estava imediatamente à sua frente havia quebrado e permanecia obstruindo a passagem para os que viessem depois. Giusepe não teve muito tempo para pensar e quando resolveu virar o caminhão e voltar para pegar outro acesso, observou que atrás de si já haviam alguns outros, enfileirados. Havia ficado preso com sua carga preciosa. De temperamento expansivo e explosivo, não tardou achar conflito. Alguns meninos ficaram rodeando o caminhão, e de vez em quando algum ataque acontecia. Num desses, um garoto foi pego grudado no pacote de canas e lançado ao chão por Giusepe. O pai desse jovem se encontrava

passando no momento e presenciou o final da cena. Houve uma ameaça de embate físico, mas outras pessoas apartaram.

“– Quando tinha fila muito grande, os caminhão com cana manteiga passava na frente dos outro e guardava a vez do lado de dentro, no pátio da usina. Se deixasse por conta dos menino, eles jogavam era muita cana no chão mesmo! Eles ficavam em cima do caminhão jogano cana pra baixo, pros outros menino...”

Samir transportava em seu caminhão de sete, oito toneladas, sua própria carga. Fazia questão de que as canas fossem bem acomodadas na carroceria para que pesassem mais com menos volume. Se se estivesse precisando da matéria prima, a balança ficava aberta de seis da manhã às oito da noite, caso contrário, de seis às seis. As filas, que ultrapassavam um quilômetro, se arrastavam. A usina mantinha determinada área de uma de suas fazendas para cultivar cana planta, ou seja, as canas destinadas a serem plantadas, de Janeiro a Março e para isso, careciam de atenção especial. Abastecia de mudas também os fornecedores, os proprietários rurais. “– A gente pegava olhadura com a usina, a gente mesmo ia lá, cortava e levava. Cada época eles faziam em uma fazenda, a despesa era paga na safra, naquele mesmo ano... No início, quando entrei, era com boi que arava e sulcava a terra. Arava primeiro pra terra ficar limpa, depois fazia a sulcação. Conforme a terra, tinha que limpar antes com facão ou até queimar... se fosse terra com roça de milho, não precisava não.” Os pequenos proprietários se ajudavam mutuamente sobretudo nas colheitas. Somente depois que os canaviais começaram a ser queimados é que os trabalhadores passaram a usar, quase todos, algum calçado e um pano em volta do rosto para protegerem seus cabelos e ouvidos das cinzas; luvas também foram introduzidas na indumentária. Camisas feitas com sacos de açúcar alvejados e tingidos ainda eram muito usuais. “– Prantava mÍ, arroz, feijão... Algumas roça tinha máquina de beneficiar arroz, mÍ... se precisava de comprar cereal e outras coisa, lá na roça tinha venda, hoje não tem mais; hoje quase nem tem gente na roça!... O povo engordava porco de banha e vendia naquelas venda lá... A gente matava o porco e depois fritava o toicim, fazia torresmo e guardava o resto numa lata e num caldeirão de alumínio grande, aí a pessoa tinha gordura pra dois, três meis, dependeno do tamanho do porco. ...A

maior parte era católico. Tinha um ou outro assembleísta... Hoje é que cresceu muito, tem várias religiões.” Os casais unidos em matrimônio na igreja matriz durante os fins de semana, também batizavam seus filhos nessa mesma ocasião. Os partos tradicionais realizados por parteiras foram aos poucos sendo orientados e executados por médicos, e no raiar da década de noventa, somente nos rincões mais distantes é que dava-se à luz sob os comandos de alguma parteira remanescente.

O período que compreendeu de 1978 a 1990, foram rentáveis para os fornecedores de cana da usina. Contudo no limiar dos anos noventa, com o incentivo governamental em prol da produção de álcool para combustível, houve uma oferta espantosa de canas e esse excesso passou a ser preocupante, gerando instabilidade no setor. Somado à isso, a mão de obra excasseava, pois já haviam novas fontes de emprego na cidade e circunvizinhança, como pequenas indústrias. O governo no entanto, financiava o plantio a juros baixos. Zé: “– Comecei a fornecer cana com poucas toneladas e terminei com mais de quatro mil, quando a usina fechou... começou a atrasar o pagamento... inclusive tenho um dinheiro que eu não recebi até hoje. Foi embora muita gente sem dinheiro e sem receber... muita cana foi perdida nos canaviais...”

Zeca tinha um casal de melros que o acompanhava constantemente, numa gaiola. Quando não estava em trânsito, soltava-os e eles ficavam nas imediações, bem perto de seu dono. Às vezes, pegava o carro e disparava por ruas a fio, a título de testar a esperteza e a fidelidade dos pássaros para com ele. Nunca se decepcionava. Via-se os melros voando em direção ao carro e o alcançavam; Zeca parava o fusca e os recolhia em sua gaiola. Só não levava seus amigos emplumados para o trabalho na usina e nas noites quando saía com os amigos. Numa dessas noites, se prepararam para ir numa festa, tomando copadas de chá de cogumelos, que surgiam dos estrumes de bois depois de alguma chuva. Eles os pegaram num pasto e os colocaram para ferver e dois rapazes comeram alguns no próprio local, minimizando o gosto ruim com um pouco de leite condensado. Quando saíram desbaratinados da casa de Alfredo, cujos pais haviam viajado, passaram por um pasto adjacente a fim de andarem um pouco em campo aberto e apreciar o céu estrelado. Estavam bastante exaltados, gritavam e gargalhavam. Um dos rapazes começou a correr e não mais parou até que arrebentasse a cerca de arame farpado transpassando por ela, rasgando-a em seu peito. Obviamente sofreu alguns ferimentos mas felizmente, nada grave. Todos se assustaram e se refrearam um pouco. Chegaram ao baile e na porta do clube testemunharam uma cena horrível de um tiroteio. Um homem morreu baleado na porta do clube e o baile foi suspenso. Naquela noite já haviam passado por maus momentos e como se não bastasse, um dos rapazes da turma, ainda sob o efeito do chá de cogumelos, caiu num bueiro aberto e sofreu algumas escoriações, leves. Depois de toda essa confusão, se reuniram e decidiram andar por uma estrada de chão, ao léu, conversando e apreciando o céu.

Outros bailes se sucederam. Da estação saía sempre às seis da tarde o último trem em direção a S. Sebastião. Zeca e seus amigos subiam sorrateiramente em cima dele quando começava a se movimentar e ficavam deitados no teto, quietos. Quando ele ganhava velocidade, os rapazes se levantavam, andavam e pulavam de vagão em vagão brincando de far-west. Quando eram descobertos, o trem parava. Numa dessas vezes, ficaram no meio do trajeto e tiveram que andar o resto do percurso. Não desprezavam os bons exemplares de cogumelos que achavam fortuitamente e os levavam para casa sequiosos de os utilizar na feitura dos chás alucinógenos. Os bailes em S. Sebastião e em Toulouse eram marcados pelas contendas entre seus jovens. Havia uma forte animosidade entre eles. Na verdade, essas brigas eram comuns em todos esses tipos de evento na região. Os cidadãos do lugar onde o baile acontecia se viam sempre ameaçados pelos conquistadores de suas conterrâneas que apreciavam os assédios dos rapazes das cidades vizinhas. Estas, não frequentavam muito os bailes fora de suas cidades, uma vez que o moral vigente não permitia que donzelas desacompanhadas por varões se aventurassem dessa maneira, como os homens. Num desses acontecimentos dançantes, Zeca, que fugia das frequentes desavenças, se viu inesperadamente no meio de uma rixa que envolveu uma quantidade considerável de rapazes e fugiu aterrorizado, saindo pela porta da frente do clube. Ao pegar seu carro e passar em frente à essa mesma porta, viu um de seus conterrâneos ser empurrado para fora e cair no chão. Imediatamente partiram para cima dele alguns jovens enfurecidos, mas este conseguiu sair correndo. Alguns contendores partiram atrás dele. Este corria dando tudo de si, mas seria apanhado não fosse por Zeca que parou o carro e ao vê-lo, aquele pulou instintivamente direto para o banco de trás, vazio, isso ainda com o vidro da janela ainda meio levantado. O rapaz resvalou o nariz no vidro e se machucou. Ao cair no banco do carro, vomitou e desmaiou. Zeca saiu em disparada com os rivais quase a lhes alcançarem. Alguns ainda lhes atiraram pedras e uma delas quebrou o vidro de trás do carro e caiu por sobre o rapaz desmaiado.

O pai de Zeca era sarará, cabelo todo branco, cidadão nato de Toulouse. Sua mãe, de tez branca, provinha de rincões distantes. Ele tocava um negócio de aluguel de estacionamento para charretes e cavalos, possuía uma cocheira, Fala Zeca: “– Do lado da usina, tinha umas casinha velha, uns pé de manga... meu pai nasceu ali. Quando ele começou a trabalhar na usina, eu não era nem nascido ainda. Ele trabalhava lá em cima, com as caldeira...” Isso, na Usina S. Marcos, por volta da década de sessenta.

Zeca: “– Eu era muleque catarrento, como diz o outro, buscava leite, sopa... Ficava na esquina da rua das mulher da vida... muito oferecida... O Seu Geraldo ficava muito com essas mulher, dono do terreno do lado da usina, quando foi construir um muro do lado do rio ele falou: ‘– Quando eu construo nem Deus e nem o Diabo derruba!’ Quando vei a noite, teve uma enchente que derrubou o muro, há! Ele passa e nem cumprimenta a gente...”

Teve um dia que eu fui num comício na roça com o Lobão, locutor da cidade, muito popular! Ele tinha uma vemaguete que tinha dois alto-falante em cima. Eles tombaram o carro dele, ele passou no mei do comício do outro, do adversário! E eu lá dentro, pensei que ia morrer! Aí eles deixaram o carro tombado e chutaram e amassaram o carro todo. Ele ficou na ativa por muito tempo. Às cinco hora da manhã cê podia ligar o rádio que ele tava lá. Era radialista, locutor de futebol, de programa...” Possuidor de um senso de humor privilegiado, contava piadas, conversava sempre rindo com os ouvintes e fãs que o telefonavam ao ar. Era homossexual e atraía para suas garras muitos pretendentes que se deixavam enveredar pelas suas conversas amistosas e envolventes. Seu irmão, uma figura ímpar, tremendamente inteligente e perspicaz,

heterossexual, muito mulherengo, se divertia e chamava bastante a tenção para si em suas empreitadas e intervenções eletrônicas. Os cidadãos da cidade eram vez por outra, surpreendidos com sua figura na tela da TV, por alguns minutos. Falava umas palavras incompreensíveis, do mesmo jeito que fazia nos aparelhos de rádio. Quando muito furioso, sobretudo devido a alguma desilusão amorosa, apagava as luzes da cidade, que chegou a dormir algumas vezes no escuro por sua causa. Certo dia, discutiu com um homem no meio da praça da cidade e tomou um tiro no peito, falecendo instantâneamente.

Da infância à adolescência, Zeca levou a vida que qualquer menino da cidade levava, pelos campinhos de futebol, nadando nos rios, brincando e fazendo traquinagens. Algumas experiências o marcaram, como quando subiu no telhado de uma grande casa e de lá não conseguiu descer. A vizinhança toda foi mobilizada dado o escarcel que aprontou. De uma outra vez sofreu a descarga de tiros de uma arma de fogo em sua direção, quando jogava pedras em cima dos carros que passavam, estando cima de um morro juntamente com alguns amigos. Um carro foi atingido: o motorista parou imediatamente e começou a desferir disparos de sua pistola tresoitona. Saíram todos correndo. A turma, saía quase sempre de bicicletas alugadas nos fins de semana para recantos distantes e muitas vezes se deixavam tentar por empreitadas um tanto perigosas e desgastantes, como insistir em subir e descer de bicicleta lugares quase inacessíveis. Como não era de se espantar, haviam se embebedado tomando álcool puro no dia da inauguração da destilaria, na usina, com a presença do governador do estado e outras autoridades; isso durante a primeira metade dos anos oitenta. Canela havia firmado um convênio de cooperação com o Brasil e foi beneficiada com a entrada no país, da tecnologia de fabricação do álcool para combustíveis que supririam a frota de veículos automotores, pouco a pouco, se adequando à nova realidade do advento de um combustível que provinha de fontes renováveis. E divaga: “– Quando completei uns sete ano fui vender picolé. Era uma caixa de isopor que pendurava no pescoço. E fui. Tava um calorão do caramba! Eu tava no campo dos Bourdon. Quando cheguei fui pra sombra... mas os picolé derreteu tudo! Tinha até ainda uns pedaço

de picolé, e eu ví e acabei chupano... Seu Zé me cobrou os picolé e aí eu voltei só no dia seguinte, paguei e ganhei um pouco ainda, por fora...” Zeca chegou a acompanhar alguns caçadores, escondido de seus pais, quando numa dessas empreitadas avistou uma onça e ficou paralisado; não mais voltaria. Invariavelmente os grupos de meninos brincavam pelo bairro de jogar pião, de jogar birosca, havia as peladas nos campinhos, caçavam com atiradeiras... “– A gente pegava passarim e comia: tizil frito!... coleirim, rolinha, pomba, não acaba não... Todo canto tinha uma pelada! Quando não tinha bola, fazia uma bola de meia e enchia de pano. Quantas vez eu cheguei em casa com os dedo tudo grosso!... E a catação de tanajura, nego fazia farofa com aquilo! Era bão! Gostoso demais! Carcava uma garapa pra dentro da garganta... ia uma atrás da outra! Eu como! Tempo bão! Se tiver uma garapa eu tô comeno! Teve um dia que eu tava descalço e pisei em cima de uma abelha. Que dor que deu! Se eu tivesse a bosta bamba eu tinha cagado! Doeu o corpo inteirim!...” Os meninos adoravam o cinema; filmes como Zorro, Tarzan, Sansão e Dalila, far-west como Django, Dólar Furado; alguns espetáculos musicais e teatrais vez por outra também estreavam, isso lá pelo fim da década de sessenta. Os filmes eram mudos e em preto e branco, legendados. Em primeiro lugar exibia-se o jornal na tela e em segundo, um desenho animado de um rato espacial que ficava correndo dentro de uma grande espaçonave... Antes das sessões começarem instalava-se uma verdadeira euforia que desencadeava uma anarquia generalizada. “– Nego dano tapa na cabeça do outro, jogano saco de pipoca no outro, pregano chicletes nas cadeira e esticano fio...” Um outro divertimento fantástico era o circo: “– Tinha o circo do Bicanca, brasileiro, que era um palhaço, usava um sapato enorme! Ele andava na ponta do sapato! Tinha um taxi maluco, cê ligava ele e ele arrebeitava tudo! Tinha o homem que comia fogo, os trapezista, o domador de fera e outras coisa...” A cidade foi visitada por diversas companhias de circo, nacionais e internacionais. Já as touradas eram patrocinadas pela região e causavam verdadeira temeridade e fascínio.

Zeca na adolescência, uma vez em sua vida, conseguiria realizar uma grande façanha: subir no pau de sebo. Na festa junina do dia 24 mais famosa e movimentada da cidade, as barraquinhas, tradicionais, vendiam

quentão, chocolate quente, canjica, amendoim, pipoca, pé de moleque, havia os carrinhos ambulantes de venda de bijus, maçãs do amor, dentre outras guloseimas e iguarias típicas; as barracas de jogos como pescarias, tiro ao alvo, cartas, roletas, etc. A quadrilha se apresentava às onze horas e adentrava à noite. O pau de sebo, situava-se num canto do terreno perto do portão de entrada. “– Nego usava areia, bolsa de areia, pra ir subino... usava tamém caco de vidro pra raspar. Depois que muita gente que tinha ido na frente limpano o pau, ele conseguia. Só quem era bobo que ia primeiro! Que queria lambuzar os outro: ficava lambuzano a mão no pau e depois saía correno atrás dos outro. Tinha muita bandeirinha... e a fogueira que nego passava descalço na brasa, à meia noite! Tinha um leitãozim que eles colocava graxa nele todo e soltava ele. Nego saía atrás do leitão... A música era sertaneja nas caixa de som espalhada pelo pátio todo...”

Mauro, amigo inseparável de Zeca e Pardal, era o que mais frequentava a moenda da usina para beber garapa e sempre levava um pouco para casa numa pequena garrafa a fim de misturá-la à cachaça. Seu pai também bebia muita pinga e sempre guardava longe dos olhos dos oito filhos, seus invólucros. Mauro, acompanhado de Zeca e Pardal, vez por outra fazia uma vistoria minuciosa no quarto de seu pai, já viúvo, ao encalço de algum litro de marafa. O pai, conhecedor das artimanhas do filho, gostava de descobrir vestígios dessas devassas em seu quarto, uma vez que surpreendia a todos com algum litro de água. Eles íam ávidos para degustar a “dolorosa” e cuspiam água indignados. Haviam dois frequentadores da venda da esquina, aposentados por inaptidão ao trabalho, depois de certo tempo em atividade. Todos os dias depois do almoço lá estavam eles bebendo cerveja e fumando, a tarde toda, recostados no balcão conversando com os conhecidos e amigos. Se divertiam em pagar um copo cheio de pinga para os da turma de Zeca, mas, sob a condição de o agraciado ter que tomar tudo de uma só vez. Zeca: “– Cê faz o Nome do Pai... pega um giló com sal e pimenta e manda pra dentro, que até arde os zói! E depois a bebeção d’água?!...” Pardal: ‘– Ontem cê sentou num poste e dormiu lá, falô?! Eu quis te levar pra casa, cê não quis sair do lugar’. Depois eu fui, graças à Deus! Chegou

o Pardal e o Tomás e me levantaram. Eu fui escorar no poste e errei e caí no chão. Eles me levantaram e caíram também, eles tava muito tonto! Aí nós fomo escorado um nos outro...” Num outro dia, Pardal extremamente bêbado, já espojado na arquibancada do campo de futebol, onde transcorria o jogo final de um campeonato, todo urinado, foi resgatado por Zeca, que o jogou nas costas como a um saco de açúcar. Nesse dia, havia urinado bastante e como estava estirado na arquibancada do campo, parte alta, sua urina se transformou num pequeno riacho que escorreu formando um caminho sinuoso em meio à multidão sentada que se esquivava. As pessoas se espremiavam mas davam passagem para o filete amarelado, ficando um espaço aberto por onde ele passava. Ao ser reclinado nos ombros de Zeca, Pardal vomitou e como aquele não deu conta do ocorrido, este ainda importunou as pessoas que estavam por perto com esguinchos de vômito. Somente quando saiu da multidão é que Zeca percebeu que estava todo lambuzado. Zeca: “– Uma vez nós fomo pescar na fazenda... Dona Maura levou a comida, frango com quiabo, arroz, tutu e faca pra cortar... Eu colocava a faca prum lado, o negócio escorregava, apertava a faca assim, o negócio escorregava do outro lado. Eu falei: ‘– Dona Maura, vou comer com a mão mesmo!’ Aí todo mundo comeu com a mão, lambeno os dedo... Dona Maura adorou! Isso foi em 1974. A gente pescava lambari de dia pra pegar traíra de noite...

Meu tio tinha um bigode grande, preto, bigodão mesmo! O bicho era respeitado e aí de quem mexesse com ele! Meu primo Marlos tocava um pandeiro que nossa mãe! Ele deu um pandeiro pra mim e depois ele sumiu, nego me roubou ele...” Os anos oitenta foram profícuos em termos de acontecimentos culturais. Criou-se na cidade dois movimentos importantes que fizeram acontecer eventos artísticos memoráveis: Grupo Artístico Estudantil e Movimento Municipal Recreativo. Estes promoviam festas, bailes, festivais de música, de artes plásticas. Nascidos sob a égide de partidos políticos rivais, que quiseram se destruir mutuamente, fizeram por sucumbir as duas entidades, sob seus fogos cruzados.

O único tio de Mauro por parte de pai: João Doido, um personagem das ruas da cidade, um mendigo, tratado por todos com certa tolerância

e respeito, como uma pessoa a quem se deveria prestar atendimento caso ele solicitasse. Um excepcional que fazia suas necessidades fisiológicas onde bem entendesse e claro, muitas vezes aos olhares dos transeuntes citadinos. “– Ele caga onde ele quiser, mija no mei da rua... outro dia ele sentado no mei fíi em frente ao banco, tirou o pinto pra fora e mijô alí mesmo, com todo mundo veno. Eu falei com ele pra ele sair e ele falou: ‘– Não enche o saco, deixa eu mijar aqui!...’”

Geraldo nasceu numa fazenda distante, no município de Toulouse. Seus pais possuíam uma gleba de terras onde plantavam culturas da região como meio de subsistência. Perto da casa havia uma mina que escorria sua água pelo terreno.

Sentia verdadeira paixão pela política e admirava muito o deputado federal da região que apoiava o candidato concorrente de Jean Paul. E diz: “– Esse camarada que candidatou a prefeito da outra chapa contra o Jean Paul, não capinava nem a porta da casa dele, como é que eu podia votar nele? Votei no Jean Paul. Perdi um lote que eles íam me dar, mas acabei ganhando outro...” D. Maura não via com bons olhos Geraldo, que manifestava suas preferências partidárias abertamente e a contradizia. Assim que resolveu abraçar a causa de Jean Paul, disse a ela que fosse até a sua casa para ver o retrato deste na parede da sala, como prova de que ele o havia apoiado. “– No dia que ele ganhou eu fui esperar ele lá em cima... aquela farra danada! Todo mundo carregano ele, pulano em cima dele!... depois eu falei: ‘– Pode começar a dar roupa pra nós!’ Um dia quando eles tava bêbado no sítio dos Ipê, eu falei com Jean Paul: ‘– Vai pra prefeitura arrumar essas estrada!’” Um certo candidato a deputado estadual que se julgava eleito, teve uma triste surpresa ao abrir das urnas. Geraldo havia votado nele e o alertado acerca de que as pessoas eram muito traiçoeiras, que não confiasse nas suas promessas de voto, nos seus sorrisos simulados. Este valoroso senhor, sairia irremediavelmente da política, absolutamente desgostoso por ter angariado uma soma de votos irrisória; ficou envergonhado e chocado, dada às suas expectativas. O filho mais novo de Geraldo: “– A gente, de menino, gostava era da farra... No dia que o Jean Paul ganhou, eles ia trazeno ele levantado,

sentado numa cadeira, no meio da multidão... A gente gostava de pegar aquelas bandeirinha com o nome dele escrito...”

“– Nós fomo pescar uma vez... ele não deixava a gente dormir... eu ia pra longe, debaixo de uma pedra, mas ele ia lá com o Silvino e jogava um balde d’água ni mim. Noutra vez era guerra de barro... Ele era bom pra gente, mas quando tinha que falar ele falava mesmo! Nesse tempo a usina tava meio fracassada e com ele tinha que trabalhar mesmo! Com ele era assim: toda semana, pescaria. No dia que ele morreu eu tava fazeno uns barraco numa fazenda da usina. Uns dia depois eu fui concertar umas coisas na casa dele e quando eu abri o guarda roupa, vi a roupa dele toda ensanguentada... saí correno! Aquela roupaiada dele cheia de sangue! Ele corria demais, teve um dia que ele vêi de lá rápido e quase bateu ni nós! Ês tava tão bêbado no dia da morte dele, que o homem do botequim falou: ‘– Vai ter quatro morto hoje!’ Tava tudo muito tonto...”

Geraldo foi descoberto ainda rapaz por um senhor aficcionado por pescaria, quando nadava a largas braçadas no rio Cipó, o mais caudaloso da região. Depois desse dia, passou a acompanhar o senhor Anacleto em suas aventuras por rios também de grande expressão nacional. “– Nós temo um barraco no rio Jaguariúna... levei muita gente lá! Depois que o Anacleto morreu eu deixei rede pra lá, tarrafa... deixei de pescaria né? Até no Cipó eu parei. Tinha cada um dourado que fazia gosto: jogava a tarrafa... no mei alí tem uma pedra, é onde o dourado tá, ele fica esperano os peixe passar. A primeira tarrafada foi dois douradão! Eu fui lá na pedra, no fundo e desengatei a tarrafa. Eu e mais um ou dois é que entrava, o resto ficava fazeno farra. O Wander era muito gordo! Ele encharcava a cara de pinga e depois a gente ia rolano ele com uns pau, pra cama. Nós era muito abusado demais...”

Fernando, funcionário de respeitabilidade e confiança, era um que gostava de gritar “– Ôh pau-de-arara!” para os caminhões que transportavam os trabalhadores rurais, e quando nas pescarias, lançava todo o seu humor ferino e sua malícia nas brincadeiras com os demais. Uma vez no escuro, em lentos movimentos nalgum terreno à margem do rio, lançava um grito de advertência: “– Olha a cerca de arame farpado aí!”, e todos se abaixavam. Pura mentira. Quando pôs sua mão numa cobra, ao subir um pequeno barranco,

ficou traumatizado e passou a não mais seguir os incautos pescadores de perto, atrás de suas presas, esperava-os no acampamento. Essas empreitadas pesqueiras sempre logravam êxito: dourados, grumatás, piaus, surubins... Lulu tinha verdadeira ojeriza por peixes. Comparecia de vez em quando à essas noitadas somente pelo encontro, pela descontração e pela bebedeira com os companheiros. Não deixava de ser alvo, obviamente, de embustes por parte dos outros.

Geraldo trabalhava na empresa, de pedreiro, de encanador e até de serralheiro, não enfeitava serviço. Permaneceu alguns anos sem carteira assinada até que se recusou a continuar daquele jeito, quando legalizaram sua situação empregatícia. “– Seu Júlio era muito bom viu? Ele conhecia o serviço só no olhar, sabia se o sujeito trabalhava bem. Ele comprou a fazenda S. Antônio por trinta contos. No mesmo ano, ele plantou arroz pra todo lado e o dinheiro do arroz deu pra pagar o terreno! Aí dei uma reformada geral, coberta pro engenho, casinha pro empregado e fui fazer a sede. Ela era toda avarandada por fora, eu é que fiz. A outra, Seu Júlio pelejou com ela mais de seis meis. Eu falei com ele pra meter o machado nela, ele não acreditou. A cabiúna tava toda comida de cupim. Foi D. Maura que mandou derrubar. Depois fez uma planta grande e eu fiquei a noite inteira refazendo a planta... Ela e a D. Hortência até carregava tijolo! Eu era um empregado que às vez trabalhava até vinte e quatro hora...”

O pai e os tios eram fogueteiros, nas festividades de S. João, como herdeiro da tradição familiar, Geraldo ficava encarregado de soltar fogos durante todo o dia e com o andar da procissão. “– A coroa no chão, cê bota fogo nela e o morteiro explodia lá em cima!...” Um dos tios de Geraldo ficava posicionado no alto de um morro adjacente ao centro da cidade, de onde lançava várias espécies de fogos de artifício, colorindo o céu com o fabuloso espetáculo. Sofreu um ferimento numa das pernas que o fez permanecer numa cadeira de rodas pelo resto da vida. Um sobrinho seu também foi atingido e perdeu uma das mãos, certo dia. Histórias de mutilação eram comuns nessa família, não somente, mas também histórias de esplendores e maravilhas pelos céus, que encantavam. Nas coroações de Nossa Senhora nas igrejas, por suas filhas e netas,

Geraldo realizava proezas. Muita gente comparecia para assistir ao show pirotécnico mais marcante dessa ocasião. Num dado momento especial destes, um dos morteiros se extraviou e foi cair na varanda da casa de uma senhora viúva. Houve uma explosão que arrebentou as vidraças da grande janela que havia e os estilhaços voaram para dentro da sala. Por sorte, estavam a mãe com suas filhas do lado de fora apreciando as explosões coloridas pelo céu, somente se assustaram. “– Teve uma neta minha que foi coroar na roça e quando eu soltei os foguete não ficou nenhum cavalo amarrado, saiu tudo correno! Numa outra coroação, antes eu entrei denda venda cheia de gente e botei fogo num estopim... saiu gente correno pra todo lado, em cima do balcão, há... mas não era bomba, era só pra assustar os outro...”

O filho mais velho de Geraldo, Zé Carlos, desde cedo na vida já havia demonstrado à todos os frutos de sua personalidade determinada e responsável, não obstante sua conduta de menino travesso na infância. Criou-se dentro da usina, brincando de esconderijos por entre as engrenagens da indústria. Os meninos se escondiam também nas casas dos trabalhadores que moravam dentro do grande pátio da usina. Os recursos hídricos abundantes da cidade serviam generosamente aos seus habitantes. Num certo lugar onde compareciam muitas meninas estudantes da Escola Municipal, Zé Carlos e alguns de seus amigos costumavam se refrescar em mergulhos no poço do córrego farto de águas cristalinas. Durante a década de sessenta, houve a inauguração da primeira piscina do Clube Romano; ele não tardou a comprar uma cota do clube por influência direta de Júlio, que o admirava pelo trabalho perspicaz como aprendiz que foi, à partir dos doze anos, de mecânica pesada, pela qual nutria verdadeiro fascínio. Quando começou a nadar no clube, abandonou quase que por completo os poços dos rios. Durante a adolescência: “– Pegava empregadinha na zona... num dia em São Caetano, ela cobrou caro e não acreditava que eu não tinha dinheiro pra pagar, pegou a navalha... Dei a maior sorte! Eu ia pular a janela, mas tinha grade. Aí por fim amancei ela e os meus colega me emprestaram um dinheiro por debaixo da porta. Fui com o Maurim, ele era um “boy” daqui de Toulouse, hoje é um boi, gordão, rechunchudo. Tinha um monte de zona por aí!...” O

sonho que Zé Carlos acalentava desde criança, era ter seu pedaço de terra para cultivar. Quase todo o dinheiro que recebia de seu trabalho na usina, era poupado no intuito de adquirir uma pequena propriedade rural: dos doze aos vinte e quatro anos. À partir do momento em que realizou seus intentos, passou a fornecer canas para a usina. “– O pagamento era sábado de tarde, direto em dinheiro. Quando acabava o corte, matava um bezerro, fazia uma festa, era todo mundo... nos terreiro das fazenda. Saía às cinco hora da fazenda, com o caminhão carregado pra usina. Voltava e ia direto pra palha. Deixava o caminhão lá, demorava uma hora pra encher, dez pessoa enchendo. Almoçava, dormia e descansava. Pegava o caminhão de novo: era uma viagem de manhã, outra a tarde e uma de noitinha; chegava na usina, o portão fechado, era uma merda! Tinha que ficar do lado de fora, na fila. Era caminhão pra caralho! Aí nesse tempo já era só caminhão. Antes aparecia uns carro de boi no meio dos caminhão, mas acabava indo pra rabeira... O dinheiro da cana dava pra eu viver por um ano...”

Geraldo, idoso, lamenta não poder empunhar uma vara de pescar sequer e tem muita saudade de seu tempo de pescaria e de trabalho na usina.

Tião nasceu nas imediações da antiga usina Jacques Ledoux; seu pai havia se aposentado depois de uma vida de intenso trabalho lá. Quando ainda menino, o que mais gostava de fazer era se deliciar, se lambuzando com as pequenas pedras dos montes brancos de açúcar. Havia dois ruados de moradores que trabalhavam na usina, do lado de fora da fábrica, além de seus muros. Do lado de dentro antes do segundo portão de saída, havia uma estrutura física de um imenso banheiro com chuveiros, vasos, pias. Depois do trabalho, suados e cansados, os trabalhadores se banhavam e iam para suas casas refrescados. “– Pai trabalhava na caldeira, eu levava café pra ele, enfiava no buraco do portão...” Os meninos brincavam com um arco circular de madeira ou de outro material, rodando-os rua afora segurando uma vareta curvada na ponta; esta, sempre em contato com a roda, impulsionando-a e direcionando-a, muitas vezes a roda era do tamanho da de uma bicicleta grande.

Havia somente um grande monte de açúcar na Usina São Marcos. Os homens troncados enchiam os sacos de sessenta quilos com suas pás, em cima de uma balança. Depois outros homens costuravam-nos. Por volta do final dos anos sessenta o açúcar saía por um funil direto para dentro do saco e costurado por um sistema mais eficiente que não o manual. Com a aposentadoria de seu pai, Tião assumiu o seu lugar no trabalho e na casa, como de costume, senão o velho teria que entregá-la. “– Eu trabalhava na fazenda São Sebastião, da usina, fazia esgotamento de brejo, concertava cerca, cortava cana, tomava conta de turma, trabalhava de pedreiro... Me enche de orgulho tá lá na minha carteira: trabalhador rural! Eu conheço a terra, nasci mexeno na terra, como planta um feijão, um arroz, uma cana, quando põe calcário... eu descarregava as carroça na mão! O carvão, as roupa no varal, as muié chingava: elas falava aquilo

da boca pra fora, não do coração; a mãe nossa era a usina... era uma família, todo mundo trabalhava lá, 24 h na safra. Na usina nós não tinha problema de hora-extra, nós recebia...”

Na segunda metade da década de setenta, Tião saiu da zona rural e ocupou um quarto pequeno na casa de uma senhora viúva que alugava seus aposentos, tanto para angariar algum dinheiro, quanto para não permanecer sempre sozinha. Entrou para o trabalho na amarração, na usina, período em que já haviam três guindastes, dois para içar as canas das carrocerias; os caminhões pequenos, suportavam o peso de oito a dez toneladas aproximadamente. Ele participou de alguns, e presenciou inúmeros acidentes. Feito o trabalho de engatar os cabos de aço que passavam pelo fundo do caminhão repleto de canas, aos ganchos das correntes do guindaste através de argolas que os cabos possuíam em suas extremidades, o amarrador se afastava. O guindaste começava a levantar as canas e as posicionava a uma determinada altura, para que pudessem passar sobre os pacotes que já estivessem armazenados. Achava um lugar entre eles para descargava o seu. As pilhas consistiam de cinco, seis pacotes. Se contudo no ato de levantar as canas um dos cabos arrebentasse, o que não era raro acontecer, os outros também cederiam e o pacote de canas cairia de onde estivesse. Quando caía em cima da carroceria do caminhão, esta ficava bastante danificada, o chacis... Certa vez dois cabos arrebentaram quando o guindaste passava por sobre um amarrador que o esperava, no intuito de poder desengatá-lo do pacote, uma vez estando ele já bem assentado no lugar escolhido; o guindaste então saíria livre para pegar outro. Repentinamente ouviu-se os estalos da ruptura dos cabos e o homem que estava debaixo não pode fazer nada: somente lançou alguns gritos sufocados. As canas desceram quase todas de uma vez e esmagaram-no. O guindaceiro, que presenciou a tragédia, ficou atônito e sensibilizado: teve que ser substituído por alguns dias.

Tião trabalhou depois na sacaria e em seguida ganhou o contato com as moendas: era brequista, aquele que controlava a entrada de canas para elas. O controle era feito através da máquina à vapor, em seguida, apenas por um botão, automaticamente. Tião: “– Quando o depósito

tava cheio, cê desligava o automático dela e... quando dava bucha, tinha que socar as cana com um pilão de madeira, às vez tinha que enfiar um pau dentro da moenda pra fazer ela pegar. Ela ficava girano sem conseguir moer, as cana ficava muntuada na boca e a moenda não pegava. As faca da esteira picava demais as cana e as moenda não pegava: era dez faca.

O Jean Paul é que era federal! Meu tio era pucha saco dele e ele era pucha saco do meu tio tamém. Meu tio gostava muito dele, foi um guarda costa dele. Um dia meu tio vai e come uma menina, deu um rolo danado! O pai dela era metido a brabo! O homem falou que o meu tio tinha sido o primeiro... Jean Paul armou com ela e o assunto morreu...” Diziam que a turma deste, numa noite chuvosa, amarrou um bêbado num poste e que abusaram sexualmente do rapaz. Que eles aprontavam autênticas arruaças na cidade, desde andarem de carro buzinando exibindo algumas bundas pelos vidros, até a promoção de serenatas muito barulhentas, anarquizadas, até que os moradores chamassem a polícia..

Corciano, inimigo político de Jean Paul, esfaqueou um homem numa contenda por causa de uma mulher. Foi preso em flagrante delito, quando desferia o golpe. O delegado o levou imediatamente para a sela na cadeia e permaneceu com ele dentro do recinto. Deu-lhe uma faca e o incitou até que avançasse. Quando isso aconteceu, este tomou uma surra dos punhos do delegado até quedar com muitos ferimentos. Tião: “– Jean Paul era zangado igual a um cachorro! Ele saía correno atrás das mulher... as mulher ficava doida! Ele não tava nem aí. Tava muito novo, o negócio dele era gandaia. Trabalhava mesmo, mas fazia muita gandaia!...”

Pelo curto período que Cacá esteve na balança da usina S. Marcos, durante a década de sessenta, quando saía de lá, demonstrava claramente por todo o seu corpo, o estado de exaustão e estresse a que era submetido. Não poderia haver sequer um momento de parada, dado o excesso de caminhões em fila. “– Eu falava com a minha mulher pra não mandar nem peixe nem carne com osso. Não tinha prazo pra tirar espim do peixe... tinha que ser um frango desfiado... o estômago da gente quase embrulhava: doze hora de trabalho, depois tomava um café lá... às vezes a gente levava alguma coisa pra comer...”

Havia o escultor, que apreciava muito o desenho mas que acabava por realizar mais esculturas. Presenteava aos companheiros de trabalho um prato de cerâmica por ele mesmo forjada com o rosto do presenteado em alto relevo. Era sua distração, seu talento, sua forma de expressão artística. Fez uma escultura de tamanho natural, em 1972, de uma pessoa que havia aparecido algumas vezes em seus sonhos, desconhecida, uma mulher sóbria, mas envolvente, em madeira. Enquanto ele estava às voltas com a obra, ela aparecia, mas quando a obra chegou ao fim, ela o deixou. Outras vezes: “– Ele ia olhando proê e ia te desenhando. E quando cê saía ele falava: ‘– Cê esqueceu seu retrato aqui!’ ”

Cacá também trabalhou com o bombeiro chefe que inspecionava e reparava os estragos de todo o sistema hidráulico e de esgoto. “– Quando dava enchente, tinha que parar de moer! A água invadia o pátio da usina todinha, ia água perto da caldeira! As bomba que jogava água do rio pra usina, ficava na beirada do rio... entupia tudo!” Alex Bourdon instalou um pára raios no alto da segunda chaminé erigida em meados do século, depois de um trágico incidente em que um raio caiu numa das casas da usina, em frente à esta, do outro lado da rua. Estava em casa a mãe com

seu bebê, que foram calcinados: um incêndio se formou e restaram poucos vestígios do que havia do lado de dentro. Cacá sentia verdadeiro pavor em noites de chuva torrencial, mas nunca haveria de ter problemas com os relâmpagos. Ressentia-se de uma fraqueza pelas canas manteiga e assediava os caminhões que ficavam estacionados no pátio aguardando a hora de descarregar. Quase sempre se desentendia com algum dono de caminhão que o flagrava retirando algumas unidades da carroceria. “– A cana era muito boa, quase sem dente cê chupava ela... o dono do caminhão ficava igual um doido... era bonito o movimento, dava gosto, ninguém recramava... circulava o dinheiro, o comércio funcionava. ... Sempre teve muita bicicleta. O sujeito chegava pro trabalho, tinha uns cavalete que prendia a roda da bicicleta... cada um com seu cadiado... e bicicleta nova né? Há!... O dinheiro aparecia no final do mês mesmo, então o sujeito fazia dívida. O movimento de caminhão também era grande, saía com açúcar e com melaço... fazia fila pra carregar açúcar e álcool...”

Cacá, trabalhador do parque industrial da usina, esta, que havia encerrado suas atividades permanentemente, recebeu algum dinheiro durante alguns meses, que lhe foram de grande valia, ante à situação de insolvência da empresa, mediante acordo firmado em Juízo. Antes de sair do trabalho em definitivo, via a empresa se esvaindo, o movimento de pessoas diminuindo, as atividades sendo suspensas. Saques de toda maneira surgiram em meio à falta de uma liderança efetiva, instalando-se o espírito da máxima “salve-se quem puder”, isso já na primeira metade dos anos noventa. Quando percebeu o caos se apropriando de tudo, resolveu abandonar seu posto de trabalho, temeroso de ser envolvido em conluios e situações ingratas, já que se primava pela discricção e pelo cumprimento de seu dever. Um período de guerra dominou as relações empregatícias da empresa, somando a isso, a carência de recursos para se sustentarem, os muitos empregados que já não recebiam seus salários, meses à fio. Todos sofreram muito, a lentidão dos acontecimentos que levavam a cada dia maiores incertezas, sufocava. Diante de condições que necessitavam de ajuda imperiosa, via-se esses desassitados reduzidos à uma condição de penúria, uma vez que dependiam dos recursos que recebiam por seus trabalhos, para se manterem e às suas famílias. “–

Sofri muito, todo mundo recebendo atrasado... recebia um pagamento e a hora que chegava no açougue ou na venda, não dava nem pra pagar as dívidas, ficava tudo acumulado!... oh! tempo!... não sei como é que ali dentro não deu um desespero... Nossa Senhora! Eu tava com esses menino aí tudo pequeno... lá na usina, quando o sujeito abria a marmita, dava dó! Se ele tivesse comida, deixava em casa pros menino... Fazia farinha suada, aquilo inchavam o estômago, com água... A Maria falava que aquilo era vida de cachorro...”

A primeira metade dos anos sessenta trouxe uma forte necessidade de se economizar os recursos disponíveis na usina Jackes Ledoux: um período de crise financeira se instalara. A nova administração comprou uma máquina de trem, à óleo, muito pesada, o que proporcionou, desafortunadamente, uma série de acidentes. Arlindo: “– A linha num guentô. Passô a tombá, caía as cana... Num dia, ela caiu num buraco, ês amolô e vendeu os trîi de linha, as máquina, os vagão... e botô carreto e caminhão, tratô puchano... e aumentô a mão de obra tudo! Aumentô as despesa de particular tudo! O carreto era mais caro e pra enchê os caminhão tamém.”

Com o advento dos caminhões, depois do reinado das carroças, o transporte de canas encareceu e a oferta de trabalho no campo foi reduzida... Ser portadora de alguns requisitos essenciais eram necessário a uma pessoa para que pudesse exercer a função de carregar de canas os caminhões. A força e a disposição físicas eram qualidades obrigatórias, o que descartava aquelas mais velhas e os menos vigorosos. Além disso, uma máquina que surgiu nos anos oitenta, cujos tentáculos erguiam e depositavam dentro das carrocerias dos caminhões, os feixes de cana dispostos no chão depois de cortados, contribuiu muito para o desaparecimento de muitos postos de trabalho. A usina São Marcos passou a prestar esse serviço de mecanização para as lavouras de seus fornecedores, barateando-lhes a colheita. O pagamento à usina era descontado do pagamento que esta fazia pela compra das canas aos seus proprietários.

Pelo final dos anos oitenta, a lacuna de uma direção eficiente e sistemática, havia fabricado seus vícios de comportamento dentro da empresa. No campo, Wander: “– Depois apareceu uns carro correno as

lavou... os homem ficava era conversano e matano serviço. Tinha os bombeiro... eles ficava à toa o dia inteiro! Era a esperteza... o sujeito ativo, capinava aqui em baixo e lá em cima o bom capinador fazia o trabaio bem feito... e o pagamento era na base da produção. Uma produção que era no prejuízo né?! O camarada que não capinava direito, o colônio muntava em cima... Antes só tinha o capim angola. O colônio acabou com tudo! Cê vai nessas beira de rio cê não vê mais um pé de angola! Daqui a Lídice, na beira do rio, é puro colônio!... ..Já me chamaram pra servir de testemunha falça em processo contra a usina e eu não fui não! Eu não gosto de falar mentira! Eu sou um homem honesto. Trabaiei até o último dia com a saúde que Deus me deu e depois posentei. Criei quatro filho e dois adotivo. Teve uma vez que eu doeci e nós ficamo quase na miséria. Quase fiquei pelado, sem roupa pra vestir!... Foi duro! Meus filho é que ajudaram, trabaiano nas duas usina...” Depois de certo tempo, Wander, pela sua esperteza, discernimento e bom relacionamento com todos, foi promovido ao setor de atendimento ao fornecedor, no pátio da Co.. Fazia coleta de dados dos terrenos dos proprietários rurais para que a empresa pudesse incentivar o plantio de canas, levantando todos os dados possíveis para conhecimento de cada situação em particular. Quando se estabeleceu uma condição de atraso de pagamento aos funcionários, tempos ruins se anunciavam. Propostas de escambo foram feitas aos fornecedores de cana pela usina: em troca de certa quantidade de canas, um saco de açúcar. Alguns se rebelaram sob argumentos a respeito do conhecimento que tinham das condições de precariedade em vários aspectos, as quais a empresa estava submetida. Sabiam quanto à desvios de materiais de toda espécie, a várias fraudes, que aprofundavam as crises na instituição. Ameaçaram mudar de culturas, mas quando viram que precisavam vender suas canas, aceitaram as regras da usina e repassaram os sacos para as mercearias e armazéns da cidade.

Giusepe havia conquistado a simpatia de Giuliano, o administrador italiano da empresa e se tornou seu amigo de conversas depois de seu expediente de trabalho, às vezes, ou quase sempre, tomando umas cervejas num bar próximo à casa de Giusepe. Este, passou a ser um espião de Giuliano, para lhe contar o que viesse a descobrir sobre a empresa,

informalmente. A primeira surpresa que aquele teve, foi saber que o porteiro, antigo, batia cartão para alguns funcionários que não compareciam. Sr. Gaspar, quase aposentado, recebeu a visita alertadora de Giusepe: “– Cê arregala os zói, que D. Arlete vai botar o pé no seu rabo!...” Os italianos proprietários da empresa passavam por um período de sérias divergências pessoais e isso refletiu contundentemente na administração geral, fazendo com que a derrocada do império sucro alcooleiro fosse inevitável. Todos os envolvidos, desde os trabalhadores rurais até os donos, passaram por sérias dificuldades. Houve alguns suicídios motivados pelas condições precárias a que foram submetidos, isso em todos os escalões; os trabalhadores, indefesos ante às graves circunstâncias que culminaram na liquidação total da Companhia.

Um dia um rapaz caiu dentro da canaleta de vinhoto quente perto da destilaria, somente não queimou a cabeça porque conseguiu manter fora do líquido ardente. Sofreu queimaduras de segundo e terceiro graus, mas sobreviveu. Havia vários tanques de melação e álcool; o maior de álcool comportava dez milhões de litros. Fala Marcondes: “– Todo dia eu subia nos tanques... Um dia tava chovendo muito, deu faísca, descarga elétrica e o fogo pegou, foi aquela explosão! Formava gases ali... Chegou eu e mais uns caras, tava aquele fogaréu! Meu irmão correu e fechou o registro da destilaria que mandava o álcool pro depósito. O fogo podia ir pelo encanamento... aí chegou o corpo de bombeiros e jogou água...” Por toda a pequena cidade podia se ver o clarão nos céus e uma nuvem de fumaça gigantesca, algo fenomenal.

“– Teve um dia que cheguei em casa e já tinha três enxame de abelha na casa, aí fui ver, as abelha tinha matado galinha, macaco... o beijo do meu irmão ficou desse tamanho, oh! De noite, eu e meu irmão fizemos duas bucha com gasolina e queimamos tudo!...” Marcondes ainda tomava algumas boas picadas de abelha onde trabalhava, no parque industrial. Dois enxames se criaram à revelia dos predadores de toda espécie e foram ficando fortes. Em certo momento desferiram um ataque generalizado e todos num raio próximo foram vítimas das ferroadas. “– Tomei muita picada! Ês tiraram da minha cabeça... Nego correu mesmo! O Manoel ficou rolano no chão...”

A água destinada a refrigerar os condensadores era proveniente do rio Ululu. O canal artificial que adentrava ao pátio da usina, levava a água até as bombas da destilaria de álcool. As leis em prol da questão ambientalista, disciplinando as atividades, chegaram tarde demais. Na descida da água do canal, pegava-se muitos peixes. As águas do rio

foram diminuindo e, para que elas atingissem as bombas, foi necessário instalar um sistema de comportas. Com o passar dos anos as águas continuaram baixando...

Paulo: “– Eu aposentei em 1989. Eu fiquei até os últimos dias da usina. Aí tentaram fazer mais uma safra... no fim, ninguém decidia nada... ninguém sabia o que fazer, ficava todo mundo parado. Depois acertou com todo mundo na Justiça... Tem muita gente que foi prejudicada com isso, não só o pessoal da usina, mas do comércio da cidade. Era 3500 pessoa cortano cana. Teve o manifesto do Partido do Povo e teve algumas greves: por melhor salário... esse pessoal é que iludiu ês... ês foram muito manipulado pela politicagem da época. Depois que o pagamento parou, o pessoal aguentou um mês. Ês ia, batia cartão e não fazia nada. Aí venderam fazenda pra pagá nós... o fim foi dramático! Até hoje eu sinto falta da usina, o ambiente era legal. Eu chegava às cinco da manhã... mas ês me chamava à qualquer hora por causa de algum problema... cê precisava de ver que o pessoal trabalhava é com prazer mesmo! Era uma boa vontade, coisa impressionante! Esse pessoal daqui dava show no pessoal lá de fora! O ambiente lá fora é só pra te entragar. Ês acha que cê chega pra pegar o lugar dês! É horrível! O pessoal trabalha tudo amarrado aí fora. Uma vez, quando vêi um pessoal de Porto Seguro pra visitar a usina, ês achava que sabia de tudo, ôh pessoal convencido! Eu cheguei a trabalhar numa outra usina, o dono tinha doze filho... lá ês milindrava a gente! Era uma fofocaiada danada!...”

Alfredo foi chefe da destilaria por seis meses: “– Eu não gostava de conversa fiada e nem que nego saísse do posto. O Onório tinha uma saúde muito ruim, pulmão, estômago... eu via ele com as mão na cabeça: dor de cabeça. Morreu de uma hora pra outra, coitado... ainda bem, é melhor do que ficar penano...”

O irmão de Alfredo, Rômulo, começou aos dezesseis anos na usina, trabalhando com os cristalizadores. Foi para a moenda e ganhou em pouco tempo a oficina de aprendizagem de rolamento de motores e oficina elétrica. O chefe da manutenção de motores não ensinava seu ofício em particular à ninguém, com medo dos concorrentes certos. Trabalhava aos domingos durante a safra realizando reparos, substituições de peças. “– Sempre tinha dois de plantão. Quando ês não dava conta, ês buscava a gente onde a gente tava, ês tinha que saber onde a gente tava. Dava muito problema de turbina. Ês chamava a gente duas da manhã, três, no período de safra. As turbina eletrônica dava sempre problema...” Com a aquisição das usinas pelo grupo empresarial italiano, a S. Marcos foi desativada e muitas de suas engrenagens foram transferidas para a outra. “– Eu fui transferido pra outra usina. Mandaram embora muncado de gente. Todo mundo recebeu em cima do direito. Quando acabou a usina S. Marcos, o comércio sofreu muito... muita gente desempregada...” Flávia: “– Esse povo não pensa na história de todo mundo, que era a usina... Deviam ter deixado os maquinário velho da usina S. Marcos pra contar a história. Imagina que beleza cê entrar na usina e ver aquilo tudo lá... Ia servir de ponto turístico de Toulouse, mas... esse país não tem memória!...”

O pai de Alfredo e de Rômulo trabalhava na usina e foi criado nas suas imediações; Rômulo: “– O ronda metia canada na gente! Ele ficava

doidinho! Era um ronda só. A gente mandava a turma pros caminhão que tinha cana ruim e ia pro outro de cana manteiga... Ês passava em frente ao portão de casa. Uma vez nós ficamo de castigo, aí o pai levava cana pra nós... não podia entrar na usina, mas a gente entrava assim mesmo...” Os meninos surrupiavam peças e fios de cobre na oficina elétrica e vendiam para o comércio de ferro velho. Havia alguns motores grandes que queimavam e de onde eram retirados de vinte a trinta quilos de cobre, bronze... Ainda menino, Rômulo presenciou um fato que o perturbou por muito tempo: um dia quando estava chegando com uns amigos perto de uma bomba, no pátio da usina, às margens do rio, observou, assim como todos também, um homem correndo apavorado, em sentido oposto. Gritava que nunca mais voltaria àquele lugar. Disse a quem encontrou que havia avistado um homem todo de branco atravessar o rio sobre suas águas, a flutuar. Tiveram que substituí-lo porque não mais voltou ao lugar da aparição. Silvério: “– Seu Júlio subia as escadas lá e ficava veno os homem fabricar açúcar... isso em 1974... à noite sempre, duas, três hora da manhã, tava ele lá conóis lá... em época de chuva desarmava muito a distribuidora, tinha que ir lá rearmar. Quando começava a relampejar, a gente já ia correno...”

Jean Paul me deu muita coisa, jogo de camisa... A gente ia e pedia, ele dava o vale e a gente ia pegar.. No domingo a gente tava de uniforme novo, bola nova... Ele deu muita coisa pros outros. A casa dele ficava cheia de gente. Ele era muito popular. Se cê tinha apelido, ele chamava ocê pelo apelido. Pra ele tudo tava bão! Ele batia papo com a gente, cê parava ele no meio da rua... Ele jantava sempre fora com os colega dele, da usina...”

Antes havia um time profissional da usina S. Marcos, que disputava os campeonatos regionais. Essa forma de abordar o esporte do futebol foi abandonada em prol de um campeonato interno. Houve incentivos no sentido de que cada fazenda montasse seu time para disputar entre si. “– Era muitos time, tinha time bão. O negócio pegava fogo! O pessoal das fazenda vinha e voltava pras fazenda de caminhão da usina. Ês pegava jogador de todo lugar e enxertava, pra ganhar...” Num dado domingo quando haveria um jogo muito disputado e esperado pela torcida, eis que

o céu anunciou chuva. Uma imensa nuvem densa e acinzentada escureceu o campo, se aproximando lenta e pesadamente como se fosse desabar. Relâmpagos e trovões riscaram o céu em meio à ventania que se formou. Começou a chover pingos grossos e em pouco tempo caíam pedras de granizo de vários tamanhos. O tumulto foi geral e quando a tempestuosidade cessou, havia muitos feridos e alguns mortos. As pedras de gelo se espatifaram no chão e aqueles que não conseguiram se esconder foram esmagados pela violência da chuva.

Certo dia, passando perto do depósito de canas, Silvério assistiu a uma cena desalentadora. Um dos amarradores que se posicionava de pé sobre um pacote de canas que estava, sobre dois outros, dava sinal para o guindaste descer o pacote que o guindaste segurava suspenso. De repente, os cabos de aço se arrebentaram e a carga pesada caiu sobre o homem. Nove toneladas. Os companheiros que presenciaram o fato imediatamente correram para lhe prestar socorro. Puxaram-no de entre as canas e chamaram a ambulância. O homem, ferido gravemente, não resistiu. Num outro acidente da mesma espécie, as canas do guindaste caíram em pé, porque alguns cabos não cederam e o pacote de canas foi caindo vagarosamente. O homem que recebeu essa chuva de canas caindo verticalmente sobre ele, sofreu uma lesão irreversível num dos olhos, mas depois de algum tempo, retornou ao trabalho.

Rômulo não se dava bem com Lauro: “– Era muito sistemático! Seco, ninguém conversava com ele, só no trabalho. Ele trabalhava na evaporação. Não aceitava brincadeira não! Cê conversava, ele respondia, só. Êh sujeito difícil! Ele não ajudava a gente: ‘– Esse problema é seu, eu não tenho nada com isso’, Já o Seu Dirceu era gozador demais, falante! Ninguém apelava com ele porque ele era velho de casa...” Alguns empregados levavam para casa, em suas vasilhas de almoço, certa quantidade de açúcar, às vezes contando com a conivência do porteiro do turno. Muitas vezes, para adoçar o café. Quando essa prática se popularizou, foi coibida peremptoriamente. Alguns outros mais astutos e ousados, escondiam sacos de açúcar nos caminhões de borra – subproduto do açúcar e do álcool – e cruzavam os portões do pátio da usina. Na época dos franceses, na Usina Jackes Ledoux, os sacos eram jogados

por cima do muro e colocados sobre as plataformas dos carros de boi, que os levavam embora. Quando os italianos compraram essa usina, além de sucateada, seus funcionários ficaram cinco meses sem receber seus ordenados. O açúcar passou a valer como forma de pagamento, era trocado por mantimentos nos armazéns da cidade ou vendidos. Surgiu uma dívida trabalhista, resolvida com acordo entre as partes, mediado pela Justiça. Seus donos antigos, se apressaram em retirar os objetos dignos de sua atenção nas casas, dependências da indústria e terrenos adjacentes. Uma vez acertados os pagamentos, aqueles selecionados para continuarem trabalhando, não alteraram seu cotidiano e em pouco tempo foram agraciados pelo Banco do Estado de Jardim, com talões de cheque. Episódio infeliz: os cheques sem fundos apareciam volumosamente. Quando o banco se deu conta de que deveria suspender sua emissão, o fez rapidamente.

Eustáquio entrou na usina no princípio da década de noventa, como soldador e depois passou a caldeireiro. “– Fazia a tubulação pra açúcar, vapor, esses troços... de garapa...” Não aguentaria o trabalho pesado na indústria, permaneceria por dois anos somente. “– No final de semana, o camarada pegava o caldeirãozom dele alí e comia uma comida sem carne... era triste!” Pouco antes de sair, Eustáquio foi apresentado a um homem que o administrador italiano havia contratado em Bela Vista para conter gastos e economizar ao máximo os recursos da empresa. Este quis que Eustáquio fizesse uma lista de pessoas que não eram imprescindíveis naquele momento, nas funções que exerciam, para que fossem exoneradas. Foi repellido com violência. Esse foi o estopim que deflagrou sua saída da empresa. “– Nunca fui dedo duro!... e meus amigos antigo de trabalho...” Muitos outros funcionários também foram obrigados a deixar a usina, inclusive aqueles antigos, em contagem regressiva para se aposentarem. Este homem na verdade era um tremendo vigarista que, acima de tudo, enxergava os meios pelos quais poderia lesar a empresa, surrupiando-a. Astuto e dissimulado, sem o menor escrúpulo, roubava o que fosse susceptível de ser carregado, na primeira chance. Ocasinou prejuízos de várias espécies... Antes de ser descoberto, simplesmente desapareceu.

“– No princípio de 1990, a turbina deu um disparo e não desarmou no automático! Ela adquiriu tamanha rotação que o eixo estourou e danificou o conjunto todo de nivelador. Voou estilhaço pra todo lado! Ainda bem que não tinha ninguém por perto...”

Não obstante o processo falimentar da usina ter-se dado pelas mãos dos italianos, os novos proprietários, o interesse de seus patrícios por Canela aumentava à cada ano. As inesgotáveis regiões de litoral foram as mais requisitadas. Por toda parte, via-se levadas de italianos chegarem e abarcarem quantidades de terras crescentes. As praias de todo tipo produzidas pelo arquipélago fascinaram os europeus, sobretudo estes imigrantes sazonais... Estes, chegavam nos períodos de verão e assambarcavam-nas sequiosos de suas belezas naturais. Diz Arlindo: “– Agora os italiano tão comprano tudo em Canela”!